ONDE ESTÁ

A FELICIDADE?

ROMANCE

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

QUARTA EDIÇÃO

ONDE ESTÁ A FELICIDADE?

ONDE ESTÁ

A FELICIDADE?

ROMANCE

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

QUARTA EDIÇÃO

PORTO
EM CASA DE A. R. DA CRUZ COUTINHO, EDITOR
Rua dos Caldeireiros, 18 e 20

1878

PROLOGO

Aos vinte e um de março do corrente anno de mil oitocentos e cincoenta e seis, pelas onze horas e meia da noite, fez justamente quarenta e sete annos que o snr. João Antunes da Motta, morador na rua dos Armenios, d'esta sempre-leal cidade do Porto, estava em sua casa. Até aqui não ha nada extraordinario. O snr. João Antunes podia estar onde quizesse.

A historia assim começa fria e desgraciosamente. É uma especie de *Anno do Nascimento*. A descripção de uma tempestade, saraiva a estalar nas vidraças, o vento norte a assobiar nos forros, o arvoredo secular a ramalhar rangendo, e duas duzias mais de carêtas que a natureza faz á humanidade espavorida, e que os romancistas, desde Longus até nós, descrevem com invariavel phrase em todas as occasiões que lhe não occorre outra cousa... A mim tambem me não occorre agora o que vinha dizendo... Penso que a minha idéa era apresentar o snr. João Antunes da Motta. Devia ser outra melhor. Tive-a e esqueci-a. Qualquer que ella seja, a todo o tempo que tornar, nunca virá tarde: o leitor será, então, indemnisado da pobreza do trivial, do estylo esfalfado com que venho a depravar-lhe o paladar, afeito ás apimentadas iguarias do romance, cuja cabeça vem sempre, ou deve sempre vir, sacudindo rajadas e fuzilando relampagos.

Seria gastar muita cera com o snr. João Antunes esse luxô descriptivo. Lamartine faz de um *pedreiro* um philo-

sopho: a omnipotencia do genio é o Santo Antonio d'estes tempos de incredulidade: *fæcit mirabilia*...

Quem é, pois, o morador na rua dos Armenios?

Lá vamos. O snr. João Antunes da Motta, por alcunha o *Kágado*, [1] natural da Lixa, viera rapazito de doze annos para o Porto, conduzido por seu tio materno o tio Antonio Cabêda, com destino de embarcar para o Brazil. Achando-se no caes da Ribeira, com o dito seu tio, admirando o tamanho de um hiate, que o bom Antonio Cabêda denominava uma *anáu de guerra maritema*, com grande espanto do rapaz, chegou-se a elles um homem gordo, de jaqueta de ganga amarella, é chinelos de ourelo, perguntando ao tio Antonio se o rapaz embarcava. Á resposta affirmativa, disse o homem gordo, mandando cobrir os admiradores da *anáu de guerra maritema*, que era dono de duas lojas de mercearia na Fonte Taurina, e muito desejava metter em uma d'ellas um rapaz, que tivesse boa pinta para o negocio.

— A respeito de pinta, ella aqui está como se quer — disse o tio, levantando com orgulho a cara do sobrinho, como o troquilhas que mostra os dentes de uma cavalgadura.

— Não tem máu olho, não; — disse o merceeiro — quer vossemecê deixal-o commigo? O Brazil é em toda a parte. Tenha elle cabeça, e boa aquella para o negocio, que o mais em toda a parte se arranja dinheiro.

— Tu queres ir ou ficar, rapaz? — perguntou o tio, atirando com a perna direita sobre o páu de lódo.

— Eu... — resmungou o rapaz, fazendo em torcidinhas a borda do barrete.

— Vá... é decidir! Isto é maré de encambar enguias. Assim como assim, este senhor diz bem: o Brazil é em toda a parte. Queres, ou não queres?

— O que vossemecê quizer; eu antes quero ficar mais

---

[1] É a tartaruga do mar. Alguns escrevem com *C*; o leitor póde ler como quizer. Seguimos a orthographia que primeiro, em annos infantis, se nos entalhou na memoria. Lembra-nos *A*, *arvore*; *B*..., et cætera, até *k*, *kágado*. A fidelidade do conto requer a exhibição de um epitheto, que nos destôa, e muitas vezes tem de arranhar a melopeia harmoniosa da educação. Paciencia.

perto da minha gente. Acho que o Brazil é lá por ahi abaixo muito longe.

— Está dito! — exclamou o lavrador, assentando uma palmada na espádoa rôliça do bacalhoeiro — o rapaz fica com vossemecê. Trate-m'o bem, que elle, a respeito de ler e escrever, é como se quer: e de forças! isso então, com licença de vossemecê, levanta-lhe ahi do chão duas arrobas nos dentes.... Anda lá, rapaz.

João Antunes entrou em casa do patrão, jantou com o tio, e disse-lhe adeus.

Poucos annos decorridos, o sobrinho do tio Antonio Cabêda era o primeiro caixeiro, mais tarde o genro de seu patrão, e depois o seu herdeiro. Com a avultada riqueza, herdou tambem o appellido de *Kágado*, que o fora, desde muito, da antiquissima ascendencia de bacalhoeiros na Fonte Taurina; como consta de apontamentos curiosissimos, que, a serem verdadeiros, recuam esta genealogia até D. Moninho Viegas, primeiro conde do Porto, de cujo serviço saíra a estabelecer-se o primeiro *kágado* na Fonte Taurina. Legitimo era, pois, o orgulho que tinha do seu appellido o snr. João Antunes da Motta, posto que a varonia dos *kágados* expirasse em seu sogro.

O snr. João enviuvára sem descendencia. A linha collateral, representada por outros bacalhoeiros de Miragaya, propozera ao viuvo o trespasse das suas mercearias, com avultoso interesse, com o fim de não saírem da familia. O snr. João Antunes annuiu, trespassou o negocio, e retirou-se com o seu grande capital á sua casa da rua dos Armenios. O snr. João, segundo o calculo dos seus vizinhos, valia o melhor de cem contos, moeda corrente, solida e tangivel.

O capitalista precisava consumir em alguma cousa a sua immensa actividade. Por não achar expediente mais lucrativo, dava dinheiro a juros sobre hypothecas; mas, nas escripturas, o juro da lei era uma innocente mentira. O snr. João emprestava de quarenta por cento para cima, e não cansavam fidalgos que lhe fertilisassem o dinheiro, capitalisando no titulo a usura enorme com que se divertiam e arruinavam. (Vejam-se os filhos d'esses, e contemporaneos nossos.)

O nosso homem não desmentira a pinta que lhe enxergára no olho seu defunto tio Antonio Cabêda. Usurario, avarento, devoto da Senhora das Dores dos Congregados, particular amigo do bispo-governador, relacionado com familias nobres, e especialmente com o chanceller; valendo mais cincoenta contos desde que se retirára do negocio, o snr. João Antunes, posto que adventicio e intruso na veneranda progenie dos *kágados*, era inquestionavelmente o mais maroto de todos, sem lisonja.

Nunca, porém, tão salientes sobresáem os relêvos do caracter de João Antunes, como na noite de vinte e um de março de mil oitocentos e nove. E ahi está bem cabida a justificação do desasado comêço d'este romance, nata dos romances veridicos, milagre de litteratura mercantil, como infelizmente é esta em que a desenvoltura da imaginação faz que o leitor esperto não creia as sinceras chronicas de que sou editor, eu, o menos escandaloso dos inventores.

Os contemporaneos de João Antunes e nossos, á simples intuição da época que vem datada, conhecem que a invasão francèza succedeu poucos dias depois d'aquelle em que, na rua dos Armenios, o bacalhoeiro, ás onze horas e meia da noite, afflicto, impaciente, frenetico, de instante a instante coava pela fresta de uma janella de páu a sua vertiginosa cabeça.

Ao anoitecer, João Antunes recolhera-se aterrado. As noticias convergiam assustadoras de todos os pontos. Os francezes entraram em Chaves, e desciam, torrente devastadora, não respeitando haveres, velhice, pudor, religião: — linguagem da gazeta da época. Para maior consternação das almas tementes a Deus, entre as quaes avultava a do snr. João Antunes, uma participação do quartel general de Braga em retirada, dizia que o general Bernardim Freire, suspeito jacobino, fora assassinado pelo povo, e que os fieis vassallos, commandados pelo barão d'Eben, tal derrota soffreram no Carvalho d'Éste, que lhe era escasso o tempo para fugirem na direcção do Porto. Acrescentavam os informadores: que os barbaros assolavam, incendiavam, deshonestavam as virgens, matavam as velhas deshonestadas, comiam, como antropo-

phagos, as crianças, e, de mais a mais, *saqueavam*. Este, sobre todos, horrivel verbo do discurso arripiador, pôz o snr. João Antunes em miseravel estado.

E, para cumulo de infortunio, dias antes emprestára o aterrado capitalista cem moedas, a juro de oitenta e cinco, ao fidalgo da Bandeirinha, João da Cunha Araujo Portocarreiro, tenente coronel de infanteria n.º 6. A pressa com que o devedor partira para a trincheira do seu commando, e a desordem em que se achavam os negocios forenses, foram causa de se não lavrar a escriptura, imprudencia nunca succedida nas transacções do usurario!

O peior era que alguns populares da Legião rosnavam que João da Cunha era jacobino, e agrupavam partido para facciosamente o prenderem, como rebelde a el-rei, nosso senhor.

E Antunes sem titulo das cem moedas! «Se matam o jacobino, com que documento hei de apresentar-me á viuva?» Esta funebre interrogação custava ao illustre enxerto dos *kágados* um estorcegão de dedos, e uma caimbra forte na perna direita, affectada por ameaços de paralysia local.

A avareza não foi capaz de estimular a natural cobardia do usurario. Antunes da Motta, nos accessos frequentes de vertigem pela desesperada sorte das suas cem moedas, quasi esteve a enfiar pelas mangas o capote de camelão, a atravessar a cidade, sem cinco réis na algibeira (o cauto João Antunes não acreditava na honradez dos fieis vassallos, e tinha razão), até á bateria do Bomfim, para onde fora destacado Portocarreiro, o devedor que a mente allucinada lhe afigurava insoluvel. A natureza, porém, recalcitrava: as pernas falhavam á coragem do sordido credor, e um suor frio, acompanhado da subita revolução de intestinos, redobrava as angustias do infeliz Gobsek, muito conhecido dos leitores de Balzac.

Por que se não deitava elle na sua cama de bancos de pinho, procurando no sonho, ao menos, realisar um titulo authentico das fataes cem moedas?

Não se deitava, primeiro, porque não tinha somno; segundo, porque, a serem exactas as noticias de Braga, a

marcharem os francezes sobre o Porto, era necessario acautelar os farrapos da cama, unicos sujeitos ao saque; terceiro e ultimo motivo, é porque o snr. João Antunes esperava alguem pelas repetidas marradas, que dava no ar livre, jogando com a cabeça fóra da fresta com a rapidez de uma catapulta.

Não passou viva alma na rua dos Armenios até á meia noite.

O bacalhoeiro fitava o ouvido na direcção de Miragaya, quando ouviu rumor de passos. Apoiou o queixo na fresta, ampliou com a mão a concha da orelha, e esperou até convencer-se que era finalmente chegado o seu vizinho barqueiro Antonio Corrêa, por alcunha o *Moiro*.

—Snr. João!—bradou da rua o barqueiro.

—Cá estou á tua espera, rapaz. Então que me dizes?

—Que hei de eu dizer-lhe, snr. João? Que o levaram trinta milhões de diabos...

—A quem?

—Ao fidalgo da Bandeirinha.

—Santo nome de Deus! lá se me vae o meu dinheiro! Vossês mataram-o de todo? O homem já não falla?

—Nem um triste pio! O caso foi assim: prendemol-o para o trazermos ao bispo; mas, ás duas por tres, o bispo era capaz de o pôr no olho da rua, porque os grandes acodem uns pelos outros. Quando chegamos ao *Padrão das Almas*, o snr. Raymundo José Pinheiro fez uma prédica ao povo, em que dizia que o melhor era dar cabo de todos os jacobinos. Palavras não eram ditas, o Francisco Reteniz mette uma bala no alto da cabeça ao fidalgo, e eu, como quem não quer a cousa, fui-lhe arrumando com a chanfaina pela cernelha. O jacobino pediu que o deixassem confessar, mas foi como se nada. Fervia a tapona de criar bicho, que era um louvar a Deus! Aquelle lá fica estatelado no *Padrão das Almas*... Amanhã ha de ter companheiros... A cousa não fica aqui. O Luiz de Oliveira espicha. O chanceller ha de leval-o tambem o diabo. Todos os presos da Inconfidencia hão de ser feitos em postas na Relação...

João Antunes já não ouvia o sanguinario vizinho. A palavra «chanceller» foi como um jorro de chumbo can-

dente que lhe caíu sobre os ventriculos do coração, tapando-lh'os. Antunes não respirava: as contracções do diaphragma tiravam-lhe pelos intestinos rugidores. É que todos os choques moraes d'esta organisação excentrica boliam-lhe immediatamente com o estomago, e orgãos subjacentes. Enfermidade por certo original e unica! desventura suprema para um capitalista aterrado na fatal época da invasão dos francezes! golpes repetidos de cólera sporadica que o miserando soffria no baixo ventre a cada ameaça de saque, a cada assalto imaginario aos seus cento e cincoenta contos de réis!

Mas o programma do barqueiro a respeito do chanceller, por que é que perturba assim João Antunes?

Vamos vel-o.

Agora, sim: os pallidos terrores recuam diante do usurario. Eil-o envergando o capote de quartos, cirzindo ás orelhas a carapuça de torçal, enfiando as canelas trémulas nas fartas meias de lã. Desce precipitadamente o caracol perigoso da escada, cose á fechadura a orelha perspicaz, abre e fecha mansamente a porta desconjuntada. E, depois, perna aqui, perna acolá, o snr. João Antunes parou na rua de Cedofeita, á porta do chanceller-governador das justiças, Manoel Francisco da Silva e Veiga Magro de Moura. (O estirado nome é pouco de novella; mas tolere-se á lealdade do conto a impertinencia dos appellidos, que constituem em Portugal a propriedade unica de muitos filhos de algo.) A porta foi-lhe aberta ao terceiro toque. O tilintar accelerado da campainha significava a perturbação do importuno, que, á uma hora da noite, quebrava o somno tranquillo do magistrado.

A voz gosmenta do antigo bacalhoeiro era bem conhecida aos creados do chanceller. Foi-lhe franqueada a porta, e conduziram-o, sem prévia licença, ao quarto do amo.

João Antunes da Motta apresentou entre os cortinados do leito do governador uma cara pavorosa. Os pequeninos olhos, de uma côr equivoca, encovára-os a opilação da palpebra superior, effeito do susto horrivel que lhe incutira o assassino do fidalgo da Bandeirinha. Ao correr das faces, esponjosas e vermelhas, em tempos de próspera segurança, o caustico do terror sorvera-lhe os suc-

cos oleosos, deixando-lhe, na aridez da pelle, traços de uma agonia só comparavel á do avarento que vê rolar em um abysmo todo o seu capital!

— Que tem, snr. Motta?! — disse alvoroçado o chanceller.

— Graças a Deus, que ainda está vivo! — exclamou, impando, João Antunes.

— Que ainda estou vivo?! Essa é boa! Pois esperava encontrar-me morto? Longe vá o agouro! Sente-se ahi... Que é isso?

— Sabe v. exc.ª o que deve fazer já, já, sem mais preambulos? Fuja, senão matam-o... Fuja!...

— Matam-me! — atalhou impressionado o governador, sentando-se no leito.

— É o que lhe digo... matam-o, snr. chanceller...

— Por que?!

— Isso é que eu não sei. V. exc.ª está condemnado a ser morto ámanhã com Luiz de Oliveira, e com os presos da Inconfidencia.

— Mas que mal fiz eu? Quem é que me mata?

— Os mesmos que mataram hoje o tenente coronel João da Cunha, que lá se me foi com cem moedas, sem titulo, nem testemunhas. Eu que lh'o digo... é porque o sei de um dos proprios matadores do fidalgo da Bandeirinha.

— Será por eu ter querido salvar hontem o desgraçado João da Cunha?

— Não sei porque é. A grande questão é v. exc.ª fugir quanto antes...

— Isso é impossivel! O meu posto de honra é este: não o largo.

— Qual posto nem meio posto de honra? Aqui não ha honra nem vergonha. Cada qual salve o seu dinheiro e a sua vida das unhas da canalha, que v. exc.ª já devia ter mettido na enxovia, carregada de ferros. Emfim, não ha tempo a perder. V. exc.ª fará o que quizer... Eu venho buscar o meu caixãosinho.

— O seu caixão está acolá no gavetão d'aquella papeleira, tal qual vossemecê o lá deixou; mas diga-me: essa terrivel noticia que me dá, tem algum fundo de verdade?

— Já disse a v. exc.ª o que sei. Se quer o conselho de um amigo, fuja; se não tem mêdo, não dou nada pela vida de v. exc.ª

— Isso é um terror pânico! Vossemecê ouviu isso a algum farrapilha da cáfila de ladrões, que assassinaram João da Cunha, e não se lembra que essa quadrilha ámanhã ha de ser amarrada em uma grilheta, e conduzida á ordem do bispo para o castello da Foz...

— Sabe que mais, meu senhor? Eu não queria estar entre a pelle e a camisa do bispo. Mais dia, menos dia descobrem que elle é jacobino, e matam-o. Se eu tivesse tempo, ainda ia hoje avisal-o.

— Para que fugisse? — disse o chanceller, sorrindo.

— Está bem visto.

— Já vejo que vossemecê tem partida a mola real da cabeça. Ora, snr. João Antunes, agora conheço a razão etymologica do appellido *Kágado*. Emquanto a mim, vossemecê sonhou que me matavam, e por essa occasião lhe roubavam o seu peculio. Acordou atarantado, e correu a buscar o seu dinheiro, inventando uma descosida pêta para justificar o improviso da resolução. Não tinha precisão de tanto. Assim como me fez depositario do seu cofre, podia levantar quando bem lhe aprouvesse o deposito. Era escusado vir metter mêdo á criança de cabellos brancos. Eu chamo um meu creado para lhe conduzir o cofre.

— Nada, não é preciso, snr. chanceller. Eu cá me arranjo. Oxalá que v. exc.ª não tenha de arrepender-se do desprezo com que recebeu o meu aviso.

— Não hei de ter, se Deus quizer.

— Pois Deus o queira.

— Vá, vá-se deitar descansado; ponha o caixão debaixo do travesseiro, ou, para mais segurança, adormeça de bruços sobre elle, e acorde com idéas mais alegres. Ámanhã, se estiver de pachorra, appareça por aqui, contar-me-ha com mais socego o seu sonho sanguinario.

O chanceller ria-se; emquanto João Antunes gemia para erguer do gavetão da papeleira um caixão volumoso de dois palmos de altura, com outros tantos de largueza. De sobre o joelho, gemeu de novo sobraçando-o com ad-

miravel energia, e retirou-se seriamente comico, emquanto o governador vibrava a mais sonora e consciencïosa das gargalhadas.

João Antunes atravessou incolume da rua de Cedofeita á dos Armenios, sentando-se para resfolegar algumas vezes. Na sua rua, áquella hora, reinava um silencio tumular, quando o barqueiro, seu incómmodo vizinho, não estendia os direitos da costumada bebedeira até á madrugada.

O capitalista fechou-se por dentro; accendeu a bugia; reconheceu a identidade do caixão, analysando um a um os cartuxos das peças, e os valores em brilhantes, na maior parte penhores de emprestimos feitos ás principaes fidalgas do Porto. O caixão era de uma fórma apropriada. Tinha uma tampa, que se abria com uma chave de segredo, para deixar ver seis pequenas gavetas, tambem fechadas cada uma com differente chave: precaução estupida, de pouca importancia para o ladrão, que tivesse um braço para transportar o caixão, e um prego para abril-o muito de seu vagar. Cinco d'estas gavetas continham moeda em ouro e em papel. A alegria scintillava nos olhos do usurario; mas o sombrio susto contrastava em calefrios, que o não deixavam digerir plenamente o chylo da sua felicidade.

Desceu ao andar terreo da pequena casa. Era um quadrado sem pavimento, frio como um subterraneo, sem signal de vida, apenas trilhado pelo lavrador de S. Cosme, que de anno a anno vinha levantar os espolios accumulados, e regateados. Era esse um ramo de commercio, que o habil economista taxára em um computo infallivel: o producto devolviam-lh'o em nabos.

No mais escuro do recinto algido e escuro, o snr. Antunes cavou um fôsso de quatro palmos, escutando o menor ruido, e desconfiando até dos eccos surdos da enxada. Depois, mergulhou um como derradeiro olhar de profundo amor sobre o caixão, e depôl-o carinhosamente na cova, como Joung faria á sua filha querida. Calcou e recalcou a terra, cobrindo-a de lixo, de arestas e pedra, e cavacos de madeira apodrecida.

Eram tres horas da manhã. O snr. João Antunes co-

meu duas sardinhas de escabeche, afogou-as em meia garrafa de vinho, e deitou-se. Quando, porém, o somno parecia afagar-lhe as palpebras roliças, acommetteu-o uma idéa funebre — a perda das cem moedas emprestadas ao fidalgo da Bandeirinha, — e não houve mais reconciliar o somno. Rompia a manhã; rufavam os tambores das baterias do sol; erguia-se um motim sinistro de todos os lados, mistura confusa de vozes, de clarins, de estridor de carretas, de toque de sinos remotos a rebate. João Antunes lançou-se fóra da enxerga, saudou o primeiro raio de sol, que lhe resvalou nas faces lividas, desceu ao sepulchro provisorio do seu dinheiro, applaudiu-se da perfeição com que o fizera, e saíu, mais seguro que nunca, do seu deposito confiado ás entranhas da terra.

O usurario ia tentar um desesperado esforço, aconselhado pela insomnia, para salvar as suas cem moedas emprestadas ao defunto brigadeiro João da Cunha.

A casa da Bandeirinha ficava-lhe á mão. N'essa casa devia existir a viuva do desgraçado jacobino. João Antunes, indeciso, estacou minutos diante do heraldico portão dos Portocarreiros. Venceu, porém, a sordidez, e o desalmado puxou com decisão de credor a campainha. Veio fallar-lhe um creado lacrimoso. O bacalhoeiro, modelando a voz em piedoso diapasão, disse que muito precisava fallar á snr.ª D. Maria Rita sobre negocios de muita transcendencia.

A infeliz viuva, abandonada de todos, rodeada de pequeninos filhos, mais corajosa do que é permittido a uma mulher, que perdera, horas antes, um marido extremoso, precisava de alguem que a aconselhasse, que se condoesse do seu infortunio, que lhe désse para seus filhos um escondrijo. O nome de João Antunes, em outra occasião, ser-lhe-ia importuno; tal hospede, sempre vil em negocios de dinheiro, precavêl-a-ia contra o ardil de alguma nova traficancia. N'este momento de afflicção extrema, a desolada viuva precisava de alguem, amigo ou inimigo, porque as suas lagrimas eram de condoer as feras, e as feras deviam apiedar-se da sua viuvez.

Foi, pois, recebido João Antunes em uma alcova, onde D. Maria Rita, rodeada de creadas, com duas meninas

nos braços, de quarto em quarto de hora succumbia desmaiada, e voltava á terrivel consciencia da vida para invocar seu marido, a essas horas acutilado, com a face na terra ensanguentada, esperando que uma corda o arrastasse nas ruas do Porto.

— Que desgraça, snr. Motta!—exclamou a viuva, correndo impetuosamente ao encontro do impassivel bacalhoeiro — Que desgraça! meu marido morto... as minhas filhinhas sem pae... meu querido marido!...

— Conforme-se com a vontade de Deus, excellentissima senhora.

— Não posso conformar-me com a vontade de Deus...

— Não blaspheme, snr.ª D. Maria!... Nossa Senhora das Dores dos Congregados lhe perdôe.

— Pois hei de crer que Deus permittisse a morte vil que meu marido teve? por quem é, senhor, não diga que é Deus a providencia d'este acontecimento!... O que eu soffro! O que tenho de soffrer!

— Com v. exc.ª não é nada.

— Commigo?! Commigo é tudo. Eu sou a mulher d'esse honrado militar, que os infames mataram. Quero pedir aos homens justiça contra os assassinos! Vingança, Deus de justiça, vingança, que mataram o pae d'estas meninas, o marido d'esta viuva, que de joelhos vos pede vingança, justiça e misericordia!

D. Maria terminou a invocação por um trémulo de todas as fibras. O escarlate sanguineo do rosto demudou-se em repentina lividez. As lagrimas borbulharam-lhe das palpebras cerradas, e os pasmos nervosos, contorcendo-lhe os dedos, em fórma de garras, davam áquelle mixto de horror e lastima uma fórma especial de morrer, uma trabalhosa agonia com intervallos de delirio.

João Antunes, como ninguem o mandava sentar, sentou-se o mais espontanea e accommodadamente que pôde, murmurando em tom compassivo:

— Valha-nos a Senhora das Dores dos Congregados! Tudo são trabalhos n'este mundo. Todos temos que soffrer... — E voltando-se para as creadas, que amparavam a viuva desfallecida, perguntou no mesmo tom: — Esses fanicos costumam durar muito á senhora?

— Isto não são fanicos... — respondeu de máu humor a velha Genoveva, creada antiga da casa, e inimiga do usurario, cujas manhas ella conhecia tão bem como sua ama — Se vossemecê — continuou ella enraivecida — chama a isto fanicos, é capaz de dizer que a senhora está fingindo estes desmaios.

— Ó santinha, eu sempre ouvi chamar fanicos, ou faniquitos a essas cousas. Eu tambem fui casado, e minha mulher (Deus lhe falle n'alma) tambem tinha esses fanicos.

— D'estes? Antes ella os tivesse... Parece que Deus escolhe os bons e os que fazem mais falta, para pagarem pela maldade dos que não fazem falta nenhuma...

— Que quer vossê dizer com isso? — interpellou formalisado o ex-bacalhoeiro, que não era litteralmente estupido.

— Já disse... Sabe que mais, snr. João? vossemecê não vem cá a cousa boa; o melhor é que não venha affligir ainda mais minha ama. Vossemecê que lhe quer?

— O que eu lhe quero, ainda me não esqueceu: vossê é muito confiada; não é assim que os donos d'esta casa costumam pagar os favores que devem.

— Ah! já vejo que vossemecê vem em boa occasião para que lhe paguem favores. Vem muito a proposito... Sabeis vós que mais? — disse ella com arremêsso, voltando-se para as creadas — levem d'ahi essas meninas, que estão a chorar, emquanto eu levo a senhora para a cama... Snr. João, venha em outra maré.

— Todas as marés são boas... Quando o snr. João da Cunha (Deus lhe falle n'alma) me pediu cem moedas antes de hontem, eu não lhe disse que não era boa a maré.

— Eu volto já — disse a creada, conduzindo ao collo a ama sem signal de vida. E, voltando, assumiu ares de senhora, e atordoou um pouco o imperturbavel estoicismo do usurario.

— Então que quer vossemecê: dinheiro?

— Sendo possivel, quero o meu dinheiro; não sendo possivel, quero um titulo, ou um penhor, porque sou pobre, não tenho em um anno o rendimento que a snr.ª D.

Maria Rita tem em um mez, e passo muitas necessidades, e trabalho muito na minha agencia para viver sem vergonhas do mundo, e ser util aos meus amigos, quando elles não querem o meu prejuizo. Ora ahi está. O auxilio de nossa Senhora das Dores dos Congregados me falte, se o que eu digo não é a pura verdade. Emprestei ao fidalgo cem moedas, e preciso saber se a fidalga está prompta a tomar sobre si o pagamento; aliás, eu provarei com todo o Porto, que não sou capaz de pedir aquillo que se me não deva.

—Mas vossemecê não vê que é uma dor de coração pedir dinheiro a uma infeliz viuva no dia em que lhe mataram seu marido?

—Emfim, morrer d'este, ou d'aquelle modo, tudo é morrer. Vossê diz que a viuva é infeliz; não estou por isso; infeliz sou eu, se perder o meu dinheiro; emquanto ella, se rica era, rica fica; o marido não levou as quintas comsigo para o outro mundo. Eu não digo que quero já o dinheiro; mas como ha viver e morrer, e eu estou resolvido a fugir ámanhã aos francezes, não sei para onde, preciso de levar um documento, que a todo o tempo seja resgatado pela senhora.

—Quem lhe ha de fallar a ella em tal cousa?

—Fallo-lhe eu, que, louvado Deus, não tenho papas na lingua. Vá vossê lá ao quarto da senhora, e diga-lhe, se ella estiver em geito de me ouvir, que eu preciso fallar-lhe para descanso de ambos nós.

—Eu não vou lá com essa embaixada.

—Pois então esperarei que a snr.ª D. Maria me falle. Eu d'aqui não vou sem titulo ou dinheiro.

—Se houvesse aqui um homem n'esta casa, vossemecê iria...

—Com que então ameaça-me!... Valha-me nossa Senhora das Dores dos Congregados... Por bem fazer, mal haver... É o que acontece a quem dá o seu dinheiro... Pois sempre lhe digo, senhora velha creada, sem vergonha nem temor de Deus, que tanto se me dá que hajam cá homens como mulheres. Não tenho mêdo nenhum. É o que eu lhe digo! E não me faça ferver o sangue, que se não temos dispauterio, e a cousa dá de si! Olhe que

eu sou capaz de lhe metter um meirinho pelas portas dentro!

Genoveva acreditava na perversidade do usurario, e receiou muito mais do que as infames ameaças d'elle promettiam. A ousadia com que até ahi lhe fallava, suffocou-a o mêdo, por alguns minutos; mas, um rapido pensamento alentou-a de toda a sua coragem. Retirou-se da sala, onde João Antunes ficou sósinho, calculando as consequencias da sua resolução, e dando-se os parabens de ser tão patife. Genoveva voltou, e arremessou-lhe á cara um rolo de papel.

—Ahi tem, seu malvado; ahi tem duas acções da Companhia; são o meu salario de cincoenta annos de serviço n'esta casa. Quando a fidalga lhe pagar as cem moedas, vossê ha de restituir-me as minhas acções; e, se m'as negar (que é muito capaz d'isso), tantos demonios o acompanhem para as profundas do inferno, quantos foram os minutos que eu trabalhei para ganhar esse dinheiro!...

—Não sou capaz de ficar com o alheio. Vossê não me conhece.

João Antunes retirava-se doudo de contentamento. O arremêsso, que lhe impelliu á cara de greda o rolo de papel, recebeu-o como se recebe a maviosa insolencia de amante ciumenta, que nos dá um beijo onde nos deu o beliscão. Radioso de gloria, com passo firme e pescoço ao alto, como quem volta de triumphar em perigosa empreza, o intruso na sordida fieira dos *kágados*, por estar perto da Cordoaria, d'onde vinha o rugido de um grande reboliço, caminhou para lá, cozendo-se bem com as algibeiras, para não ser explorado por alguns dos fieis vassallos, que vomitavam os pulmões, bradando: «Viva a santa religião, e morram os jacobinos!»

Com effeito, a populaça em cardumes agglomerava-se em redor da Relação, vozeando infernalmente. Acabava de chegar á *Porta do Olival* um redemoinho de homens, fardados uns, outros esfarrapados, garotos, mulheres esqualidas com o peito nú, e as pernas salpicadas de lama. Uma selva de chuças, bayonetas, espadas e espingardas, cruzando-se, tocando-se e baralhando-se no ar, ajuntavam ao alarido das vozes o tinido asperrimo dos ferros:

e ao quadro da canalha infrene, ébria, terrivel e omnipotente, os laivos sanguineos da carnagem.

Era, pois, a canalha que fruía a sua hora de triumpho, de seculo a seculo. Era o tributo de um dia acclamado nos comicios da taverna. Podem estranhar o agro d'esta linguagem. Acharão talvez insolencia nos epithetos com que denegrimos as revoltas populares, que os de má fé politica tratam sempre de justificar com alguma causa sublime, e até com a inviolavel providencia do progresso. Notem, porém, que o povo sanguinario, a que alludem essas e outras linhas de igual desprezo, não abraçava, repellia a idéa de reforma; não apregoava a liberdade, assassinava os apostolos d'ella; não vinha ao theatro da rebellião trocar a existencia por um sorvo do ar livre que soprava do lado da França, embora impregnado do aroma do sangue; vinha estrangular, na garganta dos raros precursores da liberdade em Portugal, a palavra timida da redempção.

João Antunes reconhecera de longe o seu vizinho barqueiro, e o carniceiro Antonio de Sousa, amigo do seu vizinho. Com taes protecções, afoutou-se a ver de perto o que era que occupava o centro d'aquella multidão. Mais perto viu o cadaver de João da Cunha, amarrado pelo pescoço, fracturado em todas as saliencias do rosto, despedaçado, emfim, porque viera arrastado desde o *Padrão das Almas*.

João Antunes sentiu os seus chronicos incommodos de intestinos. Levou machinalmente a mão ao abdomen revoltoso, como nós a levariamos á cabeça esvaída. Quiz retirar-se; mas não o ajudavam as pernas vacillantes. E já não podia recuar. Foi de envolta nas turbas, que se agglomeraram em redor d'elle. Achou-se á porta da Relação, e presenciou, á força, uma scena em que devia representar um papel digno de outro homem. Vae ver-se como um infame póde passar por boa pessoa. Ver-se-ha tambem como a avareza alarga a esphera das suas funcções até onde se não encontra um resto de sentimento nobre... e, comtudo, é mais admiravel ainda a facilidade com que as grandes infamias se escondem.

Os chefes da anarchia eram Constantino Gomes de

Carvalho, soldado pé-de-castello da fortaleza da Foz; Francisco José Reteniz, soldado da Legião; Antonio Corrêa, por alcunha o *Moiro* (vizinho de João Antunes); e o carniceiro Antonio de Sousa. Eram estes os ferventes apostolos da revolta contra os jacobinos; foram estes os fautores do memoravel dia vinte e dois de março de mil oitocentos e nove: dia de vergonha e de opprobrio para esta cidade, que deixou acutilar, no seu seio, por mãos infames, alguns dos seus mais honrados filhos, primeiros martyres de uma idéa tão pouco aproveitada... e que tão cara pagaram a fama, que a historia não conhece, quarenta annos depois do sacrificio. [1]

Estava o usurario suando copiosamente entre as compressas da populaça, quando de differentes centros da multidão saíram estes brados: «Queremos os presos da Inconfidencia! Morra o Luiz de Oliveira! Morra o Vicente José da Silva!»

Ao prospecto faccinoroso seguiu-se a execução. O carcereiro, quasi de rastos, abriu as portas. O primeiro preso arrastado é o brigadeiro Luiz de Oliveira. Os repellões que soffrera até á porta da cadeia foram tão originaes, ou tão em harmonia com o instincto dos «fieis vassallos do throno e do altar», que o pobre homem vinha quasi nú, emquanto o seu casaco, calças e collête, era trocado pelos andrajos dos bravos propugnadores da independencia nacional.

Abraçado a uma imagem da Virgem Mãe de Deus,

---

[1] A sentença da Alçada do Porto, proferida em 27 de fevereiro de 1810, diz assim a folhas 9:

«Concluindo-se d'ella (da devassa) plenissimamente, que nos ditos tumultos e lastimosas atrocidades, não tiveram parte os honrados moradores d'esta cidade, que tanto se distinguiram por qualidade, caracter, rasgos patrioticos e acções generosas, com que se prestaram até no serviço pessoal em defensa da causa publica e dos direitos do soberano; mas sim, um bando de faccinorosos abjectos, melevolos da ultima plebe, pela maior parte de fóra da cidade, inimigos da ordem, da tranquillidade publica, que procuram confundir e subverter.»

O mais certo é que os «honrados moradores da cidade» tiraram plenissimamente a utilidade das *moradias*, porque não saíram de casa. Dez mil assassinos arregimentados viriam da Maya ou de Vallongo?. Devemos crer com a tradição e testemunho, ainda vivo, dos contemporaneos da invasão franceza, que eram muito do Porto os anarchistas. E, se o não eram, o numero «dos honrados moradores do Porto», como reza a sentença, era diminutissimo...

Luiz de Oliveira pedia de joelhos que o deixassem confessar. Uns dos amotinados diziam que sim, outros que não, até que o patriota Constantino Gomes de Carvalho, por encurtar razões, e obviar uma desintelligencia facciosa, houve por bem enterrar-lhe o gume de uma espada no pescoço. Momentos depois, o brigadeiro não tinha uma feição: era uma ulcera, onde o vérme esqualido da plebe cevava a ferocidade.

Após este foram assassinados dez ou doze na Inconfidencia. Formou-se uma longa arreata de cadaveres: a canalha ovante rugia um alarido de imprecações, um como hymno de infernal triumpho. Deram por todas as ruas da cidade o açougue em espectaculo. Passaram a Villa Nova, arremessando-os do caes da Bica ao Douro.

João Antunes não acompanhára o prestito dos canibaes. A sua situação não saberei eu dizer se era menos atribulada que a do preso arrancado pelo carrasco da enxovia, e morto, apenas respirava o ar livre. E a razão era esta: o usurario, aturdido com as rapidas evoluções da carnagem, esqueceu-se de que levava no bolso dos fartos calções de belbutina um rolo de papeis. Illaqueado na rede que as pinhas de povo lhe faziam, toda a sua actividade era pouca para evadir-se a uma formal esmagadela. Luctára em vão um quarto de hora. Sentira-se tres vezes escorchar na parte mais sensivel dos intestinos melindrosos. Por ultimo, consegue escoar-se por uma clareira, onde devia ser solemnemente acutilado Vicente José da Silva. É então que se lembra de apalpar a algibeira... Não encontra o rolo! Ressuma-lhe um suor frio de entre os oleos espremidos na pressão. Sente nauseas, consequencia do revolvimento subitaneo das visceras. Leva automaticamente á cabeça espherica as mãos convulsas. Arranca do intimo um rugido como o do macaco entalado na cauda. Descóra, cambaleia, cáe, não direi como o abeto das montanhas, mas como o grego Lucius metamorphoseado em jumento, sob o peso do seu infortunio!

João Antunes foi transportado em braços á casa de um sapateiro na Porta do Olival, ministraram-lhe aspersões de agua choca de uma celha em que a sola amollecia; im-

primiram-lhe valentes solavancos, capazes de resuscitarem um morto; capitularam-o de bebedo, como hoje se capitúla um bebedo de cholerico, e mandaram-o ao diabo, quando a nada se movia o bruto miserando.

Por fim, João Antunes revive, e encara em redor de si uma boa duzia de mariolas, destacados do grosso do exercito, que, a essas horas, arrastava os cadaveres, a hecatomba offerecida á patria, á religião, e ao amantissimo principe, que comia bananas no Brazil.

Mal desperto ainda, o avarento revirou os olhos pávidos em torno, e teve a imprudencia de chamar ladrões dos seus papeis aos benemeritos patriotas que o rodeavam. Palavras não eram ditas, o infeliz acordou de todo, tangido por quatro homericos pontapés, que lhe communicaram uma actividade nova. Casualmente, passava o meirinho geral com ordens para o carcereiro, e o padre Domingos de Queirós, sargento de artilheria. Conheceram João Antunes, e empregaram esforços de tocante eloquencia para o arrancarem ás unhas do povo. O triste contava ao padre-sargento e ao meirinho a impia espoliação que soffrera, elle, tão amante da religião! tão fiel vassallo do seu rei! tão devoto de nossa Senhora das Dores dos Congregados, como era publico e notorio!

Lagrimas e súpplicas inuteis. Aconselharam-o que se accommodasse, para não perder o precioso capital da vida. Não tinha, porém, pernas que o levassem d'alli, onde o infando crime fora perpetrado. Esperava ver o vizinho barqueiro; talvez elle, por tralhas ou malhas, lhe restituisse as suas acções da Companhia, o penhor das suas tão choradas cem moedas. E esperou.

Ás duas horas da tarde voltava a plebe, pedindo cabeças.

João Antunes viu de longe o seu vizinho; correu a encontral-o; mas o *Moiro* não lhe deu grande importancia, posto que muitas vezes, a titulo de vigilante guarda de sua casa, lhe arrancasse para vinho alguns cobres, espremidos primeiro entre os dedos avaros do merceeiro.

—Lá vae!—exclamou o barqueiro—Eu não lh'o disse?

—Quem, Antonio?—disse João Antunes.

— O chanceller, o jacobino, o herege! Morra o chanceller, que nos queria mandar atrancar na Relação por matarmos o jacobino da Bandeirinha!

— Morra! Morra o chanceller! — respondiam compactas centenares de vozes roucas, cansadas, exhalando a hálito putrido de aguardente.

Vinha, pois, o enfermo chanceller em uma cadeirinha, para ser suppliciado no cadafalso raso, encharcado ainda de sangue das outras rezes. O magistrado, que motejára o aviso do *kágado,* vinha quasi morto naturalmente. Perto da cadeirinha avultava frei Manoel da Rainha dos Anjos, com o seu habito, e com a sua veneranda physionomia, e com a sua tocante eloquencia fallando ás turbas, tão depressa enfurecidas, como amansadas, na sua estupida consciencia dos deveres. Dizia o frade que conduzissem o preso á presença do reverendissimo bispo-governador, para ser mais solemnemente sentenciado á pena ultima, se a merecesse. Recorrera o bom do religióso á astucia, quando viu impotente a palavra sacrosanta do seu ministerio de paz.

João Antunes presenciára a scena, e teve um d'esses palpites, que assaltam raras vezes o homem entalado nas encospas do infortunio. «Só assim poderei salvar o meu dinheiro!» rugiu elle lá dentro das soturnas cavidades que o vérme da avareza lhe minára na alma.

E, chegando hombro a hombro com o barqueiro, disse-lhe ao ouvido:

— Antonio! quéres ganhar vinte peças?

— Olá, se quero!... Quer o snr. João que eu dê cabo de algum diabo alma?

— Não: quero que salves o chanceller.

— Isso não póde ser!

— Póde... recebes hoje mesmo as vinte peças.

— Mas, snr. João, vossemecê bem vê que os capitães do povo não sou eu só; é o Constantino, o Reteniz, o carniceiro, e eu...

— Pois dá-se a cada um dos outros dez peças.

— Dez é pouco.

— Doze.

— Vinte, como a mim.

— Vinte é muito: quinze.

— Espere ahi, que eu volto já.

O barqueiro deu um assobio com os dedos; ouviram-se apitos semelhantes; em um segundo estavam todos quatro em conferencia, afastados um pouco da populaça, que parecia commovida pelas instantes lamurias do confessor do chanceller. Entretanto, João Antunes calculava...: mas o parlamentario não o deixou tirar a prova real dos seus calculos.

— Está dito: sessenta e cinco peças para todos — disse-lhe o *Moiro* ao ouvido. — O homem vae ser remettido ao bispo, e lá dêem-lhe escapúla. Faz-lhe conta?

— E não fazem isso pelas sessenta peças? É uma conta redonda! — replicou jovialmente o usurario.

— Nada de regatear, snr. João! Se quer, quer; senão, está alli, e está a mergulhar no Douro!

— Pois bem: está feito o contrato; mas tu nunca has de dizer que eu te fiz esta proposta.

— Não que se vossemecê o disser, não torna a dar um pio! Ouviu?

— Ouvi: nem uma palavra a tal respeito.

O barqueiro fez um aceno ao tribuno-chefe, que era o carniceiro. O carniceiro bradou:

— Rapazes! o jacobino vae ser remettido ao snr. bispo-governador, para ser condemnado e justiçado de modo que agrade á santa religião e a el-rei, nosso senhor. Deixemol-o ir, e vamos dar cabo de alguns hereges, que ainda estão na cadeia, e depois iremos ao carcere ecclesiastico dar cabo do outro chanceller da Relação, do abbade de Lobrigos, e do Penteeiro. E victo serio! N'este homem ninguem toca! Vá um dos chefes acompanhal-o ao paço do snr. bispo. Que é do *Moiro?*

— Aqui estou!

— Vae tu com elle, e viva o principe regente, nosso senhor!

— Viva!

— E viva a santa religião!

— Viva!

— E viva o povo portuense!

— Viva!

— E morram os jacobinos, os hereges, e os fidalgos que não são cá da nossa aquella de patriotismo!

— Morram!

A multidão abriu passagem á cadeirinha. Seguiam-a de perto o frade, o usurario e o barqueiro. João Antunes disse ao ouvido do frade:

— Fui eu que o salvei.

— Pois bom foi. Eu logo vi que a minha palavra era froixa para poder tanto, sem auxilio divino.

— Não diga nada vossa reverencia. Calemo-nos.

Apeado da cadeirinha, o governador das justiças subiu as escadas do paço encostado ao confessor e ao seu velho amigo bacalhoeiro.

— Bem m'o dizia vossemecê, snr. João Antunes — murmurou o pallido chanceller.

— Avisei-o. V. exc.ª riu-se de mim, e quem o salvou fui eu.

— Vossemecê?!

— Sim, senhor.

— Cuidei que foram as exclamações do meu padre confessor.

— Não é gente d'isso... Boas exclamações são o dinheiro.

— Fez bem, meu amigo... Cá em cima fallaremos... Quem é aquelle homem que fica ao pé da cadeirinha? parece-me que é um dos que me prendeu.

— Tal e qual. Foi com elle que eu fiz o contrato da sua vida.

— E elle vem buscar o dinheiro?

— Se o houver á mão... senão eu lh'o darei lá.

— Não será necessario... O bispo ha de ter dinheiro... É muito?

— Duzentas peças: são quatro os chefes; cincoenta para cada um.

— Dera muito mais para não passar por este sobresalto: pela vida dera tudo; e a obrigação em que me deixa o meu salvador, não se paga com dinheiro. Vossemecê é um honrado homem!

D. Antonio de S. José de Castro veio receber nos braços o governador das justiças.

— Venho para v. exc.ª me sentenciar — disse o magistrado.

— Está sentenciado a ser meu hospede — disse o bispo, sorrindo.

Pouco depois, foi chamado ao interior do palacio João Antunes, e recebeu duzentas peças, e um fervoroso abraço de gratidão.

O usurario vinha pelo ar, não obstante o peso. Lucrava cento e trinta e cinco peças de commissão. Roubado em seiscentos mil réis, valor das acções da Companhia, achava-se com duzentos e sessenta e quatro mil réis de mais, (1) em indemnisação dos pontapés. Nunca tão lucrativo lhe correra o negocio!

O barqueiro recebeu as sessenta e cinco estipuladas, e correu a distribuil-as, mas não correu tanto que não entrasse em uma taverna da Porta de Carros a beber um quartilho do Alto-Douro, emquanto João Antunes entrava nos Congregados a rezar a estação quotidiana á sua devotissima Senhora das Dores. Feita a reza, entrou em uma estalagem a desjejuar-se, e esteve em riscos de perder a digestão com um par de murros, por desavenças com o estalajadeiro a troco de uns quebrados no meio quartilho de vinho. Tinha magnificas torpezas o snr. João!

E, depois, correu a casa a saudar o sarcophago do seu dinheiro. Estava alli a sua vida, o seu sangue, cujo giro elle activou, engrossando-o com mais cento e trinta e cinco peças, que entalou por entre as outras.

Quatro dias depois das gloriosas scenas que descrevi em face de genuinos documentos, o exercito francez acampava na Agra de S. Mamede, a meia legua do Porto. Travam-se as primeiras escaramuças, em que a guarnição da cidade é sempre sovada, por assim dizer, a bofetões do adestrado inimigo. É deliciosa, porém, de sensato riso uma descripção dos successos, manuscripto preciosissimo no seu genero, estranho parto de mentira e pessimo estylo, que devemos á lucubração ociosa de um frade, e que me veio á mão por favor de um illustre antiquario. Segundo elle, era um gosto ver fugir vinte mil

(1) As peças valiam então 6$400 réis.

francezes, commandados por Soult, por Loison, por Delaborde, por Quesnel, e por tantos outros dos que viram as pyramides e assustaram a Europa, abalada pelo braço de ferro de Bonaparte. Eram estes os que fugiam a uma guarnição de seis mil maltrapilhos, de trezentos padres, dirigindo a artilheria, composta de meia duzia de obuzes, que até então serviram de lastro a navios mercantes, e para esse effeito jaziam amontoados em armazens de Miragaya! O bom do historiador, não podendo combinar o successo da invasão momentanea com rasgos de tanto patriotismo nos defensores, foge pela tangente da Providencia, e diz que o Senhor nos quizera punir com o látego da sua cólera, representada no marechal Soult. Seria isso?

Seria. Não obstante, João Antunes, no dia vinte e seis, para evadir-se á cólera do Senhor, que muito respeitava depois da Senhora das Dores dos Congregados, quiz passar a Villa Nova de Gaya, e de lá farejar as vicissitudes da guerra. Certissimo ia elle de que o seu dinheiro, sepultado quatro palmos abaixo da crusta do globo, passára ao dominio dos mundos subterraneos, onde só um furo ao alto feito pelos antipodas, poderia empalmal-o. Felizmente o bacalhoeiro jubilado não sabia nada de antipodas.

O peior foi que o não deixaram passar para além do rio. A plebe despotica obstruira a passagem, quebrando a communicação das barcas, e vociferava contra a cobardia dos fugidiços aos francezes, que não entrariam nunca no Porto. Outros, menos felizes do que o snr. João Antunes, fugindo ao saque, foram assaltados pelas guardas «patriotas». Devemos acreditar piamente o frade historiador: «... sendo outros logo na mudança esbulhados de parte do seu precioso (pelas sentinellas), pretextando ser necessario á revista do que levavam.» Boa gente! Ha d'estes *patriotas*...

Soult condoera-se d'este punhado de imbecis, que lhe faziam negaças das destroçadas baterias. Enviou ao Porto um parlamentario, propondo uma benefica paz. O parlamentario foi despido das suas insignias e acutilado. Um legitimo rancor passou por cima da miseravel defeza.

Os francezes entraram, como poderiam ter entrado quatro dias antes. Os «bravos» defensores reservaram os derradeiros assomos de heroismo para a fuga, e valeu-lhes muito a reserva. Fugiam intrepidamente. Diz, porém, o frade, que pelos modos foi dos ultimos a fugir, que se fizeram ahi galhardias inauditas. «É justo — conta elle — mostrar á posteridade o valor incansavel e a maior intrepidez que assás mostrou na bateria 14 — S. Pedro ao Lindo Valle — o padre Domingos de Queirós, natural d'esta cidade, e sargento da companhia dos artilheiros ecclesiasticos, que fez sobre o inimigo o mais bem acertado fogo, causando-lhe notavel damno, conservando-se com o mesmo valor e intrepidez até á entrada do inimigo, botando fogo á polvora, de que se seguiu a morte a muitos, e ficar todo queimado.» Foi pena que ficasse queimado o illustre padre Domingos de Queirós, sargento de artilheria! Excellente pessoa! Mucio Scévola de sotaina, que se queimou espontaneamente, matando comsigo, não sabemos quantos padres seus camaradas! Como tens sido ultrajado, martyr do Golgotha, pelos que servem o azeite da lampada do teu templo, ha dezenove seculos! ....
.... [1]

---

[1] Ao leitor curioso de saber como o clero portuense, n'esse dia, comprehendeu evangelicamente a sua missão, vou dar-lhe um extracto textual d'este manuscripto fradesco, intitulado: *Memorias Chronologicas, Criticas, e Circumstanciadas* (o frade curava pouco de orthographia: o seu forte eram as lettras maiusculas) *da Invasão dos Francezes em Portugal em 1809; e Privativas da Muito Nobre e Sempre Leal Cidade do Porto*, etc., etc., etc. E' tempo de dizer, que devo ao snr. João Nogueira Gandra este manancial de succolentas noticias sobre uma época, de que o illustre bibliothecario promette dar-nos larga e minuciosa historia. Ahi vae, pois, a apologia do clero, no dia 29 de março de 1809:

«Não deve ficar em silencio o valor de alguns fieis intrepidos vassallos, que vendo o inimigo já dentro da cidade, corajosos se arrastam e lhe fazem o mais vivo fogo: os valorosos Clerigos que guarneciam o Paço Episcopal, aprromptam a sua artilheria, e marcham com uma das suas peças para o largo de Santo Ildefonso, commandada pelo segundo tenente Padre Francisco Corrêa, sobrinho do commandante, ficando com outra postada ao Arco da Senhora da Vandoma; aos primeiros se juntou toda a tropa que vinha em retirada das baterias, e aqui esperam o inimigo; apenas este chega lhe fazem um aturado fogo de artilheria e mosquetaria, retirando-se conforme o poderoso inimigo ia ganhando terreno, até que este consegue avizi-

Tentar descrever João Antunes, quando lhe disseram que os francezes entraram pela Prelada, é um absurdo. Perdeu a cabeça. Galgava o pequeno recinto de sua casa, de angulo para angulo, com as unhas fincadas na cabeça hirta. A rua dos Armenios, ha pouco deserta, estava sendo passagem dos que fugiam do Cidral, do Monte dos Judeus, e das travessas circumvizinhas.

Á ponte! á ponte! — era o grito de todos. Antunes teve um intervallo lucido: fugir como os outros. O seu dinheiro ficava inaccessivel ao saque: afóra o dinheiro, a velha roupa da cama, tres cadeiras desconjuntadas, não lhe davam grande afflicção. Um livro de assentos com algumas publicas-fórmas de escripturas, esse tomou-o elle debaixo do capote inseparavel, e entrou na torrente dos fugitivos. A onda engrossava cada vez mais. A gritaria era uma dissonante e infernal mistura de exclamações! Crianças gritando pelas mães, que se esqueciam dos filhos. Velhos supplicando de mãos erguidas aos filhos que os não deixassem. Damas mimosas vagindo a cada pisadela, que lhes esmagava o calçado de seda. Mulheres esfarrapadas disputando, a murro, cada passo, que davam no caminho da supposta salvação. Frades e freiras, soldados e meretrizes, confundidos, embaralhados, rezando, praguejando, dando-se á protecção da Virgem, e invocando a omnipotencia de Satanaz.

E n'este vortice, que redemoinhava pela Porta Nobre, ia João Antunes embrulhado, revolvido, offegante, esfarrapado, furioso umas vezes, outras contrito, fazendo

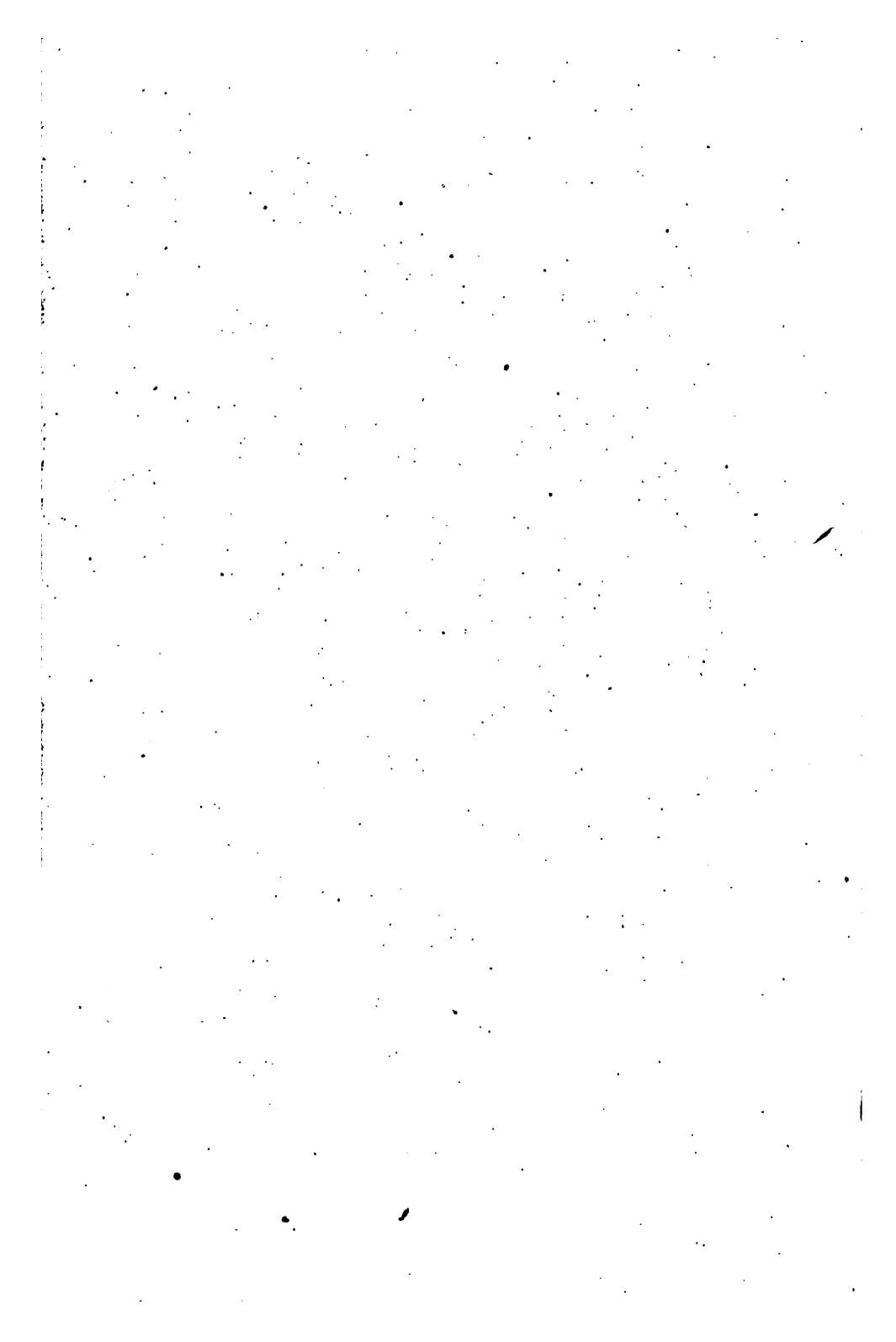
---

nhar-se do Arco da Vandoma; aqui se renovou o fogo da nossa parte, até que numerosa cavallaria inimiga conseguiu romper o nosso fogo; eram os commandantes dos valorosos Ecclesiasticos, e estudantes n'estas acções o Beneficiado Manoel João da Silva, e o Padre André Antonio Corrêa, aquelle de infanteria e este de artilheria, que assás mostraram o seu valor e intrepidez em presença do reverendo Deão coronel do dito corpo, que commandava em chefe este sitio, o qual denodadamente a tiro de pistola matou um soberbo Dragão Francez; fazendo o mesmo o commandante de infanteria que matou na rua de Santo Antonio do Penedo um official francez de cavallaria, que animava os seus a romperem, etc.» Estes padres, dias depois, levantavam com as mãos tintas de sangue a hostia consagrada, o corpo immaculado do pacientissimo cordeiro! O christianismo, se não tivesse um amparo providencial, tinha caído mil vezes no ridiculo dos seus sacerdotes.

promessas onerosas á Senhora das Dores, e arrependendo-se da imprudente prodigalidade, rangendo os dentes de raiva a cada apertão, e aventurando um pontapé traiçoeiro na criança, que lhe tolhia o passo; apertando ao peito o livro dos assentos e as publicas-fórmas das escripturas, e levantando frenetico a gola do capote rebelde, que os empuxões lhe desaprumavam do dorso derreado... Agonia indescriptivel! Expiação tormentosa de todas as maroteiras dos *kágados*, desde o servo de D. Moninho Viegas até ao sobrinho de Antonio Cabêda!

A enxurrada chegára á ponte. Todos sabem como ahi se fizeram tres mil cadaveres. Os alçapões estavam abertos, por descuido ou por traição. A multidão entulhou as barcas: o peso quebrou as antennas estrondosamente; as fauces do abysmo enguliram massas compactas, jorros de centenares de corpos, familias vinculadas no derradeiro abraço.

Se da agglomeração de gritos póde ouvir-se distincto um rugido inimitavel, esse rugido foi de João Antunes da Motta.

Morrera um grande maroto; mas a especie não se perdeu.

ONDE ESTÁ A FELICIDADE?

I

Os romances fazem mal a muita gente. Pessoas propensas a adaptarem-se aos moldes, que admiram e invejam a novella, perdem-se na contrafacção, ou dão-se em pabulo ao ridiculo. N'estes ultimos tempos, ha muitos exemplos d'esta verdade, e tanto mais sensiveis, quanto a nossa sociedade é pequena para se nos esconderem, e intolerante para admittil-os, sem rir-se. Homens, sem originalidade, ou originalmente tolos, macaqueiam tudo que sáe fóra da esphera commum. Crédulos até ao absurdo, aceitam como reaes e legitimos os partos excentricos de cabeças excentricas, e promettem-se dar tom a uma sociedade mesquinha, onde não apparecem o Zaffie da *Salamandra,* o Trémor de *Lelia,* o Brûlart *de Atar-Gull,* o Vautrin do *Père-Goriot,* o Leicester de *Luxo e miseria*, emfim o homem fatal. Estes imitadores são perigosissimos, ou irrisorios. Não topando na vida ordinaria o logar que lhes compete, querem conquistal-o por força. E, depois, das duas uma: ou attingem o apogeu da perversidade, calcando a honra, cuspindo na face da sociedade, e caprichando em abysmarem-se com as victimas; ou — o que quasi sempre acontece — imaginam-se homens excepcionaes, sonhando como Obbermann, rai-

vando como Hamlet, escarnecendo a virtude como Byron, amaldiçoando como Faust, e accusando sempre o mundo ignobil que os não comprehende.

Se vos impacientam reflexões, leitores, encurtemos o prefacio de uma apresentação.

Quero mostrar-vos o snr. Guilherme do Amaral. Ides conhecer uma victima dos romances.

Este moço, de vinte e tantos annos, é da provincia da Beira-Alta. Nasceu e viveu até aos dezoito annos na aldeia de seus paes. Aos quinze foi a Coimbra estudar preparatorios para formar-se em qualquer faculdade. Voltando a férias, viu morrer sua mãe, e, como já não tinha pae, emancipou-se aos dezoito. A sua casa rende doze mil cruzados. Guilherme do Amaral considera-se livre, e rico.

A sua paixão predominante não era a caça, nem a pesca, nem os cavallos: era o romance. Comprou centenares de volumes francezes, leu de dia e de noite, decorou paginas que lhe electrisaram o coração combustivel, affeiçoou-se aos caracteres do *grosso terror,* como diz J. Janin; achou piegas o amor ethereo de Romeu, de Petrarcha, de Bernardim, de Antony, e de Rastignac...

Impregnado d'esta lição escandecida, olhou em torno de si, e viu-se só. Queria mundo, queria ar, anciava nutrição para a fome de impressões fulminantes.

Resolveu deixar a pittoresca aldeia, e escreveu sobre a campa de sua mãe um adeus romantico, em estylo apocalyptico, e tal que ella, se o ouvisse, não o entenderia. Foi para Lisboa. Apresentou algumas cartas de valiosa recommendação: teve excellente acolhimento. A sua entrada nos salões impressiona os finos observadores, e não é indifferente ás mulheres. Isto passa-se em 1843.

Guilherme do Amaral deve á natureza alguns favores externos, que não desmentem o molde interior em que elle ajusta a sua torcida vocação. É pallido; tem olhos grandes, negros, e ardentes; não os lança com a penetração da curiosidade, ou da analyse mordaz; ageita-os a não sei que suave melancolia, especie de dolorosa intuscepção, vista mais profunda para o intimo de si, que para as indifferentes frivolidades, que o rodeiam.

No baile, passeia quasi sempre fumando na sala deserta, onde se fuma. Ahi responde, na phrase mais concisa, ás perguntas benevolas dos que o intitulam amigo, e elle apenas conhece, ou finge apenas conhecer. Se vem ao salão, onde giram as walsas vertiginosas; encosta-se ao batente da porta, amortece a vista, inclina a cabeça sobre o hombro, franze a testa como causticada pelo aborrecimento, vê o seu relogio onde é meia noite, boceja como enfastiado, e retira-se ao seu quarto. Ahi abre um romance, e lê até ás quatro horas da manhã.

E vive assim um anno. Não tem um amigo intimo; não tem uma mulher que lhe queira; não conhece mesmo, de entre tantas, a organisação especial onde o seu caracter poderia ajustar-se.

Algum dos seus conhecidos perguntou-lhe um dia:

—Quantos annos tem, snr. Guilherme?

—Vinte e um.

—Ha quantos annos vive na sociedade?

—A minha sociedade não é n'este mundo.

—Se assim dissesse o pontifice, corriam melhor as cousas da Igreja... O senhor está cansado...

—Estou.

—Deve ter tido uma vida tempestuosa, terriveis naufragios no mar das aspirações...

—Sinto-me morto; mas não sei quando vivi.

—Alguma existencia anterior á actual. Ha homens que tem uma vaga reminiscencia de uma vida anterior.

—É possivel?

—Não lhe dou como systema a minha opinião; mas, ao vel-o de vinte e um annos, amputado do grande corpo social, creio em todas as maravilhas da metempsycose. *Ramé*, em 1840, julgava ser o *Ramus* de 1540. O peior é que morreu doudo... Queira dizer-me: não ama?

—Não posso amar: ponho a mão sobre o peito, e retiro-a gelada.

—Tem por consequencia uma imagem chimerica, que o furta aos amores mais ou menos sensuaes d'este mundo?

—Sonho uma imagem: não a encontrei na face da terra.

— Que juizo faz das mulheres d'este globo?

— Pessimo: mentira, materia, venalidade, corrupção.

— Tem-as experimentado?

— Não: não quero. Ha em mim a preexistencia de todas as desillusões. A cobra-cascavel presente-se de longe pelo ruido que faz, rojando-se. Dispenso as experiencias ociosas.

— Deve parecer-lhe bem infame este mundo! Como julga os homens?

— Como os julgou Vautrin, o homem stoico de Balzac.

— Vautrin é má auctoridade; se bem me recordo, era um forçado das galés.

— Que importa? A desgraça desvendára-o: tinha a sciencia das lagrimas: fez-se philosopho, mais crivel que Rousseau, nas longas vigilias do seu infortunio.

— Quer adoptal-o como mestre?

— Sou absolutamente original: não estudo ninguem.

— Amou?

— Nunca: penso que já respondi a essa pergunta.

— Não tinha ainda respondido. Eu, na sua posição, recolhia-me á Thebaida da minha aldeia. A vida de Lisboa deve provocar a sua intolerante indignação.

— Não vejo essa vida provocante. Até hoje, a vista do meu espirito não desceu. A aguia, por emquanto, libra-se entre as nuvens. Quando descer, deixarei um rasto de sangue.............................

O interlocutor de Guilherme do Amaral sorriu-se. No dia seguinte, reproduzia-se nos cafés, nas praças, e nas salas o dialogo, recebido com gargalhadas. O provinciano, empallado na mordacidade sarcastica do seu conhecido, passou ao dominio do ridiculo, do «desfrûte», como diziam maviosamente as mulheres, já de si *indesfrutaveis*. Um litterato denominou-o *Vautrin de cuecas*; outro, *Arthur de feira da ladra;* outro, *Byron de escabeche;* outro, *Zaffie de tamancos;* outro, *Leicester empalhado*. Esgotaram os pseudonymos da caricatura; inverteram em irrisão a funeral seriedade do provinciano, immolando-o á zombaria das mulheres como um supplicio merecido, por ousar ultrajal-as.

Um folhetim, sem personalisal-o, escripto por certo

Maxime de Trailles (vide Balzac), que então era o primeiro no estylo da zombaria e no sarcasmo oral, e hoje, especie de *conde Talorme* de Méry (vide *Amor e Roma*), exerce as funcções diplomaticas no seu modelo... esse folhetim, asinzelado de modo que não escondia a menor feição de Guilherme, deu ao provinciano a publicidade galhofeira, que elle não tinha ainda, fóra de uma pequena roda. Para maior affronta, remetteram-lhe o jornal em carta fechada, aconselhando-o que deixasse Lisboa, e voltasse ao «ninho seu paterno» a cultivar o repolho e a batata. Os chascos, as ironias e as injurias eram-lhe ahi tão causticas, tão pungentes á sua vaidade, que Amaral, juvenil de mais para sacudir a farpa, sentiu-a no coração, envergonhou-se de si proprio, concentrou-se na consciencia da importancia que lhe davam, e arrependeu-se de ter parodiado, tanto á lettra, os monstruosos moldes dos seus romances.

Estava, portanto, o afflicto moço muito longe do cynismo indispensavel para arrostar as insolencias do folhetinista, justamente aquelle que lhe arrancára, em um dialogo, as extravagantes theorias.

Guilherme do Amaral, os poucos dias que esteve em Lisboa, viveu-os encerrado no seu quarto de hospedaria. Ninguem o procurou durante esses dias; mas, na vespera da sua saída, quando visitava, despedindo-se, as pessoas que o apresentaram, encontrou uma, que lhe disse o seguinte:

—Faz bem saíndo de Lisboa. Isto aqui não é o que v. s.ª imaginou de lá. As excentricidades são aqui bem recebidas; mas é necessario que o excentrico não toque na chaga irritavel d'esta gente. V. s.ª disse ao seu amigo, ou conhecido *** que as mulheres eram a mentira, a venalidade e a corrupção. Disse, talvez, a verdade; mas isso não se diz a toda a gente. O excentrico póde embriagar-se todos os dias, que ninguem por isso o ridiculisa: o mais que fazem é lamental-o. Póde ser desordeiro, e visitar todas as noites o corpo-da-guarda, que ninguem o achincalha. Póde calotear, seduzir, infamar reputações... não é por isso expulso pelo marido da mulher infamada: o que, porém, não póde, é fitar a luneta

com soberano desprezo nas mulheres das salas, e dizer: «Tudo isto me enoja». O senhor é célebre: é, talvez, um sceptico, exagerando a moda; seja-o muito embora, mas não o diga aos homens, diga-o ás mulheres, que, muito longe de se offenderem, lisongeiam-se com a esperança de o conquistarem, galvanisando-o á força de descargas electricas de sorrisos voluptuosos. Está cansado? deite-se, durma, não venha á sociedade, applique-se os tonicos geraes da solidão, que vigorisam o espirito e convalescem os desejos saciados. A sala não serve para todos. Ora, se o seu cansaço é uma ficção, um irreflectido amor de celebridade, como amigo lhe aconselho que se deixe d'isso. Viva como toda a outra gente. Coma, beba, durma, ame, aborreça, seduza, infame, defenda as mulheres infamadas pelos outros, bata-se com os maridos das suas condessas de Restaud, jogue a sua casa, indemnise-se das perdas, imitando o seu censor, o signatario pseudonymo do folhetim em que v. s.ª é zombeteiramente pintado... Quer o meu amigo a celebridade do salão? Nada de convicios e recriminações contra as mulheres. Profundo silencio com os homens; mas, com ellas, uma eloquencia languida, uma lamuriante saudade por um anjo, que sonhou aos quinze annos, de modo que, bem apurada a visão, o anjo venha a ser a mulher com quem falla, e pouco depois a outra com quem fallar, e depois a outra, até á dona da casa, embora tenha cincoenta annos. De cara a cara, sem testemunhas, póde-se dizer a uma mulher tudo que affronta o seu amor proprio: ella soffre, cala-se, e resigna-se; mas, diante de um homem, isso é muito serio. Está provado por isso, que a honra não está na consciencia, está na opinião publica: nós sentimo-nos deshonrados quando os outros dizem que o fomos. Ao ouvido de uma mulher diga-lhe: «v. exc.ª é mentira, é venalidade, é corrupção»; ella rir-se-ha, se estiver perfeitamente desenvolvida; e, se o não estiver, cala-se por vergonha, e desenvolve-se; aos homens, nem uma palavra em desabono. Se lhe convem dizer que as suas illusões morreram de apoplexia fulminante, diga-o sem entono dogmatico, sem o pedantismo chulo de certos parvos que dão prelecções de scepticismo no alcouce,

encostados ao hombro nú das mulheres perdidas. Não sei que mais lhe diga. Nada de arremêdos. Leia, mas não imite; e, a querer saír da natureza, invente alguma novidade, que o não compromettа com os caprichos da opinião em voga. Se é moda ser sceptico, seja-o, mas vá dando provas de que acredita como S. Thomé, ao menos n'aquillo que toca... Meu amigo, seja feliz. Se não ha nada a esperar dos meus conselhos, *stulta est gloria*... peior para si..

....

Quarenta e oito horas depois, Guilherme do Amaral, prodigio de memoria, repetia, em um quarto de hospedaria, no Porto, a lição do seu officioso preceptor.

II

Não caíu em terra ingrata a semente.

Guilherme do Amaral, como todos os homens sem originalidade, indefinidos na consciencia propria, bisonhos da experiencia das cousas, que individualisa a indole das pessoas, aceitou as theorias do cavalheiro lisbonense como boas para o uso ordinario, sem comtudo saírem da esphera extraordinaria.

O que repugnava ao provinciano era a vida commum, o vegetar trivial das vocações vulgares, o ensosso desperdicio de jubilos tolos, e de aspirações tacanhas em que a mocidade consumia o vigor do espirito, entre o contentamento de vestir uma casaca elegante, e as doçuras de ver á tarde o namoro na janella. Viver á feição das maximas, que o amigo condoído lhe dera em Lisboa, convinha-lhe, frisava com a sua nova indole, poupando-se á irrisão com que fôra galardoado por inexoraveis criticos, que não valiam, a meu ver, tanto como elle, e larga indemnisação de ridiculo teriam de dar-lhe, se Amaral lhes pedisse meças.

Guilherme não conhecia ninguem no Porto; mas, á mesa redonda da *Aguia d'Ouro*, encontrou rapazes de provincia, seus conhecidos da feira de Vizeu, já relacionados no Porto, e promptos a apresental-o á aristocracia, á mediocracia, e á população importante dos botequins. Guilherme não rejeitou.

Dava um baile n'esses dias o barão da Carvalhosa. Um cavalheiro de Vizeu pediu uma carta de convite para um seu amigo, provinciano, rico, valendo o melhor de trezentos mil cruzados, solteiro, muito sisudo, e excellente partido para uma menina. O barão deu pressurosamente a carta, e foi repetir á baroneza as informações que ou-

vira. Ultrapassando as leis da etiqueta, foi deixar um bilhete a Guilherme do Amaral. Na vespera do baile recebeu com a mais expansiva cordialidade o provinciano, apresentando-o a sua mulher e ás suas duas filhas, e convidando-o para o jantar do anniversario de sua filha Margarida, no domingo posterior ao baile. Tudo isto parecia uma boa estreia a Guilherme. Agradava-lhe a franqueza da sociedade portuense; mas dispunha-se a não desmentir a melancolia do seu novo systema, nas libações prazenteiras de um festim.

Uma hora depois que Amaral entrára no baile do barão da Carvalhosa, todas as mulheres sabiam que o provinciano era solteiro, rico, e muito sisudo.

— Dizem que é rico — murmurava ao ouvido da sua amiga uma interessante menina de olhos languidos, tez macillenta e sorriso melancolico.

— Já ouvi dizer — respondeu a prima.

— Ouviste!? E será muito rico?

— Penso que sim; meu tio conselheiro fallou em trezentos mil cruzados.

— Sim?! Não terá namoro?

— Penso que não, ao menos no Porto. Disse a Margaridinha que tinha a certeza de que não.

— Queres tu ver que ella...

— Tem suas vistas? acho que sim...

— Mas ella não namora ha tres annos o Henrique de Almeida?

— Que tem isso? É um passa-tempo.

— Cuidei que era um namoro serio. O Henrique de Almeida é um rapaz de talento, e boa figura...

— E que mais?

— Não tem trezentos mil cruzados: mas...

— Mas... ficas ahi. Por que não namoras tu rapazes de talento, que ha tantos disponiveis por ahi? Eu sei de dois ou tres que te fazem versos, pintando-te de modo que quem te não conhecer, julga que tu não és personagem d'este mundo, e andas por aqui nos bailes mundanos fugida da côrte celestial...

— Sempre és, Francisquinha!... Má... eu bem sei onde queres chegar...

— É facil de saber... O caso é que a tua pallidez romantica, os teus olhos de virgem da saudade, o teu sorriso de dolorosa resignação tem enganado muita gente, e tu, no fim de contas, és como eu, como minha prima, como deves ser... Vê como elle olha para ti...

— Elle! quem?

— O tal *parvalheira.*

— Ah!... eu não lhe acho nada de parvalheira.

— Sim? ainda bem...

— Veste com certa elegancia...

— Mas não vem frisado, nem traz gravata branca.

— É o bom tom. Fica-lhe tão bem aquelle desalinho... Eu gósto d'aquillo! E elle olha para mim?...

— E muito!

— Ó Francisquinha, eu vou erguer-me para dizer alguma cousa a minha tia; has de ver se elle me segue com os olhos.

— Pois sim.

Demorou-se alguns segundos com a tia, mastigando uma frioleira.

— Sim? — perguntou ella de lá com os olhos.

— Sim — respondeu a prima vigilante com um gesto affirmativo.

Aproximaram-se.

— Vamos agora para a outra sala, e veremos se elle me segue.

Fôram; mas Guilherme do Amaral não se buliu da postura sombria em que o deixaram encostado ao alisar de uma janella.

— Elle não vem! — disse a menina pallida, mordida na sua vaidade — Chama teu mano, que está alli.

O mano veio.

— Ó primo, já conhece um rapaz da provincia, chamado Guilherme do Amaral?

— Já me foi apresentado. Quer que lh'o apresente, prima?

— Não... Elle parece triste...

— É; mas muito agradavel, e diz muito bem o pouco que diz. Póde ouvir-se fallar. Quer que lh'o apresente?

— Não, primo... Ouvi dizer que a Margaridinha...

— É seu namoro? Isso é uma calumnia. O rapaz veio ha cinco dias de Lisboa, e não teve ainda tempo de tirar o coração da bagagem.

— Tem graça! Que diz elle das senhoras do Porto?

— Diz a verdade: que são bellas, elegantes, espirituosas...

— Com quem fallou elle já?

— Isso não sei: mas se elle fallar com minha prima, confirmará o justo conceito que lhe merecem as senhoras portuenses. Quer que lh'o apresente?

— Não! olha que scisma! Acha que estou morta por fallar com elle?!... Sabe se elle se demora no Porto?

— Não sei, minha amavel prima; de certo se demorará, se os seus olhos o prenderem.

— Bonito! Está de assucar em ponto! Ora diga-me: elle não dança?!

— Não sei, prima.

— Ainda o não vi dançar... Pergunte-lhe...

— Quer ser seu par, priminha?

— Eu! que séca! Acha que estou morrendo de amores por elle?

— Não digo tanto; mas... confesse que sympathisa...

— Não antipathiso... é-me indifferente... Elle ahi vem.

— Apresento-lh'o?

— Ora!...

Guilherme do Amaral, passando pelo cavalheiro que conhecia sua prima a fundo, deu-lhe um sorriso de ceremoniosa graça, com um ligeiro cortejo de cabeça ás damas.

— Snr. Amaral, — disse elle — consinta que o apresente a minha prima e a minha mana.

— É uma honra que me lisongeia muito. V. exc.ª parece que tem piedade de um forasteiro, relacionando-o com pessoas tão estimaveis — disse Amaral.

— Segue-se que não sou egoista: quero que todos, e especialmente quem póde comprehender-lhe o merecimento, sintam o prazer das suas relações. Minha prima considero-a n'esse caso; minha mana... é minha mana, e seria irrisoria a sua apologia na minha bôca.

— Ora o primo!

— Ora o mano!

Murmuraram ambas, requebrando-se com certa galanteria já muito velha.

— Creio que lhes fez justiça, minhas senhoras — disse Guilherme, alisando a luva da mão esquerda.

A orchestra annunciára uma polka. D. Francisca foi roubada ao grupo pelo seu cavalheiro. A prima não estava compromettida.

— Eu não aceitei par — disse ella. — E v. s.ª não vae dançar?

— Não, minha senhora; eu não danço.

— Não! Não gosta!

O primo apresentante retirára-se. Guilherme offereceu o braço á languida Cecilia, conduziu-a a um sofá, e sentou-se na cadeira proxima. Em frente d'esse sofá viera sentar-se a filha do barão com duas amigas. Margarida, agitando acceleradamente o leque, revirava os bellos olhos sobre Cecilia, e dizia ás amigas com fòrçada graça alguma satyra que as fazia rir. Cecilia fez-se desentendida, olhando vagamente, de vez em quando, para ellas, e deleitando-se mais com o frémito do leque em estudados movimentos, do que, ao que parecia, com a conversação do cavalheiro.

— Pelo que vejo, um baile deve ser-lhe uma cousa muito aborrecida! — replicava ella ás razões que Amaral lhe dera de não dançar.

— Não aborreço os bailes, minha senhora. Góso; mas o meu orgão do gôso é um sexto sentido, todo espiritual, todo celeste. Não preciso fatigar-me, nem comprimir ao seio as flores, que vecejam nos cabellos de um anjo, para lhe aspirar o perfume. O hálito do homem é uma profanação. De longe, recebem-se mais fortes as sensações, e o espirito está mais seu, mais desembaraçado para saborea-as.

— E sente muito?

— Muito.

— Pelo passado, pelo presente, ou pela esperança?

— O meu passado é uma peregrinação nas trevas, procurando a luz.

— E encontrou-a?

—Não a encontrei. Sentei-me fatigado á beira do meu trabalhoso caminho, e esperei. O presente é uma ancia do infinito, uma sêde de amor, uma supplica fervente de quem pede ao céo o orvalho, que faz reverdecer a flor queimada.

—E o céo não o escuta?

—É surdo: os anjos já não pedem pelos homens...

—E a esperança?

—É um tumulo que vejo no fundo do meu abysmo!

—Que idéa tão melancolica! não pense assim! Ha de encontrar uma larga indemnisação aos seus soffrimentos... Vejo que tem muita, mas muito triste poesia no coração...

—É a poesia da morte, a grinalda de flores, que vem com a mortalha, a flor sem brilho que despontou sobre a sepultura... Entristeço-a, minha senhora?

—Muito! Começo a interessar-me, a compartir dos seus soffrimentos... Ainda que quizesse ser alheia ás suas dores, não poderia.

—Agradeço, como se agradece uma gotta de agua no deserto, a sua piedade. V. exc.ª tem soffrido?

—Eu!...

—A sua pallidez parece-me o colorido, que deixam as lagrimas na face, não aquecida ao sol da primavera dos amores.

—Viu a minha alma, snr. Amaral.

—Amou?

—Não amei, se o amor é só possivel na terra. Crê nas visões? Eu tive uma; devorei-me em mentirosas esperanças, procurando-a... Não a vi em fórmas humanas...

—Encontramo-nos, pois, á beira do mesmo abysmo...

—É o que eu ia dizer-lhe...

—Não temos logar n'este festim servido pelo acaso. ou pela Providencia. Somos almas expulsas da união dos corpos: vagaremos de esphera em esphera com os corações abertos para recebermos a metade da existencia que não tivemos aqui.

—E é certo que nunca a teremos?!...

—Impossivel!

—Não diga isso... não queira ser o algoz de uma es-

perança, que me falla no coração, como o ecco delicioso das suas palavras.

— É uma esperança, que mente.

— Deixe-me sonhar uma ventura, que julguei impossivel até este momento...

— É um sonho sobre flores, que o despertar converte em realidade de espinhos.

— Deixe-me crer que ha no mundo quem possa levantal-o d'esse abatimento.

— É invocar o morto, sobre que pesa uma lousa menos pesada que o esquecimento.

O cavalheiro de Lisboa era capaz de metter, em um abraço enthusiasta, duas costellas dentro ao discipulo, se podesse presenciar o dialogo, que o leitor de certo não entendeu melhor que eu, nem melhor que elles.

Entretanto, Margarida, visivelmente despeitada, dizia ás amigas:

— Que estará dizendo aquella tola?

— Naturalmente, umas palavras do ar que ella lá sabe, e só ella entende.

— Ó meninas! — tornou a filha do barão — não o vêem a elle, que parece que está a dormir? Olhem que modo aquelle de encostar-se! parece que se deita sobre o hombro d'ella!

— Àquillo são posições romanticas.

— Acho-as indecentes! E ella!... forte pateta! como pende a cabeça enternecida... Cuida que se gosta muito d'aquellas gaifonas!... Tem feito aquillo com duzia e meia de namoros que lhe tenho conhecido. A mania d'ella é que ninguem comprehende o seu coração. Tres dias antes de algum baile, não come nada, e bebe vinagre para se fazer macilenta, e dar aos olhos aquelle pasmo de coelho morto. Sempre se vêem cousas! Não tem nada de seu, e imaginou que arranjava marido rico e novo com aquellas momices estudadas ao espelho. Como não acha senão poetas pobres que lhe façam côrte, e esses não lhe convem, vira-se para os brazileiros, e diz lá umas trapalhices, que ella sabe, a homens, que veem perguntar a meu pae se ella tem legitima. Cuida a tola que o parvalheira está morrendo por ella! Em elle sa-

bendo a pezeta que alli está, ha de chorar o tempo que tem desperdiçado com ella...

— Tu tens ciumes, Margaridinha....

— Eu! de quê? bem me importa a mim. É que me custa a ver aquella poetiza de agua doce, prompta sempre a metter-se á cara de todo o homem que é rico. Aquillo é uma vergonha para o nosso sexo; pois não é assim?

— Tens razão, menina; eu, se fosse a ti, desenganava-o.

— Tomára eu ter quem lh'o dissesse; mas não queria de mòdo nenhum que se suspeitasse que eu tinha interesse n'isso.

— Queres tu que o Mesquita lh'o diga? Eu já os vi juntos, e não ha nada mais facil... Póde ser que ainda hoje se fallem... Ah! elle acolá está...

A serviçal amiga pediu a um cavalheiro que chamasse o indicado Mesquita, seu conhecido namoro. Fallou-lhe quasi ao ouvido alguns minutos. O submisso emissario partiu, lisongeado da commissão.

Cecilia retirára-se pelo braço da prima, a quem dizia: «Aquelle homem é um anjo: encontrei sobre a terra o meu sonho; amo-o com delirio, com demencia, com frenesi.»

Mesquita sentou-se ao pé de Guilherme, que ficára, apparentemente, absorvido em um dos seus spasmos adquiridos pelo habito do arremêdo.

— Parece que está triste, snr. Amaral...

— Um pouco triste. Em mim é normal esta situação.

— Quem vem de Lisboa, onde todas as damas são physica e moralmente interessantes, deve achar bem fastidiosos os nossos bailes...

— Pelo contrario. Agora mesmo acabo de ouvir uma senhora que tem um systema divino de exprimir-se.

— D. Cecilia Pedrosa?

— Penso que sim; não lhe sei ainda o nome, porém deve ser essa, porque as informações que lhe dou não podem caber a muitas, sem que eu queira menosprezar as outras. É aquella que alli vae de vestido escarlate.

— Justamente. É muito espirituosa; é pena que seja tão leviana.

— Leviana? que é leviana na sua opinião, meu caro senhor?

— É uma mulher, que tem tido trinta namoros; que diz a todos a mesma pagina de um romance, que decorou; que namora hoje um poeta, que lhe chamou Sapho; ámanhã um estupido, que lhe passou duas vezes a cavallo á porta; depois um delegado com esperanças de ser juiz; depois um brazileiro com cincoenta contos, *et cætera, et cætera*, e diz a todos que não foi comprehendida até ao momento em que os encontrou. Todos elles, á excepção do poeta, que é a ostra do sentimento, retiram-se do melhor modo que podem, e ella fica sempre esperando o ultimo com dinheiro, para ser comprehendida. É uma tola excentrica!

Guilherme sorriu-se, e convidou o informador a passearem na sala do fumo. Esperava este alguma expansão do provinciano a respeito de Cecilia; mas o precavido Amaral nem uma palavra aventurou.

Entrava um jornalista, justamente o poeta caudatario de Cecilia. Mesquita, no desempenho de sua melindrosa missão, queria desempenhar-se com destreza. Para justificar a opinião que dera de Cecilia, apresentou a Guilherme o jornalista, e perguntou-lhe:

— Namoras ainda Cecilia?

— Hei de namoral-a toda a minha vida.

— Mas sempre infeliz Othello, atraiçoado sempre!

— Que me importa a mim?! Tu não comprehendes como eu amo aquella mulher.

— Delirantemente.

— Qual delirantemente? É uma especulação litteraria.

— Não entendo; e v. s.ª entende, snr. Amaral?

— Não, senhor.

— Eu lhes digo. O meu amor áquella mulher tem quatro estações em cada anno, e cada estação tem tres mezes. Amo-a em janeiro, fevereiro e março. Cada semana, escrevo-lhe uma poesia palpitante de ternura. No fim de tres mezes são doze poesias. Depois, abril, maio e junho, são para o ciume: escrevo doze poesias enfureci-

das, tetricas, e incisivas como o rugido do chacal, ao qual roubaram a femea. Julho, agosto e setembro, escrevo doze poesias de scepticismo, estylo hybrido, despedaçador, lancinante, caustico, emfim, um *kyrie* de insultos contra as mulheres. Em outubro, novembro e dezembro, escrevo doze poesias de desalento, estylo lamuriante, pieguice brava, um *memento* de fazer chorar as mulheres dos nossos alfaiates, um adeus de Chatterton á vida, uma maldição de Gilbert á sociedade, uma cousa horrivel que eu escrevo sempre depois de jantar, com o pesadêlo de uma digestão laboriosissima. No fim do anno de quarenta e oito semanas, tenho quarenta e oito poesias, que vendo a um editor por cincoenta moedas, o minimo. Comprehenderam-me agora?

Mesquita ria desentoadamente; Guilherme respondeu com um quasi imperceptivel sorrir de desprezo, que o jornalista recebeu como recebia os desdens desprezadores de Cecilia. E proseguiu, voltando, em desforço, as costas ao «parvalheira ignaro e suez», como elle esperava brevemente intitulal-o em uma collecção de quadras chistosas, dignas de Tolentino.

— Agora diz-me tu, Mesquita, se esta mulher não é uma preciosidade! — proseguiu o jornalista — Quando os poetas, á mingua de inspiração, se calam como as cigarras em setembro, eu canto todo o anno, e já vou no terceiro da publicação da minha atormentada existencia. Sem Cecilia, acredita que não fazia um verso, e Cecilia, sem mim, acredita tambem tu que não teria uma quadra séria, nem uma immortalidade tão barata. Ora, é assim que se ama: tudo que não é isto, é ser inferior ao seculo... *Plaudite cives!* temos sandwich e vinho do seculo XVIII. Não se falla mais de mulheres: *cedant arma!*

E encastoou a luneta no olho direito, para medir a profundidade do taboleiro, e a legenda das garrafas.

III

Mesquita já tardava á anciedade de Margarida. As informações obtidas não lhe pacificaram a caprichosa curiosidade. Disse que Guilherme elogiára ardentemente a esperteza de Cecilia. Allegou, como serviço, o episodio do jornalista, do qual não colhera o fruto desejado. Na opinião d'elle informador, Amaral amava Cecilia, fascinado pela verbosidade da *bas-bleu*, escandalosamente empalmada nos romances. Margarida arquejava, disfarçando com o leque o rubor, que lhe não ia mal no rosto, de um branco desbotado. Ergueu-se com a energia de uma resolução irreflectida, e desappareceu entre os grupos, encostada ao braço da sua prestante amiga. Ao passarem de uma sala para a do toucador, viram em outra, menos frequentada, Guilherme do Amaral e Cecilia, de braço dado, e um ar de intelligencia mysteriosa na conversação, como se podessem, sem escandalo, namorados de tres annos, em vespera de noivado, passeiarem assim juntos, sós e intimos!

Margarida, enraivecida por tão serios estimulos, esqueceu-se de afastar da ponta do pé impetuoso a primeira roda de folhos do vestido, e entalou-os de modo que lhe foram na ponta do sapato de setim branco. Assanharam-se as iras. Fugiu-lhe dos labios nacarinos uma exclamação colerica, de tal indecencia, que ninguem ousaria esperal-a d'elles, a não ser a inseparavel amiga, que não tinha nada a estranhar, nem explicações de palavras equivocas a pedir.

Na saleta do toucador estavam senhoras, trocando-se mutuamente os favores do enfeite. Esta, a quem uma spiral de cabellos encaracolados a ferro caíra nas evoluções da polka, faltava-lhe chorar, porque a trança rebelde

não cedia ao afanoso encaracolar dos dedos. Aquella, amarrotada na manga pendida do vestido de rendas, anciava, querendo retirar-se do baile. Aquell'outra, desairada de um hombro, porque o decote do corpete de cambraia lhe fugia da linha artistica da espádua, rogava pragas á Guichard. Faltava Margarida com o seu quinhão de amargura.

Não era, porém, o rasgado fôlho do vestido o que lhe fazia saltar o coração de encontro ás barbas de baleia. Queria-se só com a sua amiga. Passaram, por isso, ao quarto immediato, onde as creadas, de cócoras e ás escuras, espreitavam, rindo sarcasticamente dos infortunios das damas desarvoradas.

Intimou-as para que saíssem, e desafogou a boa alma comprimida, n'estes angelicos queixumes:

— Aquella trapalhona faz-me subir a coca ao nariz! Ha de ouvir-me, ou eu não hei de ser quem sou... Eu farei que ella não torne a pôr o pé em minha casa... És minha amiga, Christina?

— Vem a tempo essa pergunta... Que queres tu? uma carta anonyma?

— Por ora não; o que eu quero é que digas á Cecilia que eu preciso fallar com ella em particular.

— Agora?!

— Sim; pois por que não ha de ser agora?

— E aonde?

— Ahi fóra n'essa saleta. Vaes?

— Vou; ponto é que ella esteja *desengajada* da contradança que vae principiar.

— Depressa.

Christina encontrou Cecilia na mais sentimental das attitudes, suspirando palavras, que Amaral escutava, passando com uma certa displicencia as mãos pelos longos feixes da cabelleira.

Ouvido em meio-segredo o recado, Cecilia, com uma graciosa curva, pediu escusada venia ao provinciano, e entrou na *toilette,* onde se achou sósinha com Margarida.

— Preciso que nos entendamos, Cecilia — disse a filha do barão, atirando com uma perna para cima da outra, máu habito adquirido com o exemplo de sua mãe, que

nunca o podera esquecer dos seus bons tempos de tecedeira.

— Que nos entendamos?! Faz-me rir esse ar de imperiosa formalidade com que me intimas!

— Nada de palavrões; falla como a outra gente; eu não leio nem decóro novellas.

— Peior para ti, menina, que não tens gosto, nem memoria. Ora diz lá, sem te azedáres: que temos de mysterioso, para que nos entendamos melhor do que nos temos entendido até aqui?

— Quero fallar-te a respeito d'esse sujeito, que tu não tens largado esta noite.

— *Que eu não tenho largado!* Acho muito licenciosa a phrase! Eu não agarro ninguem, menina!

— Nada de risotas. É preciso que saibas que tal homem não veio a minha casa para te dar um *rendez-vous*.

— Nem eu quero imaginar que a tua casa tenha servido de *rendez-vous* a alguem. Seria rebaixal-a muito!... Queres tu dizer, Margarida, que o tal sujeito é teu namoro?

— Não sei se é, nem se não é.

— Queres, pois, que eu lh'o pergunte? Não tenho a menor dúvida. As amigas servem para as occasiões.

— Estás a mangar commigo?

— Não estou a zombar comtigo. Isto em mim é ignorancia do fim a que queres chegar.

— Pois a bom entendedor meia palavra basta. Não te faltam namoros antigos. Andam n'essas salas ás duzias; escusas de andar á pesca de homens com as tuas caramunhas romanticas.

— *Á pesca de homens!* Dás-me honras de Cleopatra, que dizem que pescava imperadores romanos...

— Ahi vens tu com a tua sciencia, e a tua sciencia não te vale de nada. Cuidas que os homens ficam a morrer de amores quando te ouvem, e são os primeiros a rir-se.

— Paciencia, menina!, que hei de eu fazer-lhe! Ainda bem que a tua ignorancia os faz chorar de pena...

— Cuidas que o Guilherme te dá grande importancia? Não ha muitas horas que elle esteve a rir-se de ti na sala, onde se fuma, com outros rapazes.

— Ora vejam que máu! Sou ridicula aos olhos d'elle?

— És.

— Pois então que receias da competencia, Margarida? A gente tem ciumes de quem nos prevalece em merecimentos. Eu, pobre mulher, de quem um homem escarnece, poderei ensaiar a estupida vaidade de t'o usurpar?... Não me entendes? Eu me explico de outro modo...

— Não é preciso; eu não sou tão ignorante como tu me fazes. O que te digo é que percas as esperanças...

— De quê? da conquista?

— Sim.

— Estão perdidas, minha querida amiga; mas ainda assim, quero ver morrer a minha illusão com heroismo. Já agora que me picas o amor proprio, hei de ver até que extremo sou victima da zombaria de Guilherme...

— Queres dizer que o namoras? — atalhou a inconsequente calumniadora, batendo com o leque no joelho.

— Quero dizer que me offereço voluntariamente ao sacrificio. Parece que o nosso Páris é melancolico. Sympathiso com elle, desejo-lhe bem, e, se posso ser-lhe um motivo de riso, consigo roubal-o á sua tristeza, e tenho-lhe feito um bom serviço, não achas?

— Acho que és uma grande tola, é o que eu sei.

— Tens razão: sou uma grande tola em te ouvir. Boas noites, Margarida.

— Has de ouvir-me mais duas palavras...

— Só duas? pois sim, mas não me amarrotes os punhos do vestido. A gente não se agarra assim como as mulheres da porta da rua...

Margarida corou, comprehendendo a pungente allusão a sua mãe.

— Eu te prometto que o teu namoro começou em minha casa, e em minha casa ha de acabar.

— E que mais?

— Elle ha de ter muito quem lhe diga o que tu tens sido.

— E que tenho eu sido, Margarida?

— Uma leviana, uma douda.

— Muito agradecida. Mais nada?

— Agora, boas noites.

— Pois sim, boas noites; mas não perderás muito tempo, ouvindo-me tambem duas palavras. Eu tinha a perguntar-te, minha ajuizada menina, quando devo entregar-te um maço de cartas, um cordão de cabello, uma charuteira de massa e um annel de ouro, que certo cavalheiro da provincia remetteu a meu mano, para que te entregasse. Não te perturbes, menina: são fraquezas que reciprocamente nós perdoamos: tens tido os teus accessos de leviandade e doudice: mas isso não diminue o teu merecimento. Os objectos que eu possuo, são cousas que compromettem uma menina, se ella não tem bolsinho proprio para comprar uma charuteira com a bonita pintura de Suzanna no banho, e um annel com um brilhante de algumas moedas; mas, emfim, cousas passadas entre mulheres, não transpiram de nós, que nos protegemos na nossa fraqueza. Queres isto ámanhã?

— Tu pensas que me aterras com todo esse palavriado? Estou na mesma.

— Isso sabia eu, Margarida; tu não te aterras facilmente, nem tens as virtudes da Phedra.

— Da...?

— Era cá uma mulher que dizia, que não era d'aquellas, que vergonhosa paz tendo no crime, sabem ter um rosto que não córa jámais.

— Estás-me insultando?

— Não, menina. Para que ergues assim a voz?

— Posso erguer a voz, que estou em minha casa.

— Mas eu é que não tenho obrigação de ouvir-te...

— Mas tens obrigação de ter vergonha.

— E tenho-a mais mortificadora dó que tu.

— Do que eu?

— Olha que vamos descendo ao nivel das regateiras... Adeus.

A melhor parte do dialogo fora ouvido não só pelas creadas, vizinhas da saleta, mas por um rancho de senhoras, que pararam perplexas, quando entravam.

Cecilia chamou seu pae, que jogava o boston, e saíu pelo braço de um cavalheiro, encarregado das honras do baile.

Passando por Guilherme, que fumava no corredor da saída, parou, desligou-se do conductor, e disse-lhe a meia voz:

— Se me escarneceu, fez mal; que eu não lhe merecia o escarneo; se o calumniam, não lhe digo que se justifique, porque o tempo ha de justifical-o. Boas noites.

Amaral pasmou, e emmudeceu; depois saíu.

Um quarto de hora passado, sabiam todos os homens e mulheres a descompostura que as duas damas se dêram, por causa do «parvalheira melancolico».

O jornalista tirava apontamentos para uma satyra, que fez as delicias da maledicencia, e quasi o expulsou dos bailes do barão. Este, sabedor da «pouca vergonha», como elle classicamente denominava o successo, deu ao diabo os bailes e as mulheres. Margarida retirou-se, incommodada, para o seu quarto, ás tres horas da manhã. Ás cinco, finalmente, disseram os jornaes que todos os hospedes se retiraram penhorados das attenções dos donos da casa. Mentiram descaradamente. Cecilia não tinha razões para ir penhorada das ditas attenções.

O caso é que o «melancolico parvalheira» recebeu n'essa noite o diploma de leão. Até as velhas disseram que o queriam conhecer; mas já era tarde... em relação a ellas, e em relação ao movimento do planeta.

IV

Os dois ultimos capitulos, que já lá vão a grande aprazimento do leitor, e, mais ainda, da leitora, são uma excrescencia n'este romance: dispensavam-se bem, se eu não quizesse historiar o miseravel processo, de que resultou a magnifica e estrondosa nomeada de Guilherme do Amaral.

Quão diversas de Lisboa as cousas lhe corriam aqui! Nem de rastos o expulso pelo escarneo da capital pagará as obrigações que deve áquelle bom homem, que lhe ensinou um novo systema de vida.

Se quereis saber no que ficaram as desavenças de Margarida e Cecilia, lêde as quatro paginas seguintes; se vos não importa, passae-as em claro, e achareis adiante descripções rasgadas, arrojos de genios, cousas, emfim, que não saberieis nunca se eu vol-as não dissesse, ingratos!

Guilherme do Amaral, pagando a visita ao irmão de Cecilia, pediu explicação do intrincado problema em que ella o deixára. A reflectida dama deu-se uns ares de martyr, contando com maviosas lagrimas parte do dialogo com sua imaginaria rival. Guilherme, que já sabia parte do escandalo, fez-se imbecil, não atinando com o pômo da discordia. Esta ficção melodramatica não agradou a Cecilia. Queria-o mais explicito, ou ao menos ouvir-lhe uma phrase honestamente romantica, que se parecesse com uma declaração. Amaral não se decidia por uma nem pela outra. Cecilia aventurou uma pergunta peremptoria:

—Qual de nós lhe é indifferente, snr. Amaral?

—Nenhuma, minha senhora.

—Ama a ambas?

—Não amo alguma... Respeito-as ambas; mas não

posso, como Promotheu, roubar do céo o fogo que incendeia o coração sem vida, êrmo e tenebroso como a eterna noite do tumulo.

— Essa linguagem...

— Não é nova para v. exc.ª Já me defini. Aproximamo-nos pelo infortunio, não nos poderemos vincular pela felicidade. Quando se offereça occasião, muito a meu pezar, será esta a linguagem persuasiva que empregarei com a snr.ª D. Margarida, com todas as senhoras, que tiverem a piedade esteril de tocarem na mortalha de um cadaver. Eu sou o symbolo da desesperança sobre a terra. A Jericó, promettida ao proscripto expulso de Israel, não sorrirá aos meus olhos ávidos. Morrerei, como Jersey, chamando a mulher phantastica das minhas dolorosas visões.

Que valentia de estylo! que sinzel de mestre aos arabescos d'esta frandulage! que roldana tão certeira no polimento d'esta elocução de bilros!

E Cecilia gostava muito d'isto: foi isto o que a decidiu. Se até alli as suas paixões eram brincadeiras, ou artificios de habilidosa especulação, a cousa agora era séria. Umas mulheres vence-as a gentileza, outras a valentia, outras o talento, outras o dinheiro, outras a estupidez, outras a bondade. Cecilia venceu-a o estylo.

Repudiada cortezmente, de dia para dia, augmentava-se-lhe a pallidez natural, entristecia-se, definhava-se, ermava, consultava as estrellas, ouvia suspirosa, alta noite, o monótono murmurar da fonte vizinha, e lia de preferencia Antony, Jocelin, Raphael, e Amaury. Deu cuidados á sua familia, e tomou leites de jumenta com aguas de *Entre-ambos-os-rios*. Com tres mezes d'este bem indicado tratamento, e banhos do mar, restabeleceu-se, isto emquanto ao corpo. A alma, porém, segundo dizem os ideologos, é um ente muito mais melindroso nas suas enfermidades.

A alma de D. Cecilia entrou em próspera convalescença, logo que um cavalheiro do Porto, chegado de uma longa viagem, se declarou cansado da vida, enojado da sociedade, e capaz de se applicar um tonico de acido prussico. Graças ao estylo com que estas cousas eram

ditas, a illustre enferma entendeu que era aquelle o homem dos seus sonhos, de que resultou sonhar-lhe nos braços, mas honestamente, porque toda e qualquer senhora póde sonhar nos braços de seu marido.

Tenho a satisfação de annunciar que foram felizes uma eternidade de oito dias. Actualmente não se entendem, e continuam ambos a sonhar, cada um em sua casa, com visões encantadoras, que se vão realisando todos os dias, menos pavorosas que as de Macbeth...

Agora, D. Margarida. Esta fez todos os momos imaginaveis para fazer-se entender de Amaral, no jantar do seu anniversario. O provinciano, porém, tinha o desplante de encaral-a com a mais stoica indifferença, por duas frivolas razões: primeira, porque era espadaúda, campezina, carnosa de feições, com ameaças de obesidade, e comia muito. Segunda, porque era ingenuamente estupida.

Não é o mel para a bôca dos Amaraes. Nem elle soube comprehender esta mulher, nem, depois d'elle, veio outro que a divinizasse como ella merece. Como quer que seja; Margarida teve o bom senso de não apaixonar-se. Tiraram-a d'isso as suas amigas, e parece que uma carruagem, e um camarote de assignatura no theatro lyrico, concorreram muito para o evacuamento de uma hydropisia de amor, que ameaçou vinte e quatro horas a sua existencia preciosa. D. Margarida está ainda solteira, realisando os propheticos receios de Guilherme: engordou, fez-se vermelha, e não inveja os braços proverbiaes de Julia Grisi. Vê-se no theatro, comendo rebuçados, rindo desentoadamente, pendurando-se no parapeito do camarote, como sua mãe, outr'ora, sobre o tear, e persistindo na constancia de dizer muita parvoice a respeito de qualquer cousa. É uma senhora verdadeiramente feliz com os seus trinta annos.

Agora, comecemos pelo principio. Um homem de mediocre esperteza, estreiando-se brilhantemente como Guilherme do Amaral, não dava de mão a duas aventuras lisongeiras, que vinham roubal-o á obscuridade.

Quem quer que fosse esse homem, praticava uma necedade, que viria a custar-lhe cara. Cecilia e Margarida eram mulheres que davam reputação; mas não estavam

no caso de servirem a immoralidade de um conquistador. Casar com qualquer das duas não era gloria para o provinciano. Seduzil-as como quem seduz uma mulher do povo, era um compromettimento muito grave, uma deshonra, que lhe importaria o odio, a vingança, e, pelo menos, a fuga, deixando um rasto de infamia.

Amaral era um modelo de bom juizo, desde que desfivelou a mascara que os lisboetas lhe apuparam.

Não eram aquellas as mulheres que lhe convinham. O prestigio, que ellas lhe davam, aproveitou-o sem deshonestar-se. Fez-se conhecido, celebrisou-se, estremou-se do lixo vulgar: era isso o que elle queria. Collocára-se em um ponto da escala d'onde tinha de descer. Desceu, sem risco de fracturar uma perna. Achou onde nutrir a alma de Epicuro, conservando livre para a chimera a alma de Platão. Houve-se de modo que ninguem lhe pediu contas, porque os que deviam saldal-as, tinham-se remido da dívida muitos annos antes... E, por isso, se andava mal com Deus, não acontecia o mesmo com as mulheres e com os homens. Era bemquisto, piedosamente consolado nas suas tristezas, imitado (mas só na parte moral) por muitos, e recebido ao pé das senhoras, que sabem o que dizem e o que fazem, com certa confiança de que elle não abusava diante de gente. Isto é verdade.

E assim viveu um anno, sem pisar um callo á moralidade publica, matrona respeitavel, que respeita muito pouca gente, e nunca teve pecha que pôr no caracter immaculado do seu benjamin.

E assim correu vagaroso um anno.

Guilherme aborreceu-se, e planisou uma viagem. Aborreceu-se, porque as fézes do prazer são a saciedade, e o verdadeiro prazer não o conhecera elle. O gôso era-lhe facil; mas o gôso de um dia é a vespera do enojo; é a golodice do mel, que vem do estomago encruado ao paladar em hálito azedo. Não encontrou, entre tantas, uma amiga; e quem não conheceu a mulher amiga, põe a mão sobre o coração, e não encontra ahi a flor, que se rega nas lagrimas, quer de alegria, quer de reciproca tristeza.

Amar é um sentimento profanado por aquella palavra vulgarissima. Amaral não amára ninguem. Valido da impostura habil, venceu resistencias froixas; as vencidas, porém, caíam como as nymphas de Camões, na ilha dos Amores: *deixavam-se ir dos galgos apanhando.*

Se, abandonadas, faziam tregeitos de damas doloridas, isso era o ciume, o pudor retardado, o fastio, que se demorava n'ellas mais do que n'elle, ou o habito de ninguem se conformar com a sorte decretada em cima. Nunca elle viu o que são lagrimas de mulher abandonada, quando mais de rastos se humilha aos caprichos do homem, que faz o salto da fuga com o pé sobre o coração da que fica para calar a vergonha, e morrer n'essa lucta desigual. O que elle viu foi aquillo por onde devia terminar a sua carreira de homem apostado a tirar, segundo as circumstancias, uma vantagem real dos desejos nobres, outra da impostura, e a derradeira do cynismo. Começára a colher flores nas lagôas pontinas: saíu inficionado.

O sangue, que lhe vinha do coração nobre aos pulmões viciados de podridão, corrompera-se. O coração deu-lhe um abalo, quando se viu pobre das sensações intimas, que vão entalhar uma acção nobre, uma imagem santa, uma data gloriosa na consciencia. Entristeceu-se. O que d'antes era artificio, dava-o a natureza demudada agora.

Foi por isso, que Amaral resolveu uma viagem de alguns annos.

I

Era em uma noite, vinte e oito de junho de 1845, vespera do milagroso apostolo S. Pedro.

Sabeis como, n'esta religiosissima cidade do Porto, se festejam todos os santos da côrte celestial, e particularmente Santo Antonio, S. João e S. Pedro. Este, mais prestante que todos, pela importante missão de claviculario da bemaventurança, gloria-se de ser festejado annualmente na cidade da Virgem com uma porção fabulosa de estoiros, um inferno indescriptivel de fogueiras, e o consumo sobrenatural de pipas de vinho, fritadas de linguiça, postas de pescada, e bebedeiras sem cifra conhecida no Bezout.

S. Pedro de Miragaya é, incontestavelmente, de todos os Pedros santos o mais querido. Aquelle espaçoso areal não basta para os jôrros de povo, que affluem das ruas sobranceiras. Surgem, como por magia, as fileiras de lampadas variegadas; os mastros de palha e alcatrão, que fedem e abrazam; as orchestras militares, que consomem metade do tempo vozeando nas trompas estridulosas, e outra metade nas libações homericas, fornecidas pela liberalidade dos mordomos; as tendas, gratas á gastronomia suja da farrapagem, que as atulha, dando vivas ao santo, e praguejando obscenidades e insolencias contra a taverneira tardia no ministrar da meia-canada por cabeça; finalmente, o areal de Miragaya á um mixto de todas as regalias que enthusiasmam o populacho, azando-lhe occasião para que n'aquellas caras sobresaiam todas as linhas grutescas de uma alegria estupida.

No longo quarteirão de casas, que se estende ao longo do arraial, vereis n'essa noite caras supportaveis, que o reflexo meio phantastico da illuminação vos afigura bel-

las. Vereis outras, realmente bellas, collocando-se de modo que a projecção tibia da luz as favoreça, na exposição nocturna, aclarando-as aos olhos do paciente amador, que passeia em baixo, sorvendo pelos pés a humidade da areia.

Entre estes, na mencionada noite, podieis ter visto Guilherme do Amaral, só, com os olhos mergulhados além nas trevas do rio Douro, absorto, recolhido n'esse escondrijo de tristeza, que o homem de algum senso intimo leva comsigo a toda a parte. Como elle, ajuizado desprezador d'esses jubilos boçaes, viera ter a Miragaya, não o saberia dizer. Achava-se ahi, sem saber ao que viera, e sentia não ter azas de cherubim ou de hyppogripho para transportar-se ao deserto da Libia, ou pelo menos ao seu quarto da *Aguia d'Ouro.*

N'este pensamento, cuja impossibilidade o incommodava, caminhou pela primeira travessa escura e despovoada que se lhe offereceu. Atravessou um bêco de aspecto pavoroso e nojento trilho: desembocou em uma rua, que o conduziu a outra, na direcção opposta da *Aguia d'Ouro,* para onde queria caminhar.

Achou-se bem, apesar do fétido nauseento que ressumava das fisgas das portas. Não via ninguem, ninguem o via, nem o mais ligeiro sussurro: era caminhar na escavação de uma rua de Pompeia, pela vista, e no aqueducto de despejos de uma cidade, pelo cheiro. O romanesco tem seus caprichos sordidos. Amaral não trocava aquella atmosphera enjoativa por os perfumes de nardo e rosas do toucador de alguma das suas numerosas admiradoras.

No extremo d'essa rua parou, suspenso pelos gritos de quem chorava não longe d'elle. Avizinhou-se de uma porta, e observou que os gemidos saíam de uma casa terrea. Distinguiu estas palavras:

— Minha mãe, minha querida mãesinha do meu coração!

Encostou-se ao batente da porta. Ouvia sempre a mesma exclamação, não respondida por alguma outra.

Bateu com o cabo do chicotinho tres vezes na porta. Foi-lhe immediatamente aberta; mas a pessoa que abrira

a porta recuou, surprendida, em ar de fechar-lh'a na cara.

—Não tenha mêdo, menina—disse cortezmente Guilherme, sustendo com a mão a porta.

—Cuidei que era meu primo...—replicou trémula a mocinha.

—Ouvi gritar e julguei que podia fazer algum serviço á pessoa que chorava tanto.

—Era eu...

—Pois que tem, menina?

—Minha mãesinha, que morreu agora de repente!

—Sim? talvez seja algum ataque de apoplexia... Se me dá licença, eu entro para examinal-a.

—Faz favor de entrar. Deus nosso Senhor o ouça... Se v. s.ª fosse cirurgião...

—Não sou cirurgião; mas, se ella estiver viva, darei as providencias para que não morra sem os ultimos recursos.

Amaral atravessára um quadrado de vinte palmos, pouco mais ou menos, dividido de outro por uma esteira de enfardar costaes, em fórma de biombo. Era ahi dentro que, sobre um leito de páu-cerdeira, limpamente enroupado, com sua coberta de chita escarlate, jazia, com a face para baixo, e o corpo inclinado para o soalho, uma mulher. Guilherme sondou-lhe o pulso e a testa: voltou-a de rosto, ergueu-a ao alto, e sentiu-a hirta, gélida e inteiriçada.

—Que me diz, meu senhor?—exclamou a filha, erguendo as mãos.

—Digo-lhe que está morta, e sinto que tenha morrido uma mãe, que merece tão sentidas lagrimas a sua filha. Menina, olhe que a dor do coração não se allivia gritando: bastam as lagrimas. Agora o que importa é tratar de enterrar sua mãe. Ora diga-me: vossemecê é sósinha? Não tem pae nem irmãos?

—Não, senhor: tenho um primo, que é fabricante, e vem por aqui algumas vezes: mas logo hoje anda no arraial de S. Pedro, e eu não tenho por quem o mande chamar.

—Que lhe queria a menina ao seu primo?

— Queria ver como ha de ser isto: tenho mêdo de aqui ficar sósinha; não sei o que hei de fazer... Tenho mêdo de endoudecer...

— Pois não ha de endoudecer, menina; tudo se faz do melhor modo que é possivel. Vossemecê não tem nenhuma vizinha que a receba em casa?

— Tenho, sim, senhor; mas foi para o arraial fritar peixe.

— Como se chama ella?

— Chama-se a tia Anna do Moiro.

— Espere um pouco, tenha paciencia, não se assuste; e feche a sua porta, que eu vou chamal-a.

— O senhor é mandado por Deus... mas ella não deixa o arraial para vir cá.

— Ha de deixar...

Guilherme saíu vivamente impressionado. Era um quadro novo, uma excitação de sentimentos que vibravam pela primeira vez. Os olhos da alma iam-lhe todos preoccupados no lance angustioso de uma filha, abraçada ao cadaver de sua mãe, seu arrimo partido em um instante, olhando em redor, para contemplar-se ouvida pelo silencio do desamparo. Se, todavia, podesse abstrahir os olhos do espirito d'aquella scena e fixar os do rosto na filha d'essa mulher morta, teria visto uma linda rapariga.

A passo rapido chegou a Miragaya, e perguntou a uma taverneira, se conhecia a snr.ª Anna do Moiro.

— É aquella que acolá está dando um prato de peixe áquelle senhor de chapéo branco.

Amaral, quando a peixeira lhe perguntou se queria pescada ou sôlha, respondeu:

— Vossemecê ha de conhecer umas suas vizinhas, que são mãe e filha...

— A tia Rosa carpinteira?

— Não sei se é essa; é uma que tem um primo fabricante.

— Primo não, sobrinho; primo vem elle a ser da prima, isto é, da filha da tia Rosa, que se chama Augusta.

— Pois então é isso; vinha eu dizer-lhe que a tia Rosa morreu agora de repente.

— Morreu?! Ora essa! Que me diz o senhor? Pobre mulher!

— O que eu queria era que vossemecê fosse fazer companhia á filha em sua casa.

— Ia, ia, assim me Deus salve... Mas não posso deixar cá o meu arranjo!...

— Eu ainda lhe não disse tudo. Entregue vossemecê o seu arranjo a alguem, que eu dou-lhe meia moeda.

— Dá?! olhe lá o que diz!...

— Eu sei o que digo; receba-a já, aqui tem cinco pintos, e venha commigo.

A philanthropica Anna do Moiro, espantada com semelhante caso, entregou á filha a direcção do fogareiro em que rugia a sartã, e seguiu Guilherme.

— Eu vou admirada com isto! É a primeira vez que vejo ao senhor! V. s.ª, ainda que eu seja confiada, costumava ir a casa da tia Rosa, Deus lhe falle n'alma?

— Não, senhora. Foi hoje a primeira vez...

— Sempre ha cousas! e como v. s.ª dá este dinheiro sem mais nem hontem! Aqui ha cousa, e se houver, oxalá a raparigulnha, a ter de ser má, caia em mãos de quem lhe saiba dar o merecimento.

— Vossemecê está enganada; eu não me importa saber os merecimentos da rapariguinha.

— Não que isto é um modo de fallar. Cada qual lá se entende, como o outro que diz... Ora a pobre tia Rosa! ainda hoje esteve a cantar á porta, e parecia estar para muito... A gente anda n'este mundo bem enganada!

— Que modo de vida era o d'ella?

— Vivia pobre; mas era muito arranjadinha. Ella dobava seda, e a filha faz alças de homem a quatro vintens a duzia. O pae era carpinteiro, e levava muito bem a sua vida; mas já lá está no reino da verdade. O que lhe valia a ellas era não pagarem renda: a casinha é d'ellas: mas agora, se não tiver quem lhe dê algum arranjo, a rapariga vende a casa.

— A rua é esta? — perguntou Guilherme.

— É, sim, senhor. Bem se vê que v. s.ª não anda afeito a estes bêcos.

— Como se chama esta rua?

— É a rua dos Armenios. Vivo aqui ha perto de cincoenta annos, e já aqui viveu meu pae, Deus lhe perdôe, que era barqueiro, e chamava-se Antonio, por alcunha o *Moiro*. Não o conheci; mas isso é que era um homem! Teve uma rixa com os francezes, má raios os partam, matou dois á navalhada, mas por fim tambem o mataram... É aqui...

Guilherme do Amaral não prestava a menor attenção ás desventuras genealogicas da peixeira, procurando do lado direito a casa da mulher morta.

Bateram, e entraram. A filha do antigo assassino do fidalgo da Bandeirinha, entendeu que era da tarifa carpir sobre o cadaver da sua vizinha, e fez que choramigava, abraçada a Augusta, com o mais estupido fingimento.

— Deixem-se agora de choradeiras — disse Amaral. — A menina vae para casa da sua vizinha. De manhã mandem dizer ao parocho que morreu esta mulher. Não sei se a menina precisa de dinheiro: mas acho que sim. Aqui lhe deixo com que possa supprir as suas precisões, e sinto não poder consolal-a da perda de sua mãe. Tenha paciencia, menina. Este golpe soffri-o eu já, e sei que se não cura senão com o tempo. Ande, vá com a snr.ª Anna. Eu ámanhã virei, ou mandarei saber se precisa de alguma cousa.

— Mas eu queria saber a quem devo tantas esmolas... — disse ella, soluçando.

— De que lhe servia saber quem eu sou? Nem a menina me conhece, nem que me conhecesse estava em melhor situação para agradecer-me.

— Eu poderei pagar-lhe com o meu trabalho, se Deus me der vida e saude.

— Pois converta o trabalho em bem seu. Adeus.

Amaral saíra, experimentando os gôsos da consciencia, esses momentos unicos em que o homem se conhece abrazado de uma faisca divina, esse galardão obscuro, intimo, todo do coração, que só a caridade nos dá.

A vizinha foi a primeira, na ausencia de Amaral, a tocar no dinheiro.

— Ui! — exclamou ella, quando o viu, antes de tocal-o.

— Que é? — perguntou Augusta.

— Duas peças!

— Valha-me Deus!... — disse a orphã, pendendo a cabeça para o seio — tudo isto me parece um sonho... Será aquelle senhor um como ha tantos casos de mandados de Deus!

— Será, será, o diabo o jure! — disse a filha do Moiro, associando o testemunho do diabo á obra de Deus — Arrecada esse dinheiro, que tens para um pouco de tempo, rapariga. Eu se fosse a ti, comprava um cordãosinho, que é dinheiro que tens na gaveta, depois de pagar algumas dívidas de tua mãe.

— Minha mãe, graças a Deus, só devia a vossemecê dezoito vintens.

— Ainda bem! não sabes quanto me consola cá por dentro não teres outras dívidas a pagar...

— O que eu vou fazer d'este dinheirinho é mandar dizer missas por alma d'ella.

— Deixa-te d'isso. Tua mãe era uma devota do senhor S. Pedro, que é ámanhã o seu dia, e há de abrir-lhe as portinhas do céo... Deixemos aqui uma candeia cheia de azeite, e vamos para minha casa. Anda d'ahi.

Augusta regou de lagrimas a face de sua mãe. Abraçou-a, beijou-a, chamou-a ainda como quem espera um milagre, allucinada a imaginação com a crença do enviado de Deus. O cadaver, porém, não estremecia entre os braços convulsos da credula moça.

Fecharam a porta, e saíram.

Emquanto Augusta chorava inconsolavel em casa da vizinha, a previdente peixeira cansava a imaginação na descoberta do melhor emprego ás duas peças.

VI

Dois dias depois, Guilherme do Amaral foi á rua dos Armenios, com a intenção de estudar de dia a supposta miseria d'aquella casa, que não podera ver á luz mortiça da candeia, e mais ainda para cumprir a promessa que fizera de soccorrer mais algumas necessidades da orphã. Não ha intenções mais puras!

Era meio dia; estava fechada a porta, e aberta apenas uma fresta da pequena e unica janella ao réz da rua. Guilherme parou defronte. Augusta viu-o, e correu a abrir-lhe a porta, como a um parente, ou a pessoa anciosamente esperada.

—Faz favor de entrar?—disse ella, córando—A casa não é propria; mas...

—Todas as casas são boas, quando vive n'ellas o contentamento, ou a esperança de gosal-o um dia. Como está, Augusta?

—Obrigada a v. s.ª; eu hontem passei o dia na cama, e levantei-me agora, porque me dizia o coração que v. s.ª viria.

—Pois dizia-lhe o coração que eu viria aqui?

Augusta abaixou os olhos, e sorriu-se de um modo que tornava mais sensivel o pejo.

—Por que se não senta?—disse Amaral, disfarçando.

—Estou bem, meu senhor.

—Sente-se, Augusta: sou eu que peço ou que mando.

Augusta sentou-se, levantando os olhos a mêdo para o que já lhe não parecia um enviado de mandados superiores.

—Que tenciona fazer?—proseguiu o hospede, reparando na rara belleza d'aquella obscura mulher.

—Eu, senhor?

—Sim: tenciona viver sósinha, sem parentes...

— Eu não tenho senão um primo, que tambem é orphão; mas cada qual vive em sua casa.

— Já sei que o seu modo de vida é fazer alças.

— É, sim, meu senhor. Foi a tia Anna que lh'o disse?

— Foi. Quanto ganha por dia n'esse trabalho?

— Fazendo serão, ganho tres vintens.

— E vive com isso?

— Até aqui vivia, porque minha mãe ganhava quatro vintens a dobar seda: d'aqui em diante será o que Deus quizer.

— Mas isso não lhe chega... A menina se tivesse uma casa onde podesse servir como creada de sala, levava muito melhor a sua vida.

— Não duvido que sim; mas eu quero viver e morrer onde viveu e morreu minha mãe e meu pae, que Deus tenha na sua santa gloria. Diz-me o coração, que se eu saír da minha casinha, hei de ser desgraçada. Conheço muitas raparigas, que foram servir, e poucas deram boa saída. Quasi todas andam por ahi, hoje em uma casa, e ámanhã em outra, e, quando Deus quer, mais pobres e infelizes do que saíram da sua miseria atraz dos ganhos.

— Uma das cousas que me admiram, não é tanto o seu bom juizo, como a menina estar ainda solteira. Quantos annos tem?

— Vinte, meu senhor.

— E não tem querido casar-se?

Augusta fez-se da côr da cereja, e não respondeu.

— Não tem de que envergonhar-se — tornou Guilherme, empenhando-se na conversa com vivo interesse, a que o coração... ou a phantasia já não era estranha. — Eu não quero ser seu confessor; isto foi uma pergunta que não deve magoal-a.

— V. s.ª não me magoou; mas... não sei se a gente deve dizer tudo o que sente.

— Pelo menos aquillo que nos não envergonha póde dizer-se a toda a gente; e o que nos envergonha, ou se não diz, ou se diz a um confessor.

— Eu não tenho querido casar com o rapaz que me quer, ha mais de quatro annos.

— É algum official de officio? desculpe-me a liberdade com que pretendo saber os seus segredos.

— É fabricante.

— Talvez o seu primo, em quem me fallou já...

— Foi alguem que lh'o disse?

— Nada, não, menina: botei-me a adivinhar. Gosta d'elle?

— Gósto d'elle; mas não quero casar; queria que elle fosse meu amigo, que olhasse por mim como sua prima, e mais nada.

— Não lhe tem amor, é o que quer dizer...

O dialogo foi interrompido por passos, que subiam os degráus da escada.

— Posso entrar, Augusta? — disse uma voz.

— É meu primo — disse ella, sobresaltada.

— Diga-lhe que entre... pois por que se assusta?

— Entra, Francisco... — disse a moça com receio.

O fabricante, vendo o estranho hospede de sua prima, levou a mão ao bonet, e fez menção de retirar-se.

— Venha cá, snr. Francisco... — disse familiarmente Guilherme — Aqui não ha nada que o faça saír.

— Este senhor — disse a descórada Augusta — é aquella pessoa que eu te disse, Francisco...

— Ah! já sei... Tu dizias que era uma alma vinda do céo, e eu sempre acreditei que era pessoa d'este mundo... — disse o artista com boçal desembaraço, mas tambem com graça.

— E muito d'este mundo, snr. Francisco; mas quem devia aqui estar, quando morreu sua tia, era vossemecê. Quem tem uma prima solteira não a deixa pelas patuscadas do arraial.

— Aconteceu ir espairecer até lá n'essa noite; mas emfim, a vontade de Deus foi levar minha tia, e quem cá ficar não se deve matar..

Augusta fez uma visagem de aborrecida a esta resposta disparatada. Amaral comprehendeu-a, e julgou descobrir n'aquella mulher uma cousa especial, um instincto não vulgar, reprimido pelas circumstancias. Esvoaçou-lhe por lá um pensamento, que o fez reflectir alguns segundos, emquanto o fabricante dizia a sua prima

o logar em que, pouco mais ou menos, sua mãe fora sepultada, e o padre a quem encommendára cincoenta missas por alma d'ella.

—Mandou dizer cincoenta missas por alma de sua mãe?—interrompeu Amaral.

—Mandei, sim, meu senhor, do dinheiro que v. s.ª me deixou, e ainda tenho muito com que possa mandar dizer algumas por alma de meu pae...

—É boa maneira de gastar o dinheiro...—disse o fabricante ironicamente.

—Eu acho que é bem empregado o dinheiro que nos serve de suavisar a saudade, desempenhando a obrigação em que os vivos ficam para com as pessoas que nos morreram. Fez a menina muito bem.

Augusta abaixou a cabeça com certo ar de intelligencia. Francisco abrira a bôca ao arrazoado de Guilherme, signal significativo de que o não entendera.

E, voltando-se para elle, Amaral continuou:

—Então vossemecê é fabricante?

—Sim, senhor. Trabalho em Lordello nos teares, ha cinco annos.

—Quanto lhe fica por dia?

—Dois tostões; pouco é.

—E hoje deixou o trabalho?

—Não, senhor. Temos hora e meia de sésta no verão, e eu venho sempre ver minha prima.

—Deve ser muito amigo d'ella, e ajudal-a a viver com as suas posses.

—Isso é que ella não quer... Já quiz mandar vir dispensa para nos casarmos, e ella não diz que não, mas tambem não diz que sim.

—Mas um primo para ser bom a sua prima não precisa de ser seu marido.

—É o que eu lhe tenho dito...—atalhou Augusta com satisfação, vaidosa de ter já dito o que era repetido agora por Amaral.

—Eu não duvido,—replicou o fabricante—mas como casados era outra cousa: assim não podemos viver juntos...

—Podemos, podemos...—interrompeu Augusta.

— Este senhor que diga se uma rapariga como tu póde viver com um rapaz sem dar que fallar.

Amaral sorriu ao requerimento imbecil do seu testemunho, e respondeu:

— Eu acho que póde...

— Mas... — tornou elle — onde ha lume logo fumega. Eu tenho-lhe amor de raiz ha quatro annos, perto de cinco, e se ella estivesse commigo, e viesse algum conversado fallar-lhe namoro, não sei o que seria, dava por páus e por pedras, e as más linguas haviam de dizer que eu tinha má vida com minha prima.

— Se tu te calasses, fazias bem melhor... — disse Augusta muito envergonhada, e com um gesto natural de aborrecimentó, que agradou muito a Guilherme; porque nem as estudiosas mulheres da sala exprimiriam melhor um nojo fingido.

— Isto que eu digo não tira nem põe: foi a respeito de dizer este senhor, que te ajudasse a viver.

— Mas vossemecê póde ser-lhe util, sem viver de companhia com ella; poupar uma quarta parte do seu salario, que, junto ao de sua prima, chegaria para ella se sustentar; e, quando lhe apparecesse um casamento proveitoso, deixal-a casar, visto que ella não quer ser sua mulher. O casamento quer-se feito livremente.

Francisco amuára, escovando a copa do bonet com a mão. Augusta fixára em Amaral os seus negros olhos, humidos de lagrimas de reconhecimento, e ao mesmo tempo captivos d'aquelle pasmo de fascinação, que a mulher innocente não sabe esconder com o leque, ou neutralisar com o sorriso desdenhoso.

Amaral não precisava ser tão penetrante como era para espionar a secreta inquietação da prima do artista. Uma mulher deve ter sido enganada dez vezes para saber enganar um homem de mediocre esperteza; e Augusta não soffrera nunca uma só das decepções, que habilitam a impostura, envenenando a ingenuidade. Os labios, se fallassem, poderiam mentir, porque o pudor tem disfarces; mas, silenciosos, não. O que mais a denunciava eram os olhos, onde o alvoroço intimo, o fogo subito, que a queimava dentro, se reflectia em brilhos de uma alegria

espontanea, em languidez de pejo, que reage entre as expansões indiscretas da candura.

Amaral cedia, n'este momento, ao orgulho, e perguntava-se se não era aquella a sua primeira conquista gloriosa. Seria facil em demasia, crendo-se amado? Não era, não. Só cabe aos tolos a convicção de que despedem torrentes magneticas dos olhos, prostrando com ellas as victimas, que os recebem. Bem é que a irrisão os moleste, para que elles não sejam, sobre a terra, a unica especie perfeitamente feliz. Ora, Guilherme do Amaral não era d'aquelle grande numero, de que faz menção a sagrada escriptura; poderia, pelo contrario e sem lisonja, reputar-se um genio, o Bentham da *Deontologia* do coração, o Herschel das mais apuradas lentes, para da grande distancia, que vae dos olhos ao coração da mulher, ler tudo o que lá dentro se esconde a ellas mesmas.

Por divertir a conversação de um assumpto, em que não era honesto fazel-a durar, Guilherme, olhando em redor de si, disse com benigno sorriso:

— Quem vê esta casa de fóra não imagina como ella está asseiada, fresca, e encantadora por dentro.

— Casa de pobres — atalhou Augusta, recebendo o reparo com modestia, mas gloriando-se de merecel-o.

— Casa de pobres, — tornou Guilherme — mas de pobres que não devem invejar o luxo dos ricos salões, onde o descontentamento e muitas vezes a vergonha é a alfaia negra no meio d'esse brilho.

Amaral fallava n'esta occasião para si. Augusta adivinhára a idéa, sem conhecer a phrase. Francisco não entendeu phrase nem idéa.

— Minha mãe — disse a costureira — era muito amiga do asseio. Este panninho vermelho, que enfeita a commoda, custou muito barato; eu é que fiz a franja branca, que lhe dá graça. Estas cadeiras fel-as meu pae, que era carpinteiro, e todos estes moveis foram arranjados por elle. Tinhamos alli, onde estão as esteiras, um tabique; mas haverá um anno que elle caíu, e nunca o podémos mandar erguer.

— Esta casa — perguntou Guilherme — não teve por cima outro sobrado? O tecto dá idéa d'isso por ser liso...

— Já teve, mas houve aqui um fogo que queimou o andar de cima.

— Desde que a menina aqui está?

— Não, meu senhor, eu lhe conto o que meu pae contava. No tempo dos francezes morava aqui um homem com fama de muito rico. Quando elles entraram no Porto, como v. s.ª ha de ter ouvido dizer, muita gente afogou-se na ponte, que por signal lá está o painel das alminhas. O homem que morava aqui, foi um dos que se afogaram, ou então mataram-o os francezes, porque nunca mais appareceu. Como elle tinha fama de ser rico, entraram aqui dentro os francezes, mas dizia meu pae que eram portuguezes...

— E até o principal — interrompeu o fabricante — acho que era um barqueiro, pae d'aquella Anna, que v. s.ª foi buscar ao arraial.

— Seria; mas a gente não deve fazer carga á sua alma com uma cousa que se não sabe ao certo — atalhou Augusta. — Fosse quem fosse, o caso é que os ladrões não achando nada, desesperaram-se e botaram fogo ao enxergão. Quando acudiu gente já não poderam valer ao andar que tinha a casa; ardeu todo, menos o sobrado. Passado muito tempo, meu pae, que morava d'aqui perto, tratou de saber quem eram os herdeiros de tal homem, e comprou muito barata esta casinha, com tenção de compor este baixo, porque não tinha dinheiro para levantal-a como ella era. Botou ao chão as paredes do andar de cima, e solhou esta loja, que era terrea, e abriu aquella janella, porque era muito escura. Aqui nasci, e sempre que pude, desde pequena, arranjava papel de côres para tapar a caliça da parede, que é já muito velha.

— E deve ter soberba da sua bonita casa, Augusta — disse Amaral, erguendo-se. — Eu estou sendo aqui de mais, e por isso retiro-me.

— Já?! — perguntou ella com innocente familiaridade.

— Não quero estorvar seu primo de empregar os meios com que se amansam as meninas crueis — replicou elle, sorrindo, e surprendendo nos olhos d'ella todos os segredos do coração.

— Nós não temos nada a dizer — murmurou Augusta,

engasgando-se, e torcêndo entre os dedos a ponta do lenço preto do pescoço.

— Isso é verdade... — disse o fabricante com maliciosa innocencia ou alvar ingenuidade — A gente conversa em cousas que não valem dá cá aquella palha. Emquanto ella costura alças, eu sento-me ao pé, e estamos horas sem dizer nada um ao outro. De ha tempos para cá, deu em se fazer muito séria commigo, e não me dá palavra. Emquanto a mim, anda aqui mandinga de casorio entre mãos...

— Jesus me valha! — atalhou ella — Não faça caso, meu senhor... Este meu primo não é escorreito, e, começando a taramelar, não pensa o que diz, nem se lhe dá de mentir. É bom moço; mas tem uma lingua que chega além do rio... Com que consciencia dizes tu que eu... Valha-me nossa Senhora! e a ti tambem...

Estas palavras, ditas em boa graça, exprimiam zanga e aborrecimento. O fabricante, se dissesse bocadinhos de ouro, seria sempre, ao pé de Guilherme, um grosseirão. Comparal-o, era aborrecel-o; ouvil-o, depois do hospede, era para Augusta uma quasi vergonha de ter tal parente. Estas grandes e pequenas impertinencias, que ella sentia contra o fabricante rudemente fallador, eram indicios manifestos de uma grande ou pequena miseria (chamem-lhe como quizerem), á qual as marquezas de Luiz XIV, e a costureira de alças da rua dos Armenios, chamaram AMOR. Mas o amor de Augusta, assim de improviso, explica-se? Perfeitamente; é uma palavra que se explica por outra: MULHER. Será: porém, o amor não é assim para todos os homens. «Aqui estou eu — diz o leitor — que tenho consumido a mocidade sem deparar uma d'essas mulheres de fibras flexiveis, que se dobram sobre a mão magnetica da minha vontade.» Peior para o meu amigo: mas nada de instaurar-se em regra, particularmente em relação a mulheres, que são todas exceptuadas. Guilherme do Amaral tinha um condão. Não era obra diabolica de magîa negra ou branca, nem manhas cavilosas de seductor professo. Era a omnipotencia da fascinação. Não sabem o que é isto? É um fluido, que actua independente da vontade, e faz que uma se lance

cegamente nos vestigios ensanguentados de outra victima, atraz do mesmo algoz, como as mulheres de Henrique VIII; com a relevante differença que o monarcha inglez transmittia a cadeia magnetica pelos diamantes da corôa; e o homem fatidico, o rei tyranno dos espiritos, exerce em um olhar profundo a sua attracção infernal.

E onde se afere a intensidade do seu magnetismo é na presteza com que escravisa a mulher cultivada até á negação de todo o idealismo, e a mulher innocente até á ignorancia dos meios de furtar-se ao dominio d'esse homem.

E estes monstros existem?

Sim, minhas cautas senhoras. Existem. Não lhes digo que se acautelem, porque seria inutil.

Por consequencia, Augusta... Nada de consequencias intempestivas! Eu não auctoriso ninguem a lamentar primeiro que eu a minha galante costureira da rua dos Armenios. É tão linda! Mal diria João Antunes da Motta, por alcunha o *kágado*, quarenta e cinco annos antes, que aquelle saguão infecto deveria ser habitado pela cara mais fragrante, mais engraçada, mais travêssa, mais intelligente que eu tenho na minha galeria de mulheres, cuja immortalidade está a meu cargo!

O capitulo seguinte póde lel-o toda a gente.

VII

Tinham decorrido quatro horas de aturada cogitação na vida de Guilherme do Amaral, quando elle, juiz sufficiente de si proprio, decidiu que amava a pobre costureira de suspensorios. Estas quatro horas foram as decorridas desde que elle se despediu da rua dos Armenios, onde o deixamos no anterior capitulo, até que se vestiu para assistir a um jantar de despedida, que lhe era dado pelo marido de D. Cecilia.

Ahi, como é de estylo, depois de esgotadas as saudações á illustre dona da casa, voltaram-se as attenções, um pouco alcoolisadas, para Amaral. Alguns maridos suspeitos foram os primeiros a recitarem as virtudes do provinciano. Damas insuspeitas aceitâram a opinião de seus maridos com estrepitosos applausos. Combinavam-se perfeitamente.

Veio, depois, o sentimentalismo da esfalfada etiqueta carpindo a saída de um mancebo, a todos os respeitos lustre e ornamento da boa sociedade. Era tudo pretexto para beber: bailava a lagrima nos olhos rubidos dos convivas, ao mesmo tempo que o férvido champagne os resarcia dos liquidos perdidos pelas glandulas lacrimaes.

Um deputado, com a fronte ainda illuminada da auréola oratoria, conquistada em lides parlamentares sobre o fabrico de azeite de purgueira (vide o *Diario do Governo* de 1843), de pé, arfando as pandas ventas ao resfolegar da inspiração, cabellos hirtos, e olhos injectados de sacro fogo, fallou assim:

—Damas e cavalheiros! *Silentium ore facundius.* É muda a expressão, falla o silencio! traduziria eu, com a consciencia de ter dito o mais que póde dizer-se na presente conjunctura.... *(Engasga-se, e crava os olhos em um*

Cupido pintado no tecto) póde dizer-se na presente conjunctura... se... se... *(uma dama imprudente funga um froixo de riso contagioso...)* se a voz da amizade, da honra e do dever me não inspirassem no momento solemne d'este angustiado adeus. («Apoiado!»—*exclamação do barão da Carvalhosa, e careta de applauso ao vizinho.*) Sim, senhores: o cavalheiro que a fortuna nos deu, a fortuna caprichosa nol-o rouba! *(Sensação; silencio apenas quebrado pelo silvo agudissimo de um sorvo de pitada.)* Em verdes annos, não o conhecereis mais prudente, mais cauto, mais instruido, mais respeitador dos sãos costumes, mais... mais... *(«Mais honrado!...—additamento de um...* ORGON, *representante do de Molière)* justamente mais honrado que esse de todos nós querido, de todos nós respeitado, de todos nós... *(«Bom é que não diga de todas nós»—observação maliciosa, á parte, de uma dama que conhecia perfeitamente as outras)* de todos nós saudade pungentissima, e gloriosissima recordação! («Apoiado! apoiado!»—*palavras do barão da Carvalhosa, secundadas por varios commendadores, que não adormeceram ainda.*) Sim, senhores! O cavalheiro Guilherme do Amaral, a todos os respeitos benemerito dos nossos encomiasticos elogios, vae partir!!!! *(Quatro pontos de admiração que elle tinha no rascunho estudado quinze dias, a razão de duas horas por dia.)* O modelo exemplarissimo dos mancebos, que em suas virtudes nos afigura uma senilidade precoce, vae partir! *(Guilherme recommenda, em oração mental, o orador ao diabo.)* O typo da inteireza, da rectidão, da probidade... vae partir! E nós ficamos! Ficamos, sim! Ficamos nós!... E que não haja um iman, que o prenda! E que não haja um grilhão suavissimo, que o algeme! E que não haja... que não haja... *(«um bacamarte!...»—murmurio de um jornalista mal-creado sem graça nenhuma)* que não haja... *(«uma commissão revisora de speeches!...»—o mesmo insolente a meia voz para uma dama que tem o máu gosto de rir-se)* que não haja um amigo que o restitua aos seus amigos!... *(estrondosos bravos, e arrotos.)* Pois bem; cumpra-se o destino! Ficaremos para saudal-o todas as vezes que nos reunirmos com a effusão cordial

com que eu proponho um brinde ao nosso meritissimo amigo Guilherme do Amaral!! *(Gritaria cahotica; bebem prodigiosamente: um commendador, por desculpavel engano, leva aos labios a taça da agua morna, onde lavára os dedos. Duas senhoras a rirem, estalam quatro colchetes. O orador está radioso.)*

Amaral, attenuado o calor do enthusiasmo, ergue-se com o copo em punho. Um *psiu* unanime estabelece o silencio momentaneo das orgias illustradas. As damas, todas olhos e ouvidos, não pestanejam. Os homens gordos desapertam os colletes compressores, para saborearem com todas as commodidades as delicias do orador á barra. O deputado, com ares protectores, estende o braço como a pedir a religiosa mudez das respirações. O proprio barão da Carvalhosa não ousa levar ao nariz a voluptuosa pitada, que inutilisa, para não quebrar com o sorvo estridulo o silencio universal.

—Vivamente impressionado — diz Amaral com a mais comica seriedade —pela tocante eloquencia do snr. conselheiro, inveja de Demosthenes, e honra da patria, mal posso articular as notas confusas de um hymno de reconhecimento, que o coração egoista fecha em si, e não confia aos labios profanadores. *(«Bravo, optimo!»—exclamação do deputado, que bate solfa com a cabeça a cada accentuação syllabica do orador patusco.)* Se a inspiração é mãe de idéas grandes, quantos embryões perdidos nas magicas entranhas d'ella! quantas emoções divinas afogadas pela rudeza da palavra humana! quantas expansões do intimo arrefecidas no gêlo dos labios! É que a lingua humana não está feita ainda. Bem disse o illustrado cavalheiro, que me precedeu, em um sonoro verso: «É muda a expressão, falla o silencio!» E, demais, a minha posição é especialissima. Eu sou o devedor de tantos credores; e dividas de amor só as paga o amor, o amor silencioso, o amor cuja linguagem balbuciam os anjos, o amor, que faz seu ninho nas fibras intimas do seio, e ahi morre, quando o peso de uma pedra fria lhe esmaga o santo asylo. *(«Bellissimo, inimitavel, originalissimo!»—troveja o deputado, arrancando aos convivas que, com honrosas excepções, não entenderam nada, um*

rugido de admiração.) É esse amor que impelle o homem; todos os calculos da cabeça abortam, não vingam, se os não sancciona o beneplacito da força motriz, que roda os eixos d'esta machina quebradiça, chamada vida. A prova d'esta asserção vou dar-vol-a, senhoras, para as quaes ella não é precisa, porque o amor em vós é o espirito vital; e a vós tambem, cavalheiros, mais ou menos combalidos da podridão d'este seculo, d'onde a inspiração fugiu espavorida, e tanto para longe, que poucos a reconhecem, se ella desce do céo ao regaço da humanidade. *(Uma senhora velha chora, e a filha, que está defronte, ri-se. D. Cecilia pisa o pé de uma sua vizinha, que se apoquenta na persuasão de que a pisadela foi um choque do seu pé com o principal joanete do barão immediato. O orador prosegue no seu descabellado improviso.)* Quereis, pois, a prova? Ouvide-a. Não ha ainda um quarto de hora, que eu de fugida traçava o vasto roteiro das minhas viagens. Perguntava eu a mim mesmo em que palmar da Asia, em que floresta do novo mundo, em que oasis do deserto, em que latitude do oceano, ou em que necropolis dos imperios devastados, de hoje a um anno, recordaria as saudosas pessoas, que vieram a azedar-me, em um festim de risos, as lagrimas occultas, que eu verteria depois... *(Sensação. Alguns que devem aos vinhos sêcos o sexto sentido da poetica sensibilidade, tem os olhos aguados: vê-se que Virgilio não mentira, quando disse:* sunt lacrimæ rerum, *posto que eu emendaria:* sunt lacrimæ vini.) Lagrimas de cálida saudade me cairiam da face sobre o fuste de alguma columna de Ninive. De lá volveria, como o israelita nas margens do saudoso rio, para o Occidente os olhos melancolicos á maneira do proscripto que não conhece os homens que o encaram, a lua que o alumia, a briza que o não refrigera, as flores que o não incensam com os perfumes da patria! *(«Que diabo diz elle?!»—pergunta um commendador ao membro municipal, seu vizinho. Resposta: «Não entendo patavina.»)* Vêde quão amargo me seria este adeus ao canto do globo, onde se acoutam, como pedestaes d'este bello céo, todas as graças, todas as maravilhas da creação, todos os extasis do amor do poeta, da admiração do ar-

tista, das abstracções do philosopho! Eu não devia deixar a patria, especialmente o Porto, onde vivi os doces e fugitivos instantes da minha juventude, já agora fanada como a flor esquecida na haste, aos ardores do sol, sem gotta de agua reanimadora! (*«Que tremenda estopada!» —observação judiciosa do jornalista, ancioso por fumar.*) Não devia... e, comtudo, Deus me é testemunha (*«Legitimo classico!»—reflexão, a meia voz, do deputado a uma especie de barão, que o não entendeu.*) Deus me é testemunha que eu seguia de rastos o meu destino, e, n'este instante, emancipo-me da tutela ignobil do destino, para declarar com a ufania que me dá a consciencia, de proceder como devo, que não tenho coragem de vos deixar; serei vosso, se vos mereço; não irei resequir ao sol de estranhas plagas as flores de amizade com que fui coroado aqui! A vós, senhoras, que tendes o condão de soprar uma scintilla em cinzas apagadas! A vós, senhores, que vos honraes honrando a amizade... uma ovação sincera, uma saude fervorosa!

—De pé, de pé!—gritaram uns.

—Sobre as cadeiras!—urraram outros.

—Excepto as damas!—disse Guilherme.

—As damas inclusivè!—bradou um parvo.

O deputado pede a palavra: não o attende ninguem. O jornalista, aproveitando a desordem, accendeu o charuto. A velha, que chorava, affectada do contagio, fez bravuras com uma perna ferida de gôta. As damas, imprudentes nas libações, não curavam já da symetria dos *boucles*. Aquella scena preliminar de uma orgia não lhes parecia nova, nem excessiva. Pareciam feitas para o festim, como as mulheres da côrte de Balthasar. Uma quéria pedir a palavra, se a não pisam dolorosamente n'esse momento. Outra pedia familiarmente ao creado um copo de champagne...

E Guilherme do Amaral, que não perdera um só episodio, nem bebera cousa que lhe anuviasse os olhos penetrantes, dizia na sua consciencia:—Isto faz nojo! A boa sociedade é isto! Eis aqui a taverna servida com crystaes de Saxonia! Mais alguns copos de vinho, e es-

tes homens despirão as casacas, e estas mulheres agitarão no ar os thyrsos de bacchantes!

Este fragmento era uma reminiscencia do systema que em Lisboa tão máu pago lhe dera. Lá, estas convulsões de odio ao genero humano eram ditas em voz alta. No Porto, o escarmentado moço reduzia isto a monólogos, e tinha juizo. Não se fiava de nenhum amigo, não tivera um só lapso arriscado, uma d'essas facilidades gratas á vaidade, que molestam a reputação da mulher, já sentenciada, e destroem a reputação do homem, frivolamente jactancioso. Ella não perdeu nada, e elle perdeu tudo! Isto é um absurdo, e, porque o é, creio n'elle, como Santo Agostinho: *quod absurdum, credo.*

O homem, que mais de perto tratava Guilherme, era o indecente jornalista-poeta, que tive a ousadia de apresentar-vos no baile do barão da Carvalhosa. Como Amaral podera relacionar-se com tal caracter, não sei; nem elle o sabia. O facto, porém, deve ter uma tal ou qual explicação. O cantor de Cecilia, sua fecunda inspiração de quarenta e oito poesias por anno, era um fallador, que não impacientava: riqueza e nervo de pensamentos, critica, sarcasmo, riso fulminante, ironias apimentadas, que faziam saltar a lingua aos que lh'as provavam, experiéncia comprada a preço de todas as suas chimeras, desenvoltura tolerada ao seu talento, ou imposta á força pelo terror da sua penna molhada em fel... seriam estas as qualidades que attrahiram Amaral? Foram; nem o poeta tinha outras que lhe grangeassem estima, ou desprezo, visto a olho nú, e não estudado vagarosamente.

O provinciano principiára por onde devia acabar: antes de saír da sua aldeia, fallava da sociedade, como se recolhesse, ao lar de seus avós, pedindo aos deuses penates o thesouro da paz, que perdera nas tormentosas borrascas do grande-mundo. Todo elle, portanto, era uma falsificação; todos os seus pensamentos, e palavras (as obras exceptuam-se) um artificio. Não sabia do coração mais do que os romances lhe ensinaram: não entrára no ámago d'isto, a pôr o dedo sobre a ulcera; não se provára em meditações de formidavel soffrimento, essas que são a envenenada iguaria, que abunda na mesa do

poeta, quando elle é d'esse pequeno numero, que se atravessa na torrente dos factos, apregoando theorias de uma moral abstrusa e inexequivel.

Se praticasse com o Mentor de Lisboa, alguns dias mais, saberia muito, não ouviria com tanto empenho as prelecções baratas do jornalista. E ninguem, como este, poderia dar-lh'as tão importantes.

A desillusão não era um calculo, nem a immoralidade uma vocação no auctor das quarenta e oito poesias. Descreu, porque era mentira tudo o que lhe promettera a infancia; teve razão para descrer. Desmoralisou-se, porque precisava commungar no orçamento social; não era sylpho para viver do ar, nem abelha que se desjejuasse no pollen das flores: teve razão de desmoralisar-se. E quem mais logicamente explicava a sua desmoralisação era elle. Vencia e convencia, a ponto de Guilherme do Amaral, em rasgos de sinceridade, confessar que a corrupção do poeta era de todas a mais racional.

E era este justamente o jornalista, que, no jantar dado a Amaral, capitulára de *estopada* o discurso do seu nobre amigo, que lhe afinava a ancia de fumar.

O provinciano, para não perder nada, reparou no jornalista, durante o quarto de hora de delirio, que se seguiu á sua estirada proposta. Viu-o sentado fóra da mesa, com as pernas em cruz, deliciando-se orientalmente no fumo, e torcendo para Guilherme um lance de olhos muito expressivo de zombaria, e um riso de escarneo, mais picante ainda pela «attitude» do charuto ao canto dos labios.

Os convivas passaram á sala proxima, onde o café era servido. Guilherme deu o braço á dona da casa, a poetica Cecilia, casada de sete mezes, que teimava em dizer que não brotára ainda a flor ideal do seu sonhado jardim. Diria muitas outras cousas, se o maligno poeta se não postasse ao lado d'ella, recitando, em apparente abstracção, uma quadra, muito conhecida, da sua cantata intitulada a BACCHANTE, cousa repulsiva, que parecia escripta sobre a sórdida banqueta de uma taverna. Cecilia erguera-se, e o poeta occupou a cadeira vaga ao pé de Guilherme.

—Fizeste fugir Cecilia com algum epigramma dos teus...—disse Amaral, risonho.

—Nada, eu não faço epigrammas ás donas da casa onde janto, senão na vespera, ou no dia seguinte. Estava recitando, na mais santa idealisação dos meus extasis, uma poesia intima. Se ella fugiu, foi de certo á tua prosa.

—És um cynico de alto quilate! És o Carlos Herrera dos meus romances.

—E tu serás o D. Basilio dos meus. És um assombro! Como tu podes contar com o voto de toda esta gente para a proxima legislatura, isso é que eu não sei como se faz! Quem te deu o privilegio da virtude na immoralidade, Amaral? Falla franco!

—Pois eu sou immoral?!

—Tu és um genio! És o Scotto subtilissimo da caricatura! ès capaz de provar a todos estes maridos que trazes cilicios sobre os rins! Sê uma vez sincero; indemnisa-me de tantas sinceridades, que tenho tido comtigo; quero só uma; responde: como estavas tu por dentro, quando disparavas aquella metralha de ironias a esta gente no teu brinde? Se vaes mentir, cala-te.

—Não minto; respondo: ria-me.

O jornalista deu-lhe um abraço, de pé, exclamando:

—És um grande homem! Se o marmore não fosse o galardão posthumo dos tolos, tinhas uma estatua em vida.. Serás feliz até á morte! Vê que estou inspirado, prophetisando o teu destino. O ultimo dia das tuas velhacadas será a vespera da tua beatificação. Mestre! não posso recuar; se podesse, seria o teu discipulo premiado... Vou tomar café... Não viste ainda uma salva de prata com charutos de contrabando?... Ella ahi vem...

VIII

Pois se Guilherme do Amaral, segundo a sua crivel confissão, ria interiormente, quando reconsiderava a viagem, que as saudades dos generosos portuenses não consentiam, como se explica esta mudança? Ha porventura um motivo serio que a explique?

Ha, não póde deixar de haver. Amaral retirava-se saciado do Porto, enjoado seriamente d'este delicioso burgo, que devia ser symbolisado por um João Antunes da Motta de grêda, a rir de um pobre forasteiro, que abre a bôca, espreguiçando-se, até deslocar as maxillas. A demora do paquete impacientava-o até ao momento em que saíu da Aguia d'Ouro, e machinalmente se deixou ir entre o enxurro da plebe, que desaguou em Miragaya, na vespera de S. Pedro.

Quando visitou, segunda vez, a orphã da rua dos Armenios, as suas tenções de viagem eram as mesmas; os preparativos continuavam, e a esperança de se ver barra fóra, exclamando: *fuge crudeles terras, fuge litus avarum,* era insoffrida.

Foi, pois, Augusta, a pobre costureira de suspensorios, a filha do defunto carpinteiro, que passou uma esponja sobre o mappa-mundi, que o viajante promettia trilhar em dez annos de peregrinação, atraz de um desenjoativo. Era muito; mas realmente era!

Amaral viu esta mulher, como até alli não vira alguma, a olho nú, sem a impossivel formosura ou a monstruosa deformidade das novellas, sem os ensaios prévios da seducção, sem o doble artificio que o desejo da celebridade lhe ensinára, privando-lhe de liberdade a natureza ingenua, crente e expansiva.

Um amor natural e espontaneo, gerado na simplici-

dade do coração, alimentando-se de si, sem ostentar-se ás emulações dos outros, sem abastardar-se no jogo de pequenas miserias, que são a iguaria appetitosa da mulher saciada, esse amor ainda Guilherme o não sentira, e muitas vezes perguntára ao espirito em liberdade se elle existia fóra da innocencia, ou sómente nos arroubamentos das almas propensas ao phantastico.

A esta pergunta respondera Augusta, a mulher simples, a frescura dos vinte annos com toda a seiva dos quinze, os labios de rosa sem a mácula de um beijo, os olhos de uma ternura voluptuosa, como ella se mostra sem os atavios do fingimento, olhos d'onde não caíra ainda uma lagrima sobre uma illusão desvanecida.

A indole movel de Amaral recebeu como facto o que era apenas uma impressão nova, exagerou a felicidade em perspectiva, porque o coração, faminto do verdadeiro amor, rejuvenescia da velhice prematura, offerecia-se para os jubilos da affeição ingenua, cheio de vigor, immaculado do lôdo em que a impostura o atascára, abrindo-se aos anhelitos do ar puro, do santo amor que se nútre de esperanças, e adora o reflexo do seu objecto no céo, no lago, na flor, na madrugada, no silencio, nas trevas, e nos sonhos mais luminosos que o dia.

O que elle viu em Augusta era tudo que ella podia ser, e o mais que não podia ser. O genio, apurado pelo desejo, enfeita a natureza de matizes, que ella não tem. A mulher, observada por um d'esses infelizes párias, que vivem longe de nós por excursões no deserto da aspiração, transfigura-se, divinisa-se, é o cherubim de um dia, a luz ephemera de uma bemaventurança impossivel sobre a terra.

Foi assim que a costureira, unica, pela innocencia, entre todas as mulheres que Amaral conhecera, se lhe afigurou. Era no acaso feliz de encontral-a, que Amaral se entretinha, accumulando esperança sobre esperança, quando o jornalista, pontual conviva ao almoço, entrou no quarto.

A verdade é expansiva; a mentira retrahe-se, esconde-se até aos olhos dos depravados. Amaral sentia o que sentiria aos quinze annos, estreiando-se na carreira das

paixões, por um amor sublime. Queria, agora, um amigo, um confidente, um homem, que elle tivesse associado á sua hypocrisia, para convertel-o á verdade das affeições puras. Mais perto de si vivera só o poeta; mas já foi dito que Amaral, integerrimo observador do systema que trouxera de Lisboa, não tirára nunca a mascara diante de homem nenhum. O poeta arrancára-lh'a muitas vezes: surprendera-o nas emboscadas traiçoeiras; conhecia-o, e dava-lhe uma distincta prova de estima, espionando-o, sem denuncial-o á vindicta publica. Era uma virtude. ***Où diable la virtu va-t-elle se nicher!***

Guilherme, desde a noite do dia anterior, na sala de Cecilia, entendeu que devia grandes obrigações ao jornalista, lingua viperina, satyrico inexoravel contra todas ás virtudes impostoras, mas tolerante com as d'elle. Em tal homem, este facto incrivel era um direito legitimo á confiança, e, da parte de Guilherme, uma ingratidão negar-lh'a.

— Vem cá, — disse Amaral ao jornalista — senta-te aqui na cama. Vamos conversar como dois poetas da tua força moral, ou da minha.

— Visto que vamos fallar seriamente, chega-te para lá, que me quero deitar. A intelligencia concebe melhor na postura horizontal. Diz lá.

— Como explicas tu o meu plano de não viajar desde hontem? — interrogou Amaral, dando-se no sorriso fatuo uns ares de homem incomprehensivel para o resto do genero humano.

— Do mesmo modo que o teu plano de viajar ámanhã. Isso não me fez pensar um momento. Deduzo que não és um homem trivial. Tencionar executar é a qualidade inherente aos espiritos-ôstras, que se agarram muito tempo á mesma idéa. Dou-te os parabens por nunca saberes o que farás. O talento é assim.

— Ha outra explicação mais razoavel na minha mudança.

— Impressionou-te alguma das mulheres do jantar de hontem?

— Faz-me justiça. Eu conheço aquella gente ha um anno...

— O mesmo dizem ellas a teu respeito... Elles... não. Pois que é?

— O amor.

— O amor! A quem?!

— Não conheces: é uma mulher do povo, uma costureira.

— Conheço muitas costureiras, particularmente as da Guichard, as da Theodorina e as da Andrillac...

— Não é d'essa gente: é uma costureira que trabalha em sua casa, e ganha tres vintens por dia.

— Isso é um capricho de homem cansado. Não é preciso que me descrevas a mulher: imagino-a mais viçosa e linda do que ella é realmente; afigura-se-me de uma candura estupida, capaz de desmaiar, se tu lhe offereceres o teu guarda-chuva na rua. É tudo isto; mas o que tu sentes por ella é um capricho de vinte e quatro horas.

— Será?! Mas, se eu te disser que sinto em mim, pela primeira vez, os elementos de uma paixão séria?

— Resisto á prova, qualquer que ella seja, e digo-te que essa rapariga nem ao menos ha de marcar na tua vida uma época de sentimento. Essas mulheres tem um throno de vinte e quatro horas, e aos pés uma voragem, onde cáem sem deixarem de si sequer uma lembrança. O propheta da experiencia falla-te pela minha bôca indigna. Eu já tive allucinações semelhantes...

— Tu estavas corrupto quando te allucinaste: não tinhas uma fibra inteira no coração. Eu não amei ainda, tenho o coração robusto, o meu amor não é uma allucinação; a primeira mulher que descer até lá, deve ter uma grande superioridade sobre mim e sobre todas as outras: ha de perpetuar-se na minha existencia, ha de entrar como elemento do meu sêr, ha de encher este vacuo glacial que sinto na vida.

— Ahi estás tu com as frescas reminiscencias do ultimo romance! Emquanto a mim, vens de ler as pieguices amorudas de algum *roué* parisiense com a innocentinha *grisette*... Diz-me cá: tu podes supportar uma mulher estupida vinte e quatro horas?

— Eu não supporto a mulher estupida e má; mas o anjo da simplicidade e do amor tem sempre thesouros

do coração a dar-me, e tantos, que eu não dou metade d'elles por toda a tua sciencia, e a das mulheres espirituosas, no teu conceito. Não quero sciencia, quero amor: dispenso os dotes da cabeça, que corrompem o coração.

— Pois bem: eu tenho dito em poesia tudo isso e muitas outras cousas. Aconselho aos enjoados dos esplendores da sociedade, e dos seus amores sensuaes, a cataplasma angelica de uma rapariguinha patriarchal, toda pejo, toda acanhamento. Mas a ti, homem problematico, digo-te que te mente o coração, se é que tu lhe não mentes a elle. Ahi vae uma prophecia: nenhuma mulher, Aspasia ou Julieta, encherá o vacuo glacial que te incommóda... Ahi vem o almoço...

O taboleiro foi collocado no meio da cama; o jornalista flanqueou-o com as pernas em amphitheatro, passando para os pés do leito; o provinciano, com as d'elle, fez um triangulo, e, n'esta solemne e grave postura, continuaram a discussão dos profundos segredos da alma.

— Eu tenho imaginado delicias com esta mulher! — dizia Guilherme — Sei que me ama, sem ella m'o ter dito: é d'estes peitos transparentes, que deixam estudar o coração... É um prazer que faria a soberba de um parvo, mas que produz em mim uma sensação de gloria... Vinte annos, a virgindade da alma, a belleza, um terreno inculto com os embryões de todas as flores no seio... a minha linda captiva!

— Estás delicioso; mas o chá é pessimo... Onde mora a pequena?

— Aqui! — respondeu Amaral, pondo a mão no seio, e sorrindo.

— Bonito! Falla serio: quero ver a costureira — atalhou o vate com a bôca tumida de costelleta.

— Não a profanarás com os olhos.

— Emquanto tu a divinisarás com as mãos... Que pessima distribuição de gôsos! Tenho notado que precisamos mais de uma boa organisação do amor, que da organisação do trabalho... Queres mais costelleta? não está má... chega-me essa pimenta... Com que então, a rapariguinha só póde viver á sombra, como o lirio do valle!... Confias muito pouco n'ella, ou em ti, ou em mim!...

És um ingrato! Nunca concorri comtigo... tendo mil e uma occasiões de...

— Muito agradecido, meu generoso amigo... devo-te finezas que se não pagam com a simples denuncia da morada de uma rapariga...

— Já a tens sob a tua paternal protecção?

— Não; vou tratar d'isso.

— Dás-lhe uma linda casa de campo.

— Justamente.

— Rodeada de florestas druidicas, onde virão gemer as brizas da tarde: uma fontinha, fazendo um terceto sonoroso com a rã e a cigarra; um sofá de cortiça enramado de hera, e coberto das melenas virentes do chorão... E ella, de hombro nú, collo de cysne, e braço de Diana caçadora, em rosca voluptuosa á roda d'esse bemaventurado pescoço... E, depois, o leito nupcial de contrabando... cortinados brancos, suspensos nos bicos de dois pombos, transparentes com as pinturas mythologicas dos amores e das graças, uma luz quebrada, um perfume de madresilva colhida por dedos de ágatha; um tapete que ensurdece os passos, passos de fada, o phantastico pousar da ondina, mais ligeira que um sonho de manhã; e por fim... uma carga de aborrecimento de tanta felicidade... o desejo implacavel de outra vida... de outra asneira.

— É um fragmento do teu folhetim de hoje?

— É o folhetim da vida, meu caro Amaral! A verdade está, severa e nua, debaixo d'estes enfeites do estylo. O que tem feito mal a muita gente não é a mentira; é o involucro de palavras artificiosas com que se doura a algema que as verdades lançam ao pulso do homem. Em verdade, em verdade te digo, como se diz no Oriente, que de hoje a um anno não serás mais feliz, e terás feito uma desgraçada. Deixa a rapariga. Essas mulheres não servem para nós.

— *Para nós!* o plural é absurdo. Já te disse que estou morto, e tenho o vigor de todas as crenças, creio na virtude, espero do verdadeiro amor uma felicidade duradoura, dou a esta pobre costureira o meu coração, e ella ha de restituir-m'o sem as manchas com que me re-

tiro da sociedade magnificamente tôrpe, torpissimamente faustosa.

— Ahi te vem a cólera dos adverbios... Não te irrites. Faça-se a tua vontade. Retiro a censura... Póde ser que um homem excentrico depare a ventura fóra da esphera onde gravitam os homens. A costureira será a flamma de um alchimista moral. Procura o absoluto do coração, como o heroe de Balzac, mas não te arruines como elle. Encontrarás, talvez, a verdade abraçando uma tolice. Aquelle de entre vós que se crê sabio, abrace a loucura para encontrar a sabedoria: são palavras de S. Paulo, que encontrei, e embuti hoje como pude no meu folhetim, em que fallo de Catullo e Jeremias a proposito da *Norma*....................................

IX

Desembaraçado do poeta, Guilherme do Amaral foi á rua dos Armenios. Augusta, como sempre, estava sósinha. A familiaridade com que Amaral lhe estendeu a mão, impressionou-a; não recusou a sua; mas o rubor dizia quanto aquelle uso lhe era estranho, e a liberdade custosa.

— Por que córa assim, Augusta? Um apertó de mão é um signal de amizade, uma acção innocente, que qualquer menina faz diante de um pae... Eu quizera não ser para Augusta um homem tão estranho que a faz córar, se lhe aperta a mão. Não responde? Esse seu silencio é arrependimento de abrir a sua porta a um homem que não conhece?

— Não, senhor; eu por ora não tenho de que me arrepender...

— Nem espero que venha a ter; e para que não seja injusta commigo, arrependendo-se por alguma suspeita, devo desde já dizer-lhe que sou um seu verdadeiro amigo... Não acredita que eu seja seu amigo? Olhe para mim, Augusta; não a quero ver assim envergonhada; ou está commigo como se está com um irmão, ou eu não torno aqui.

— Por quê? Eu não sou capaz de dizer a v. s.ª palavra que o magôe... Sou-lhe muito obrigada...

— *Obrigada!* Offendeu-me, Augusta, quando me promettia não me magoar! *Obrigada!* a que favores?

— Não são pequenos...

— Basta! a tal respeito nem mais uma palavra. Augusta dispensa os meus serviços, e os serviços que eu posso fazer-lhe não a obrigam a receber-me em sua

casa, se o seu coração lhe reprehende a confiança que me dá. O que nos prende não são os serviços, é a sympathia, é o desejo de tomar como nossos os soffrimentos ou os prazeres de uma outra pessoa. Eu sinto por Augusta o que só póde sentir um pae por uma filha; desejo-lhe a sua felicidade; queria elevaI-a até onde a sua ambição a elevasse; queria, emfim, dar tudo o que tenho, e ser mais do que sou para ouvir-lhe dizer: «Guilherme, devo-te o céo, que me déste n'este mundo.»

Augusta não ousava fixar Amaral. Sentia um sobresalto no coração, semelhante ao effeito de um susto. Frios e calores iam e vinham ao bello rosto, que accusava fielmente as emoções de dentro. Gostava e soffria, desejava e não desejava aquellas palavras, umas graves como as do amor paternal, outras suavissimas de certa doçura que não vem nas palavras de um pae. Não se lembrava que estava só, e, comtudo, parecia-lhe que taes palavras era máu ouvil-as uma rapariga, sósinha. Felizmente, Guilherme cedeu ao impulso da inspiração. Não era o fingimento que o auxiliava na expedição da phrase. O espirito frio tem a habilidade de aquecer a palavra submissa á impostura. N'elle, não, pelo menos n'esse instante. Disse o que nunca disse da abundancia do coração, que pela primeira vez fallava, na sua linguagem nativa, embalsamada com os perfumes proprios, vestida simplesmente, grata aos ouvidos, não viciados pela musica dos conquistadores por estylo.

— Eu dou liberdade á minha alma, Augusta — proseguiu elle, tomando-lhe a mão. — Repare bem na firmeza das minhas palavras... Esta segurança só a dá o amor e a honra. Eu amo-a, Augusta; mas este amor não pede sacrificios, nem inventa seducções, nem sáe do caminho da verdade, para esconder-se nos atalhos da impostura. Amo-a ha vinte e quatro horas, como se a conhecesse, amando-a, desde criança. Se me disser que este amor não póde ser recompensado, beijo-lhe esta mão com reconhecimento, e digo-lhe: fez bem, Augusta, em desenganar o homem que poderia fazer mais infeliz do que é...

— V. s.ª não vê que eu sou uma pobre? — disse ella, retirando a mão trémula.

— Que tem a riqueza com o coração, Augusta? Pois só poderia amar-me, sendo rica?

— Ninguem procura uma rapariga pobre... Isso era bom se o senhor fosse um official de officio. Dizia minha mãe, que uma rapariga que quer ser mais do que é, por mais que seja, ficava sempre menos do que era.

— E cuida que eu tenho a vaidade de dizer-lhe que póde valer ainda mais do que vale? Não, Augusta: a menina, sendo o que é, não póde invejar mulher nenhuma. Se soubesse o que tenho sido, julgava-se n'este mundo a primeira entre todas as mulheres. Amava-me com dedicação, porque diria, vendo-se tão amada, que nenhuma outra poderia impressionar-me tanto... Augusta, temos um bello futuro. Seja minha, diga-me que dá ao meu coração todo o dominio sobre a sua vontade.

— Eu não entendo o que v. s.ª diz... — atalhou a costureira, assustada, afigurando-se o perigo da sua imprudencia.

— Não me entende? diga antes que me não ama... Não me póde amar, Augusta?

A moça baixava os olhos em significativo silencio, quando o pontual fabricante entrou, pedindo licença já com um pé dentro da casa. Augusta estremeceu. Guilherme fixou-o com superioridade e aborrecimento.

Francisco, embaçado com a repetida surpreza, gaguejou um cumprimento á prima, sem dirigir sequer um gesto ao hospede, e sentou-se com grosseira liberdade. Guilherme soffria no seu orgulho, e sentia-se, como se diz, falsamente situado na presença do artista siléncioso, e da costureira vexada. A physionomia d'ella exprimia afflicção; a do primo, cólera comprimida.

Amaral era pouco inventivo em conflictos serios. Não lhe occorreu uma frivolidade com que saír-se do aperto. Vêl-o assim era julgal-o imbecil provinciano, pilhado nas tralhas de uma esparrella! Ergueu-se, fez um gesto de cabeça a Augusta, e disse, olhando com a sobranceria do desprezo sobre o fabricante:

— Passe muito bem, menina.

Não ha noticia de um desenlace tão prosaico em scena que promettesse tanto! Augusta abaixára a cabeça, cor-

tejando-o, sem responder-lhe. Francisco, com os cotovêlos sobre os joelhos, embrulhava um cigarro, e assim permaneceu até que o hospede saíu.

—Que te quer este homem, Augusta?—perguntou Francisco sem aspereza.

—Que me ha de querer? Passou por aqui, e entrou.

—A fallar a verdade, esta rua não está afeita a ver d'estes passeantes... A apostar que tu não sabes o que elle te quer?

—Eu não...

—Elle ainda t'o não disse?

—Não me disse nada... que me ha de dizer elle?!

—Ainda és de bom tempo... Achas que estes petiscos dão ponto sem nó? Eu logo vi que as duas peças levavam agua no bico... podéra não... já não ha quem dê nada por serdes vós senhor quem sois... O que eu te digo é que te guardes, Augusta...

—Bem guardada estou eu... Bem digo eu que me não conheces, Francisco.

—Isso são lérias, rapariga... Quem me avisa, meu amigo é... Eu que te digo isto, é porque me bacoreja no peito que este homem não vem cá sómente para saber da tua saude.

—Pois deixál-o... está enganado commigo...

—Todas assim dizem, Augusta, e ao lavar dos pannos é que são as contas.

—Então que queres que lhe diga? que não torne cá?

—Acho que era o mais acertado.

—Isso é que eu não faço; não sou mal-creada, nem ingrata. Um homem que acudiu ás minhas afflicções, quando eu aqui estava com o corpo morto de minha mãe nos braços, á porta fechada, e de mais a mais foi chamar a tia Anna do Moiro, e me deu uma esmola de tres moedas, hei de mandal-o saír de minha casa? Isso é acção que eu não faço por cousa nenhuma... Deus me livre!

—E se elle te disser que te quer bem, e te seduzir, como estes senhores fazem ás raparigas pobres como tu?

—Se me seduzir!... e tu sabes que elle me quer seduzir?!

— Acho que sim.

— Por quê?

— Porque és nova, e bonita, e vales bem as tres moedas.

— Não digas isso! tu tens muito má lingua! Nenhum homem póde fallar com uma rapariga sem ser para seduzil-a!... E se elle for meu amigo?

— Ah! tu já assim estás?... boa vae ella!... Não te faças desgraçada, Augusta. Vê lá o que fazes... Olha que elle não casa comtigo...

— E eu já disse que elle queria casar commigo?!

— P'los domingos se tiram os dias santos... Tu já tens lá no coração a molestia... Emquanto a mim, o homem já te encheu a cabeça de teias de aranha... Estás servida... Para boa sorte te creou tua mãe... Se ella fosse viva, não vinha cá este homem... Has de dar-lhe muito gosto com este namorado... Lá virá tempo em que torças a orelha, e não has de tirar sangue...

— Accommoda-te, Francisco! não me afflijas! Eu ainda não fiz nada por que perca.

— Mas podes fazer...

— A graça de Deus não me ha de abandonar...

— O mal é teu, Augusta. Parece mesmo que o diabo as arma! Quero casar comtigo para te ganhar o pão, e tu fazes-te fina; apparece um patavina, que te dá duas peças de mão beijada, e tu recébel-o em casa, cuidando que o santo rapaz anda por este mundo a dar peças ás raparigas pobres... Andará, andará; mas o peior é o resto...

— Santo nome de Jesus, que me fazes perder a cabeça! Que hei de eu fazer?

— Queres tu que eu lhe diga que não venha cá?

— E tu sabes onde elle mora?

— Sei. Vi-o no domingo entrar para uma hospedaria na Batalha, e perguntei se elle morava alli; disseram-me que sim.

— E que mais soubeste d'elle?

— Soube que era um fidalgo da Beira, muito rico, tem lacaios, e dá-se-lhe excellencia lá na hospedaria.

— Mas não é casado?... — atalhou com vehemencia a costureira.

—Boa vae ella! já te lembras se elle casará comtigo! Pois não!... Vão-se ler os banhos domingo... pois não leste!... Augusta, acaba com isto emquanto é tempo... Queres que eu lhe diga que não venha a tua casa?

—Não...

—Não! então fala assim de uma vez para sempre... Gostas do paralta?

—Não gôsto nem deixo de gostar... As cousas fazem-se de outro modo... Eu bem sei o que hei de fazer. Não se te importe a minha vida...

—Não vae a arrenegar, rapariga... Estás no teu direito. Assim como assim, o que eu te digo são palavras que leva o vento... Tu te arrependerás... Ficà-te com Deus...

O fabricante ia saír, quando a prima o segurou pelo braço, chorando.

—Vem cá, Francisco; não sejas meu inimigo.

—Ágora sou!... Se eu não fosse teu amigo, dizia-te que fizesses tolices, e comesses a isca que elle te deu no anzol das taes duas peças... Pensa, e faz o que quizeres. Amigo hei de eu sel-o teu até á morte... Quando me procurares has de achar-me... Se não queres casar commigo, porta-te bem, que não te hão de faltar maridos; mas panno com nódoa não vale a quarta parte... Adeus, Augusta; são horas de ir para o trabalho...

A costureira, sósinha, chorou muito. E que lagrimas! As primeiras, as primicias do fel, que paga o primeiro amor! Coitadinha, a fascinação era invencivel! O primeiro raio de sol desabrochou de repente a flor toda, todos os perfumes lhe vieram do seio, não escondeu um só polmo do seu nectar á primeira abelha que lhe tocou.

Mas a prophecia, rudemente inexoravel, do fabricante, era-lhe um agouro de perdição infallivel. A generosidade de Guilherme pareceu-lhe um meio de perdel-a; e as visitas posteriores, e as palavras, que lhe ouvira uma hora antes, tudo vinha confirmar as suspeitas de Francisco. Vejam quão pouco basta para matar a innocencia!

Mulher, como todas, Augusta queria suspeitar as intenções de Guilherme; mas não queria que os outros lh'as descobrissem. Queria ter de luctar contra a tenta-

ção; mas não quería que seu primo a adivinhasse. Assim é pois que a consciencia transige com a consciencia, e muitas vezes é a opinião de estranhos que lá desperta a inquietação e o remorso.

Uma hora a chorar e a pensar devia preceder uma resolução qualquer. Augusta fechou a sua porta, e entrou na da tia Anna do Moiro.

—A que vens, Augustinha? Vens com olhos de chorar! É o mafarrico de teu primo, que te persegue? Manda-o ao diabo, Deus me perdoe, se pecco.

—É outra cousa, tia Anna... Vossemecê não disse muitas vezes a minha mãe...

—Deus lhe falle n'alma...

—Que lhe queria comprar a casa?

—Disse, e não se me dá de ficar com ella pelo que disserem os louvados. E tu queres vendel-a?

—Eu lhe digo, tia Anna: preciso de tres moedas; se eu lh'as pagar dentro de seis mezes, com juro, fica sendo a casa minha, e, se não, vossemecê dá-me o que faltar, com a condição de eu ficar na casa, emquanto viva, pagando-lhe aluguer.

—Tudo se póde fazer: mas que diabo de razão tens tu para vender a casa?

—Preciso de dinheiro...

—Eu estou dando no vinte! Emquanto a mim, tu tiveste algumas historias com aquelle senhor que te deu as duas peças, e queres pagar-lh'as... Falla para ahi, menina... Bem sabes que cousa que se me diz, é pedra que cáe em um poço.

Augusta não pôde estancar as lagrimas; e, como se ellas não bastassem, confessou tudo á vizinha matreira, para quem as intenções do generoso protector da rapariga eram maliciosas, antes de o serem.

—Isso são arrufos, Augusta, não te afflijas!—tornou a filha do *Moiro,* fazendo-se conhecedora do caso.

—Vossemecê está enganada...—disse a costureira, soluçando, ferida pela supposição da vizinha.—Eu não tenho dares nem tomares com o tal senhor...

—Não?!—atalhou ironicamente a peixeira—Pois eu havia de jurar que elle te queria muito!... Ha dois dias

que o vejo entrar em tua casa sempre á mesma hora, e da fama já te não livras, rapariga...

—Santo nome de Jesus! já me não livro da fama? Pois fallam de mim?!

—Podera não... Pois pensavas que as vizinhas não tem olhos?!... A gente não guarda cabras...

—A luz me falte, tia Anna, se eu fiz cousa por que perca!

—Pois sim, sim; mas que queres? Vão lá tapar as bôcas ao mundo! Eu, se fosse a ti, tanto se me dava que fallassem, como que não. És tu livre? não tens pae nem mãe; cada qual toma o rumo por onde lhe faz conta. É elle teu amigo?

—Eu sei cá se é meu amigo ou se não é!... tanto se me dá que seja, como que não... Vossemecê empresta-me o dinheiro? Acabemos com isto...

—Já te disse que sim, conta com elle; mas quero que me digas o que foi isso. Assim como assim tudo se sabe...

—Eu lhe conto, tia Anna. O tal sujeito chama-se Guilherme, não é do Porto, está em uma hospedaria na Batalha, e é fidalgo.

—Cáspite! Ainda o queres melhor?!

—Deixe-me contar-lhe... Elle disse-me que era muito meu amigo, que me tinha amor de pae, e que me queria fazer feliz.

—Olha a tolinha! e tu não...

—Eu não lhe disse que sim, nem que não... Disse-me umas palavras que me fizeram chorar, e não sei por que era... ao mesmo tempo gostava de ouvil-o fallar assim. Tinha-lhe mêdo, e não queria que ninguem estivesse ao pé de mim; era uma cousa que eu não sei dizer-lhe o que era. Só a lembrança d'elle me fazia esquecer minha mãe. Parece que adivinhava quando elle vinha; o coração tremia-me, e subia-me um calor á cara, que nem de febre. Quando elle me disse hoje que me tinha amor, eu senti uma alegria cá dentro, que me fazia endoudecer. Vae depois entrou meu primo, e elle esteve um bocado sem dizer nem palavra, e saíu com má cara. O Francisco começou a dizer-me que o que elle queria era seduzir-me, e abandonar-me... Sempre chorei, tia Anna!

—Deixa-o fallar... O Francisco o que elle queria sabemol-o nós... Ás vezes, Augusta, estes homens ricos casam com raparigas pobres, e são muito amigos d'ellas. Só de meu conhecimento ha tres casadas hoje no Porto com figurões: uma, que era creada de servir das senhoras Lacerdas, é baroneza; outra, que tinha um estanquinho na rua do Principe, está casada com um figurão, que é assim a modo d'estas cousas do governo; outra, que me comprou muito peixe fiado quando o amigo andava lá por fóra na emigração, anda de carruagem, e faz que me não conhece... cousas do mundo... Mas diz: o que queres fazer agora?

—Quero dar-lhe as tres moedas, e não quero que elle torne a minha casa.

—Então não gostas d'elle?

—Gostava, se elle me quizesse para bom fim; mas, como diz meu primo, estes senhores não casam com raparigas como eu.

—Pois faz como quizeres, Augusta... não te digo uma nem duas. O dinheiro vou dar-t'o já, se o queres.

—Pois se faz favor... Olhe lá, tia Anna, será melhor mandar-lh'o?

—Como quizeres; se tu queres, levo-lh'o eu.

—Pois sim... mas seria melhor que elle o recebesse da minha mão... não vá elle tomar isso como desfeita...

—Pois sim...

—E elle, depois, de certo não tornará a minha casa?

—Se tu o impontas, como ha de elle tornar?! só se não tiver vergonha.

—Mas eu não queria fazer-lhe desfeita...

—Ó rapariga, eu não te entendo, assim me Deus salve! Queres que elle venha ou não venha?

—Queria que elle não viesse; mas não se me dava que elle fosse meu amigo.

—Como ha de elle ser teu amigo sem te ver? Longe da vista, longe do coração..

—Eu queria que elle...

—Diz lá o que querias; não morras embuchada... a gente entende-se pelas palavras.

—Queria que elle viesse a minha casa, de vez em quando; mas não queria dever-lhe nada...

—Pois então paga-lhe as tres moedas; mas olha que elle não t'as aceita.

—Não que então mando-lh'as.

—Isso é outro caso, mas depois não esperes por elle mais...

—É o mesmo... Dê-me o dinheiro...

—Vê lá, menina; não dês um pontapé na fortuna... Olha que ella vem uma vez, e nunca mais torna...

—Que fortuna?!

—Se elle te quer fazer feliz, anda para diante...

—Não me dê esses conselhos, tia Anna... Tenho mêdo que minha mãe venha do outro mundo reprehender-me...

—Faz o que quizeres, Augusta.

....

A costureira saía da casa da vizinha com as tres moedas, quando Guilherme do Amaral, pela terceira vez, batia á porta d'ella: Augusta se não fosse vista, escondia-se: tal era a perturbação e o tremor instantaneo. Era tarde para fugir. Foi, sem ver o caminho que trilhava. A tia Anna, da janella fazia um aceno familiar com a mão a Amaral, que lhe correspondeu. N'este aceno dizia ella mimicamente: «Conte commigo, se eu for necessaria.»

A tia Anna negociaria a honra de Augusta, como seu pae negociára a vida do chanceller.

Augusta, erguendo apenas os olhos para Guilherme, que lhe cedera cortezmente o passo da porta, entrou em sua casa, esquecendo ou ignorando a delicadeza da primazia na entrada, ao hospede.

—Dá-me licença, Augusta?—disse elle com acanhamento improprio.

—Faz favor de entrar...

—Eu venho restituir-lhe a paz que lhe roubei, menina. Quiz fazel-a feliz, e não pude. Entrei n'esta casa com a tenção de ser bom, e retiro-me talvez, deixando em vez de amizade, odio; em vez de saudade, esquecimento. Nunca eu ouvisse os seus gritos, Augusta, quando aqui vim guiado a esta rua por um acaso. Foi para

ambos nós infelicidade vel-a eu. Para mim, porque a amo com paixão; para Augusta, que me queria, talvez, amar, e não póde. Alguem tomou posse do seu coração primeiro que eu. Não tenho odio a quem a merece, seja quem for. Se é seu primo, seja feliz com elle...

—Meu primo!—atalhou ella, estremecendo de emoção—O senhor está enganado commigo...

—Pois se não é seu primo, seja quem for...

—Não é ninguem.

—Ninguem! Para que mente, Augusta? Não tem necessidade de enganar-me... É outro amor que não a deixa ver o muito que a estimo, a felicidade que lhe preparo, e o desprezo em que tenho todas as cousas d'este mundo desde que a conheço. Augusta, diga que me não póde amar, porque ama outro...

A costureira deixou ver em todo o seu esplendor o brilho dos olhos intelligentes, fixando-os no rosto insinuante de Guilherme.

—Vae dizer-me a verdade...—continuou elle—vae dizer-me que não póde ser minha, porque é de outro.

—Não sou de ninguem, já lh'o disse...

—Mas seu primo, ha pouco, mostrou-se offendido de me encontrar aqui...

—Meu primo não tem nada commigo... o senhor já sabe que elle quer casar commigo, e eu não caso com elle...

—Nem com outro?

—Com outro? isso não sei... é consoante o coração me disser...

—E de mim não lhe diz nada o seu coração?...

—Do senhor?... Se eu fosse rica, ou o senhor pobre como eu...

—Quereria ser minha?...

—Mulher... de certo queria...

—Então, não lhe sou tão aborrecido como eu pensava...

—Nunca foi...

—E ama-me?... Não me responde? Já sentiu por outra pessoa o que sente por mim?

—Nunca!

— Jura-me que nunca?

— Por esta luz, que me alumia.

— Então por que me não diz que é minha? Por que me não segue? Por que não sáe d'esta casa para outra, em que se veja senhora de tudo que faz a felicidade d'este mundo?

— Saír d'aqui?!...

— Pois que dúvida tem em deixar uma casa, que não é digna de si?...

— As cousas não se fazem assim depressa... Antes d'isso...

— Diga... *antes d'isso*... o quê?

— V. s.ª bem póde entender-me... Eu quero viver com honra... e, quando saír d'aqui, ha de ser para entrar na igreja...

— Já?

— Pois o senhor para que fim me quer?

— Para adoral-a... e no futuro...

— Bem m'o diziam a mim... O senhor o que quer é fazer-me infeliz... Pois isso, não. Emquanto podér trabalhar, hei de viver com honra, como minha mãe viveu; em me faltando as forças, pedirei uma esmola.

— Isso quer dizer que me não ama...

— Então que hei de eu dizer ao senhor? Se amar é botar uma rapariga a perder, máu amor é o seu...

— E eu quero botal-a a perder? Augusta, não se fie nos embustes de seu primo. Confie-se em mim, e deixe á minha vontade a nobre recompensa de a fazer minha esposa, quando algum tempo se tiver passado... Antes de ser minha mulher, queira que eu conheça bem o seu genio; e, se elle se conformar com o que eu imagino que a menina é, então a farei senhora de tudo que é meu, aos olhos do mundo, porque aos meus olhos já o é...

— E se o meu genio lhe não agradar?

— Ha de agradar.

— Mas supponha que não? quantas pessoas parecem aquillo que não são!...

— Se essa desventura acontecesse, Augusta, nunca precisaria trabalhar...

— Por quê?

— Dava-lhe um dote, com que poderia viver independente...

— Agora é que eu entendi tudo — atalhou ella, como despertando á beira de um abysmo. — Tenho visto o que o senhor quer... Eu não me vendo... Tenho vinte annos, mas sei, por ouvir dizer, o que vae pelo mundo. Vivo bem na minha pobreza, não invejo ninguem, e por isso não aceito os seus favores, porque não preciso d'elles.

— Não seja ingrata, Augusta... Eu nunca lhe fiz favores, mas deve agradecer-me os desejos de ser-lhe util...

— Já me fez favores que eu muito agradeço. Deixou-me tres moedas em ouro, mas ellas aqui estão; perdoará serem em prata...

Amaral recuou diante da mão, que lhe offerecia o dinheiro.

— Offende-me cruelmente, Augusta! Eu não lhe mereço isto!

— Não é p'lo offender... Então precisava, e agora não preciso... Faz favor de aceitar?

— Não aceito.

— Pelo amor de Deus, receba este dinheiro...

— Não me trate assim, Augusta! Se tem escrupulos de honra em aceitar esse dinheiro, dê-o por minha intenção aos pobres; mas, por quem é, antes me diga que me despede, eu não voltarei; o que não posso soffrer é que me empurre como um vil credor pela porta fóra...

— Eu não o mando saír, senhor — interrompeu ella commovida, com as lagrimas a fio.

— Pois que maneira é esta de tratar uma pessoa, que, se lhe não fez bem, tambem lhe não fez mal? Disse-lhe que a amava: isto offendeu-a?

— Não, senhor...

— Disse-lhe que a queria fazer feliz com o meu amor, e com a minha riqueza, pouca ou muita... isso offendeu-a?... Responda, Augusta...

— O senhor quer fazer de mim sua amiga, e não sua esposa.

— Minha amiga! que feliz eu seria se a podesse fazer minha amiga...

— Quer amar-me de um modo que eu não possa ap-

parecer com a cara descoberta... Todos hão de dizer... «aquella rapariga é a amiga de fulano...»

— E que digam? que lhe importa o que disserem, se Augusta vive só para mim?! Se eu tivesse de ser maltratado por meu pae, por minha familia, pelos meus amigos, por todo o mundo, bastava-me o amor de Augusta, para eu desprezar tudo que não a respeitasse... Pois a menina persuade-se que só o casamento faz a felicidade e a honra de uma mulher? Está muito enganada, e tem razão, porque não sabe nada do mundo. A mulher casada não é feliz quando se não conforma com as inclinações do marido, e vive em um contínuo inferno de portas a dentro. A mulher casada não tem honra, quando, obrigada por um máu marido, esquece os seus deveres, ou julga que não têm nenhuns com um marido que falta aos seus. Entendeu-me, Augusta? Nunca ouviu fallar como eu fallo?

— A quem havia eu de ouvir essas palavras? Eu não conheço senão meu primo, e oxalá que... não conhecesse mais ninguem...

— Pois bom é que me caiba a mim abrir-lhe os olhos para ver as cousas como ellas são; a não ser eu, poderia ser que outro lhe deixasse a experiencia, e tambem o remorso. Eu não. Digo-lhe isto, com a certeza de que não será minha. Quizera poder prevenil-a contra as tentações de algum seductor, que venha, depois de mim, inquietar a sua doce tranquillidade. Ora pois, Augusta, eu vou retirar-me, e a menina fica feliz...

— Feliz!... eu nunca mais posso ser feliz... por isso é que eu digo, que oxalá eu nunca conhecesse senão meu primo... esse não me fazia bem nem mal...

— E eu que mal lhe fiz!...

— Não sei, snr. Guilherme...

— Quer dizer que a offendi, sim?

— Fez-me infeliz... Eu nunca mais posso ter descanso... não o tornando a ver...

— É um anjo, Augusta! — exclamou Guilherme, beijando-lhe a mão, e calando a impetuosa eloquencia do jubilo, que ella não comprehenderia.

E talvez comprehendesse! Amaral desconfiava que não. Bem se vê, durante este estirado dialogo, como elle

procurava nivelar a phrase á curta capacidade de uma costureira. Não sabia o provinciano que ha phenomenos de intelligencia na mulher, uma especie de adivinhação, luz subita que lhe aclara o entendimento, emquanto lhe sôam aos ouvidos incultos as palavras de um amante, magicamente harmoniosas.

Entre parenthesis: Eu disse uma vez, a uma rapariga do campo, cousas monstruosas de ternura em estylo de drama. Creio mesmo que misturei na minha allocução lancinante um fragmento dos *Dois Arrenegados,* tragedia em voga. A moçoila fixava-me uns olhos pavidos de penetrante intelligencia. E entendeu-me, creio eu. Querendo explicar o phenomeno, lembro-me que fiz, de outra vez, parar uma dóninha, escutando-me um arpejo de violão! Segredos da mulher e da dóninha. *Hei mihi! qualis erat!...*

X

Cedendo a mão ao casto e fervoroso beijo, Augusta sentiu aquecer-lhe o sangue o fogo d'aquelles labios. Não tinha animo de retirar a mão, nem Guilherme vontade de largal-a. Se era muito conceder, ella não se mostrava arrependida; se era pouco do muito que havia a gosar, elle não pedia mais. Era esse o mutuo enlevo de duas almas, que deviam assim unidas tocar o céo, se n'esse instante a morte as despisse do involucro material, perfido agente de todas as loucuras. Mas a morte não ousaria tanto, ao vel-os tão embriagados nas momentaneas delicias da vida. O que ella faria era passar, sorrindo da brevidade do gôso humano, e da sêde insaciavel da alma, emquanto não desata os nós, que a prendem á fonte das aguas impuras cá de baixo.

E os labios sôfregos de Guilherme continuavam a libar não sei que doçuras da mão extraordinariamente delicada da costureira. A anciedade de delicias novas impacientava-se. Como a abelha, que salta de uma em outra flor, o sequioso amante buscou pascer a fome do ideal nos lirios do collo alvissimo. Ao movimento inesperado, Augusta fez um signal de despeito; mas não fugiu. Cingida na cintura pelo braço convulsivo, tremeu como o braço que a cingia, mas por sensação diversa. Ao sentir no pescoço o roçar aspero de um bigode, e a calidez caustica dos beiços, fez um esforço impetuoso, soltando-se dos braços, e, d'esta vez, fugiu, escarlate como a romã, meigamente resentida, como a Haidée em um dos cantos de Byron, que não cito textualmente, porque não é das cousas mais moralisadoras, que eu conheço.

— Augusta! — disse Amaral, sem perseguil-a — Não

me voltes as costas! Olha para mim... Não achas tão agradavel o *tu* na bôca de um homem que te ama? Trata-me assim tambem. Ora diz: «és o meu Guilherme... e eu sou a tua Augusta». Não queres dizer? Má! Tambem não a quero tratar por tu...

— Trate-me como quizer; mas eu... não devo...

— Deves, Augusta. Eu não sou só teu irmão, nem teu amigo; sou mais que teu marido, sou teu, de alma e coração, teu por toda a vida, embora não sejas minha... Não és?

— Sou... uma infeliz, se o senhor quizer que eu seja...

— Eu! poderei eu fazer-te infeliz? Has de ainda arrepender-te do que me dizes... Quando não tiveres nada a desejar n'esta vida, olharás com tristeza para isto que foste antes de me conhecer. Augusta! de hoje em diante não ha mulher nenhuma, que não inveje a tua sorte. Ha muitas que ao verem-te, linda como és, hão de morder-se de raiva. Os teus vestidos serão os mais ricos, a tua casa a mais asseiada, os teus desejos os mais depressa adivinhados. Eu hei de adorar-te como mulher a quem devo a felicidade, que todas as outras me roubaram. Serás o meu anjo da guarda. Nunca sairei de ao pé de ti. Nasceste mulher, hei de fazer-te senhora. Antes de um anno abrirás um livro ao pé de mim, e lerás os infortunios dos amantes infelizes, emquanto nós nada teremos que nos assimilhe na nossa sorte á d'elles. Passado um anno, não te conhecerás. Educada pelo meu amor, serás tudo o que póde ser uma mulher de alto nascimento. Entrarás em uma sala, e as que te não conheceram na rua dos Armenios, perguntarão d'onde veio mulher tão bella, e tão espirituosa. Será então que os teus olhos, cheios de lagrimas de reconhecimento, virão encontrar nos meus o orgulho de te possuir...

No seu arrebatamento, Guilherme esqueceu-se que fallava com uma costureira, e por pouco não se perde na nevoenta phraseologia com que apaixonára Cecilia, com que embriagára Margarida, e com que aturdira muitas cabeças vertiginosas.

Cousa espantosa! a costureira entendeu-o, sem diccionario! Repetiria, pouco mais ou menos, as expres-

sões sumptuosas que a encantavam! Iria, como as pedras de rojo ao som da lyra de Amphião, atraz d'aquelle harmonico de palavras, ainda mesmo que ellas fossem as flores onde se esconde a vibora.

Mas não eram.

Guilherme do Amaral nunca fora tão sincero. O seu coração, crença, esperança e orgulho, estavam n'esse prospecto de ventura, talvez mentiroso como todos os prospectos com grande recheio de promessas.

Se elle se enganar, a culpa não é d'elle: culpae a inconsequente natureza. Se ella mente, como póde ser responsavel a victima! Não basta ao homem ser atraiçoado por ella! Quem perde senão o pobre sonhador de venturas impossiveis! Julgam-o máu, porque o infeliz não encontra o gôso duradouro, que a imaginação lhe impõe? Condemnam-o, porque elle se devora em paixões incessantes, e envelhece na mocidade? Injuriam o sequioso viajante no deserto, porque não encontra uma gotta de agua?

XI

O jornalista era um propheta. Os antigos videntes fel-os a santidade; a corrupção faz os prophetas contemporaneos. No homem gasto, vão-se as illusões, e fica a experiencia. Ora a experiencia é o sexto sentido, a intuição luminosa do futuro, a presciencia das inducções infalliveis de um principio immoral. E a unica superioridade dos corrompidos sobre os puros.

O leitor recorda-se d'aquellas intimas confidencias de Guilherme ao seu commensal, em um almoço na *Aguia d'Ouro.*

O poeta ia adiante dos projectos do provinciano, delineando a architectura romanesca da casa em que a seductora costureira contaria por palpitações do coração os minutos da encantada existencia do seu ephemero amante.

Para averiguarmos a importancia prophetica do jornalista, procuremos Augusta. Na rua dos Armenios, não. A tia Anna do Moiró, conversando com o Francisco fabricante, diz que Augusta fechára a porta, levára a chave, justamente no dia immediato áquelle em que lhe pedira e restituira tres moedas. O fabricante chorava como uma criança ao pé da filha do barqueiro, que não tinha geito nem vontade de consolal-o. Para ambos era claro que Augusta se entregára á discrição de Guilherme; todavia nenhum sabia onde ella estava. O artista, instigado pelo ciume e pela cólera, fora á *Aguia d'Ouro* informar-se do hospede; mas os creados disseram-lhe, o mais laconicamente que poderam, que o snr. Amaral saíra da hospedaria.

Eu tenho obrigação de contar o que o fabricante não

sabia, nem a snr.ª Anna do Moiro, nem os serventes da hospedaria.

Sabem onde é o Candal?

É essa pittoresca collina, que se levanta por detraz das ruinas de um castello, d'onde Gaya, a formosa moura, espreitava a frota do godo, seu querido roubador, segundo a mythologia d'este maravilhoso torrão do Occidente. Como estendal de fadas, de longe branquejam as risonhas casas, olhando soberbas para o Porto, com o garbo de camponezas, frescas e toucadas de flores, sem inveja aos perystilos de porfido, aos mosaicos das alterosas paredes, ás opulentas gradarias de bronze. De cada quebrada do monte sobranceiro rebentam jorros de agua argentina, que se desenrolam sobre a immensa alcatifa de esmeralda, que vem do sopé dos edificios, tão limpida, a sujar-se nos bêcos immundos de Villa Nova, taverna, que dá vinho para todo o mundo, asquerosa como nenhuma outra taverna do mundo.

Fujamos d'aqui para o alto. Lá, sim. De cada copa de madresilva julgaes ver, rociada de orvalho, surgir uma dryade, encostada á urna das aguas, que rumorejam entre os silvados. O poeta sobe de lá nos extasis do idyllio a todos os céos da imaginação rejuvenescida. Os canticos de Cintra, cantados cá, parecem seus. Os amores famosos de dois pôetas, que além choraram, Bernardim e Camões, concebem-se aqui, explicam-se, entram no espirito como um quinhão de dor suave, e da saudade lucida dos amores de outro tempo. Não sabeis o que é o Candal, se o não vêdes assim.

Por lá passára um dia Guilherme, quando o sol se atufava no mar, deixando sobre o oceano larga esteira de prata, em scintillantes escamas. Era essa, pois, a hora da saudade, a do meditar anhelante, a hora da poesia, que desce do céo ao coração de todo o homem.

Amaral, sem testemunhas, com os seus instinctos, não falsificados á feição da celebridade, que se procurava, era poeta, era sonhador, despia a face da mascara abrazadora, sorvia o ar puro da natureza, sentia-se convalescer da dolorosa enfermidade do tedio, e anciava outro mundo melhor que o seu.

Foi no Candal que elle sentiu mais lúcida a intermittente da poesia. Parára, contemplando o occaso do sol, que durante dois annos não saudára, desde que esquecera essa hora, tão mysteriosa na sua aldeia. A emoção, que primeiro lhe acordára a sensibilidade entorpecida, foram saudades de sua mãe, imagem santa, que vinha pedir-lhe uma lagrima tardia. Depois, uma a uma, as saudades da sua vida infantil; o prado mais querido, a arvore de mais doce sombra, o regato de mais placido murmurio, a flor valída, a montanha das tradições medonhas, o velho rafeiro que lhe lambia as mãos, o escabello de pedra no átrio da velha capella, onde lera o *René*, o seu mais predilecto livro dos quinze annos. Depois, desce á vida do homem prematuro. Encontra uma tediosa uniformidade de scenas: amor sem paixão; impostura de insensato, que se quizera destacar do vulgo, dando-se a importancia de heroe de um mediocre romance. Teve vergonha de si: viu-se miseravel, ignobil, e mais trivial que todos os fátuos do seu conhecimento.

D'este lodaçal levantou-se agarrado ás azas do cherubim da esperança. Alteou-se até Deus, deixando em baixo o atheismo, que abraçára sem convicções de atheu; que abraçára, porque era incompativel a virtude com a sua mentirosa personificação. De lá, observou a terra a olho nú, e viu que a felicidade não era uma chimera de infelizes. Imaginou a mulher amada, reclinando-se nos braços do amante, do amigo sincero, do bem-quisto dos homens, d'ella e de Deus. Mas a mulher amada, onde estava ella? A que zona, a que torrão do globo levaria o poeta o ecco da sua invocação?

As mulheres do seu mundo passaram-lhe diante dos olhos, e elle voltou a face enojada para não vel-as. Eram frivolas, transfiguradas como elle, destras na impostura, recebendo a mentira pomposa com mais amor que a verdade núa. O desalento enturvou-lhe o espirito, a luz de um momento empallideceu, como o clarão da lua, que então se erguia sobre as cumiadas da cidade fronteira. Amaral descera o monte de Gaya, triste e abatido como o amigo, que volta de acompanhar ao cemiterio o que lhe era confidente nas lagrimas.

Parou ainda, volvendo a face para o local onde tantas reminiscencias amargas, tantas esperanças doces se enlaçaram, destruindo-se.

—Foi alli...—disse elle—Nunca me esquecerá o sitio nem a hora... Se eu for menos infeliz um dia, virei ahi recordar a hora de hoje.

Isto passára-se a vinte e oito de junho, justamente na vespera do arraial de Miragaya.

Impressionado pela coincidencia da meditação com o encontro de Augusta, Amaral, supersticioso como aquelles que vêem além do que é palpavel, attribuiu a influxo providencial o mero acaso d'essa costureira, que chorava abraçada ao cadaver de sua mãe. Sem o precedente do Candal, Guilherme não seria tão accessivel á formosura real, e ao idealismo romanesco de Augusta.

Amando-a, e tentando-a, julgou facil convencel-a. Phantasiou, como já vimos, o que ha de melhor na vida, o amor verdadeiro, o amor sem emboscadas, a perfeição do amor. Não sabia elle que além da perfeição está o fastio: não lera esta verdade eterna proferida por uma mulher: «O amor só vive pelo sôffrimento; cessa com a felicidade; porque o amor feliz é a perfeição dos mais bellos sonhos, e tudo que é perfeito, ou aperfeiçoado, toca o seu fim.»

O leitor, assim elucidado, explica a existencia de Augusta no Candal, se me dispensa de lhe dizer que foi ahi transportada em uma sege, dois dias depois que a snr.ª Anna da rua dos Armenios a vira saír e não voltar.

A casa em que ella vive é a que mais perto alveja de Guilherme, na tarde das suas tristezas scismadoras. É uma bonita casa. Não alardeio cópia de conhecimentos em alvenaria; deixo o sêstro das descripções architectonicas aos que se contentam com prender a admiração de algum mestre de obras.

Sei que era, e é, mui vistosa a casa, com as suas quatro janellas de transparentes azues e escarlates, com as suas cornijas pintadas de azul-celeste, as portas azues tambem, o pateo não espaçoso, mas copado de acacias, de mimosas e amoreiras, que o assombram, debruçan-

do-se sobre os muros da quinta, que circuita o pequeno edificio. No jardim ha a miniatura da floresta, a frescura dos caramanchões, a álea dos loureiros antiquissimos, as japoneiras com as ultimas camelias, os rainunculos, as pomponias, a rosa de todas as côres, o myrtho, a tulipa: variado matiz do branco, que diz candura; do escarlate, que diz paixão; do azul, que diz fidelidade; do amarello, que diz gloria; do verde, que diz esperança.

E todas as flores fallavam assim ao coração de Guilherme, quando, atrafado com a realisação das suas esperanças, dava ordens sobre ordens para que a casa se mobilasse do mais elegante e do mais rico. O dinheiro é milagroso, no nosso tempo, como a vara de Moysés em tempos melhores. A casa foi magicamente alcatifada, cortinada, mobilada, perfumada... era uma azafama de homens, rapazes e mulheres, que a impaciencia de Guilherme julgava activos como ostras!

Em dois dias formára o Eden o provinciano, que mostrou um gosto superior ao que devia esperar-se. Entrou a Eva, e com ella o inseparavel Adão, sem lesão de costella, nem receio de ser «mystificado» por alguma cobra das selvas vizinhas, descendente de outra que Milton fez fallar melhor que um deputado dos nossos.

Augusta já não parece a mesma. Lucrou muito com a mudança. Um pouco avellada das vivas côres do rosto, isso sim; mas, por isso mesmo, mais interessante. Vão-lhe bem os olhos pisados, e a morbidez do olhar. O vestido de lustrina preta, que lhe cáe em folhas sobre o verniz do sapato, não parece vestido em tal corpo pela primeira vez. Aria, elegancia, donaire, flexibilidade, tudo isto, ou lh'o ensinou a arte, ou viera da natureza, para quando o acaso lh'o prosperasse. Como ella veste uma luva da côr do leite, menos alva que o antebraço, comprimido em pulseira, que lhe talham relevos de graciosas roscas! Nem mais garbosa uma andaluza lançaria dos hombros a mantilha! Cáe fatigada sobre uma cadeira de estofos, com a graça imperial de uma duqueza, extenuada de galopar no rasto de uma lebre! Como é que se faz tanto de uma costureira em quarenta e oito horas!

A omnipotencia do instincto: não conhecemos outra resposta.

Achaes futil a razão? Tendes olhos e não vêdes. Ide aos salões. Se não conheceis os modelos da elegancia, informae-vos. Lá achareis phenomenos mais curiosos que o de Augusta. A mão que, ha poucos annos, agitava um abano diante de uma fornalha, vel-a-heis agitar um leque, abril-o e fechal-o, compromettel-o em um olhar travêsso e em um sorrir malicioso... emfim, «são cousas d'este mundo», como dizia a snr.ª Anna do Moiro.

Agora, devemos ouvil-a. Seria mais pasmoso ainda que a sua expressão mudasse na razão directa do apuramento das fórmas! Faltava-nos ver esse prodigio phylologico.

— Gostas da tua casa, Augusta? — perguntou Guilherme.

— Da minha, ou da nossa? — corrigiu ella com meiguice.

— Da nossa...

— Gósto muito... Não sei para que é tanta riqueza!

— Para ti.

— Para mim? Eu vivo com bem pouco... O que eu quero é o teu amor, e mais nada.

— O meu amor é tudo que vês... Menti-te?

— Não... perdoa-me.

— Já me pedes perdão?!

— Hei de pedir-t'o sempre, Guilherme...

— Mas tu estás triste!...

— Não se chora de alegria?

— Como tu és linda! Vê-te áquelle espelho...

— Ora!... não brinques commigo... Eu sou linda sómente aos teus olhos... Quem o feio ama, bonito lhe parece...

— Esse *anexim* não é do bom tom; não o tornes a dizer.

— Que é *anexim?*

— E' um dito do povo... Tu já não és povo.

— Pois emenda todas as tolices que eu disser, sim?

— Amanhã de manhã tens aqui um mestre de pri-

meiras lettras; de tarde vem outro de piano: quero que estudes muito, sim?

— Todo o tempo que tu quizeres.

— Se em seis mezes souberes escrever, dou-te dez mil beijos...

— Está dito... dez mil beijos, e um já por conta...

— Dois, tres, quatro... fico-te devendo, no caso de não faltares ao contrato, nove mil novecentos e noventa e seis beijos... Depois, has de aprender a fallar francez; depois italiano; e, se tiveres boa voz, has de ser uma perfeita cantora.

— E terei eu habilidade para aprender tanta cousa?

— Tens. Tu não sabes o que és. Ha tres dias que vives commigo: és outra mulher. Eras uma perola perdida. Em seis mezes apparecerás na sociedade, e rirás da ignorancia de muitas mulheres, que lá passam por espirituosas.

— Pois tu queres tirar-me d'aqui?!

— Não; mas quero que te vejam, porque tenho orgulho de ser feliz...

— E eu não queria que ninguem me visse.

— E eu não queria que *alguem* me visse... *alguem*, e não *ninguem*...

— Não torno a dizer assim, Guilherme. Não deixes passar nenhuma... *nenhuma* não, alguma asneira...

— A palavra *asneira* não é bonito em bôca de senhora; é melhor dizer: *erro*...

— Bonito! assim é que eu gósto... Tens muita paciencia em me ensinar...

— É que eu quero fazer de ti a primeira entre todas. Has de sel-a. O ultimo amor que desampara o homem é o amor combinado com o orgulho. Quero estar prevenido para me alimentar d'esse, quando os outros me faltarem...

Augusta não o entendera. Não importa. A idéa era um pouco confusa. Acha-se mais intelligivel na ampliação de *madame de Girardin*: «ama-se com todos os amores: amor de natureza, amor de coração, amor de orgulho... é preciso não esquecer este ultimo... Amar com orgulho, ter vaidade do que se ama, é apenas um luxo, mas é um luxo, que muito bem parece...»

XII

— Tem tido noticias do seu amigo Amaral?— perguntou D. Cecilia ao jornalista, na *praia dos Inglezes,* em S. João da Foz —Visitou-o?! Eu cuidei que elle não deixava ver a ninguem a romantica costureira.

— Segue-se que o meu amigo deposita n'ella uma illimitada confiança.

— É bonita, como se diz?

— Não posso dizer-lhe que é bonita, porque este adjectivo anda por ahi em concordancia com muitos substantivos, que o não merecem. É mais que bonita. A imaginação não associa um composto de feições assim! Raphael dava um traço negro sobre a cabeça de todas as suas madonas, se visse Augusta.

— Sim?! Ora vejam!... É espirituosa?...

— Isso é outra cousa: o talento é a arte que a desenvolve; a formosura é um dom natural. Não tem tempo ainda de ser espirituosa; mas será, com dois annos de estudo, um prodigio. Ha tres mezes que vive com Guilherme, e escreve, e lê com admiravel correcção. Não conhece a musica: mas inventa harmonias ao piano. Adivinha tudo. Conversa sem pretensão n'aquillo que sabe. Os ares são de uma perfeita senhora, afeita desde criança á convivencia com as illustrações, e ao estudo dos bons modelos na arte de prender os espiritos. A gente esquece-se de que esta mulher foi uma costureira de suspensorios, tres mezes antes.

— Faz-me rir o seu enthusiasmo! Os poetas têem cousas! Uma costureira assim era capaz de fazer a sua felicidade, não era?

— Não, minha senhora.

— Não?!... excentricidade! Que mais ambiciona? Os

amores de uma costureira aqueceram o vacuo glacial do seu amigo, que de certo era mais difficil de contentar que v. s.ª

—Mais difficil, não... Eu tenho-me contentado com bem menos... V. exc.ª não ignora que eu vivi muito tempo palpitando na esperança do seu amor...

—Não sei a que vem a reflexão... Não se falla de mim... O que devo observar-lhe é que os instinctos do snr. Guilherme do Amaral são bem rasteiros!... Desceu muito da sua posição, abysmou-se na lama. Uma senhora terá repugnancia em estender-lhe a mão... Davase tanta importancia!... Vejam no que deu todo aquelle orgulho!... Inaccessivel a tanta gente boa, e tão facil á seducção de uma costureira...

—Inaccessivel, não, minha estimavel snr.ª D. Cecilia. Guilherme era accessivel a toda a tentação: deixava-se ir ao convite dos olhos provocadores da *gente boa.* E, pelo conhecimento que tenho do meu amigo, protesto contra a calumnia. Amaral desempenhou, como cavalheiro que era, lealmente todos os encargos da boa sociedade com a boa gente. Se v. exc.ª não foi attendida na sua concorrencia ao mercado...

—Que diz?!

—Digo que Amaral a não attendeu, porque tinha virtudes do seculo quatorze, misturadas á corrupção do dezenove. Não obstante... (não se agonie, minha senhora; estamos conversando na mais santa intimidade), não obstante, o meu amigo nem sempre resistiu ás numerosas tentações. Adormeceu, como Homero, algumas vezes; teve fraquezas ingenitas á degenerada raça humana, que não parece ser a unica degenerada, porque todas as outras raças fazem, com mais escandalo, o que a nossa tem a virtude de acautelar. Devemos ao bom senso das senhoras as precauções, que nos poupam a uma degradação completa.

—Não entendo... V. s.ª está desmanchando em prosa inintelligivel uma poesia libertina... Quer dizer que a costureira do seu amigo vale mais que as pessoas delicadas, que receberam mais ou menos cordialmente o snr. Amaral?

— Entendo que sim...
— A grosseria não parece sua.
— É minha, e não vendo a originalidade.
— Dê-me licença, que vou tomar o meu banho. Já me chamou tres vezes a banheira...
— Tenha uma pouca de crueldade com a sua banheira, snr.ª D. Cecilia; mas, para satisfação de ambos nós, conceda que eu dê uma succinta explicação da minha grosseria. A costureira vale mais que as cordialissimas admiradoras de Guilherme, porque a costureira não tinha uma cordialidade elastica prompta a estender-se na mão de cada qual que puxava por ella. Amou um homem unico, e esse homem queria um amor unico, um coração virgem, um rosto que exprimisse, no fogo do rubor, a primeira emoção. A costureira... não sonhou typos, nem sabia que os typos sonhados desfilavam depois, vestidos de frak e bota de polimento, diante da phantastica sonhadora, sempre á espera do ultimo. A costureira era uma mulher simples, com a cabeça, e o coração, e o estomago no seu logar. Pensa, ama, e come como a *boa gente;* mas a boa gente não pensa nem ama como ella. Quem podér entender que entenda.
— É um cháos a sua explicação! Não tive a gloria de entendel-o.
— Pois então simplifiquemos: V. exc.ª não vale a costureira, ainda mesmo com o supplemento das minhas poesias, que são cento e quarenta e quatro.

Cecilia, vermelha de cólera, voltou as costas ao jornalista, que, sentado em uma pequena cadeira de pinho, ficou esboçando na areia uma cabeça com um enorme nariz. Depois foi pedir fogo ao marido de Cecilia, para accender um charuto. Tornou a sentar-se, e fez profundas considerações sociaes, que publicou no folhetim do dia immediato, com grave desfalque na sua já abalada reputação de homem honesto.

Ainda assim, era elle o unico homem recebido em casa de Guilherme.

A primeira vez que viu e ouviu Augusta, abraçou o amigo, exclamando com sincero enthusiasmo: «Tinhas razão! Renego das minhas theorias. A felicidade dura-

doura é possivel com esta mulher. Deves amar muito a tua obra. A alma que ella tem é tua: déste-lh'a. Enamoras-te, cada vez mais, de um novo dote que lhe dás. Pigmalião amava a sua estatua; tu amas a mulher que estremece debaixo da tua mão a cada retoque do teu genio creador. És feliz! És o segundo Jehovah d'esta creação. A natureza deu-lhe o primor do corpo; tu o primor da alma. Quando esta mulher te enjoar, suicida-te, porque não ha mais nada para ti...»

Estas palavras valeram muito á reputação do poeta. Desde este dia, Amaral foi seu amigo, amigo sem reserva, sem desconfiança. Dois grandes sentimentos simultaneos: o amor de Augusta, a amizade do litterato; póde ir mais longe a ambição do homem rico, aos vinte e dois annos?

Amaral não tinha outra. Todo absorvido na sua obra, como dissera o poeta, nada o distrahia da atmosphera de rosas em que o sol de todas as manhãs o saudava com os sorrisos beneficos de Deus. De mez a mez vinha ao Porto receber a avultada mezada, que se arbitrára. Não visitava ninguem. Fugia para a sua Augusta, que vinha sempre esperal-o, e abraçal-o com frenesis de alegria, no alto de Villa Nova.

O jornalista concorria duas noites de cada semana, e respirava alli — dizia elle — o ar balsamico da verdadeira poesia. Fallando cousas de litteratura com Guilherme, Augusta ouvia-os calada, mas dizia, nos olhos penetrantes, que os entendia. Em cousas do coração, Amaral escolhia assumptos do ultimo livro lido por Augusta, e elle interpretára nos logares obscuros, ou fingia ignorar nos que deviam ser mysterio para uma leitora ignorante. Augusta, n'essas analyses, convidada por Amaral, fallava pouco e com timidez; mas ouvil-a momentos era apurar o prazer de ouvil-a sempre. Os gabos animadores do jornalista, recebia-os córando, e os elogios secretos do amante, agradecia-os com lagrimas.

Em tardes serenas passeiavam a cavallo. Augusta era sempre bella; mas sobre o sellim, instigando com a espora o cavallo a graciosos corcovos, era inimitavel. Amaral revia-se na *sua obra*, com orgulho de artista e

ternura de amante. Como transparecia radioso o semblante d'ella pelo amplo véo azul-ferrete! Que gentileza, se o cavallo galopava, e o véo, solto ao vento, deixava ver o seu sorriso de confiança e alegria!

Rossi-Caccia cantava então no Porto. Amaral queria dar uma impressão nova a Augusta, que nem de theatro lyrico ouvira fallar na rua dos Armenios.

— Iremos ámanhã ao theatro — disse elle.

— Iremos...

— Não recebes com prazer esta resolução?

— Recebo com prazer todas as tuas vontades, Guilherme.

— Vi-te empallidecer agora...

— Não é nada...

— Dou-te a escolher: queres ir, ou não ir?

— Não ir.

— E dás-me a razão?

— Dou... Em parte nenhuma posso ser mais feliz do que sou aqui... Para que hei de eu ver cousas novas, se vejo tudo o que desejo?

— Mas as impressões novas não tolhem o gôso das antigas...

— A tua vontade, Guilherme.

— Eu desejava que ouvisses uma das primeiras cantoras da Europa... Desejo eu mesmo ouvil-a; mas não sem ti.

— Iremos... Que tempo se está no theatro?... Tres horas?

— Pouco mais ou menos.

— São tres horas, que não passarão tão depressa como as nossas d'aqui... Não importa, vamos ao theatro...

Foram. Apenas se ouviu correr a chave de um camarote, estando o panno em cima, convergiram as attenções para a segunda ordem. Augusta foi saudada com uma bateria de binoculos. Viram apparecer uma bella mulher, vestida de preto, sósinha, sentar-se, e não mais tirar os olhos do palco.

— Quem é? — perguntava D. Cecilia a D. Margarida, sua vizinha de camarote. (Tinham-se reconciliado no jantar de despedida de Guilherme.)

— Não sei... será da provincia...

— É vistosa!

— D'aqui parece-o.

— Eu só lhe vejo o perfil.

— Tambem eu. Pela immobilidade parece parvalheira.

— E todos os oculos da plateia voltados para lá!... Que espanto!

— Será ella...

— O quê?...

— Alguma...

— Nada... não vinha ao theatro italiano para a segunda ordem...

— Mas sósinha...

Estas reflexões de uma adoravel *innocencia* foram cortadas pela apparição de Guilherme do Amaral. O ciciar dos camarotes fez o contralto do rumor, em basso profundo, que correu na plateia. O provinciano, que adquirira nome de excentrico, fixava o oculo na actriz, e voltava para Augusta o rosto affectuoso da amabilidade de um namorado. Camarotes e plateia eram-lhe indifferentes. Nem por lá passeiou um d'esses olhares, que não dizem nada.

— Não admiras o descaramento, Cecilia?! — disse a filha do barão da Carvalhosa.

— É incrivel!... Está toda a gente espantada!...

— Será da belleza da costureira...

— Qual belleza! Ella não é nem metade do que diziam...

— É muito amarella.

— Amarella, não, é pallida; mas aquelle penteado!... Quem usa agora dos cachos!?

— E não a achas tão estreita dos hombros?

— Acho... o que lhe faz o seio é o algodão...

— A mão é grande.

— Está feito!... isso não tem ella máu... mas a maneira de pegar no oculo não desmente a antiga costureira de suspensorios...

— Mas olha os tolos, que não tiram de lá a vista!...

— Hão de dizer bonitas cousas na plateia...

— É uma falta de respeito á opinião publica...

— Uma immoralidade.
— Um caso novo...
— Está desacreditado o tal leão de costureiras.
— É digno d'ella...
Descera o panno, e abriu-se a porta do camarote de Guilherme. Era o jornalista, a quem o amigo cedeu o logar. Nada mais urbano, mais reverencioso que a postura do poeta conversando com Augusta.
— Está satisfeita, minha senhora?
— Estou bem.
— Gostou da Rossi-Caccia?
— Não posso comparal-a, porque é esta a primeira vez que entro em um theatro; mas o juizo de Guilherme é muito favoravel á cantora.
— E o seu coração precisa de juizos alheios?
— A julgal-a pelo coração, não julgo nada. Guilherme disse-me o enredo da historia, e sensibilisou-me. A musica não póde tanto como as palavras d'elle. Eu li, não sei aonde, que o amor da musica era um signal dos espiritos cultivados. Eu não posso dar esse signal.
— Até o excesso da modestia lhe fica bem... É de crer que v. exc.ª continue a frequentar o theatro.
— Por vontade de Guilherme.
— E por sua, não?
— Não, senhor. Tenho saudades do nosso gabinete. Este barulho atordoa-me... Tanta gente faz-me uma impressão dolorosa.
— Já viu os camarotes?
— Ainda não, nem me interessam. São senhoras que me não conhecem, nem eu conheço.
— E tu, Guilherme, conheces estas senhoras?...
— Não sei: não as vi ainda. Dá-me esse oculo.
Amaral, de um relance fugitivo, conheceu as principaes familias. Encontrou as lentes voltadas para o seu oculo, e sorriu-se para o poeta, que o entendeu ás mil maravilhas.
Augusta reparou no sorriso, e córou. Comprehendel-o-ia?
Finda a opera, o jornalista deu o braço a Augusta. Amaral mandára chegar a sege. A turba da espionagem

importuna, que se acotovela no portico, abriu as alas para a passagem de uma mulher, cuja belleza produzia a impressão do espanto, do respeito, da ternura, e até do susto. Ha mulheres que fazem isto.

Na porta travessa, onde tocam as carruagens, estavam grupos de senhoras, que Amaral cortejou ligeiramente, quando subia á carruagem para tirar uma banqueta de velludo-carmezim, onde Augusta pousou o pé esquerdo na garbosa subida. O jornalista dera-lhe a mão, erguendo bem sonora a voz:

— Tenha v. exc.ª uma feliz noite. Adeus, Amaral... até ámanhã.

Dentro da carruagem, Augusta apertou ao coração Guilherme, murmurando em tom de súpplica:

— Seja esta a primeira e ultima vinda ao theatro, sim, meu anjo?

— Por que, filha?!

— São as primeiras horas de tristeza que soffro na tua companhia. Conheço que vivo só para ti, e nada do que me rodeia me pertence. Se amas o theatro, vem tu... não te prives de algum prazer; e, quando voltares a casa, encontrarás nos meus braços amor e contentamento.

— Mas que impressão foi essa?! Offendeu-te o olhar de alguem?...

— Não sei se alguem me olhou... eu não vi ninguem; sei que o sangue me faltava no pulso, e me subia em ondas á cabeça. Eu estive para pedir-te, no segundo acto, que nos retirassemos. Estava doente, sentia um desgosto profundo, uma vontade de chorar, que não sei como t'a explique... uma cousa semelhante ao presentimento de grande infortunio para ti... para mim, não...

— Effeitos do nosso ultimo romance...

— Não, meu querido Guilherme, os romances não me dão nem me tiram a tranquillidade...

....

Apenas apearam na sua silenciosa casinha do Candal, Augusta correu ao seu gabinete de leitura, lançou-se sobre uma cadeira, e exclamou:

— Ai!... que desafógo!... sou outra vez feliz!... achei a vida!...

Guilherme, com um beijo, confirmou-lhe a restauração da perdida felicidade.

XIII

Augusta olvidaria de todo o fabricante?

Respondendo a todas as perguntas que me fazem, não respondo a esta. É certo que ella nunca fallou em Francisco, e Guilherme meditava tudo o que dizia para não despertar lembranças da rua dos Armenios.

O que posso affirmar é que o fabricante não olvidou Augusta.

Já sabem as baldadas diligencias, que elle empregára, farejando o escondrijo da prima. Não era simples curiosidade de estranho, ou zelo de parente: era o amor, capaz de uma loucura, e o ciume, capaz de uma vingança, como ellas costumam ser n'esta especie de individuos.

Eram passados oito mezes de inuteis averiguações, quando Francisco lobrigou, na *rua das Flores*, Guilherme do Amaral. O primeiro abalo, que este encontro lhe fez, foi um impeto de raiva, que, em logar deserto, importaria uma boa facada. Depois, a reflexão reagiu, e o artista, coberto com a esquina da *Ponte-Nova*, esperou que Amaral saísse de uma ourivesaria, para espiar-lhe os passos.

Não esperou muitos segundos. Amaral saíra, e o fabricante seguira-o de longe, até vel-o entrar em uma sege de praça no largo de S. Domingos. A sege trotou para Villa Nova, e o fatigado artista, além da ponte, já não a viu voltar para a *rua Direita* (direita como a linha recta de um ebrio). Recuperadas as forças, foi muito de seu vagar seguindo o trilho dos cavallos; mas as lages da calçada não denunciavam nada.

Perguntando a um barqueiro se vira alli passar uma

sege, soube tudo que desejava. A sege, disse o barqueiró, levava um fidalgo que morava no Candal, e era patrão de uma sua filha, creada da cozinha.

O fabricante disfarçou como pôde a sua curiosidade, e seguiu o caminho do Candal. Perguntou a um lavrador onde morava um fidalgo chamado Guilherme, viu a casa, rodeou-a por longe, e voltou para o Porto. Se se demorasse até noite, poderia ver passar para o Porto, na mesma sege, Augusta e Guilherme.

N'essa noite o fabricante não dormiu. Era chegada a hora de uma vingança, oito mezes meditada. Na incerteza de saír-se bem da tentativa, Francisco entendeu que devia adial-a para a noite seguinte, a fim de confessar-se, com a louvavel esperança de entrar puro no céo, dado o caso infausto de ser morto, matando. (Este entendia o sacramento da penitencia á maneira dos que se confessam para minorar as penas do suicidio. Não são estes, comtudo, os que molestam mais a religião, nem os padres que os absolvem. O que faz mal são os romances e as bullas.) No dia seguinte, Francisco não foi á fabrica, e fez saber ao patrão que se despedia por algum tempo. O patrão, seu amigo e protector, procurou-o, e encontrou-o chorando.

—Que tens, Francisco? por que te despedes de minha casa?

—Não ha remedio, patrão... Cada qual vem a este mundo com a sua sina.

—Mas que tens, homem? Eu já ha muito que ando desconfiado de ti! D'antes eras um rapaz alegre, contente sempre, e, ha mezes a esta parte, vejo-te assim a modo de scismatico! Que diabo tens?

—São os meus peccados, patrão.

—Diz lá, homem; tudo se remedeia, quando ha amigos para as occasiões.

—O meu mal não tem remedio... Assim como assim, vou-lhe contar tudo. Eu não lhe disse, ha mais de tres annos, que queria casar com uma rapariga, que era minha prima?

—Disseste, e depois nunca mais fallaste n'isso.

—É porque ella andou a empatar o casamento, até

que, haverá oito mezes, fugiu de casa com um casaca, e está com elle.

— E agora que lhe queres?

— Quero dar cabo d'elle.

— Ės asno, homem! que te importa a ti a rapariga! faltam elle mulheres!

— Não ha nenhuma como ella; por mais que eu queira não a posso varrer da lembrança; quando estou a comer, e me lembro d'ella, fica-me o bocado atrancado na garganta; tenho passado noites em claro; aborrece-me tudo; não sei como trabalho; nem me presta a feria... Tinha-lhe um amor de raiz, mesmo amor cá de dentro. Assim me Deus salve, que não lhe tenho a ella raiva!

— E elle que culpa tem? Um cão, quando lhe botam um osso, aboca-o...

— Não diga isso, patrão, e perdoará!... A elle é que eu tenho alma de lhe trincar os figados... Foi elle que lhe entrou pela porta dentro com tres moedas, como quem vae comprar uma vacca. Estes homens ricos, que se servem do dinheiro para fazerem a desgraça da gente pobre, merecem um tiro. Ella estava, mansa e quêda, em sua casa; para que veio elle roubar-m'a? porque tinha dinheiro, e eu precisava ganhal-o para comer. Uma rapariguinha não tem culpa de se deixar caír na rede; elles é que são os malvados, que não têem pena de botarem a perder uma mulher...

— E tu casavas com ella agora?

— O que seria, isso é que eu não sei, patrão... Tenho-lhe uma paixão de morrer. Está-me a parecer que casava com ella, se podesse dar cabo do tal tratante!

— Pois então, rapaz, digo-te que não tens vergonha nenhuma!... Pois tu casavas com uma rapariga que andou por lá a correr fadario?!

— Deixe-me, patrão... Eu já não regulo bem da cabeça... Aquella mulher dá commigo doudo... A minha vontade era metter esta faca no pescoço...

— Está quieto, rapaz... Não sejas asno... Anda d'ahi commigo...

— Para onde me leva?

— Vamos á fabrica... lá fallaremos. Tenho lá dois

teares de panno, que só tu podes governar. De hoje em diante ficas sendo meu contra-mestre, ganhando oito tostões por dia. Ámanhã, se quizeres casar com a filha do Manoel da Severa, ou com a Felizarda do Cabeço-de-Cima, não te dizem que não. Podes-te estabelecer quando quizeres, que eu dou-te abono, e dinheiro para meia duzia de teares... Anda d'ahi, Francisco...

— Não vou... Assim como assim, a minha sorte foi tirada de baralha... Não me importa ser rico, nem pobre... Ha de ir por diante a minha idéa...

— Qual idéa?

— Hei de esfregar aquelle pandilha, que me roubou minha prima.

— E se eu te prender como regedor?

Francisco abriu os olhos raiados de lagrimas e sangue para a physionomia severa do patrão.

— Pois vossemecê tinha alma de me prender?!

— Oh, se tenho! Pois eu não te hei de livrar de fazeres uma asneira?! Queres ir acabar a uma forca? Pensas que se mata um homem como quem mata um cão?! E se elle primeiro te metter uma bala na cabeça? Ora não sejas cabeçudo! Anda commigo, e já!

Francisco saíu machinalmente; entrou na fabrica, sentou-se ao tear, trabalhou meia hora; mas o patrão, reparando na desordem em que elle trazia os fios das canellas, mandou-o saír, e andou por lá explicando-lhe as obrigações de contra-mestre.

Ao fim da tarde, perdeu-o de vista um instante. Procurou-o; mas não houve encontral-o.

Francisco — dissera um operario — descera, com a clavina do patrão, para as bandas do Ouro, e passára para além do rio em um barco.

O jornalista, conforme promettera a Guilherme na saída do theatro, foi ao Candal passar a noite.

Quando parou o cavallo defronte da casa, ouviu o rumor de um vulto, que a escuridade não deixava ver entre uma touça de carvalhos.

Affirmou-se, e não só descobriu a massa escura do quer que era, que se movia, mas ouviu o estalar de um pêrro de arma de fogo.

Não disposto a morrer sem explicação prévia, o poeta exclamou:

— Ólé! veja lá que não se engane! Se quer conhecer-me, aproxime-se.

— Não é preciso, — disse o fabricante — póde passar.

O jornalista bateu no portão: um creado recebeu o cavallo: e Augusta, abrindo uma janella, disse para fóra:

— És tu?

— Pela pergunta — disse o jornalista — vejo que Amaral não está em casa.

— Ah! é v. s.ª? Queira subir.

— É admiravel!... Guilherme a estas horas por fóra! — disse, já na sala, o jornalista, um pouco enfiado, como quem não está afeito ao estalido dos pêrros.

— Teve uma carta da provincia — disse Augusta — pedindo-lhe uma procuração por causa de uma demanda, e quiz que ella fosse no correio de amanhã. Por ora não me dá grande cuidado, porque saíu ao escurecer.

— Eu sinto muito dar-lhe cuidado com esta saída, minha senhora...

— Que é?

— Defronte d'esta casa está um homem, que aperrou uma arma, quando eu parei: como lhe fiz saber que não seria eu a pessoa esperada, o homem disse-me que podia passar. Receio que a espera seja para Guilherme.

— Santo Deus! que hei de eu fazer?!

— Mandar um aviso a Guilherme.

— Mas quem póde ser esse homem?! Guilherme não tem inimigos...

— Quem sabe, minha senhora! Todos os homens distinctos têem inimigos...

— E a voz d'esse homem...

— Pareceu-me a voz de um homem grosseiro, de um assassino comprado... Se vae mandar recado a Guilherme, aconselho-lhe que o creado sáia pela porta da quinta; não vá o assassino tolher-lhe o passo.

— Diz bem...

Augusta, trémula e pallida de susto, mandou o creado, cuja vontade era espreitar o vulto, do muro da quinta,

e mandar-lhe para lá duas balas. Augusta não approvou a lembrança.

Quando ella dava esta ordem, achava-se presente o hortelão, que disse ter visto, pouco depois do anoitecer, um homem, de clavina, subir pelo lado de Santo Antonio de Val-Piedade. Era um rapaz de vinte e tantos annos, com jaqueta e bonet, assim a modo de artista — acrescentou elle.

Augusta exclamou um *ah!* Foi grito de uma lembrança subita. Terrivel, como o remorso, devia ser o sentimento, que a fez soltar esse grito! Mais do que vergonha e mêdo, a lividez subita, que lhe assomou ao rosto, assustou o jornalista.

— Que é, snr.ª D. Augusta? Não ha nada a receiar. Guilherme entrará pela porta travessa, e dará, antes de entrar, providencias para que o assassino seja preso.

— V. s.ª dá-me licença que eu me retire por alguns momentos...

— Oh! minha senhora... o que lhe peço é mais animo... Tenho já remorsos de assustal-a...

— Não deve tel-os... Devo-lhe um favor impagavel... Eu volto já...

Augusta, furtando-se á vista dos creados alvoroçados, desceu ao páteo, abriu o portão, e foi direita á touça de carvalhos fronteira. A transição repentina para a escuridade, tornava-lhe mais tenebrosa a noite. Um baixo socalco da tapada estorvou-lhe o passo, ao saír da estrada: teimou em saltal-o e caíu. Erguendo-se, ouviu rumor na folhagem, e destacou da massa escura da selva um vulto, que parecia mover-se, recuando.

— Francisco! — murmurou ella.

O vulto retirava-se, dando-lhe a certeza de que se não enganára. Augusta deu alguns passos, repetindo:

— Francisco, meu primo... não me fujas, é Augusta que te chama...

O fabricante parou, parvo de surpreza, pasmado, como o leitor e eu, menos boçaes que o fabricante, ficariamos em semelhante conflicto. E Augusta, cheia de resolução, foi ao pé d'elle:

— Por que me não respondes, Francisco?

— Que queres de mim?— disse o fabricante, mais commovido que ella.

— Para que é esta arma? que vens tu aqui fazer?

— Venho mostrar ao snr. Guilherme que um pobre tambem sabe vingar-se como se vingam os ricos.

— Vingar-se... de quê? Que mal te fez o snr. Guilherme? Se alguem te fez mal, fui eu...

— Tu eras uma rapariga innocente... não soubeste o que fazias... Elle é que te botou a perder...

— E que tens tu com a minha perda?

— Que tenho eu com a tua perda!? Sou teu primo, e devo defender-te na falta de teu pae.

— Defender-me de quê?

— De estares ahi de portas a dentro com esse homem, que te ha de atirar com dois pontapés qualquer dia para o meio da rua.

— E, se me atirar á rua, eu vou pedir-te alguma esmola?

— Ainda que m'a não peças, hei de eu dar-t'a, para te não ver andar por ahi esfarrapada.

— Cala-te! tu não sabes como eu sou amada por Guilherme...

— Faz elle muito bem; o amor eu lh'o darei...

— Pois tu pensas que eu consentia que lhe pozesses as mãos?

— Isso nós o veremos... Se não for hoje, será outro dia...

— Tu queres matar-me, Francisco! Vens de proposito fazer-me desgraçada... Pensas que me fazes tua amiga, praticando uma infamia! Se ferisses Guilherme, eu era capaz de te cravar um punhal no coração. Tenho um primo assassino!... Que vergonha! Sáe d'este logar... De hoje em diante aborreço-te como um malvado, que me quiz privar do unico bem que tenho n'esta vida... Sáe d'aqui, indigno, quando não chamo os creados, e mando-te entregar á justiça como um malfeitor, que espera com uma arma um homem que nunca lhe fez mal.

— Então foi para isso que vieste cá?— atalhou o fabricante com mansidão.

— Pois que pensavas? Querias que eu te viesse pedir perdão? De quê?. Que direito tens sobre mim? Quem te encarregou de zelar a minha honra? Pois tu queres comparar-te ao homem que eu amo, miseravel! Ousaste vir aqui com uma arma para o matar covardemente? Não posso ver nas tuas mãos isto...

Augusta, sem grande esforço, arrancára-lhe da mão a arma, e arrojára-a a alguns passos com pasmosa energia. O fabricante estacára, immovel, estatua do idiotismo, diante de tanta coragem, e fulminado pela torrente de epithetos, que saíam de uns labios frementes de raiva.

— Sáe d'aqui! — proseguiu ella, empurrando-o.

— Vê lá o que fazes, Augusta! não me empurres, porque eu não te trato mal!

— Não me tratas mal?! Queres matar o meu unico amparo, o homem que eu adoro de joelhos, o anjo que me dá o céo n'esta vida... e dizes que me não tratas mal?

A apostrophe impetuosa foi interrompida por passos, perto, e luzes, que vinham de um e outro extremo da estrada.

— Foge! — exclamou ella — foge, que te prendem!

— Deixal-os prender... que me matem até... eu não dou um passo para fugir...

— Foge! foge! Francisco!...

— Não fujo, já te disse.

Ao clarão dos archotes, vira Augusta homens armados, e, á frente d'elles, Guilherme com um par de pistolas aperradas.

— Quem está aqui? — exclamou Amaral.

— Sou eu! — disse Augusta com resolução.

— Tu!... e quem é esse homem?

— Aproxima-te, e conhecel-o-has.

Guilherme levou-lhe á cara uma lanterna, quando dois creados lhe lançavam as mãos. Ficou perplexo, procurando a explicação nos olhos de Augusta.

— Este homem não trazia uma arma de fogo?

— Trazia, — disse o fabricante — atirou-m'a para alli esta... esta mulher.

— Retirem-se, e deixem-nos — disse Amaral aos creados; e voltando-se para o artista:

— Que vinha vossê fazer aqui com uma arma?

— Guilherme! — atalhou Augusta com a vehemencia de uma súpplica — não perguntes nada, eu te contarei tudo. Deixa-o ir, que elle não torna aqui...

— Isso ainda eu o não disse... — acudiu o fabricante.

— Então que quer? — tornou Amaral.

— Não quero nada...

— Quer que o mande socegar alguns annos em uma enxovia?

— Lá isso.... como o senhor quizer...

O jornalista vinha animado do melhor espirito contra o assassino, ignorando todos os precedentes da estranha aventura. Guilherme pediu-lhe que se retirasse. O poeta retirou, perguntando-se se andava alli parodia da *Linda de Chamounix.*

— Vá-se embora, homem... — tornou Amaral — As suas balas não me podem ferir... Entenda que deve a vida a sua prima; mas não lhe prometto poupal-o, se tentar segunda vez ésta loucura. Eu vou-lhe buscar a sua arma... Aqui a tem... Retire-se...

O fabricante recebeu a arma. Amaral, com as pistolas na mão, seguia-o nos menores movimentos. A precaução era inutil. Francisco seguiu vagarosamente o caminho que trouxera, dizendo:

— Adeus, Augusta.

Teria dado cincoenta passos, e ouviu-se a detonação de um tiro. Guilherme correu com Augusta na direcção do fabricante. Encontraram-o prostrado, escorrendo sangue.

— D'onde lhe atiraram? — perguntou Guilherme.

— De parte nenhuma... Fui eu que me matei.

Chegaram os creados. Amaral mandou transportar aquelle homem a sua casa, e recebeu nos braços Augusta desfallecida.

O poeta, que tambem viera, dizia comsigo:

— Horrivel mysterio! Um romance para o futuro!

O heroismo dramatico do fabricante parece a parodia de algum feito estrondoso, praticado por heroe de romance. A *Margarida,* de Emilio de Girardin, tem um conde que se mata assim, pouco mais ou menos. O ar-

tista, porém, se não foi original, não sabia, de certo, que plagiava. No que elle foi mais feliz que os suicidas do nosso conhecimento, é que não morreu.

Transportado a casa de Guilherme, foi observado pelo jornalista, que sabia de tudo, inclusivamente de cirurgia. Observou que a bala não ferira a larynge nem a pharynge, nem as ramificações arteriosas ou venosas de mais melindre. Atravessando o musculo *sterno-eleydo-mastoideo*, a bala saíra por debaixo da maxilla inferior, sem, por grande fortuna do artista, lhe lesar este importante instrumento da mastigação! O facultativo confirmou o prognostico do poeta, e Francisco entrou em curativo.

Augusta era a sua enfermeira: só ella entrava no seu quarto. O fabricante, prohibido de fallar, encarava sua prima com os olhos sempre rasos de lagrimas. Ás ligeiras perguntas d'ella sobre o seu estado, o convalescente respondia com o acanhamento do pejo. É que o luxo do quarto, que lhe deram, e o luxo no trajar da prima, e as excellencias, que ouvia dar-lhe no quarto proximo, concorria tudo a vexal-o por ousar apresentar-se como primo de Augusta, e rival do fidalgo, senhor de toda aquella riqueza. E, depois, o amor com que sua prima velava a sua doença, as frequentes visitas do cirurgião, a generosidade d'ella em não mais lhe fallar na sua loucura, a importancia que lhe davam, a elle, pobre fabricante, em paga de uma intenção homicida, estes estimulos não feriram debalde a sua gratidão. Francisco esquecia o seu velho amor, e sentia-se em divida de respeito e amizade ao generoso amante de Augusta, que nunca viera ao seu quarto.

Quando, com vinte dias de curativo, se ergueu do leito, disse-lhe Augusta que o snr. Guilherme vinha fallar-lhe. Francisco fez-se vermelho. Tinha vergonha de encarar o homem que lhe pagára com beneficios a intenção premeditada de matal-o.

— Snr. Francisco, — disse Guilherme com affabilidade — tenho muito prazer com o seu restabelecimento. Não venho reprehendel-o. Vossemecê fez o que muita gente faz com melhor intelligencia do que a sua para conhecer

o que são loucuras. Quiz mostrar-lhe que sua prima não é infeliz, nem se faz má com a mudança de fortuna. Sei que lhe disse a ella que tinha vontade de saír d'esta casa logo que tivesse forças para trabalhar. Eu venho dizer-lhe que póde aqui viver como se esta casa fosse sua.

— Muito obrigado, snr. Guilherme; eu não tenho serventia nenhuma, por isso tanto faz dizer como não dizer que estou prompto no seu serviço. Sou um rapaz creado no trabalho, tenho o meu officio, e para lá torno.

— Mas, se vossemecê quizer habilitar-se para ser mais que um simples operario, eu dou-lhe os meios para estabelecer-se no commercio, ou na industria...

— Eu tenho quem me offereceu já esse favor; agradeço a boa vontade de v. exc.ª, mas não preciso, nem quero ser mais do que meu pae. Vou estabelecer-me, se Deus quizer, com uma fabrica de tecidos, e não me faltará pão.

— Como quizer; mas vá na certeza de que tem um amigo em mim, e em Augusta uma protectora.

— Eu bem o sei; e v. exc.ª perdoará as minhas loucuras... A gente nem sempre regula bem.

— Não tenho que perdoar-lhe. Bem castigado foi por si proprio. Voltou contra si a pontaria da arma que devia matar-me. Não fallemos mais n'isso.............

....

XIV

Este episodio alterou a descuidosa felicidade de Augusta. A sua alegria perdeu muito da intimidade espontanea. Os sorrisos já não lhe vinham da consciencia como um beneplacito á sua posição de mulher engrandecida pela deshonra. O amor immenso, a sujeição forçada á continuação do crime, não lhe eram incentivos, como são em tantas de igual estado, para obedecer cegamente á fatalidade, habituar-se á culpa, suffocando o tardio grito do remorso.

Era uma mulher muito original, com virtudes muito inconsequentes, não era? Pois melhor lhe fora transigir com o vicio, remediar-se com o irremediavel, seguir emfim o systema da submissão aos factos consummados. É o que faz muita gente melhor que a sensivel costureira.

O que ella não sabia fazer, como muita gente faz, era fingir-se, estereotypar a graça no semblante, captar, como a escrava do harem, com blandicias contrafeitas, o sorrir voluptuoso de seu senhor.

Amaral sentira a differença, e debalde interrogava o silencio resignado de Augusta.

— D'onde vem — dizia elle — uma melancolia, que não está no teu genio?

— Eu sou feliz, Guilherme...

— Ninguem o dirá... Se eu tivesse feito cousa que te affligisse até provocar-te arrependimento de seres o que és, não estarias mais triste...

— Pois vês em mim algum signal de arrependimento?...

— Todos os signaes. Eras outra antes da ida ao theatro, ou antes dos acontecimentos com teu primo...

— O theatro não me podia fazer mudar... Os acontecimentos com meu primo, não admira nada que me deixassem uma triste recordação.

— Tudo isso passou, Augusta... Teu primo está bom e feliz... Estes homens têem crises moraes, que se não demoram muito. Falta-lhes a intelligencia, que é a pêdra onde se afia o gume da dor. Têem o trabalho como distracção, e as necessidades pequenas, todas satisfeitas, como recompensa... Pois devo eu crer que a tua tristeza sejam saudades ou compaixão de teu primo?

— Nem saudades, nem compaixão, Guilherme. Se ha alguem que mereça compaixão...

— És tu?!

— Não, não sou eu... — emendou ella, abraçando-o — perdoa-me esta loucura... Sou muito ditosa comtigo; não quero compaixão senão de ti...

— Qual é o soffrimento que a merece, filha?

— Não soffro... não soffro...

— E, comtudo, choras!

— Pois que queres? Uma mulher, por mais feliz que seja, tem necessidade das lagrimas como do ar... chora-se insensivelmente, quando se é feliz, como se respira, quando se dorme...

— Não me satisfaz a explicação... Eu quero saber por que choras...

— Não sei, meu amigo.

— Que desejas?

— Nada para mim, que nada tenho a desejar... tudo para ti... quero que sejas muito feliz.

— Não o parece... os teus soffrimentos não me podem dar alegria.

— Elles passarão.

E, comtudo, não passavam.

Augusta esquecera os livros, a musica, as flores, os passeios a cavallo, e até o instinctivo engenho (o, sobre todos, mais precioso talento em mulheres) com que se vestia para surprender o amante com attractivos novos. Guilherme não merecia isto. A consciencia, ao mesmo tempo que o não accusava, instigava-o a ter com Augusta uma explicação mais explicita. Antes, porém, d'esse acto

custoso, consultou o jornalista, confidente inalteravel das suas mais escondidas tenções.

— Como explicas a tristeza de Augusta?

— Emquanto a mim, aquillo é effeito de algum romance...

— Não é.

— Se me dás a certeza de que não é...

— Dou.

— Então, tudo se explica. Dás licença que eu dê a minha opinião?

— É boa a pergunta!

— A mulher quer que tu cases com ella.

— Ora!...

— É o que te digo.

— Especula, por consequencia?

— Não especula: cede a um sentimento honesto. A intelligencia, que lhe apuraste de mais, desenvolveu-lhe ambições, que ella nunca teria. Entrou na consciencia da sua deshonra. Quer rehabilitar-se como as heroinas dos romances, em que certas mulheres até ao penultimo capitulo cambaleiam com a sua honra sobre uma corda bamba.

— Será isso?

— E, se for, que fazes?... Casas?

— Não. É tenção que nunca tive.

— Nem prometteste?

— Claramente não... se bem me lembro...

— Mas de um modo equivoco, sim; pois fizeste mal. Se tivesses lido a satyra de Boileau contra o EQUIVOCO, não caías na imprudencia de o dizer.

— Mas, desde que está commigo, nunca roçamos de leve por tal assumpto.

— Isso não é argumento.

— Creio que te enganas... Hoje mesmo hei de sondal-a a tal respeito.

— Pergunto eu: amas ainda muito Augusta?

— Amei-a muito, e posso dizer que a amo ainda; todavia, desde que a vejo corresponder-me friamente, tenho arrefecido um pouco... Foi máu contrariar-me...

— Contrariou-te?

— Pois que é entristecer-se quando eu me alegro? Pôr-me na obrigação de lhe perguntar o que tem de hora a hora, é enfadar-me. Bem sabes que tudo que é obrigação pésa, e eu não quero algemas. Se eu a contrariasse, pedia-lhe, ou não lhe pedia absolvição da culpa; não lhe tenho dado causa ao menor desgosto, e custa-me a representar de humilde... revolta-me o predominio, que ella quer exercer sobre mim... Sabes tu que todas as mulheres são semelhantes, logo que attingem um determinado gráu de intelligencia!?

— Ainda agora descobriste esse dogma? Isso é velho. A mulher de intelligencia cultivada na escóla do *savoir-vivre*, cáe hoje, rehabilita-se ámanhã, recáe depois, convalesce em poucas horas, e caminha sempre na alternativa com a face voltada para o sol. As que, caídas uma vez, nunca mais se levantam, são as machinas de pura massa de ossos e musculos e membranas: são as estupidas, que não engenham o collete de salvação com que se zomba dos naufragios do pôdre lenho, onde a virtude anda por ahi á mercê das vagas, que são tu, e eu, e outros muitos do nosso conhecimento. Apre! que me ia faltando o fôlego! Um periodo, d'este tamanho, em um livro, desacreditava-me! Em resumo, queria eu dizer, que Augusta prefere ser tua mulher a ser tua amante. Ora agora, tu optarás.

— Quero-a para amante, e é impossivel que ella insista na opinião contraria.

— E, se insistir? Se te entalar entre os dois bicos de um dilemma?

— Prescindo da sua companhia especulativa. Estou certo que ella não prescindirá.

— Tambem o creio... Diz-me cá: em tua casa não entra padre nenhum com uma pouca de mais moral que os abbades de Luiz XV?

— Em minha casa entras só tu.

— Pois de mim está certo que lhe não inspiro o escrupulo da incontinencia nos costumes. Aqui ha só a receiar que ella penda para a mystica. Se escrupulisa, se se fanatisa, deixa-te... Sabes tu que tenho uma suspeita muito razoavel?

— Qual suspeita?

— O teu amor a Augusta já não admitte crystallisação nenhuma.

— *Crystallisação!* não entendo.

— É porque não leste a *Physiologia do amor*, de Stendhal. Crystallisação são as bellezas imaginarias, as variantes fórmas, as luminosas cambiantes, que tu associas á mulher que te faz pensar duas horas, fremente de esperanças e desejos. É associar o maravilhoso ao ordinario. Ora tu já não imaginas nada a respeito de Augusta. Os crystaes fundiram-se: ficou a mulher...

— Que eu amo ainda.

— Não te illudas, Amaral... Eu fui terrivel propheta...

— Não prophetisaste... Amo Augusta; se não a amasse, era-me indifferente a melancolia d'ella.

— Mas não te sentes disposto a consolal-a de modo que ella não duvide da alta estima em que a tens?

— Casando-me com ella? Pelo amor de Deus! Estás comico! Pois realmente vens aconselhar-me o casamento?

— Eu aconselho o casamento a todo o homem, que vive dezoito mezes com uma mulher, e ao cabo d'esta eternidade de amor, ainda diz sem impostura: *amo-a*. Mulher que se ama, depois da convivencia de dezoito mezes, ama-se toda a vida, quer seja amante, quer seja esposa. Como estou na minha hora de sinceridade, deixa-me dizer-te que não achas mulher que valha tanto como Augusta. Se te desligas d'ella, comparar-te-hei ao avarento, que amontoou um thesouro, e, embriagado da sua fortuna, passava as noites e os dias contemplando-o; e, no frenesi do seu contentamento, endoudeceu, e, doudo, arrojou o thesouro pela janella á rua. O thesouro é essa mulher simples, immaculada, santa, perante a corrupção e a doblez de todas as que conheceste. Imagináras um anjo; o anjo saiu das tuas mãos perfeito. Fizeste de um coração em bruto o que Phidias fizera do marmore. Nenhum homem fizera tanto, e nenhuma mulher fora tão maleavel ás inspirações de um homem. O amor póde muito, transfigura muitas indoles, dá fórmas novas á mulher magnetisada; mas não é omnipotente, não produz o milagre, que se viu, e que se vê todos os dias operar em

Augusta o teu amor... Tu és um ingrato a Deus e a ella, se a abandonas!

— Eu disse que a abandonava?!

— Preciso eu, porventura, que m'o digas?! Tu estás sendo para mim um homem de crystal: vejo-te, sem a vista dupla do mesmerismo, as menores operações do espirito. Os teus reparos, enfastiados na melancolia de Augusta, são como os abrimentos de bôca no quarto acto do melhor drama. Ha um anno, a tristeza de Augusta seria para ella um novo titulo á tua admiração: chamar-lhe-ias poeta, *reveuse*, natureza privilegiada, espirito que entendia o idioma dos archanjos. Hoje, esse rosto assombrado já te não parece tão bello, e as lagrimas do coração silencioso incommodam-te.

— E incommodar-me-iam em qualquer tempo, admittindo a tua explicação do casamento.

— Pois é a explicação que mais honra Augusta. Não te parecé bem natural este desejo em uma mulher, que tu elevaste ás alturas da tua intelligencia? Eu acho até muito logica essa nobre ambição. Ha um anno, Augusta era ainda a mulher do amor, e só do amor-paixão; hoje, ha alli o espirito que se dá em troca de outro espirito; a intelligencia esposando a intelligencia; a idéa clara do dever e da honra dominando os arrebatamentos da paixão, e ensinando-lhe o que é a plenitude da felicidade sobre a terra.

— É o casamento?

— Deve sel-o, quando a mulher é Augusta, e o homem, a não ser o que tu devias ser, é aquillo que eu penso que seria.

— Pois tu casavas?!

— Com a primeira herdeira e a primeira belleza do globo, não; mas, na tua situação, com Augusta, sim.

— És uma maravilha!

— Olha, Amaral, não offendes a minha modestia; em verdade te digo que sou maravilha... Não grifes a palavra ironicamente... Maravilhoso és tu tambem: mas para mim és uma cousa legivel como um annuncio em parangona na quarta pagina de um jornal... Ahi vae outra prophecia... O fio, que te prende a Augusta, póde ser áma-

nhã cortado pela primeira Cecilia, que queira absolver-te dos erros passados, impondo-te a penitencia de te absteres dos amores da costureira afidalgada.

—É um ultraje que eu desmentirei...

—Se ha aqui um ultraje, não é a ti, é á natureza, matrona que eu respeito pelos seus disparates, pela importancia que ella se dá nos seus desvarios. O «conhece-te!» do philosopho antigo, é uma tolice. Quem é que se conhece? Quem póde responsabilisar-se pelos seus actos de ámanhã? Não está definida a virtude nem o crime. Tu hoje levantas uma mulher do nada com o enthusiasmo de um inspirado do céo; ámanhã arrojas essa mulher ao nada com a força de um instrumento, que obedece ao braço imperioso de uma vontade superior. Não sabes se foste hontem, ou és hoje virtuoso... Somos lamentaveis, meu caro Guilherme. A depravação da raça humana prova-se em ti, e em mim, n'esses que julgam beber mais puras as aguas da fonte da sciencia. A intelligencia é a corrupção ostentando-se em toda a sua luz. O sandeu esconde-se; nós galardoamo-nos com o escandalo... Não sei a que vem esta nesga de philosophia...

—Nem eu.

—Vinha a proposito de serem onze horas da noite, e eu não ter ainda escripto o folhetim de ámanhã... Vou rabiscal-o no teu escriptorio. Augusta deve ter notado a demora da nossa palestra. Pede-lhe que toque a *Casta Diva*, emquanto eu escrevo.

—Hoje escreverás sem musica... Vou decifrar o enigma, que me parece indecifravel depois da tua explicação.

XV

Augusta passeiava no jardim. O gosto era extravagante em uma noite de fevereiro, fria e ventosa. Amaral foi encontral-a ahi, encostada ao parapeito de um mirante de pedra, voltada para o mar, que, lá em baixo, rugia, ennegrecido por turbilhões de nuvens.

— Achas isto encantador, Augusta?— perguntou, sorrindo, Amaral.

— E não é encantador? Eu acho...

— Não sentes frio?

— Ainda não... Estou aqui, ha meia hora, e não queria saír sem que tu viesses ver...

— O quê?... Creio que não vês nada, Augusta...

— Vejo as trevas... não é assim que a gente infeliz vê sempre o seu futuro?

— Isso depende da maneira de ver as cousas. Cada qual tem o seu vidro de augmento ou diminuição. Ninguem vê como deve ver. E tu que vês no teu futuro?

— A continuação do presente...

— E o presente não te é agradavel?

— É; embora m'o não invejem, eu tambem não invejo as venturas de ninguem. Mais felicidade que a que sinto, só póde dar-m'a a sepultura.

— Desejas a morte?

— Desejo-a, antes de morrer no teu coração...

— E crês que podes morrer no meu coração?

— Posso; pois não posso? Que privilegio tenho eu mais que as outras?

— Não entendo... Queres dizer que eu tenho esquecido outras antes de ti?

— Quantas terás tu esquecido, Guilherme!... Não me

refiro a essas; é ás que tenho conhecido nos romances, onde se aprende tudo que é do coração...

— São, portanto, os romances que operam esta espantosa mudança no teu caracter!...

— Eu não mudei, Guilherme. Não me disseste tu que me querias dar um sexto sentido, que me faltava? Pois é esse sentido que me faz soffrer. Melhor fora que nunca m'o désses.

— Romanticismo, minha Augusta... Não exageres o typo que te adaptaste. Os resultados são sempre máus... Eu sei o que é isso... A natureza não quer que a violentem com artificios...

— Queres dizer, Guilherme, que a minha tristeza são artificios?... não sei com que fim!... Cuidas que é amar-te menos o esconder-me aos teus olhos? Não é, não. Não posso amar-te mais, porque é impossivel que outra te ame tanto...

— Outra!... que outra?

— Eu não digo que ames outra... Não me queres entender, ou te enfastiam as minhas impertinencias... Olha, Guilherme, se eu podesse usar de artificios, mostrava-me sempre alegre, para te ver sempre alegre e carinhoso. Cuidas que eu não adivinho que me vou tornando aborrecida?! E quereria eu sel-o?!...

— Aborrecida, nunca... Soffro, é verdade, porque me inquieta o segredo dos teus pezares... Ninguem soffre de imaginação exclusivamente: ha sempre uma causa. Qual é a causa em ti? É uma pergunta feita mil vezes; nunca me respondes.

— Se eu não posso, porque não a sei... Será uma doença do corpo, que principia pela alma...

— Não explicas assim cousa alguma. A vinda de teu primo, ou a ida ao theatro, são os dois acontecimentos que eu tenho para datar a tua differença de costumes, de gostos, de amizade, de tudo.

— De amizade, não, Guilherme... Não me mortifiques assim... a calumnia é terrivel!

— Respondes francamente ao que vou perguntar-te? Jura!...

— Não preciso jurar: respondo.

—Querias ser o que eras antes de me conheceres?

—Queria.

—Está tudo explicado... O teu soffrimento é remorso...

—Remorso, não, nem arrependimento. Depois de te haver conhecido e amado, não posso arrepender-me. Eu creio que o arrependimento de amar começa no coração, e, para isso, é preciso que elle odeie e não ame. Eu amo-te muito, Guilherme. Não quizera ter-te conhecido, isso sim. A estas horas, seria o que são as mulheres da minha qualidade: a pobre costureira sem orgulho de ser amada, sem ambições de parecel-o, sem a critica para comparar-se ás outras mulheres, ignorando o mundo, ou vendo-o muito differente do que elle é. É o que seria, não te conhecendo, Guilherme... E o que fui, não posso tornar a sel-o.

—Mas que te fiz eu? que desejos tens que eu te não satisfaça?

—Não me fizeste senão engrandecer: essa é que foi a minha desgraça. Os desejos que me satisfazes... são todos; não me queixo da menor falta... Não fallemos n'isto, meu filho. Principio a ter frio, e tu?...

—Vamos, Augusta... Parece-me que a estação da minha felicidade acabou... É mais uma mentira, uma decepção como outras muitas.

Augusta disse algumas palavras frivolas, d'essas que o coração póde, apenas, balbuciar, se o comprimem angustias grandes, cómo, na mulher que muito ama, o presentimento, o susto, a surpreza terrivel da ingratidão, que, até esse instante, lhe parecera crime impossivel.

Amaral não respondera, ou não a entendera. Entrou no escriptorio, onde o jornalista escrevia acceleradamente a quarta tira do seu folhetim. Guilherme ia fallar, quando o escriptor, sem levantar os olhos do papel, lhe fez com a mão signal de silencio, murmurando:

—Não me tolhas a inspiração... Encontrei uma idéa com que posso salvar a humanidade afflicta. *Eureka!...* Espera...

Continuou a escrever alguns segundos, e depôz a

penna com os jubilos radiosos de quem acabava de salvar a humanidade afflicta.

— Agora falla...

— Tens razão; és um magico... sabes tudo o que vae no coração dos outros: Augusta lembra-se de casar commigo.

— Confessa, pois, que sou um homem impagavel!...

— Não teve, ainda assim, a coragem de m'o dizer em estylo chão...

— E tu tiveste a coragem de lhe dizer, em correcto portuguez, que não...

— Eu não lhe disse nada. Contristou-me... Não queria ouvir-lhe tal... De ora ávante todos os sorrisos d'ella estão envenenados.

— E ella disse que abandonava o posto no caso negativo?

— Não... é cêdo ainda para me estipular condições, e creio que nunca chegaremos a esse extremo.

— Tambem o creio.

— É natural que um delicado desengano a restitua á antiga tranquillidade.

— De costureira?

— Não...

— Ah! entendo... de *femme entretenue.*

— E, se não acérto no alvo, viveremos mal. Para evitar o espectaculo das lagrimas, terei de procurar o riso em outras partes.

— É isso, é isso... Os homens!...

— Sorris?

— É a maldita prophecia a realisar-se. Estudos do coração... Quem te estudar, Guilherme, sáe Stendhal, ou Balzac. Eu bem sei o que era preciso a Augusta para reconquistar o terreno que perdeu. O amor puro e santo da mocidade, já lá vae; o amor-appetite esfriou; o amor-vaidade, o unico possivel em ti, já não recebe estimulos. Augusta devia perder o pejo para te arrebatar de novo.

— Perder o pejo! Que disparate!

— Não é disparate. Se ella obedecesse a todos os teus caprichos...

— Caprichos!... Quaes?

— Que alimentam a lavareda do teu orgulho. Tu amavas esta mulher, se os outros t'a invejassem. Amaval-a, se ella tivesse a sagacidade de trahir-te... ao menos com os olhos em um subtil disfarce... de um camarote para a plateia. Amaval-a, se ella hoje se vestisse o mais seductoramente que se póde, e ferisse lume nas calçadas do Porto com as petas do teu cavallo de Alter. A cada olho desejoso que a seguisse, sentias uma palpitação de soberba. Quando de um grupo se dissesse: «que bella mulher!» respondias tu: «é minha!» E este *é minha*, que ninguem ouve, é uma expressão embriagante, só comparavel á do avarento que abraça um cofre, exclamando: «é meu!» A mulher, assim desejada, deixa de ser o que nos parece a nós, e é aquillo que parece aos outros. O homem que ama apaixonadamente, não cura de saber o valor que os outros dão á mulher que ama. Mas este não é o teu amor. Se o amor, por qualquer condescendencia, declina, o amante, cego hontem, abre hoje um olho, e duvida se ella effectivamente é aquillo que lhe parecia hontem. Na dúvida, pergunta aos outros: «Que vos parece aquella mulher?» Se a delicadeza, ou boa fé responde: «é uma excellente mulher», a crystallisação continúa. (Eu já te disse o que era a crystallisação.) Se a má fé, ou a grosseria responde: «não presta», o amador indeciso odeia a indiscreta resposta, e persiste na dúvida, que é sempre de peior partido para a mulher, sujeita á alta e baixa do mercado. Augusta não sabe estas importantes theorias; sabendo-as, e amando-as, sacrificava-te a vergonha, de todos os sacrificios o mais penoso que a mulher faz, com testemunhas de vista. Se ella tivesse uma escola anterior á que tem, preparava-te com finura uma emoção reparadora da sensibilidade que se te consome n'esta vida monótona do Candal. Tu precisavas hoje de um duello, de um grande escandalo, por causa de Augusta. A questão é que os outros nos encareçam a mulher, que se nos vae barateando no trato de todos os dias, sem perigos a affrontar, nem intervallos de saudade a sentir. O coração apathico morre de apoplexia. Isto assim não te convem, Guilherme: faltam-te ainda vinte annos para te emanci-

pares do arbitrio das loucuras. A vida tranquilla no sereno regaço de uma mulher, na tua idade, é uma anomalia. Não podes ter senão amantes; mas estas amantes devem ser mais corrompidas que Augusta.

— Segue-se da estirada prelecção, que eu sou um grande perverso... só posso amar a corrupção.

— Não digo *amar*. Amar é um sentimento privilegiado de certas almas, que não são as nossas, faça-se-nos justiça. Desejar é outra cousa. O laço que te prende a Augusta, ha dezoito mezes, não é amor. É a submissão do instrumento ao braço, a docilidade de Augusta obedecendo á tua vontade orgulhosa. Imaginaste que era delicioso fazer de uma costureira uma senhora, e empenhaste n'isso as forças do teu espirito. De uma rapariga, sem educação nem principios, quizeste fazer uma litterata, e pozeste n'essa obra miraculosa todas as forças da tua vontade. Acabada a obra, não tinhas mais que fazer. Reviste-te n'ella alguns dias com amor de artista. Exhausta a admiração, pensaste se seria possivel idear-lhe bellezas novas. Não era. O espirito avarento achou-lhe ainda imperfeições. Descoroçoaste, desilludiste-te, pareceu-te estulta a gloria do que fizeste, porque te não servia de nada. Até aqui foste prudente como Phedro. O peior é d'aqui em diante... Que tencionas fazer a esta mulher?

— Não sei... nem penso n'isso. Por emquanto viveremos como temos vivido. Tu vaes aos extremos, quando as cousas estão no principio. Augusta ha de reconciliar-se com o desengano: convencida de que não póde ser minha mulher, ha de desvelar-se em ser uma boa amante. Os escrupulos, se o são, desapparecem. O amor, se elle existe, ha de reagir contra as conveniencias. Prézas-te de conhecer muito do coração; mas hoje adormeceste á sombra dos teus gloriosos folhetins...

— A proposito de folhetins, deixa-me concluir o de ámanhã.

XVI

Um tio materno de Guilherme do Amaral, rico proprietario da provincia da Beira, e deputado ás côrtes constituintes, emigrára em 1828, e casára em Bruxellas.

Em 1845, o exilado, que não sentira nunca saudades da patria, veio a Portugal, de passeio, com a sua filha unica. O pretexto era uma viagem recreativa para Leonor; mas a causa occulta era afastal-a de um casamento inconveniente, para que a sentia cegamente inclinada.

O pae demorou-a alguns dias na sua velha casa da Beira-Alta, contra a vontade de Leonor, que não podia ver-se, na estação invernosa, rodeada de florestas e penedias, e guinchos lamentosos das corujas. Ahi soube elle que seu sobrinho Guilherme residia no Porto, solteiro ainda, gosando bom nome, apesar de alguns desatinos de rapaz rico.

O seu pensamento era grande. Casar sua filha com o primo, era, além de um enlace de familia e haveres, cortar de uma vez o vinculo debil ou robusto, que poderia ainda prender o coração de Leonor ao estudante belga.

Leonor, indifferente a conhecer seu primo, em quem o pae lhe fallava muitas vezes, desejava ver o Porto, e passar aqui o inverno, mais suave com os bailes e o theatro lyrico.

Outros motivos mais fortes... sabia-os ella. A sua vontade encontrou a benevolencia paterna, e a prompta execução. Vieram para o Porto. Anticipou-os uma carta, sobrescriptada a Guilherme, e por elle recebida no dia immediato ao do capitulo anterior.

Dizia o seguinte:

«Guilherme.

«Teu tio Theotonio Vaz chega ao Porto no dia 24 do «corrente. Vae hospedar-se na *Aguia d'Ouro,* e deseja «abraçar-te, e apresentar-te sua filha, e tua prima.

«Teu affectuoso tio.»

Guilherme não mostrou a Augusta esta carta. Esta reserva é um signal de quebra na intimidade. Amaral não se impunha já a obrigação suave dos amantes, verdadeiramente amigos; pareceu-lhe uma puerilidade mostrar a Augusta uma carta tão simples de um tio a um sobrinho.

Na tarde do dia 24, o sobrinho do snr. Theotonio Vaz foi ao Porto, sem dizer a Augusta que negocios o chamavam, ou que horas se demoraria. Primeira vez que isto aconteceu. Apeou na *Aguia d'Ouro,* e procurou o hospede, que lhe disseram ter chegado ao meio dia. Foi abraçado por seu tio, que lhe chamava, com as lagrimas nos olhos, o filho da sua querida irmã, que, em pequenino, tantos piparotes lhe dera nas orelhas! Theotonio, enternecido com a lembrança dos piparotes, estava pathetico! Amaral, que mal se recordava dos piparotes, custava-lhe a suster o riso diante da respeitavel saudade do seu tio.

— Leonor! — disse Theotonio com a voz trémula de emoção — vem ver teu primo...

Leonor saíu do quarto proximo. Amaral ficou surprendido a tal ponto, que mal podia gaguejar um cumprimento. É que sua prima fazia acreditar na existencia dos anjos: a sua apparição instantanea era uma cousa magica, um eclipse, que escurecia todas as realidades conhecidas, uma innovação de impressões em coração gasto de recebel-as todas.

Leonor estendeu a mão affectuosamente a seu primo. Fallava pessimamente o portuguez, mas, com tanta graça, que as damas portuguezas, se a ouvissem, estudariam o modo de fallarem assim: difficuldade, que algumas vencem sem estudo.

Guilherme, para evitar-lhe embaraços, fallou em francez, cousa que seu tio, com dezeseis annos de residencia na Belgica, não conseguira nunca. A conversação tra-

vou-se em assumpto fertil. Vieram as comparações do clima, da civilisação, do governo, da agricultura, entre as duas nações conhecidas de Leonor.

E o mais é que a prima do nosso amigo era uma excellente falladora, e seu pae, orgulhoso d'ella, fazia um aceno affirmativo, e, o que mais é ainda, uma carêta celebre a cada agudeza palavrosa da menina.

Guilherme via, maravilhado, tanta belleza, e tanto desenvolvimento. Quem fallava mais era ella, e sempre interessante, em tudo engenhosa, senhora de si, sem constrangimento, dando mais importancia ao que dizia, do que á pessoa a quem o dizia, fallando como quem se escuta e se admira, correndo no pulso de jaspe, por distracção, a pulseira, emquanto o primo, cada vez mais timido, fallava.

N'este momento desfizeram-se as ultimas laminas da crystallisação de Augusta. A costureira passou de relance entre Leonor e Guilherme. Ia núa de todo o prestigio, desenfeitada de todos os arrebiques, que a imaginação lhe dera... Pobre Augusta!... se ao menos as tuas lagrimas remissem as mulheres da tua condição!...

Eram oito horas da noite, quando Theotonio Vaz interrompeu a incansavel loquela da filha, dizendo que a sege o esperava. Foram ao theatro. Guilherme deu o braço a sua prima, e chamou a attenção dos frequentadores do vestibulo. Entre estes estava o jornalista. Emquanto Amaral parava diante de uma cadeirinha, que tolhia o passo das escadas, o poeta disse-lhe quasi ao ouvido: *Ceci tuera cela.* Amaral sorriu-se; e Leonor, que ouvira e entendera, procurou o leitor de Victor Hugo com os brilhantes olhos. O poeta desapparecia entre os grupos, que o rodeavam, perguntando-lhe que maravilha era aquella.

— É alguma outra costureira? — perguntou um.

— Onde vae este homem desencantar estas mulheres?! — disse outro.

— Daria carta de alforria á outra?

— Quando teremos as duas no campo da igualdade?

— Esta é um anjo.

— Mas a outra é mais mulher.

— Um bocado de cada uma, deve dar uma excellente infusão.

— Portanto, voto por ambas.

— Estão enganados — atalhou o poeta. — Aquella mulher é prima do Amaral. E a outra, que vossês esperam no campo da igualdade, lá irá ter... mas ao verdadeiro campo da igualdade... ao *Prado do Repouso*.

— Ao cemiterio! Estás funebre, poeta elegiaco!... Não pareces o Balzac da rua de Santo Antonio! E' a vossa mania, bardos da desventura, abrir uma sepultura a cada soffrimento, sem, ao menos, perceberdes os direitos do coveiro... Estas mulheres não morrem assim... Renascem das larvas como a borboleta, e tem sobre a borboleta a vantagem de se não queimarem na chamma phosphorica das paixões de lume-prompto, como eu creio que são as paixões do teu illustre amigo.

O orador riu-se do seu epigramma, e o poeta pediu aos circumstantes que se rissem por piedade d'aquella semsaboria pretenciosa.

Estava o panno em cima. Cada qual foi sentar-se, segundo a indicação dos camarotes. O jornalista collocou-se na melhor linha de observação para o camarote de Theotonio Vaz.

Observou elle que Leonor media com o oculo de alto a baixo todos os camarotes, não se dedignava de responder, mais ou menos de passagem, aos curiosos da plateia, attendia quasi nada ao palco, e nada, em toda a extensão da palavra, ao que seu primo parecia dizer-lhe. Primeira observação.

Notou elle mais que, no intervallo do segundo para o terceiro acto, entrára na plateia superior um homem desconhecido, typo francez, bem vestido, muito airoso. Que este homem fixára uma luneta em Leonor, e Leonor, desde esse momento, raro levantou os olhos do desconhecido. Segunda observação.

Terceira e ultima: Que, á saída do theatro, o francez, que ninguem vira no Porto antes d'essa noite, fora postar-se em frente da escada que desce dos camarotes, e Leonor, ao passar, lhe dera o mais significativo e destemido de todos os sorrisos: facto escandaloso que to-

dos observaram, excepto Guilherme, e seu tio, que era myope.

O jornalista entrou na *Aguia d'Ouro*, entreteve um quarto de hora, esgaravatando umas costelletas, e pôz de sentinella o creado para avisar Amaral, quando saísse do quarto de seu tio, que elle o esperava alli.

Saíram juntos, e entraram na *Hospedaria Franceza*, residencia do poeta. Elles a entrarem, e o francez a entrar com elles. O francez cantava a cavatina da *Semiramis*, e o indifferente Amaral assobiava, com toda a *gaucherie* de um provinciano, um rondó do *Guilherme Tell*. O poeta não assobiava nem trauteava: ia triste e reconcentrado.

—Conheces—perguntou elle—esse homem que vae subindo?

—Não: pareceu-me estrangeiro.

—É o namoro de tua prima.

—Zombas?

—É o namoro de tua prima. Dizem que os olhos do amante vêem tudo: os teus, hoje, cegou-os uma catarata escandalosa! Pois tu não viste nada?

—Pareceu-me que ella olhava alguem da plateia com teimosa attenção...

—Era aquelle homem, que foi cortejado nas escadas com um sorriso angelico, quando desciam.

—Palavra de honra?!

—Juro-te pela minha honra, e pela honra das onze mil virgens, incluindo tua gentil prima.

—Não gracejes...

—Então isto é mais serio do que eu pensava!... Tu amas tua prima?

—Com delirio... Isto é incrivel... em mim! mas a verdade... a verdade atroz é esta... A minha mulher fatal... é ella... appareceu emfim!

—Penso que vaes ser punido, Guilherme...

—Punido!? que é ser punido?

—Desprezado.

—Quem sabe? Eu não luctei ainda... Será tão poderoso o rival!...

—Este homem, emquanto a mim, segue-a... É a primeira vez que o vejo.

— Mas meu tio ha de auxiliar-me.

— Pois tu já appellas para o auxilio de teu tio contra tua prima?! Isso é uma fraqueza, uma conquista ingloria, uma ignominia para um leão! Não cáias n'essa, que é peior para ti. Uma mulher detesta o perseguidor, que se serve do parapeito de sua familia para rendel-a. Pela piedade, movem-se muitas; pelo rigor, algema-se uma mulher; mas a alma fica-lhe livre. Tu és, ás vezes, inferior ao que pensas de ti. Eu não quero saber como são esses amores fulminantes... sei que ha monstruosidades n'esse genero... Vê-se uma mulher, á luz de um relampago, e fica a gente a apalpal-a nas trevas. O que eu não prescindo de saber é como tu te investes de um direito adquirido sobre tua prima!

— Esse pergunta é tôsca... não me parece tua.

— Não? é que hoje não conheces ninguem. Que diabo de homem tu és! Eu dava a minha reputação litteraria por conhecer-te! Já sondaste bem o que sentes por tua prima? Será isso vaidade?

— Não: é um amor infantil, uma paixão capaz de lagrimas e de sangue...

— Um duello em perspectiva...

— Que dúvida... Não podem viver dois homens que amam Leonor.

— E, comtudo, ha apenas cinco horas que a viste...

— Que importa? Já te disse que ha uma mulher fatal para cada homem...

— E um homem fatal para cada cento de mulheres... Faltam-te noventa e nove... A primeira já lá vae... Deus se compadeça d'aquella nossa irmã. Appliquemos a Augusta o *parce sepultis*?

— Não fallemos agora em Augusta...

— É uma hora da noite. Que lagrimas terá chorado a pobre mulher! Fallemos n'isto, que é pathetico...

— Mudemos de assumpto.

— É que eu não estou disposto a fallar de outra cousa.

— Muito boas noites.

— Adeus, Guilherme. Os meus respeitos á senhora D. Augusta. Cá te espero ámanhã.

XVII

As varzeas do Candal branquejavam cobertas de neve. O frio cortava as carnes. E o Douro rugia em baixo, alagando os muros debeis com que lhe ousam mãos fracas reprimir a furia das enchentes.

Era essa a noite em que Augusta, desde as nove horas da noite, esperava, na janella, Guilherme. A febre da anciedade não lhe deixava sentir o frio, que lhe pisava as faces de manchas azuladas. A maceração da alma não cedia forças ao sentimento para a maceração do corpo. A alma é avára de sensibilidade nas grandes afflicções.

Augusta, n'aquellas longas horas, dos sentidos externos só tinha o ouvido a levar-lhe ao coração o menor ruido que se lhe afigurava ser Guilherme.

Eram duas horas, quando Amaral apeou. Viu Augusta na janella, e sentiu duas sensações contradictorias: compaixão e aborrecimento. O extremo zelo aborrecia-o. A compaixão, peior ainda n'este caso que o aborrecimento, era, em Amaral, uma virtude esteril, a piedade por um mendigo a quem se diz: «Deus o favoreça.» O que elle não queria era ter de dar uma explicação da sua demora.

Augusta, sem o menor signal de resentida, veio ao encontro de Guilherme, exclamando:

—Que cuidado me déste, meu filho! Tiveste algum incommodo?

—Não. Por que te não deitaste?

—Era-me impossivel... Se tu me tens dito que te demoravas, era melhor para meu descanso... Para a outra vez diz-me que te demoras, sim?

—Pois sim.

—Ceaste?

—Ceei.

— Com o teu amigo?

— Sim.

— Estiveste sempre com elle?

— Não... estive no theatro.

— Fizeste bem, meu Guilherme. Eu gôsto que tu te divirtas, se achas prazer no theatro... Máu... por que me não disseste que ias ao theatro?!

— Porque não tinha tenção de lá ir.

— Era a *Norma?*

— Não: era o... era o... era o *Barbeiro de Sevilha.*

— Fizeste bem... Mas tu estás triste, Guilherme!... Não queres olhar para mim!... Enganas-me... Alguma cousa tens... Diz-me o que é... Bem sei que me não queres affligir, mas a incerteza é maior afflicção.

— Não tenho nada, Augusta... É um d'esses accessos de melancolia, que são proprios da minha organisação.

— Serei eu a causa!... Talvez seja... A minha tristeza terá contribuido para a mudança que noto no teu genio... Não quero que soffras. Eu prometto nunca mais dizer-te cousa que te entristeça. Esquece tudo o que hontem te disse. Vivamos felizes. Eu farei tudo o que tu quizeres. Vamos ao theatro, vamos onde tu quizeres que eu vá comtigo, sim?

— Eu não te convido a acompanhar-me a parte nenhuma...

— Não me convidas, mas eu é que desejo ir... Quando houver theatro, iremos ambos, sim?

— Agora... é impossivel.

— Por quê, Guilherme?!

— Tenho um tio no Porto, e ha certas relações... que devem esconder-se de um tio.

— Tens razão...

As lagrimas, de improviso, saltaram dos olhos de Augusta. A serenidade com que ella disse: «tens razão...» foi um heroismo dos muitos que passam occultos entre a mulher ferida no coração e o homem que não lh'os comprehende, ou lh'os recompensa, cravando-lhe mais dentro do peito o ferro do escarneo ou do desprezo.

Guilherme, enjoado das lagrimas, ergueu-se com arremêsso, entrou no seu quarto, e fechou-se. Já não foi

pouco generosa a tolerancia de a deixar sósinha com as suas lagrimas!... Muitos ha que vituperam essa fraqueza, raivando contra a facilidade impostora de chorar...

Augusta não queria acreditar que este rapido incidente fosse uma realidade. Como não tinha a experiencia dos factos para convencer-se do fastio de Guilherme, consultou de relance a reminiscencia dos seus romances. Viu mulheres infelizes, muitas amantes abandonadas na mais extremosa estação do seu amor, muitas sacrificadas a uma frivola reverencia aos bons costumes. Assim atormentada por numerosos exemplos, creu-se aborrecida. A paixão, a vaidade, o ciume, a vergonha colligaram-se em grupo de demonios no coração da pobre mulher. Foi essa uma noite de supplicios inexplicaveis! Amanheceu-lhe a luz de um horroroso dia no local onde Guilherme a deixára, extatica, morta, immovel, como assombrada por um raio. Ahi veio elle encontral-a, e o aspecto de Augusta impressionou-o. A desfiguração era espantosa. Sete horas de inferno, araram-lhe o viço das feições, como ferro candente que por lá passasse. Lividez, maceração, e spasmo cadaverico nos olhos, os labios talhados pelo crestar da febre, todos os symptomas de uma longa phtysica no seu fim... tal era a physionomia de Augusta.

Não se precisam virtudes para sympathisar com dores semelhantes. Saint-Preux, Don Juan, e Lovelace, tinham intermittentes de piedade. Por que não as teria Guilherme do Amaral, espirito mediocre, sem typo, sem caracter, cousa trivial no mais trivialissimo dos generos?

— Que tens, Augusta? — disse elle affectuosamente, tomando-lhe a mão abrazada — Não me respondes!...

— Que hei de eu responder-te, Guilherme... Tudo está acabado entre nós... Morreste para mim...

— És louca! Que motivos te dei para me julgares morto para ti?!

— Oh meu Deus!... precisarás tu fallar, Guilherme!... Uma mulher, que ama, não se póde enganar... Não era preciso fallares-me tão claro... Valho menos que a amizade de um teu tio, em quem nunca me fallaste... Que homem é esse, que póde tanto, tanto, como eu nunca

pensei podesse mulher alguma!? Ha seis mezes querias que eu me mostrasse... comtigo... em toda a parte; vencias a minha repugnancia com razões fortes; dizias-me que eu era a tua vida, e a sociedade o teu odioso inimigo... Hoje... envergonho-te...

— Não me envergonhas, Augusta... atormentas-me com a injustiça... Que lucras em fazer-me soffrer assim?

— Que lucro!... pergunta-me como é doloroso ao coração arrancar estas palavras, que eu me arrependo de proferir, visto que te impacientam... ou te magôam!... Guilherme, não soffras por mim... O que tu quizeres... faz de mim o que quizeres; não te constranja a minha companhia... Queres tu, filho?... Eu vou abrir-te a minha alma... Não, não, é cêdo ainda... O sacrificio offerecido não teria merito nenhum... Eu hei de ser nobre na desgraça, já que o não posso ser na sociedade... Não terei vergonha de mim propria; ao menos isso será uma consolação á mulher, que te envergonha na presença de um tio...

— Outra vez!...

— Não te impacientes, Guilherme... Vem cá... Sê meu amigo, que t'o mereço.

— E não sou eu teu amigo, Augusta?!

— És?...

— Sou, sel-o-hei sempre.

— Pois então não tenho razão de chorar. Perdôa-me.

Guilherme almoçou ao pé de Augusta. Não trocaram duas palavras. A situação d'ella era penosa, como um remorso. Raras vezes a expiação assim principia simultanea com a culpa. A *culpa,* digo eu, e, porventura, terei dito um grande absurdo. Qual era a culpa de Amaral? Amar uma mulher, que lhe desfazia a crystallisação de outra.

Moralistas, dae-nos uma figa de azeviche para afugentar o demonio da tentação: trazel-a-hemos devotamente sobre o espirito fraco, o espirito maleavel, que se presta a todas as fórmas, este camaleão intimo, que varía de côr a cada novo raio de luz dos ultimos olhos que o fixam. Corrigi os defeitos do systema nervoso de Guilherme. Transfundi-lhe um sangue mais sereno, menos irri-

tavel, nas arterias. Dae-lhe o remanso da paz no regaço de uma mulher, seja ella rainha, ou costureira. Remi-o da infelicidade, que traz comsigo a inconstancia. Fazei que elle não chegue aos trinta annos, detestando as vinte variedades de mulheres ([1]) que conheceu, e detestando-se por ter abusado das faceis regalias, que o ouro, a juventude, e a seducção lhe serviam em mesa de risos e venenos, como nos festins dos Borgias. Arrancae-lhe do fundo do seio o espirito inquieto, que principia por travessuras, e acaba em ciumes rancorosos: insufflae-lhe lá uma alma nova, pacifica, facil de nutrir-se, parca, e susceptivel de adormecer na paz pôdre de uma amizade burgueza, e estupidamente feliz... Moralistas, quando tiverdes descoberto o processo de encadear o espirito, devereis erguer um cadafalso para os infames voluntarios, que arremessarem a mulher ao abysmo...

O almoço correra triste como a communhão de um agonisante. É forte o simile; mas é exacto.

Guilherme mandou arrear o cavallo, deu um abraço em Augusta, e disse:

—Vou hoje jantar com meu tio. Até á noite. Não chores, Augusta... Eu te pagarei em amor todos os teus soffrimentos. O melhor céo tem tempestades... A nossa ha de passar... Acredita que ninguem se faz voluntariamente infeliz...

([1]) «D. João, em um momento de humor sombrio, dizia-me, em Thorn: Ha só vinte variedades de mulheres, e logo que se conhecem duas ou tres de cada variedade, começa o fastio.» (Tendhal — *Physiologia do amor*, cap. LIX).—O auctor conhece vinte e uma variedades.

XVIII

Amaral, no dia seguinte, encontrou o jornalista na *Batalha*.

—Vens muito a tempo—disse o poeta, inexoravel no epigramma.

—De quê?

—Queres ver o francez, que te mostrei hontem? Repara n'esse homem encostado além á vidraça do Cruz cabelleireiro... Viste? Agora, faz um semi-circulo com os olhos, e vê tua prima por detraz de uma vidraça na *Aguia d'Ouro*... Viste? Não perturbes este innocente colloquio de duas almas, que se communicam magneticamente. Respeito ás paixões alheias!

Guilherme não sabia responder ás ironias do poeta. Cravou as esporas no innocente cavallo, e, de quatro galões, entrou estrepitosamente no páteo da hospedaria. Leonor vira-o, e não se deslocou.

O Othelo foi conduzido ao quarto de seu tio, que desmontou os oculos para abraçar seu sobrinho.

—Estava agora—disse elle—escrevendo a minha mulher, e fallando de ti, com vaidade de ser teu tio. Não imaginava encontrar-te tão bello rapaz, e tão ajuizado, segundo me contam cá os creados d'este hotel, onde estiveste um anno de hospede. Tua prima ficou sympathisando muito comtigo...

—Ha alguem com quem ella sympathisa mais, meu caro tio.

—Sim? Essa é boa! Por que dizes tu isso, Guilherme?

—Porque tenho olhos.

—Explica-te; eu não entendo essa charada.

—Se meu tio tem interesse em entendel-a, tenha a bondade de vir a esta janella...

—Pois que é?

— Não é necessario abril-a... Queira reparar na primeira janella do primeiro andar d'aquella casa fronteira...

— Não vejo nada... sou muito myope... Espera... aqui está um oculo...

Theotonio viu pelo oculo, e não se demorou na observação.

— É elle!... — disse ó velho, trémulo.

— Pois conhece-o?

— Perfeitamente... É o meu demonio inseparavel... o anjo máu de minha filha... Escuta-me, Guilherme... Aquelle homem é um belga, um estudante, um aventureiro. Ha dois annos que eu descobri o namoro de minha filha com elle... Maldita hora em que a tirei do collegio!... Tenho feito tudo que se póde fazer para cortar estas relações. Tive Leonor em Paris... o demonio lá foi ter. Levei-a para Londres, elle com ella. Viajei o anno passado na Italia, o maldito sempre atraz de nós, em Veneza, em Florença, em Rôma. Agora, que me julgava em terra desconhecida para o tratante, elle ahi está commigo! Isto ha de acabar aqui, Guilherme. Ajuda-me a salvar tua prima da perseguição d'este malvado...

— De que modo, meu tio?

— Sê franco: tu gostas de tua prima?

— Quem não ha de amar aquelle anjo?

— Queres ser meu filho? Queres casar com ella?

— Isso não depende só da minha vontade. O tio bem vê que não é honroso para mim aceital-a impellida por força... Seria uma fatalidade para ambos o nosso casamento.

— Estás enganado. As mulheres têem d'estas criancices. «Amam por capricho, e esquecem por capricho», diz minha mulher, que não é parte suspeita, e tudo que diz, a respeito de mulheres, é um Evangelho. Faz-lhe a côrte desenganadamente, e verás como ella se volta.

— Creio que se engana, meu tio. Eu posso tentar, mas, se não venço, apesar do seu bom auxilio, posso retirar-me muito ferido da peleja. Com o amor não se lucta por vaidade; e, visto que me manda ser franco, dir-lhe-hei que, desde que vi minha prima, sinto uma confusão de idéas, uma paixão nascente, uma esperança, e

um desalento... mistura terrivel de céo e de inferno... que não posso explicar-lhe.

— Pois bem; explica-te com ella, e mãos á obra. Logo que ella te pareça um pouco inclinada para ti, tira-se dispensa, e faz-se o casamento mesmo n'aquella igreja (apontando para Santo Ildefonso). Não ha tempo a perder. Eu chamo-a, e d'aqui a pouco ficas só com ella. Explica-te, ouviste? Nada de namoro de criança. Diz minha mulher que as mulheres gostam de clareza; quando é necessario esclarecel-as de uma dúvida....

Theotonio chamou Leonor. A menina entrou com menos affabilidade que no dia anterior. Exprimia no franzir do sobr'olho o enfado com que vinha. Apenas apertou a mão do primo, sentou-se perto da janella para ser vista do belga. Duas, tres palavras, um lance furtivo de olhos para a janella do cabelleireiro. Amaral mordia o labio inferior. Theotonio bufava por detraz do lenço de assoar.

— Eu volto já — disse o velho, quando já não podia reprimir a zanga.

— Onde vae, papá?

— Vou mandar buscar uma carruagem.

— Para isso escusa ir; eu toco a campainha, e o creado vem.

— Nada... não é preciso... Eu tenho que dizer á dona da casa.

E Amaral entendia bem a cruel significação d'este incidente. Leonor não queria ficar só com elle. Receiava alguma liberdade de expressão. Era, talvez, uma desconfiança suscitada por palavras de seu pae...

O bom senso não abandona sempre um amante. Guilherme adivinhára.

— Parece-me que lhe sou importuno, prima...

— De modo nenhum.... pelo contrario, estimei muito conhecel-o.

— E eu dera a minha vida por não conhecel-a.

Leonor abaixou os olhos: não era pudor, era uma reprehensão.

— Eu não sou de certo culpada...

— Nem eu a culpo... Ainda lhe não disse que a fazia responsavel pelos meus desgostos...

— Teria graça se o primo me fazia responsavel pelos seus desgostos... Eu tenho o prazer de conhecel-o desde hontem á tarde...

— Mas a vida que passou não é vida. Os infortunios presentes e os futuros são os que se contam...

— Não entendo os seus infortunios... O primo está brincando commigo, c eu não sei se lhe mereço o sentimento da ironia.

— Eu não brinco, Leonor...

Esta liberdade fez subir o sangue ao rosto da impaciente menina: não era pejo, era cólera. Desforrou-se da offensa, fixando com mais penetração o belga, que não saía do posto.

— Peço-lhe que, ao menos por delicadeza — tornou Guilherme, sorrindo com affectada graça — emquanto me dá a honra de lhe fallar, dê tregoas ás exigencias de alguem que a contempla.

Leonor estremeceu, surprendida. Teve um mais cálido assomo de cólera; mas a razão reagiu, e Leonor, saída, dois annos antes, da innocente atmosphera de um collegio, sorriu-se com o desdem das nossas damas de quarenta e cinco annos, e quarenta e cinco surprezas d'essa ordem... Oh! a França é o paiz abençoado das mulheres; alli, aos dezeseis annos, é-se perfeita; conhecem-se todas as evasivas nos apertos, faz-se de um olhar e de um sorriso uma arma, que dá em terra com o orgulho astucioso de um fatuo.

— Esse sorriso — proseguiu o desarvorado conquistador — é muito significativo, prima.

— Eu estimarei que o primo lhe conheça a significação... Sabe que tenho a censural-o de muita liberdade com uma pessoa, que conhece ha menos de vinte horas?

— Pois censure, mas não me crimine por isso, nem me offenda... Esse seu reparo é um insulto...

— E essas palavras, na Belgica, em França, e em Inglaterra, nunca se dizem a uma senhora. Em Portugal não ha muito respeito ás mulheres, salvo se um primo póde dizer o que quer a uma prima...

— Eu não lhe digo o que quero, nem o que penso da sua educação...

— A minha educação, primo, foi boa. Aprendi a respeitar a vontade dos outros, e, fóra do collegio, tenho uma tão respeitavel como illustrada mãe, que me manda sobre todas as vontades, respeitar as vontades do coração dos outros...

— Comprehendi-a.

— E aborrece-me por isso?

— Não posso, nem devo... Lastimo-me.

— É um abuso de palavras sentimentaes. Seja meu amigo, primo.

— Sel-o-hei... mas... muito longe das suas franquezas... Receio que ellas me matem...

— Werther é conhecido em Portugal?

— É, sim, prima... mas em Portugal ha orgulho... Aqui não ha mulher que valha a pena do suicidio... E as que vem de fóra...

— Tambem o não merecem... Certa estou eu d'isso...

— Dispõe da minha vontade? — disse Guilherme, erguendo-se.

— Retira-se? Eu chamo o pae.

Leonor tocou uma campainha. Veio um creado.

— Diga a meu pae, que o primo vae saír.

— O snr. Theotonio Vaz — disse o creado — saíu...

— Quando?

— Agora mesmo.

— E onde esteve elle até agora? — redarguiu ella sobresaltada.

— No quarto de v. exc.ª

Leonor lançou os olhos de revés para a casa fronteira, e não viu o belga. Assustou-se... Guilher-me apertou-lhe a mão com hypocrita cordialidade, e saiu.

Suspeitoso de que seu tio procurava o seu demonio, encaminhou-se para lá: chegando ao páteo do cabelleireiro, viu-os. Era tarde para recuar: quiz disfarçar-se, subindo, no momento em que o belga proferia com altivez estas palavras:

— Não tem direito algum a privar-me que eu viaje onde viaja sua filha. Um passaporte legal garante-me passagem em toda a superficie do globo. Hoje estou aqui: de hoje a um anno estarei com os antipodas.

Guilherme parára. O francez perguntou:

— O cavalheiro quer alguma cousa? Creio que não é chamado aqui.

— Se não sou chamado... apresento-me, sem o ser...

— É meu sobrinho... — disse Theotonio Vaz.

— Estimo muito... — replicou o belga — mas, nem por isso tem direito a intervir no nosso encontro.

— Tenho direito a pedir-lhe uma satisfação á menor palavra insultuosa que dirija a meu tio — redarguiu Amaral.

— E eu as mais santas disposições para dar-lhe a satisfação, posto que não sou capaz de insultar ninguem — disse serenamente o belga.

— Mas que tem o senhor com minha filha? — replicou Theotonio, cruzando os braços.

— O que tenho com sua filha? uma alliança do coração, que não prejudica a honra do pae, nem a da filha.

— Mas este senhor, — atalhou Guilherme — que é pae, repelle essa alliança... Não quer...

— Não tem remedio senão aceital-a.

— Não tenho remedio! essa é muito interessante! É a maior bestialidade que tenho ouvido!...

— Não é uma bestialidade tão grande como a faz, cavalheiro. O amor não se amolda a vontades estranhas. O senhor, como pae, tem livres direitos de tyrannisal-a; eu, como homem, posso amal-a eternamente... Não quero mais nada... Vivo d'este amor, á antiga, é assim que amavam nossos vigesimos avós.

— Olhe que eu não me rio, senhor! Fallo muito serio... É preciso que se retire quanto antes de Portugal... quando não...

— Queira terminar a ameaça...

— Quando não... tenho a meu favor a lei... o senhor é meu perseguidor...

— Não tenho esse máu gosto, cavalheiro... O perseguido, se aqui ha victima e algoz, sou eu...

— É um homem sem honra... — atalhou o velho, batendo as maxillas em convulsiva raiva.

— Homem sem honra, só póde chamar-me um doudo, ou um infame. O doudo vitupera impunemente; mas

o senhor não tem senão os cabellos brancos a protegel-o.

— Meu tio não recorre á protecção dos cabellos brancos... Eu sou seu sobrinho... Não dou, peço reparação, e prompta.

— Como queira, e quando queira. Moro na *Hospedaria Franceza,* quarto n.º 9.

O belga saíu com uma cortezia, e um sorriso de melliflua urbanidade.

— Vem commigo a casa... — disse Theotonio, tomando o braço do sobrinho.

— Não vou...

— Por que não vens? Não quero duellos.

— É impossivel não o haver...

— Não quero, já te disse... Guia-te pela minha cabeça... Eu sei tudo que passaste com minha filha... Vem, e faz de conta que não tivemos este encontro.

— Eu tenho brios, meu tio!...

— Bem o sei... basta seres o filho de meu irmão... és da nossa familia; mas os brios guarda-os para outras occasiões... O nosso caso não se leva á pancada... Guia-te pela minha cabeça...

— Pois bem... se temos alguma cousa a dizer, subamos para a sala do cabelleireiro...

Subiram, e fecharam-se.

— Eu vou — disse Theotonio — immediatamente retirar-me de Portugal. No primeiro paquete, embarco para Inglaterra. Tu deves acompanhar-nos.

— Eu!...

— Guia-te pela minha cabeça. Tua prima ha de ignorar a nossa saída, e o infame perseguidor não saberá tão cêdo o nosso destino...

— E depois?

— Minha filha, em se desenganando, ama-te; e, ao primeiro signal, casas.

— Meu tio parece uma criança! Pois entende que ella póde esquecer esse homem!? Não sabe nada do coração humano.

— Sei mais do que tu. Guia-te pela minha cabeça. Eu estive com minha mulher no mesmo caso em que estás

com minha filha. Amava um outro; esse outro era um espadachim, e desafiou-me. Qual desafio nem meio desafio! Se eu fora tolo! Que diabo de victoria era a minha se elle me passasse o peito com um florete! Ponto é ter a gente um pae do seu lado, e uma pouca de prudencia... Guilherme, vens comnosco?

— Não posso resolver-me já...

— Podes, não tens a quem pedir licença...

— Resolvo até á noite.

— Depois de ámanhã parte o paquete. Não ha tempo a perder... Espero-te para jantares commigo... Nem uma palavra suspeita do que passamos a Leonor... entendes? Guia-te pela minha cabeça...

XIX

O jornalista, durante esta scena, estivera, na mais tranquilla beatitude de espirito; fumando um charuto, encostado ao ultimo frade (de pedra: nada de equivocos anachronicos) da rua de Santo Antonio. Presenciára os gestos, e adivinhára tudo.

Quando Guilherme saíu, a primeira pergunta do jornalista foi esta:

— Quem são os teus padrinhos?

— Vamos a tua casa... — disse Amaral, accendendo um charuto, com os olhos fitos, por debaixo da aba do chapéo, nas janellas da *Aguia d'Ouro*, onde sua prima não estava.

No corredor da *Hospedaria Franceza*, onde já dissemos que morava o poeta, encontraram-se com o belga, que dava a um creado, que o não entendia, este recado:

— Se aqui vierem procurar-me, diz que me não demoro: ou que esperem, ou que voltem ás duas horas.

E, reparando nos dois que entravam, continuou:

— Naturalmente procuram-me?

— Não, senhor — disse o poeta.

E seguiram seu caminho. O belga tambem seguiu o seu, assobiando.

Guilherme não era desmedidamente corajoso. O animo frio com que o rival o interrogára, aquecera-lhe um pouco a face. Forte em muitas cousas, a sua organisação não se dava o melhor possivel com os impetos de bravura. Poderia bater-se em duello cincoenta vezes: isso não provava mais do que bater-se uma só, e todo o homem se bate por causa de uma mulher, ou dá um tiro na propria cabeça.

Quem o conhecia bem era o jornalista.

—Que temos?—perguntou este, saltando para cima da cama, seu sofá de recepção, e encruzando as pernas em attitude de califa.

—Temos a realisação das tuas fataes prophecias.

—Já me não lembra a ultima...

—Minha prima detesta-me.

—Que ingenuidade! E tu adóral-a?

—Não sei bem o que sinto.

—Em todo o caso não a detestas...

—Não.

—Ahi está o que eu não ousaria prophetisar... Ainda ha falta de brios, Guilherme... Metade da tua alma está affectada de lepra. Desces ás dimensões do pigmeu... Como se póde amar assim?

—Não sei: ha uma palavra que explica tudo: *expiação.*

—Nada explica. Todo o homem tem arbitrio, consciencia, e amor proprio. O mais vil de todos faz um esforço, e salva-se do vexame e da ignominia.

—Vexame, e ignominia!... que palavras tão estrepitosas!... Julgas-te sempre em plena exaltação de folhetim descabellado! Onde está aqui o vexame e a ignominia?!

—Na covardia com que te ajudas de um pae para violentar a vontade de uma mulher... É pueril a pergunta...

—Tens phrases duras... Não sei se admire mais a tua rudeza, se a minha resignação!... Deixa caír a mascara, «tartufo...»

—Eu sou teu amigo, Amaral—proseguiu o poeta, vindo sentar-se gravemente ao lado de Guilherme—És o primeiro homem a quem fallo assim, és o primeiro e o ultimo para quem não sou dissimulado. Archiva os differentes assumptos que temos discutido, e, mais tarde, estuda o caracter d'este homem de reputação odiosa... Adiante... Que ha? um duello, não é assim?

—Não ha duello. Meu tio não quer que eu me bata.

—É um excellente tio, e tu um excellente sobrinho. Aqui não ha ironia. E depois?

—Meu tio vae para Inglaterra, e quer que eu o acompanhe.

—Vaes?

— Não sei ainda. Promette-me Leonor, já desenganada das esperanças que pôz no belga.

— E convem-te essa mulher?

— Se me convem!... Não devo mentir-te... Eu amo-a... Sem a contrariedade, amal-a-ia menos. Paixão, orgulho, demencia, sinto tudo...

— Recebo a demencia como explicação. Factos consummados não se remedeiam. Casado com tua prima, serás feliz?

— Feliz!... quem é feliz?

— Ninguem; mas infeliz com deshonra nem todos os maridos o são.

— Queres dizer...

— Que as mulheres, casadas por violencia, nem sempre têem as virtudes christãs da Angelica de Balzac. É pena que eu tenha de observar ao homem, feito na grande sociedade, o que se diz a um provinciano inexperto. Julgas-te com meritos superiores aos do Christiano de Bernard? Não receias ser humilhado aos olhos de tua mulher pela astucia de um Gerfaut? Desculpa as reminiscencias do romance, porque é lá que tu bebeste as sãs e as pessimas doutrinas do teu codigo moral.

— Eu acho immortal o interrogatorio...

— Pois vela a face com o alvo amicto do pudor, meu angelico amigo. É esta a hora solemne das verdades duras. Esperas fascinar tua prima antes ou depois de ser tua mulher? Tem a bondade de responder.

— Antes: a pergunta é ociosa e sandia.

— Paciencia... eu sou o sandeu... Julgue-nos o futuro. Argumentemos na mais candida boa fé... Não amas tua prima, Amaral. Deixa-me lisonjear a tua vaidade com esta idéa. A minha suspeita faz-te honra. Não podes amal-a já, nem a amarás jámais. Já, não; porque o homem, verdadeiramente amante, desconfia sempre de si, receia sempre a sua inferioridade para merecer recompensa da mulher que, muitas vezes, não exige grandes meritos nem grandes provas... Não a amas, porque a viste hontem, foste hoje repellido, has de sel-o ámanhã, e, comtudo, é tão fatuo o teu orgulho, que te promettteste vencer a resistencia... e vencel-a como? associado

á astucia, ao capricho, ou á violencia do pae. Não a amarás jámais. Concedida a hypothese de que tua prima vae ser tua mulher, a só idéa de que a possues por estratagemas cavillosos, e indignos do homem generoso e honrado, ser-te-ha uma accusação da consciencia, que te não dóe hoje, mas ha de pungir-te o animo frio, depois da posse. Casado, não poderás amal-a por habito. Estás passando por uma crise decisiva. É uma febre, uma congestão moral, que a reflexão não cura, porque as circumstancias tanto apressam o desfecho, que te não deixam reflectir. Tens uma unica evasiva. Refaz-te da valentia de animo: sê varonil, e diz: «Não quero ser vil! hei de ser honrado por amor de mim! desprézo a mulher, que só póde entregar-se-me, forçada por um assedio de violencias, de que eu serei o instrumento deshonroso na mão do pae.»

Guilherme estava abalado. Nunca o jornalista lhe parecera tão severo, nem tão respeitavel. Se quizesse replicar-lhe com uma d'essas zombeteiras liberdades proprias de mancebos, não poderia. A palavra, não auctorisada pelos annos do poeta, mas solemne de seriedade, de commoção e de enthusiasmo, soava-lhe como conselhos de um velho, como austeras reflexões de um pae amigo ou de um irmão extremoso.

Amaral erguera-se com o impeto da afflicção, que sacode machinalmente o corpo, e nos obriga a andar leguas, no pequeno ambito de uma sala, sem nos cansarmos, sem nos percebermos.

O poeta não quiz accumular sensações no espirito do seu amigo. Calou-se, emquanto elle, atirando em feixes os cabellos para o alto da cabeça, ia e vinha de angulo a angulo do quarto.

— E Augusta?! — murmurou Amaral, como se a pergunta fosse feita á sua consciencia.

— Que dizes? — perguntou o jornalista, fingindo não ter ouvido.

— Nada...

— E Augusta?! pergunto eu, se nada disseste... — replicou, sorrindo, o poeta.

— Isto é uma fatalidade!...

—Escreve ANATHEMA n'essa parede, como o alchimista de *Notre-Dame*. Eu serei o Victor Hugo decifrador d'esse terrivel enigma... Se não queres discutir passeiando, como os philosophos peripatheticos, senta-te aqui...

—Vou saír.

—Vaes para o Candal?

—Não: hoje janto com meu tio.

—Mas são duas horas... é muito cêdo.

—Tenho alguns passos a dar.

—Aprestes de viagem?

—Penso que sim...

—Por consequencia perdi o meu latim... O demonio da loucura póde mais que a razão de um jornalista consciencioso... Estou vencido, não é verdade?

—Nada de valentias hypocritas! Não posso... não posso vel-a ir... O meu orgulho é atrozmente ferido. Nunca experimentei o ciume: nunca me vi de peior partido em frente de um rival: é vergonhoso ceder essa mulher, sem ter esgotado todos os recursos. Hei de vencer! hei de fascinal-a! hei de obrigal-a a pedir-me que lhe não falle n'esse homem esquecido e desprezado... e, depois, se a minha vaidade quizer mais larga vingança, desprezo-a!

—A quem?

—A ella... a minha prima!

—E quantas covardias para alcançar esse incerto triumpho?

—*Covardias!...* pois sim, covardias, se assim o queres; mas triumpho *incerto...* não!... É certissimo... tenho a consciencia do que posso.

—E Augusta?

—Não sei.

—Essa pobre mulher deve ter um tal ou qual peso nas tuas considerações... Que figura faz ella? Um impecilho, que se afasta com a ponta do pé, não é assim?

—Não. Augusta não é mulher que se afaste com a ponta do pé... As que se afastam assim, cáem em um abysmo. Augusta não cairá. Se quizer ser virtuosa, póde sel-o, sem renunciar ás regalias que tem. A casa onde vive, ficará sendo a sua casa; os creados que me servem,

serão os seus creados; terá tudo que ambicionar, porque eu tenho o dinheiro com que se assegura um futuro abundante a uma mulher.

— E entendes que Augusta está assim paga e satisfeita?

— Se não estiver assim paga e satisfeita, como queres tu que eu salde as minhas contas?! Queres que eu case com ella!? Ora, meu amigo, guarda a tua moral para os folhetins, e não me faças biôcos de virtudes, que te não vão bem á physionomia. Parece que queres fazer de mim um piegas! Vae impôr a responsabilidade do matrimonio aos teus numerosos conhecidos, que augmentam todos os dias a estatistica da prostituição! Vê lá quantos d'esses, ao cabo de dezoito mezes, garantem ás mulheres, que seduziram com um capote e um vestido, a subsistencia brilhante de toda a vida!... É sentir muito ao vivo as dores alheias!... Eis-me aqui sósinho, no momento mais critico da minha vida! Quando esperava de ti os alentos, que um simples conhecido me não negaria, encontro, no meu unico amigo, ironias, diatribes, vaticinios offensivos á minha vaidade de homem, e, no fim de tudo, propõe-se-me, como remedio efficaz, o casamento com uma costureira, a quem não prometti solemnemente casamento, e com quem devo casar pelo simples facto de que ella quer ser minha mulher! És importantissimo! As costureiras deviam cotisar-se para te mandarem de presente uma grosa de camisas!

— E olha que preciso d'ellas, meu caro Amaral... Acabas de fulminar-me! Não tenho que te responda... A costureira deve ser immediatamente expulsa, porque teve a audacia de lembrar-se de ser honrada. E não só expulsa! Voto que seja afogada, como Messalina, pelo alçapão de uma catraia! A costureira é uma mulher infame, que teve o descôco de reputar-se credora da tua amizade, pelo simples facto, tão glorioso para ella, de tu a tirares da rua dos Armenios, onde tinha o pessimo gosto de viver com honra, trabalhando no ridiculo exercicio dos suspensorios! Voto que a costureira seja queimada como Joanna d'Arc! A costureira...

— Tapa lá a torneira do espirito — interrompeu Gui-

lherme, vestindo as luvas, em ar de retirar-se.—A ironia é insulsa, e parvoinha como os teus folhetins moralisadores, em que o bom senso encontra os *tours de force* de um conde de Almaviva, embuçado no capote de D. Bazilio... Até á noite... Se tiveres a benevolencia de me esperar no *Guichard*, ás oito horas, fallaremos...

....

Ás oito horas, Amaral e o jornalista, apartados dos grupos ruidosos, que fomentavam, no *café-Guichard*, a derrota de uma companhia lyrica, tiveram o seguinte dialogo:

— Em poucas palavras diz-se tudo. Não posso demorar-me, que tenho de acompanhar minha prima ao theatro. Acho-a de outros humores. Emquanto a mim, Leonor persuade-se que eu pacifiquei o pae e o belga. Meu tio parece confirmar a minha suspeita com a sua alegria. Esta, ou outra razão, seja qual for, fez n'ella uma incrivel mudança desde manhã até de tarde.

— Póde ser um disfarce...

— Será; mas o que eu quero é que ella me dê tempo... A grande questão é familiarisar-me. Nem todas as mulheres succumbem ao improviso de uma impressão: aquella é das que demoram muito a crystallisação, como tu lhe chamas.

— Mandas-me concluir do teu humoristico programma: que vaes para Inglaterra, depois de ámanhã.

— Justamente.

— E hoje vaes dar a Augusta o abraço de despedida...

— A esse respeito, fallaremos depois do theatro... São oito e um quarto. Até logo.

Amaral e o jornalista entraram na sege. Apearam á porta da *Aguia d'Ouro;* um subiu, e o outro foi para o theatro.

XX

Quarenta e oito horas depois, o jornalista, sinceramente melancolico, ao anoitecer, entrava em casa de Augusta, no Candal.

— A senhora — disse uma creada — está na cama.

— Doente?

— Bem doente. V. s.ª não viu no Porto o snr. Guilherme?

— Vi...

— E recebeu hoje uma carta para lhe entregar?

— Recebi; mas não lh'a entreguei.

— Não?! por quê?

— Diga á snr.ª D. Augusta que eu preciso muito fallar-lhe; que se não levante, se não póde; a familiaridade com que me trata, dispensa-nos de ceremonias.

O poeta esperou. Augusta erguera-se impetuosamente, e viera procural-o á sala. Vinha desfigurada. O roupão escuro augmentava o sinistro mysterioso da physionomia. Os cabellos, negros como o ebano, luzentes como os olhos, caiam-lhe até á cintura. A pavidez, a immobilidade, esse torpor cadaverico dos olhos, que se cravam na visão impalpavel da febre, assustaram o poeta.

— Onde está Guilherme? — perguntou ella, apenas entrou na sala.

— Snr.ª D. Augusta... sente-se...

— Diga onde está Guilherme... — tornou ella com impaciencia — Por que não entregou a minha carta?

— Só respondo ás suas perguntas, quando a vir mais tranquilla.

— Que flagello, meu Deus!... Por quem é, snr. *** Responda-me: Guilherme morreu?

— Não, minha senhora.

— Está doente?
— Tambem creio que não.
— *Crê*... ou sabe de certo?
— Creio, porque ha tres horas que elle saíu do Porto.
— Para onde?
— Foi-lhe necessario ir a Inglaterra...
— Sem m'o dizer a mim?!... Oh santo Deus, que perdi o amor de Guilherme!
Augusta caíra sobre uma cadeira, soluçando.
— Snr.ª D. Augusta... não perdeu o amor de Guilherme... Foi uma saída repentina, que o não deixou vir despedir-se.
— Não me illuda, senhor... Ha tres dias que d'aqui saíu Guilherme... Nem mais uma palavra, nem um bilhete... Que desprezo! Que lhe fiz eu para isto?... Diga-me... seja sincero commigo... Se eu não valho nada para v. s.ª, abandonada por Guilherme, compadeça-se de uma pobre mulher... Explique-me este horrivel segredo... Eu sei tudo ámanhã... que importa sabel-o hoje?! Sou uma infeliz... abandonada, é verdade?
— Não, minha senhora: a prova de que não é abandonada...
— Qual é?... diga, diga, pelo amor de Deus!...
— E' que v. exc.ª fica sendo o que era n'esta casa: senhora de tudo, com os mesmos creados, e, para assim se conservar, receberá pontualmente uma mezada de cem mil réis.
— Isso nada explica... Não pergunto se estou pobre; pergunto se estou abandonada... se não devo esperar aqui mais Guilherme...
— Podera illudil-a, dizendo-lhe que sim; mas eu não sei se Amaral fica em França com sua prima...
— Sua prima! que prima?
O jornalista, inconsiderado, já não podia engulir a palavra imprudente. Augusta instava:
— Que prima é essa?
— E' uma filha d'esse tio, chegado ha pouco da Belgica.
— Tenho comprehendido tudo... — tornou com estranha serenidade a costureira — De que serve o resto do

segredo? Agora, se não quer dar-m'as, dispenso as suas explicações. Está tudo claro como a luz do sol. Guilherme é de sua prima: pertence a sua prima. Sou livre, livre, sim, embora arraste o grilhão da deshonra... Que tem isso?... Que mais queria uma costureira?...

E sorria-se; mas que sorriso aquelle! O suor escorria-lhe da fronte sobre as brazas vivas das faces. Tremia toda ella. As convulsões do coração denunciavam-se nos arquejos do peito. Os braços caíam-lhe prostrados a cada arremêsso com que afastava da testa os cabellos desatados. O jornalista fixava-a como objecto de estudo; mas o coração doía-lhe, e o respeito compassivo a tamanha angustia emmudecia-o. O sorriso de Augusta era a crispação que vem aos labios, do fogo intimo, o prenuncio, quasi sempre infallivel, da demencia fulminante, e, raras vezes, a ironia pungente com que os infelizes recebem os revézes. O poeta não sabia optar entre estes dois sentimentos. Augusta avultava-lhe na imaginação, excitada pelo bello horrivel, como ente extraordinario, heroina deslocada n'este seculo de trivialidades, typo fertil de observações, e futura inspiração de um drama.

Augusta erguera-se de improviso: não queria chorar na presença do jornalista, e sentia borbulharem-lhe nos olhos torrentes de lagrimas. Contel-os era suffocar-se, morrer sem um gemido surdo, caír sem gloria, morrer sem penitencia. Ergueu-se a custo, apertou a mão ao amigo de Guilherme, e pediu-lhe desculpa, sorrindo ainda com a graça que vos entristece, e vos deixa no coração uma imagem para toda a vida.

O jornalista quiz estorvar a saída, apertando-lhe a mão, sem largal-a. Augusta fez um esforço senhoril, vencendo a resistencia da mão trémula, que a segurava.

— Que vae fazer, snr.ª D. Augusta?

— Vou recolher-me á cama... Sinto-me peior do corpo que do espirito... Quero viver... devo amparar-me, e necessito de repouso... Adeus.

Este adeus tinha o trémulo de um ultimo adeus... O poeta ia replicar, quando ella saíu apressadamente. Aterrado, accusando-se da pouca habilidade com que se houvera na explicação do successo, o jornalista deixou e

Candal, accumulando na imaginação todas as desgraças, desde a demencia até ao suicidio. N'essa noite quiz escrever sob a pungente impressão, e não pôde. Era, portanto, verdadeira a sua pena!

Á meia noite, o poeta ouviu o rumor de cavallos que saíam o páteo da hospedaria. Perguntou ao creado quem saíra, e soube que o estrangeiro partia para Vigo, e fizera tirar passaporte para Inglaterra. Sem colher mais informações, por julgar inutil averigual-as, soube que duas horas antes um creado da *Aguia d'Ouro* viera trazer ao belga um bilhete de uma senhora, que lá se hospedára quatro dias; o qual bilhete, escripto a lapis, e aberto, o creado vira, mas não entendera, porque era em francez, com duas linhas sómente.

Eram onze horas do dia immediato, e o jornalista recebeu tres grossas chaves, e o seguinte bilhete:

«Ill.^mo^ snr.—Queira v. s.^a^ ser o depositario d'essas «chaves, que pertencem á casa do snr. Guilherme do «Amaral. Os creados foram pagos e despedidos. De «v. s.^a^, agradecida veneradora=*Augusta.*»

O poeta fez entrar no seu quarto o portador. Era um dos creados.

—Como se entende isto?—perguntou elle.

—Eu sei cá! A senhora, hontem á noite, pagou-nos e disse-nos que ás nove horas da manhã deveriamos saír todos, menos eu.

—E depois?

—Deixe-me tomar fôlego, pelas almas, que eu não sei o que digo, nem o que vi!... Uma cousa assim!... Não se acredita o que eu vi!...

—Pois que foi?

—A senhora andou a pé toda a noite, e fez-me ir buscar a um sotão do fôrro uma caixa de pinho, que eu nunca tinha visto, e fechou-se com ella no quarto. De madrugada andou a passeiar no jardim: sentava-se ora aqui, ora acolá, e chorava que parecia morrer! De tudo que ella dizia, só pude, por uma fresta da cozinha, ouvir-lhe duas palavras: «*era aqui...*» não sei o que ella queria dizer com isto; mas o caso é que se sentava no

tal sitio, e dava uns gritos abafados, que me cortavam o coração. Ás oito horas as duas creadas mandaram-lhe pedir licença para se despedirem. A senhora veio á sala, e abraçou-as: parecia já outra; não tinha nos olhos signal de ter chorado. Ás creadas perguntavam-lhe se tinham dado motivo para serem despedidas, e ella respondia que não, que lhe perdoassem, e que fossem boas. Valha-me Deus! eu não pude ter mão em mim! Fui-me ter com ella, e disse-lhe: «V. exc.ª que tem?—Não tenho nada, Gregorio; sou uma creada de servir, que acabou o seu anno.» Assim me Deus salve que tudo isto me parecia um sonho!...

—E depois?

—Deixe-me descansar... eu estou cá por dentro mais afflicto do que ninguem pensa... Depois que os creados se despediram, a senhora disse-me que chamasse um carreteiro. Fui pedir a um lavrador que me emprestasse o seu creado. Quando voltei, a snr.ª D. Augusta tocou a campainha, e eu fui ao seu quarto. Ai, senhor! quando entrei não sei como não caí com a cara no sobrado!...

—Pois que era?!

—A snr.ª D. Augusta estava outra!...

—Pallida, descórada...

—Não era só isso...

—Pois quê?

—Estava vestida como uma creada de servir! Tinha um vestidinho de chita, umas chinellas, um lenço de algodão na cabeça, e um capotinho redondo...

—Sim?!—atalhou o poeta, estupefacto.

—É tal e qual... Deu-me p'ra chorar... Não podia vel-a assim... «Oh senhora, disse eu, isto que é?—É uma creada que se retira sem soldada, disse ella a sorrir-se, que parecia uma santa.—Pois a senhora vae assim á rua?—Vou como vim, respondeu ella, caíndo a soluçar sobre a borda do leito.» Santo nome de Jesus! Tenho cincoenta annos, e não me consta uma cousa assim! Pois o snr. Guilherme será um malvado, que atire assim á rua um anjo como a minha ama? Diga-me, senhor, se me sabe dizer: isto que é? que demonio entrou n'aquella casa? onde está meu amo, que me quero

ir ter com elle, e sou capaz de lhe partir a cabeça em uma parede?!

— Mas, diga-me, snr. Gregorio: D. Augusta, depois, saiu?

— Mandou-me pôr ás costas do carreteiro a caixa de pinho, que por signal não pesava nada, e saiu, entregando-me esse bilhete e as chaves. Perguntei-lhe o que devia fazer aos dois cavallos, que ficam na cavallariça: respondeu-me que v. s.ª daria ordens a esse respeito. Quando chegamos ao caes de Villa-Nova, despediu-se de mim, entrou em um barco, pagou ao carreteiro, e pediu-me a minha palavra de honra de não a seguir, nem dizer o caminho que ella levou.

— Desembarcou na Ribeira?

— Já disse a v. s.ª que lhe dei a ella a minha palavra de honra de não dizer onde a snr.ª D. Augusta desembarcava.

— Mas eu interesso-me na sorte d'ella, e o snr. Gregorio deve dizer-me o que viu.

— Isso é que eu não digo nem ao proprio snr. Guilherme. A palavra de um homem não se quebra.

— Viu se ella foi para as bandas de Miragaya?

— E o senhor a dar-lhe... É escusado... não digo nada. Que me diz v. s.ª a respeito dos cavallos?

— Não sei... hei-de pensar...

— Não que é preciso trazel-os já, ou então ir para lá alguem tomar conta dos animaes.

— Vá o snr. Gregorio...

— Perdoará, mas não vou... Não tenho alma de entrar mais n'aquella casa, emquanto lá não estiver a snr.ª D. Augusta.

— Mas quem ha de ir?

— Isso não é commigo: vá quem o senhor quizer, menos eu. Não quero ser creado de tal amo: quem põe fóra de casa uma senhora d'aquelle modo, é capaz de me dar um tiro á falsa fé. As chaves ahi estão: v. s.ª fará o que lhe parecer. Não quero saber de mais nada.

— Mas ajude-me a dar algum expediente a isto... Aquella casa não póde assim ficar abandonada: está cheia de objectos de valor, e póde ser roubada...

—Queimada seja ella... que me importa a mim? Fui despedido...

—Mas não o foi pelo legitimo dono da casa...

—Pois diga-me onde elle está, que me quero despedir... Foi para a provincia?

—Não: foi para a Inglaterra.

—Pois que tenha por lá muita saude... Para tratar assim aquella boa senhora, escusava saír do Porto... Fosse ella minha filha, ou minha parenta, cego eu seja se o não perseguisse até nas profundas do inferno! Eis aqui para que um pae cria uma filha... Quem tem a culpa sei eu... Se houvesse uma lei que trancasse na Relação os seductores, não se viam por ahi tantas raparigas perdidas... Emfim, Deus lá sabe o que faz... Meu senhor, não o enfado mais; o que tinha a dizer está dito. Tenha v. s.ª muita saude, e se escrever ao snr. Guilherme, diga-lhe que ainda ha homens de caracter, capazes de dizer nas bochechas de qualquer fidalgo a verdade nua e crua.

O creado saíu.

Simultaneamente a estes tocantes esclarecimentos do compassivo creado, Augusta abria a porta da sua casa da rua dos Armenios.

Dezenove mezes eram corridos, depois que aquella porta se fechára. Nem ar nem luz entrára alli. Da conçoeira da porta, e das fisgas das janellas pendiam grandes teias de aranha sobrepostas. A lingueta da fechadura ferruginosa não corria forçada pelo braço debil de Augusta. O gallego que levava a caixa de pinho, venceu a resistencia, e entraram.

Augusta, apenas respirou o ar represado, recuou para a rua, mandando abrir a janella. Parecera-lhe respirar o miasma, que ficára no leito de sua mãe alguns dias depois que a levaram morta.

A esse tempo a filha do barqueiro, que ouvira ranger a chave, viera á janella, e conheceu a costureira.

—És tu, Augusta!?—exclamou ella, pasmada.

Augusta, antes de responder, fez um esforço, que lhe custou uma angustia indefinivel, uma vergonha semelhante ás dores sem nome.

—Sou eu...—balbuciou ella, sentando-se no degráu.
A snr.ª Anna do Moiro saltou para a rua, cruzou os braços diante da costureira, deu tres balanços solemnes á cabeça, e murmurou:

—Quem te viu, e quem te vê, rapariga!

—Pois não sou a mesma?—disse Augusta, convertendo em innocente pergunta o grito atribulado que lhe viera do coração, onde a estupida peixeira enterrára um punhal.

—A mesma!—Vê-te a um espelho, rapariga! Estás magra, amarella, e recozida como a pelle de um bacalháu! E a dizerem-me que te viram muito linda e muito asseiada ahi para os Carvalhos, com um creado de farda a cavallo, e com um figurão ao teu lado!... Com que então, deixou-te o tal pandilha?...

—Snr.ª Anna, peço-lhe por piedade que me deixe... —respondeu Augusta, entrando em casa, e pagando ao carreteiro da caixa.

—Ó menina, não chores; eu sou sempre a mesma amiga... Emfim, isto não vae a matar. O que te succedeu a ti, succede a muito boa gente. Como te ficaram as boas mãosinhas, que tens, para a costura, não te ha de faltar que fazer. Teu primo ainda não casou; e tomára elle que tu o quizesses, mesmo com o teu erro...

—Já lhe pedi que me deixasse, snr.ª Anna. Peço-lhe pelas dores de Maria Santissima que me não diga nada... faça de conta que eu não estou aqui...

—Pois eu venho a dar-te animo, e tu mandas-me pôr fóra da tua casa?! Boa vae ella!

—Não preciso de animo... Tenho muito animo, snr.ª Anna. Agradeço-lhe as suas boas tenções, mas acredite que me mortifica...

—Pois então, adeusinho...

A snr.ª Anna saíu, rosnando: «e como ella vem espivitada!... Cuidará ella que ficou sendo fidalga por...» As reticencias tambem ella as pôz na lingua, até ao momento propicio de traduzil-as em linguagem muito chã á primeira vizinha, que o demonio da maledicencia lhe deparou.

Augusta fechára a porta. Vae dar-se n'esta mulher o

que não póde ser dito, e só adivinhado pela experiencia de lances semelhantes. Com as costas voltadas para a luz, Augusta permaneceu immovel alguns segundos, de pé, com os braços pendidos e as mãos enlaçadas. Fixava os olhos como espavoridos no fundo escuro, onde pendia ainda a esteira, que formava o tabique do quarto de sua mãe. É de crer, porém, que o não visse, nem visse diante de si a mistura confusa de recordações crueis convertidas em imagens, umas de remorso, outras de condemnação, que lhe apontavam aquellas quatro paredes, como cellula de expiação e leito de agonia.

Depois, passou a mão esquerda pela testa banhada de suor frio, e com a direita procurava perto de si um encosto. É que lhe tremiam as pernas, e fugiam-lhe os sentidos. Sentou-se, e encostou os cotovelos aos joelhos, e a face ás mãos. As lagrimas vieram, como um hálito de ar á extrema suffocação, por fim. Parecera reanimar-se. Lançou dos hombros o capote: foi ao pé do cantaro, tomou com a mão convulsiva a caneca da agua, e depôl-a, recuando o braço, como se tocasse a mão glacial de um cadaver.

— Que sêde, meu Deus! — murmurou ella — Quem me dera uma gotta de agua...

Recaíu, prostrada, na cadeira. Tremores nervosos vinham-lhe, de instante a instante, como aquelles abalos que precedem o adormecer, e causam o penoso sentimento da deslocação das entranhas.

A humidade do pavimento regelára-lhe os pés, e, apesar da febre, o frio generalisára-se. Augusta envolvera-se no capote, e sentára-se sobre a cama, abraçando-se com os joelhos. Era, assim n'essa postura, a imagem da demencia tranquilla. Dir-se-ía que ella viera já demente do Candal para a rua dos Armenios, ou que as idéas aturdidas não tinham a lucidez precisa para ver a razoavel situação do seu infortunio. É que não proferia uma palavra, não soltava um grito, não procurava um instrumento de suicidio, não caía de joelhos, invocando a piedade do Senhor.

Uma hora assim devia preceder a execução de uma terrivel idéa.

Augusta saltára do leito, e, cambaleando, fechára o postigo, e trancára a porta. Era completa a escuridade, e o silencio subterraneo. Fora-lhe assim comprehensivel o terror das antigas emparedadas! Deitou-se. Cruzou as mãos sobre o peito, e disse no fundo do seu coração:

— Meu Deus, em desconto dos meus erros, aceitae as minhas dores; tenho soffrido mais, muito mais do que poderia gosar, se fosse sempre feliz; agora abreviae a minha agonia; espero aqui a morte, não a demoreis pela vossa misericordia.

E cerrou os olhos.

Mas o turbilhão das imagens febrís fulgurava no seio da escuridade. Ao lampejo d'esses orbes de lume, que se agglomeram nas trevas, se fechaes os olhos e os comprimís, illuminava-se-lhe o vulto de Guilherme do Amaral, qual o vira, pela primeira vez, n'aquelle quarto. Augusta, então, erguia-se com impeto, abrindo os olhos, e estendendo os braços para a escuridão. O delirio era instantaneo. A razão espancava-a com o flagello da realidade. A costureira recaía na atroz certeza do seu infortunio, e deixava caír a cabeça de encontro á parede gélida, que lh'a não refrigerava.

— Não me ouvis, meu Deus?... — murmurava ella, erguendo os braços, ajoelhando-se, e caíndo com a face sobre as mãos, banhadas de lagrimas — Minha santa mãe, pedi no céo a minha morte! Resgatae uma filha...

Augusta soltára um grito, quando o coração orava assim uma serena prece.

Este grito era o despertador das angustias, dos frenesis, por assim dizer, adormecidos, na atrophia em que a deixára o jornalista, vinte e quatro horas antes.

E, quando assim a dor ia reassumir toda a sua energia, bateram á porta de Augusta.

XXI

Depois que o severo Gregorio saíra, deixando as chaves da casa abandonada, o jornalista formára entes de razão, e deduzira de todos que a heroina, superior ao que elle a imaginava, passára do Candal para a rua dos Armenios.

Amador da tragedia, e curioso investigador de tudo que podesse augmentar o seu grosso cabedal de experiencia, o poeta, n'este caso, não era só observador: entrava de coração no enredo do futuro romance, que devera ser de lavra sua, se o não encarregasse a pessoa menos habil que elle.

E, portanto, o jornalista saíu logo, procurando a rua dos Armenios, que nunca vira. A unica pessoa, encontrada a geito a informal-o, era a Anna do Moiro, que, da janella para a rua, traduzia litteralmente a uma vizinha as reticencias que, ainda agora, deixaremos em jeroglifico á penetração dos leitores.

O jornalista, cortejando primeiro a snr.ª Anna para captar-lhe a attenção, pediu-lhe o favor de lhe dar umas informações. A peixeira desceu á porta da rua, dizendo que o não mandava subir, porque a sua casa não era propria para fidalgos. A filha do barqueiro tinha o bom senso de dar diplomas gratuitos do fôro grande a todo e qualquer cidadão enfardado em uma quinzena, que era o involucro favorito da época. Com taes diplomas, a snr.ª Anna se não tirava nem augmentava nada a condição dos agraciados, tambem lhe não augmentava o «ridiculo», nem lhe tirava da algibeira os direitos de mercê. A snr.ª Anna, portanto, era a unica pessoa de quem eu receberia o titulo.

— Tem vossemecê a bondade de me dizer — disse o jornalista — se conheceu, ha cousa de dois annos, n'esta rua, uma costureira, chamada Augusta?

— Se conheci!... Olhe... vê acolá aquella casinha sem sobrado, com uma porta pintada de verde? É a casa d'ella.

— E sabe dizer-me se Augusta terá apparecido aqui desde que abandonou aquella casa?

— Eu lhe digo: a rapariga desde que saíu de casa com um sujeito, que a seduziu, a primeira vez que tornou lá, foi hoje.

— Sim?! Vossemecê tem a certeza de que ella veio cá hoje?

— Pois se eu estive com ella, ha de haver hora e meia!

— Muito obrigado... E sabe dizer-me se ella estará em casa?

— Está, sim, senhor. Tenho estado sempre á janella, dei fé d'ella fechar o postigo, e não tornou a entrar nem saír ninguem.

— Agradecido... Aqui tem vossemecê uma pequena recompensa do serviço que me fez.

Anna aceitou sem repugnancia um cruzado novo; mas não prescindiu de saber quem lh'o dava.

— Então v. s.ª conhece Augusta?

— Conheço...

— E conhece tambem o snr. Guilherme, que tão máu pago lhe deu?

— Pois vossemecê conhece o snr. Guilherme?

— Está bom se conheço! Sei todas estas cousas desde o seu principio. Foi elle quem me foi chamar ao arraial de Miragaya, na vespera de S. Pedro, para vir estar com ella, quando lhe morreu a mãe... Ora diga-me, ainda que eu seja confiada, o snr. Guilherme deixou a rapariguinha?

— Não, senhora...

— Então foi ella que lhe fugiu?

— Tambem não... Se vossemecê me dá licença, não me demoro mais...

— Pois vá, vá com Deus; eu não me importa saber a

vida alheia; e, se for necessario alguma cousa, estou aqui prompta. Nós somos uns para os outros.

O jornalista collou o ouvido á fechadura da porta, e não ouviu rumor algum. Voltou-se para a janella da peixeira, e disse-lhe, por acenos, que não ouvia nada. A snr.ª Anna, frenetica e serviçal, desceu para a rua, e veio confirmar ao poeta que Augusta estava em casa, dando-lhe como prova o estar a chave por dentro.

Foi n'esse comenos que Augusta soltára um grito, e o jornalista batera na porta.

— Estará ella a matar-se!...— disse a vizinha.

— É muito possivel...— confirmou o litterato, batendo com mais força, sem ouvir outro grito, nem alguma resposta.

— O mais acertado — acrescentou a peixeira — é arrombar o postigo; com dois murros vae dentro.

— Entendo que sim.

Palavras não eram ditas, a filha de Antonio Corrêa fazia pé a traz, e imprimia tal choque nas rotulas do postigo, que nem as portadas internas resistíram ao impulso. Ouviram um segundo grito...

— Ainda é tempo...— disse o poeta — Salte vossemecê pelo postigo, e abra-me a porta.

Anna, em menos tempo do que o preciso para contal-o, saltou dentro, tirou a tranca, abriu a porta, e correu ao fundo, onde Augusta, sentada na cama, com os braços estendidos para o clarão subito da luz, e os olhos terrivelmente esgazeados, parecia não entender ó que se passava em sua casa.

O poeta disse ao ouvido de Anna:

— Vossemecê tenha a bondade de retirar-se até que eu a chame, que talvez seja aqui necessaria.

Anna saíu chofrada um pouco por não ser precisa desde logo. Custava-lhe muito não estar em momento com os successos.

— Que é isto?! — disse elle, tomando a mão de Augusta, que parecia não o ter ainda conhecido.— Não conhece o seu amigo?! Snr.ª D. Augusta...

— *Dona* Augusta...— murmurou ella, sorrindo — *Dona* Augusta sou eu?

— É... é a mais nobre de todas as mulheres; é a mulher, que se levanta da quéda com magestade superior á que tinha antes de caír...

— Zombaria... — atalhou ella, deixando voar nos labios um sorriso de escarneo de si mesma.

— Zombaria?! não, senhora! Eu creio que a mão da Providencia me conduz aqui... não vim para zombar de v. exc.ª

— *Vossa excellencia!*... Pelo amor de Deus!... não vê o que eu sou?

— É um anjo, é a mais nobre de todas as victimas, é um ente superior, que deve existir para que os incredulos se espantem... Minha amiga... deixe-me dar-lhe este nome... minha amiga, receba-me no seu coração, como se recebe um irmão... chore muito na minha presença, conversemos muito nos seus infortunios... mas viva, tenha orgulho de viver... seja superior á desgraça, para se não confundir com as victimas que succumbem... Eu prometto restituir-lhe o amor de Guilherme...

— Não restituirá... Esse homem morreu pára mim... — atalhou ella, acenando negativamente, e pasmando os olhos em um ponto imaginario. Pouco depois, uma torrente de lagrimas e soluços lhe embargaram a voz. Era isto mesmo o que o jornalista queria conseguir, e esperava não conseguir tão cêdo. Houve silencio de alguns minutos. O poeta não esperava das consolações por palavras tirar o proveito que as lagrimas dão. Deixou-a chorar, até que ella, soluçando, lhe disse:

— Muito agradecida... Parece-me que estou melhor... Permitta Deus que este allivio se demore...

— Ha de permittir... É minha amiga?

— E devo eu ser sua amiga?... Pois sim... sou...

— Faz-me o que eu lhe vou pedir?

— Que é? farei, se podér.

— Deixe esta casa, logo que eu lhe dê uma outra em que viva acompanhada de pessoas que a estimem; e, se passado algum tempo, quizer tornar para aqui, tornará.

— Não posso fazer o que me pede... Não teime n'esse offerecimento, que nem lhe sei agradecer, porque me está propondo um inferno, cuidando que me faz bem...

Isso era morrer sem ao menos poder chorar... Não, não aceito... Se é meu amigo, não me torne a dizer tal cousa.

—Que tenciona fazer?

—Preciso morrer, e morrer aqui...

—Eu morreria de pezar, se a deixasse livremente cumprir essa louca tenção. Ha de viver, snr.ª D. Augusta, porque prometto restituir-lhe Guilherme, antes de dois mezes, com a súpplica do perdão nos labios, e o coração mais nobremente apaixonado do que até aqui...

—Não queira enganar-me, porque eu não me engano... Já lhe disse que esse homem morreu para mim...

—E não me deixa ser o instrumento da Providencia? não me dá tempo que eu ceda a uma força occulta, que me manda esperar pela volta de Guilherme?! Ó snr.ª D. Augusta, em nome de sua mãe lhe peço que espere, que creia na recompensa da virtude, que creia um pouco no meu poder, que me ajude a alimentar a esperança de a ver outra vez feliz com o homem que, n'este momento, não sabe que martyr deixou... Não me attende?

—Queria; mas não posso: Deus, se quizesse que eu esperasse, inspirava-me... Não espero nada... Acabou tudo.

—E quererá Deus que v. exc.ª se suicide? Julga que é um acto meritorio a desesperação?

—Não sei, senhor... Não me reprehenda. Que póde interessar a Deus a minha vida? Como hei de eu consolar-me? Morro, porque não posso viver... Se eu podesse ser feliz, era-o...

—A esperança...

—Em quê?

—Em mim,.. Desde este momento começo a trabalhar. Sei que posso muito no coração de Guilherme... Confia em mim?

—Se eu podesse viver... esperava!...—respondeu ella com a face illuminada por um relampago de esperança.

—Pois bem...—acudiu o litterato com o enthusiasmo das almas nobres, e demasiado credulas—ajude-me, minha amiga...

— Como?

— Vivendo, desejando viver, sujeitando-se á minha vontade...

— Saír d'aqui? isso não.

— Pois bem, fique... mas dê-me o prazer de velar pela sua vida, melhorando-lhe, quanto eu podér, a sua situação. Eu mando-lhe para aqui uma creada.

— Não preciso... não aceito...

— Resiste ao menor desejo! é ingratidão!

— Não diga tal, que me magôa mais do que póde imaginar...

— Consente, ao menos, que esta sua vizinha, que veio commigo, a sirva?

— Pois sim, emquanto eu não podér trabalhar.

— Deixa-me dar ordens á minha vontade?

— Não, senhor... Essa mulher virá fallar commigo; eu lhe pedirei o que preciso.

— E eu virei aqui todos os dias vel-a.

— Não, não venha, de joelhos lhe pediria este favor, se não contasse com a sua generosidade. Não me visite... Eu lhe farei saber o meu estado... Se eu me vir em perigo de vida, virá então, porque lhe quero deixar algumas palavras para o seu amigo.

— Não confia em mim!... Cuidei que lhe merecia a condescendencia de poder visital-a!...

— Merece-a; mas, se o seu fim é alliviar os meus soffrimentos, creia que seria inutil a sua vinda a este sepulchro... O que eu não podér fazer, sósinha commigo, ninguem o fará.

— E não deseja que eu lhe dê noticias de Guilherme?

— Não desejo, nem quero... Se Guilherme fosse infeliz, interessava-me saber que o era, para ao menos imaginar o modo de lhe ser util, ou choral-o, se nada podesse. Guilherme não é infeliz... As minhas lagrimas não lhe pesarão na consciencia... Vá, meu amigo, mande-me a minha vizinha... Tenho muita sêde... não ha aqui uma gotta de agua.

O jornalista saíu, entrou nas escadas da snr.ª Anna, deu-lhe dinheiro, todo o dinheiro que tinha, e muitas palavras affectuosas, com promessa de lhe dar todos os

sabbados uma igual quantia para supprir a todas as precisões de Augusta.

A snr.ª Anna, espantada da liberalidade do novo pretendente, segundo ella, foi desveladamente servir a costureira, começando pela limpeza da casa.

Augusta chamou-a, e disse-lhe:

— Snr.ª Anna, é chegada a occasião de lhe vender a casa: compra-m'a?

— Compro, filha; mas que precisão tens tu de a vender?

— Mais precisão que nunca. Não tenho cinco réis de meu.

— Estás enganada! Olha... aqui estão doze cruzados novos, que me deu o senhor que de cá saiu, e ficou de me dar todos os sabbados outro tanto.

— Pois quando lhe vierem dar no sabbado o outro tanto, vossemecê terá a bondade de restituir o que recebeu agora.

— Deixa-te d'isso, Augusta...

— Não me contradiga, snr.ª Anna. Compra-me a casa?

— Já te disse que sim...

— Pois dê-me hoje algum dinheiro, e mande-a avaliar quando quizer.

— Pois sim, filha.

— Vossemecê dá-me uma gotta de agua? Morro de sêde.

XXII

O jornalista era uma bella alma. Martyr da opinião publica, raros homens tenho conhecido que tanto como elle se pagassem do galardão da consciencia. Menos ainda hei visto que tão legitimo e razoavel desprezo tenham votado ao tão estupido como infame jury que por ahi o condemnava, absolvendo infamissimos *virtuosos* dos muitos e tantos que por ahi refervem, que eu desconfio que tu sejas um d'elles, leitor. Se o não és, e te julgas offendido, deixas de ser máu para ser tolo. Como quizeres.

O jornalista vinha eu dizendo que era uma bella alma. Sentir assim, doer-se tanto, admirar com tão pathetico enthusiasmo o heroico infortunio de Augusta, são virtudes mui raras no homem, que, pela sua posição em contacto com todas as desgraças oriundas do vicio, perde a sensibilidade, e chega a encaral-as com a impavidez do cynismo.

Elle, não.

A imagem da costureira, idealisada como elle costumava idealisar a desgraça, não lhe esquecia um instante, a seu pezar. O folhetim do dia seguinte áquelle em que a vira, fora uma elegia em prosa, um abstruso elevar-se para dores phantasticas, que ninguem teve coragem de ler até final. N'esse dia escreveu dez paginas de um album, uma longa *Meditação,* que naturalmente fez adormecer a dona do dito album, que esperava uma qualquer cousa em linhas com lettras maiusculas no principio, dedicada a ella, formosa senhora, a ser verdade o dito dos poetas seus conhecidos, com labios de rubim, dentes de marfim, mãos de ágata, e pescoço de alabastro. Toda ella, pelos modos, era um mosaico.

Se eu podesse haver á mão o album, transcreveria

aqui a *Meditação* do amigo de Guilherme do Amaral. Transluzia d'esse hymno uma dor sincera, uma correcção a devassos, boa cópia de maximas para uso dos nossos velhos, e preciosissimas lições para costureiras que soubessem ler, e para leitoras que não são costureiras.

É impossivel. O album já não existe. Sua illustrada dona casou com um homem serio, avêsso a poesias e romances, incendiario obscuro, especie de Mahomet chulo, que manda aquecer os semicupios com os folhetins e brochuras poeticas empalmadas traiçoeiramente no toucador de sua mulher. O album desappareceu em faúlas no fogão, de envolta com um mólho de carqueja, visto que o conjuge irracional não podia metter o dente no primeiro, podendo muito bem mettel-o no segundo genero de combustivel.

Apesar d'este e de outros, o poeta era um nobre coração.

No dia seguinte ao do encontro na rua dos Armenios, procurou elle a snr.ª Anna do Moiro, e soube o que se passára. Augusta repellira o dinheiro caritativo, recebera tres moedas por conta da venda da casa, tomára alguns caldos de gallinha, e prohibira á enfermeira fallar-lhe em Guilherme do Amaral. O jornalista mandou-lhe entregar uma carta. Eram consolações das que se recebem com lagrimas.

Dois dias depois, soube elle que essa carta fizera chorar muito Augusta: o poeta ficou satisfeito do resultado, que previra. Era o litterato de opinião que todas as dores se diluem no pranto, e as incuraveis são as que se recolhem ao coração, embebendo as lagrimas e o sangue. «As lagrimas reprezadas—dizia elle em um dos seus folhetins inintelligiveis—sobem ao cerebro, crystallisam, e produzem a demencia ou a morte.» Os medicos riram conscienciosamente d'esta pathologia, e não deram, até hoje, da demencia e da morte, por amor, outra explicação melhor. Tudo o que elles tem dito é inferior a isto.

Oito dias depois, o poeta procurou a snr.ª Anna.

—Tenho muito que lhe contar...—disse ella.

—Triste ou alegre?

—Não põe nem tira. Eu lhe digo, meu senhor. Não

sei se v. s.ª sabe que Augusta, antes de ir para o snr. Guilherme, tinha um casamento meio ajustado com um primo.

— Já sei.

— O bom do rapaz, depois que ella desappareceu, andava como a cobra que perdeu a peçonha. Vinha onde a mim, e chorava que era uma cousa! Parecia que morria ou endoudecia. De noite prantava-se defronte da porta d'ella, e estava alli horas e horas ao frio e á chuva, que parecia mesmo uma aventesma. Depois, não o vi um pouco de tempo, e perguntei ao patrão o que era feito d'elle. Disse-me que desconfiava que se tinha botado a afogar. Rezei-lhe por alma ao deitar na cama, e vae, senão quando, uma tarde rebenta-me aqui o Francisco, muito amarello, dizendo que tinha estado doente no hospital. Sempre lhe digo que ganhei um mêdo!

«— Pois tu não morreste?...— disse-lhe eu.

«— Nada, não morri...

«E o mais é que não tinha morrido... Sempre acontecem cousas!

— E depois?

— Depois, meu amiguinho e senhor, passados dias, o Francisco tornou a andar por aqui de noite; mas já não fazia diabruras... Coitado... chorava, e mais nada! Parecia um tolinho!... Antes de hontem, á meia noite, vinha eu saíndo de casa de Augusta para recolher a minha gata, que estava a miar na rua, e dou com elle perfilado com a porta.

«— És tu, Francisco?— disse-lhe eu, preparando um murro para se fosse outro, porque, como o outro que diz, eu não conheço flamengos á meia noite.

«— Sou eu, tia Anna. Vossemecê foi arejar a casa de Augusta?

«— Não, rapaz; fui dar de ceiar a tua prima.

«— A minha prima!— gritou elle— E foi dito e feito: entrou pela porta dentro, que parecia um doudo; foi ao pé d'ella, e arregalou os olhos para a rapariga, que estava mesmo aterradinha... E quer v. s.ª saber o que elles fizeram? Deram em chorar, chorar, chorar, que pareciam duas crianças.

— E não fallavam?

— Nem um pio! Augusta deu-me de olho para que eu saísse, e ficou só com elle. Quando tornei, Francisco tinha saído. Eu ia-me deitar em um enxergão, que botei aos pés da cama d'ella, e a rapariga disse-me: — Não se deite por ora, que tem de abrir a porta a meu primo.

«E vae eu disse: — Pois elle vem cá ainda hoje?

«— Foi buscar a cama d'elle, e quer dormir ahi fóra emquanto eu estiver doente.

«E de feito ás duas horas da noite entrou a cama do rapaz pela porta dentro, e elle deu as boas noites a Augusta, e deitou-se. O resto é que v. s.ª não sabe...

— Que é?...

— Hontem veio elle ter commigo, e pediu-me se eu lhe vendia a casa da prima, sem lhe dizer nada a ella, que me dava vinte mil réis de ganho. Deixei-a ir, e elle passou-me logo o dinheiro. Cá emquanto a mim o rapaz quer sustentar Augusta á custa d'elle, e quer que ella pense que o dinheiro sou eu que o dou pela casa. E sabe que mais? A rapariga ás duas por tres casa com elle.

Esta reflexão da snr.ª Anna matou algumas illusões ao jornalista. O desfecho do drama parecia-lhe ridiculo, e indigno do seu folhetim e da sua *Meditação*.

— E por que suspeita vossemecê que ella case com o fabricante?

— Porque a vejo sempre a chorar ao pé d'elle, e o bom do rapaz bota-lhe umas olhadelas tão meigas, que, pelas tralhas ou pelas malhas, d'alli ao casamento não vae longe. E, a fallar a verdade, ella que mais quer? O Francisco é contra-mestre, e ganha na fabrica de Lordello oito tostões por dia...

— Ora diga-me: Vossemecê não conseguirá que eu falle com ella?

— Não fico por isso. Eu já lhe disse que lhe faria bem conversar um pouco com v. s.ª, e ella disse-me que por ora não. Não sei que lhe faça... deixe-a arrijar.

O jornalista retirou-se com a descosida narração da peixeira: levava o enthusiasmo meio desvanecido, a admiração afroixada, e, emfim, a poesia da tragedia um pouco convertida «de lucidos crystaes em agua chilra».

Não seria tão completa a decepção, se a tagarella da vizinha contasse as cousas de outro modo.

Não ha dúvida que a costureira, vendo seu primo, chorou; e o fabricante, vendo Augusta, não chorou menos. Isto é natural. Aquelle homem, cinco mezes antes, tentára contra a propria vida, por não poder tentar contra a do homem que lhe roubára a mulher alli deitada no pobre leito, que elle quizera inflorar com as corôas de uma paixão santa e nobre. Cinco mezes antes, Augusta velára as noites ao pé de seu primo, pençára-lhe o ferimento do pescoço, e quizera cicatrizar-lhe, em balde, com afagos e extremos de amiga, a chaga eterna do coração. Para Augusta, nada mais santo nem mais verdadeiro que o profundo amor do fabricante; para Francisco, sobre a terra, nenhuma mulher que valesse mais que sua prima, ainda ingrata, ainda deshonrada, ainda abandonada, ainda sem a belleza que, em menos de cinco mezes, raros vestigios conservava do que fora. Eram, pois, bem naturaes essas lagrimas, quando a mulher era Augusta, e o homem esse que vimos em menos de cinco minutos praticar, no Candal, dois arrojos de heroismo, raras vezes reunidos: poupar a vida do rival, por amor da amante; suicidar-se, para não ver sem castigo o crime.

Quando a vizinha saíra, Augusta estendeu a mão a Francisco, e aproximou-o de si, murmurando:

— Soubeste que eu estava aqui?

— Não.

— Ias passando na rua?

— Não... estava parado...

— Por que viste luz?

— Foi porque venho algumas vezes aqui.

— Á minha porta?

— Sim... mas não esperava ver-te mais n'esta casa.

— Eras meu amigo?

— Tu és sempre minha prima... Devo-te muitas obrigações...

— E vens agora pagar-m'as?

— Não precisas de mim, Augusta; e oxalá que nunca precises, mas, se precisares, não tens outro parente; amigos terás muitos, mas amigos pelo sangue sou eu só.

— Estás vingado, Francisco.

— Eu não me queria vingar, Augusta... Se estás desgraçada, sabe Deus quanto me custa ver-te assim... Não me digas nada do que se passou... Eu faço idéa...

— De que fui abandonada?... Pois sim, não fallemos n'isso... Brevemente terei de fallar muito na minha vida ao confessor...

— Pois tu estás assim doente?

— Não vês que estou quasi morta?

— Pois não has de morrer, Augusta... Não te afflijas tanto. O passado, passado. Já mandaste chamar o cirurgião?

— Não ha cirurgia para a minha enfermidade...

— Pois que tens tu?

— É isto que vês... alguns dias a preencher.

— Dás licença que eu venha aqui passar as noites?

— Não, meu primo... fica longe a fabrica, e seria necessario aqui ficares.

— Ficarei... hoje mesmo.

— Não...

— Por quem és, dá-me este prazer. Faz agora cinco mezes que tu passavas as noites a pé ao meu lado...

Francisco saíra, como disse a snr.ª Anna, e voltára com a cama ás duas horas da noite.

XXIII

Francisco visitava todas as manhãs a fabrica, e, por consentimento do bom patrão, voltava para a rua dos Armenios a jantar com sua prima. O cirurgião vinha diariamente observar o curativo de uma doença incognita. Ignorando os precedentes, o interprete da natureza contemplava os soffrimentos de Augusta, como se o pozessem em frente dos jeroglificos indianos para traduzil-os. Não obstante, o bom desejo que o habil facultativo tinha de triumphar alguma vez de uma molestia rebelde, inspirou-lhe uma pharmacia digna de melhores resultados. Augusta queixava-se de uma agonia no coração, um mal-estar indefinivel semelhante ao descalçar-se de todas as fibras do peito. Elucidado assim, o cirurgião applicou-lhe uma cataplasma de linhaça com oleo de amendoas doces no estomago, e leites de jumenta na primavera. Excellente medicina, que lhe não fez mal nenhum!

O fabricante, sem consultar Augusta, mudou de assistente. Veio um medico dos mais nomeados, e não era injusto o nome que tinha. Apenas lhe tacteou o pulso, e devassou um pouco a vida da enferma, declarou que Augusta estava no primeiro periodo da gestação. O fabricante pediu explicação das palavras, e empallideceu, ouvindo-a. O medico consciencioso despediu-se: não tinha nada a fazer contra o progresso regular da doença: limitou-se a offerecer o seu prestimo oito mezes depois.

Francisco mudára de semblante, e a costureira não sabia a causa. Interrogava-o, e elle respondia sorrindo; mas para Augusta a significação de tal sorriso era mais expressiva do que seriam as lagrimas.

— Disse-te o medico que eu morria?... Que importa!... Não estejas triste por isso...

— O medico não me disse que morrias...

— Pois então, que tens? Por que te sentas tão triste ao pé de mim? Se te aborrece esta vida, não te constranjas, Francisco... Vae para o teu trabalho, que me dás mais prazer...

— Aborreço-te aqui?

— Assim d'esse modo, não digo que me aborreças, mas penalisas-me... Diz-me o que tens?

— Nada, Augusta... Tenho pena de te ver soffrer...

— Isto está por pouco... Já hoje tive vomitos, e lancei sangue...

— Esses vomitos, Augusta... não são o que tu pensas...

Francisco saíra acceleradamente do quarto de sua prima.

— Vem cá! — exclamou ella com vehemencia — Olha, Francisco, eu não entendi o que disseste...

— Eu volto logo, Augusta... Vou á fabrica...

— Espera um momento... tira-me de suspeitas...

— Isso é facil... A Anna do Moiro ha de explicar-te melhor do que eu os teus incommodos... Alguma cousa havias de trazer do Candal...

E saíu, arrependendo-se logo das ultimas palavras.

Augusta comprehendeu tudo, sem recorrer aos esclarecimentos da vizinha. A novidade da emoção era um mixto de vergonha, de mêdo, de jubilo, e de remorso. As faces pallidas fizeram-se escarlates; os saltos do coração impelliam-lhe o sangue em jactos abrazadores á fronte. Queria erguer-se sem saber para que fim: procurava em redor de si alguma cousa sem saber o que era; sentia ancias de fallar sem saber com quem.

— Se elle o soubesse!... — murmurou ella — se alguem lhe dissesse...

— O quê? — perguntava a snr.ª Anna, que entrára insensivelmente, porque Francisco deixára aberta a porta — Que tens, Augusta? Estás tão vermelha, e com os olhos tão guichos!... Parece que vendes carradas de saúde, rapariga! Alguma novidade te deram, que te alegrou... Não respondes?

— É febre... penso eu...

— Deixa-te d'isso... eu fallei ao snr. doutor, que veio hoje de novo, e elle disse-me que não era de cuidado a tua doença.

— E não lhe disse mais nada?

— Não: nem sequer receitou para a botica. Sabes o que has de fazer? Sáe d'essa cama, que faz doença. Dá o teu giro pela cidade com o teu primo, e deixa-te de caldos de gallinha, que não põe substancia...

— Não posso... não tenho forças...

— Isso é o que te parece... Vossês as raparigas de agora são uns tolhiços... Eu cá nunca soube o que é estar tres dias de cama... Se comesses um bocado de carne assada na braza, e bebesses um gotturio do chôco, punhas-te ahi fina em quinze dias... Deixa-me dizer-te uma cousa emquanto estamos sós. Aquelle senhor do dinheiro, ha tres dias que não mandou saber de ti, desde que eu lhe disse que tu lhe não fallavas por emquanto...

— Eu desejava fallar-lhe agora.

— Sim? pois isso é facil: eu sei onde elle mora, e vou hoje lá, se queres.

— Mas eu não queria que meu primo o visse.

— Digo-lhe que venha ámanhã entre as nove e as onze, que é a hora em que o Francisco está na fabrica.

— Pois sim... não se esqueça, não?

— Lá ir vou eu; mas, rapariga, eu acho que elle já não é para ti o mesmo homem, desde que sabe que teu primo cá vem.

— Não importa: eu estou certa de que elle virá, e, se não vier, paciencia... escrevo-lhe uma carta...

— Pois isso era o mais acertado... Isto de homens, é para onde lhes dá... Eu bem me custa andar com recadinhos e cartinhas de namoro; mas, emfim, sou tua amiga...

— Está enganada, snr.ª Anna... Eu não tenho namoro com esse senhor.

— Faz-te fina!... Vossês pensam que mettem figas nos olhos ás velhas!... Boa vae ella!...

— Não preciso do seu favor, snr.ª Anna... Deixe-me...

— Não te atrigues, Augusta; eu estou a brincar...

— Não soffro taes brincadeiras... queira deixar-me, que tenho a cabeça em lume...

— Tu pareces de vidro, rapariga! não se te póde dizer nada!... Pois, quer queiras, quer não, vou fallar com o tal senhor.

— Não vá, que o não recebo... E digo mais... prescindo dos seus serviços; não torne a entrar n'esta casa.

— Essa agora é mais fina!... Assim é que pagas as obrigações que me deves!?...

Augusta caíra em si. Antes que a vizinha se allegasse credora de obrigações, já a costureira se sentia mordida na consciencia pela ingratidão. De mais a mais expulsava de uma casa, que já não era sua, a propria dona, que poderia expulsal-a a ella!...

— Desculpe-me... — acudiu Augusta, tomando-lhe a mão — eu soffro muito... não sei o que digo... Perdoe-me, snr.ª Anna... Sou muito digna de compaixão...

— Está bom... Não chores... Isso é genio...

— Oh meu Deus! que muito desgraçada sou!... — exclamou Augusta, soluçando, escondendo a face nas mãos, e levantando-a, de instante a instante, para desafogar em gemidos a dor, que parecia suffocal-a.

— Que tens tu, menina?! — disse meigamente a peixeira, abraçando-a — O que te fazem para chorares assim? Queres que eu vá chamar o tal sujeito?

— Vá, vá, pelo amor de Deus!... É preciso este sacrificio, e esta vergonha... vá, snr.ª Anna.

— Para vir ámanhã?

— Hoje, hoje...

— E teu primo?

— Não importa... que venha hoje... logo que possa, se não morro, morro sem ar, suicido-me, se Deus me não mata!...

A intrepida filha do barqueiro saiu aterrada, e, mal entrou em casa a buscar o capote, corria á desfilada quanto as sócas lhe permittiam, para a *Hospedaria Franceza*.

O jornalista, sem averiguar o motivo da imprevista chamada, foi á rua dos Armenios. A portadora do convite entrou primeiro a annuncial-o. O fabricante estava ao pé de sua prima, e fixou-a surprendido como quem lhe perguntava se o sujeito annunciado era Guilherme do Amaral.

— Francisco, — disse Augusta — está ahi uma pessoa a quem preciso fallar. Tem paciencia, retira-te alguns minutos. Não é quem tu pensas...

— Seja lá quem for, Augusta... Eu não te pergunto quem é. Estás na tua casa; podes mandar chamar quem quizeres: basta que eu venha sem ser chamado...

— Tens razão, meu amigo... Verdadeiro, só tu... Não sou ingrata...

O fabricante passára pelo jornalista, e cortejou-o. Augusta sentára-se na cama, e humedecia os labios para poder fallar, como se o obstaculo á palavra não estivesse no coração.

— Finalmente — disse o poeta — fez-me justiça, snr.ª D. Augusta...

— Fiz-lh'a sempre...

— Mas negou-me a sua casa...

— Quiz obsequial-o assim, poupando-o ao desgosto de aturar uma mulher demente.

— E, agora, restaurou o perdido juizo?

— Não, senhor... Assim morrerei...

— A luz é muito pouca, mas parece-me que a vejo mais animada.

— A soffrer... de certo... tenho obrigação de me conservar... é necessario esperar com vida a conclusão dos meus infortunios antes da morte...

— Pois não espera esquecer-se do passado, perdoando o mal que lhe fazem?

— O passado nunca mais me esquecerá... Até aqui a desgraça era só minha... morreria commigo; mas... algum tempo mais... e a minha desgraça será um legado de vergonha e indigencia...

— Não comprehendo...

— Nem eu sei o modo de me explicar.

— Ah! — exclamou o poeta — comprehendi... E é forçoso que o filho de Guilherme do Amaral seja o herdeiro da vergonha e indigencia de sua mãe!?

Ás palavras *filho de Guilherme do Amaral*, os olhos de Augusta scintillaram de alegria, reflectindo o seu brilho vivaz no semblante risonho. Foi um relampago de jubilo: as trevas, porém, cerraram-se, apenas os labios impru-

dentes do poeta deixaram fugir duas horriveis expressões: *vergonha* e *indigencia*. O brilho dos olhos embaciára-se de lagrimas, o encarnado vigoroso das faces desmaiou até ao amarello do cadaver. A transição assim subita impressionára o jornalista, e impossibilitou-a a ella de responder.

— Ha uma nova base para as minhas esperanças, snr.ª D. Augusta — continuou o jornalista, atinando com o motivo da sua vinda. — Guilherme do Amaral voltará brevemente a Portugal...

— Sabe-o já? — atalhou ella com sobresalto.

— Não o sei d'elle; mas agouro-o do que sei das minhas prophecias, que me não mentem nunca. Amaral está provando uma dolorosa lição, que o fará voltar ancioso a consolar-se no coração do anjo que deixou. Essa ancia será redobrada, quando souber que o seio da mulher que mais amou, além das palpitações da saudade, sente os estremecimentos de um filho, cujos primeiros vagidos serão chamar seu pae...

— Como é doce ouvil-o, senhor... É assim que se arranca uma infeliz aos braços da morte... — murmurou, com debil voz e enthusiasmo no olhar vertiginoso, a costureira, quasi levando aos labios a mão do poeta.

— Fez bem em me chamar... — proseguiu elle, verdadeiramente commovido — Quero ser o solicitador de duas causas santas: a da mãe, e a do filho. Se tal é a minha infelicidade, que eu nada consiga, direi que Amaral não tem no coração uma fibra pura, e é mais infame do que tudo que póde inventar-se com o talento, mais que todos os modelos de cynismo, que elle viu nos romances da sua paixão.

— Não falle assim de Amaral... É impossivel que elle não ame seu filho... Podem cansar os carinhos da mulher, mas os da innocencia, sem culpa, sem exigencias, isso não... Ha de escrever-lhe?

— No proximo paquete para Londres. Tive carta d'elle: dizia-me apenas que chegára.

— E a meu respeito nem uma palavra?

— Talvez não tivesse tempo. Eram só duas linhas. Amaral, a estas horas, cuida que v. exc.ª está no Candal,

chorando, sim, mas esperando a volta que realmente devera esperar. Foi precipitada no seu capricho; porém não a accuso: as almas nobres são arrojadas: traçam o quadro magestoso, e executam-o, se é preciso, com o sangue das veias.

—Pois fiz mal em saír?

—Fez; obedeceu muito depressa ao brioso esforço... V. exc.ª fel-o mais por vaidade, do que por outro qualquer sentimento. Consulte-se, e verá que a sua transição voluntaria para esta situação, foi uma especie de soberba no infortunio. Repelliu com a ponta do pé os favores do homem que lhe retirava as provas de outra paixão mais persuasiva.

—Sem elle de que me servia o luxo? Era ter sempre diante dos olhos o preço por que fora comprada...

—Pois ahi tem o que é a soberba: é estimar-se em muito mais do que o preço por que se considerou vendida... Não fallemos n'isto, a não querer v. exc.ª tornar para o Candal.

—Não, não quero... Pois aconselha-me esse passo?!

—Não lh'o aconselho; mas, se o désse, não incorria no desprezo de ninguem.

—Incorria no meu proprio desprezo.

—É respeitavel esse sentimento... Não a contrario. O que eu quizera é que v. exc.ª não experimentasse a menor privação.

—Não experimento nenhuma; e de todo o coração lhe agradeço os favores, que eu aceitaria se não tivesse outros recursos.

—Basta... Volverei quando v. exc.ª me ordenar, ou quando entenda que devo informal-a da gloriosa empreza que tomei a meu cargo.

O jornalista saíra. É muito de notar a delicadeza d'este homem a respeito do fabricante. Nem uma só palavra que obrigasse a defender-se Augusta das gratuitas supposições da Anna do Moiro. O poeta nunca podera convencer-se que Augusta fora costureira, e estava na vulgar situação de uma costureira. Dizia elle, e ainda diz, que lera sempre na fronte d'aquella mulher um destino superior, muito superior á sua condição. Nenhuma ou-

tra lhe impozera tanta reverencia nos modos, e tão pensada reflexão nas palavras!

Era poeta...

¿ Sabeis o que é ser poeta?

É querer encravar a roda teimosa das cousas d'este mundo, e saír com o braço partido.

....

O fabricante viera sentar-se ao pé de sua prima, disfarçando a commoção, escondendo-a quanto podia, a favor da escuridade do quarto. Se Augusta o visse livido, com os olhos agudos, e os beiços contrahidos, retrahindo-se ao gemido e á respiração convulsa, julgar-se-ia amada, apaixonadamente amada, na posição a que descera, querida ainda, quando podia esperar apenas de seu primo extremos de piedade.

Francisco, para dizer alguma cousa, perguntou-lhe se ficára melhor com a certeza de que o seu mal não era de morte. Esta pergunta, innocentemente feita, magoou Augusta, que não respondeu. Corridos alguns segundos, o fabricante perguntou se queria tomar um caldo. Augusta disse que não, com desabrimento. O artista soltou um suspiro trémulo, que denunciou as lagrimas, em vão reprezadas.

— Por que choras tu, Francisco?

— Eu não chóro... estás enganada.

— Pois eu não vejo!... Vem aqui ao pé de mim...— E, passando-lhe a mão na face, proseguiu: — Isto que é, senão lagrimas? Não tenhas pena de mim, que eu já fui mais digna de compaixão do que sou agora... Estou muito melhor... A esperança é a medicina dos desgraçados... Não ha mal que não traga um bem. Talvez dos meus soffrimentos de hoje dependa a minha felicidade de ámanhã.

— Oxalá.

— Tu não conheceste o sujeito que esteve commigo?

— Não.

— Recordas-te de um homem que viste uma noite, no Candal, quando esperavas...

— Recordo... não fallemos n'essa noite, Augusta.

— Pois sim, não fallemos, nem é preciso fallarmos. Queria dizer-te que este sujeito é o unico amigo de...

— Está bom... eu sei o que me queres dizer... Que me importa a mim que elle seja ou deixe de ser amigo do tal senhor?!

— Não te irrites, Francisco... Eu não te quero dar satisfações da minha vida. Estou conversando; se me não querés ouvir, ou não podes, retira-te!... Valha-me Deus! tu não acabas de entender que sou tua amiga, e que não tenho razão nenhuma para esconder de ti os meus crimes, se são crimes!... Esses teus modos asperos não me commovem nem me assustam. O que me peza é que tu não te convenças de que sou infeliz, porque quero sêl-o, e não sei que haja alguem, n'este mundo, que possa tomar-me conta das minhas acções.

— Tens razão, Augusta... Faz o que quizeres; mas não me leves a mal a amizade que te tenho. Tudo que eu te disser é para teu bem... O tempo te mostrará que eu não queria tomar-te conta das tuas acções; se quizesse, mal de mim!... Bem se te dá a ti dos meus conselhos... Faz a tua vontade, Augusta; mas não me mandes saír de tua casa, porque eu prometto não me entremettêr nas tuas acções. Faz de conta que eu estou aqui para guardar a tua porta, e chamar o medico, se te for preciso. Deus, que me trouxe a tua casa, para alguma cousa é. Emquanto não tornares a ser o que eras, és minha prima, e eu tenho como obrigação de te fazer companhia. Depois...

Augusta ouvira impassivel a confissão sincera do artista, e não lhe respondera. A esperança de reconquistar o amor de Guilherme seria capaz de exacerbar-lhe a boa indole contra seu primo, se elle não désse do seu zelo uma explicação tão humilde. Humilhada julgava-se tambem ella no seu orgulho de amante de Guilherme, abaixando-se a dar explicações dos seus actos ao fabricante. Posto que tornasse á condição d'onde saíra, não queria por isso considerar-se menos do que era, ou do que imaginava ser. Pelo contrario: o que o poeta lhe dissera, exaltando-a pelo facto de deprimir-se, é o que ella queria que seu primo tambem dissesse, ainda que o não entendesse assim, porque não era o poeta. A renúncia das regalias do Candal, emquanto a mim, não era virtude,

examinada em todas as suas faces. Se fosse, como dizem que são as virtudes christãs, Augusta receberia todas as humiliações como espinhos de penitencia. Estenderia a mão a receber esmolas de seu primo, e acolheria com agradecidas lagrimas todas as reprehensões vindas d'elle, ou da filha do barqueiro. Mas bem vêem que não era assim. A costureira rejeitava favores, rejeitava a protecção moral do fabricante, irritava-se á menor contrariedade da maliciosa vizinha, acolhia com exaltação as phrases romanescas do jornalista, que viera visital-a á pobre possilga, e, até ahi, a respeitára como se a visitasse no seu opulento gabinete do Candal. O poeta, sim: só elle soubera comprehender a sua quéda voluntaria: só elle, com os raptos de admiração, lhe fazia sentir a grandeza do seu sacrificio.

A linguagem rude do fabricante devêra, portanto, enfastial-a, mais ainda, se o temerario alimentava a louca esperança de fazer-se amado, agora que a indigencia e a deshonra a tornavam menos preciosa.

Eis aqui o orgulho da mulher, que não póde caír nunca da nobre altivez, que, mesmo no infortunio, a distingue. É esta soberba cunho de superioridade. Por ella, podia vaticinar-se á costureira um destino grandioso, qualquer que fosse a vereda por onde esse destino devesse vir-lhe ao encontro. Mulher tal não podia viver costureira; não podia, ainda que o quizesse, devorar-se obscuramente em um quarto pobre da rua dos Armenios. A presteza prodigiosa da sua educação litteraria, no Candal; a lucidez d'aquelle espirito, que podera captivar dezoito mezes os voluveis desejos de Guilherme; a aspiração que vinha, agora, á menor contrariedade, reagir contra as algemas, que ella propria se lançára: ahi estão sobejos indicios de que o cyclo das alegrias ou dos infortunios de Augusta não se fechára alli.

Esperemos, pois, as eventualidades.

XXIV

Londres, 12 de fevereiro de 1847.

Meu caro ***

Recebo a tua carta. Preveniste a minha ancia. Eu desejava uma longa hora de conversação comtigo. Era feliz quando a recebi, e o coração, assim, quer expansões: a felicidade dá-nos um ar de soberba, que só amigos toleram.

Fallemos primeiro de Augusta.

Espanta-me a resolução desesperada d'essa mulher! É excepcional! Se não posso amal-a, admiro-a; acho-a deslocada no seculo, e quizera ver bem desenhado em um romance esse typo. Vejo-a de cá pelo prisma da poesia: é um quadro historico da minha vida, o unico de que levo saudades na peregrinação que tenho a cumprir. Não sei que funebre poesia assombra essa heroina obscura! Se a vejo tão radiosa, tão intelligente, tão senhoril, como a vimos no Candal, e a compàro á mulher da rua dos Armenios... sinto esta melancolia intima, esta cousa indefinivel, que faz chorar o coração, quando os olhos, esterilisados pelo sôpro glacial da experiencia, já não brotam lagrimas.

Tenho dó d'essa mulher! Antes a queria ver passar de amante em amante, corromper-se, esquecer-se de mim, odiar-me, até: antes isto, que imaginal-a assim, devorando-se de saudades inuteis, inuteis, sim, porque não posso amal-a, não venço o fatalismo, não posso desdar os nós, como Lacoonte, das serpentes que se me enroscam no coração.

Já é tributar-lhe um grande culto, meu amigo, lamen-

tar a mulher, que não posso amar! Quantas victimas, em igual condição, que nos não deixam sequer uma sombra na estrada lucida dos prazeres? Quantas esquecidas no dia immediato ao da paixão mentirosa?

É o mais que posso sentir! Não sei o que possa fazer-lhe... Impressionaram-me as tuas pungentes razões; mas queres tu impôl-as ao coração, tu, homem da experiencia, inexoravel syndico dos mais occultos instantes do espirito!?

Por que não aceita ella os meios amplos, que lhe dou? Por que não vive rica de ouro, se lhe furtam as riquezas do coração? Por que não ha de ella, com o dinheiro do seu primeiro amante, resistir ás seducções de um segundo? O dinheiro rehabilita, e amnistia todos os crimes.

Meu amigo, exerce a tua imperiosa influencia sobre a pobre mulher. Faz que ella torne para o Candal, ou para onde queira. Augmente-se-lhe a mezada, se assim é preciso, que eu dou ordem franca para que as tuas ordens se cumpram. Se fosse possivel casar-se ella, com que prazer eu não daria, sem publicidade deshonrosa para algum de nós, um dote que a tornasse mais interessante a um marido de meios, que ha tantos e tão... innocentes!?... Será isto possivel?

Não li sem emoção as novas razões que me dás para eu não dever abandonal-a. E, porventura, abandonei-a eu? Quantas mulheres casadas invejariam a sorte de Augusta? Todas. Quantos maridos, saciados das mulheres, lhes garantem uma subsistencia brilhante, emquanto elles se afastam em busca de outras emoções? Nenhum.

A existencia de um filho não augmenta as attenções que devo á mãe. Esse filho terá um futuro: protegel-o-hei sempre, como se fosse meu legitimo filho; amal-o-hei desde hoje, para abraçal-o, quando possa, com fervor de pae... Que mais queres de mim?

Que te conte a minha vida?

Seis dias depois que estava em Londres, encontrei o belga! Quem diria a este homem o destino de Leonor?! Preveni meu tio. Era difficil saber em Londres a nossa residencia. Vivemos nos arrabaldes, e a policia está pre-

venida para se não descobrir a casa campestre em que meu tio espera converter o coração da filha.

É incrivel o agrado com que ella me tem recebido. Escuta-me, serenamente, as inequivocas tentativas que faço. Ouve o pae em pueril acatamento, e, se não responde, tambem não reage. Até hoje suspeitei que minha prima premeditava um golpe decisivo nas minhas importunas perseguições. Enganei-me: venho de sentir uma alegria improvisa, uma demencia momentanea!

Se soubesses como amo esta mulher! Basta que eu te diga que meditei um suicidio! Imagina, pois, que frenesis de jubilo eu sentiria no momento em que ella, apertando-me carinhosamente a mão, me disse: «Primo, tenho experimentado o seu amor, e não posso ser-lhe ingrata! Diga a meu pae que me não tenha aqui encerrada, que eu prometto ser uma boa filha, incapaz de resistir á vontade suprema de seu pae!...» Que te disse eu? Esta mulher devia succumbir! Não me cega a vaidade, mas descubro em mim a superioridade, que despedaça as mais robustas cadeias de dois espiritos. Se o meu amor fosse um simples capricho, a minha vingança começava hoje. Não era; menti quando t'o disse. Não posso resentir-me de uma resistencia que me atormentou, e está hoje sendo a minha gloria, a minha ventura; o meu triumpho!

É n'estes lances que se afere o verdadeiro amor. O homem devia sujeitar-se a esta dolorosa provação, queimar-se n'este incendiario caminho, para saír purificado, sem as fezes das illusões do momento, que germinam, mais tarde, o fastio.

Hei de amar sempre esta mulher. Os prazeres consecutivos, sempre novos, nunca me darão tempo a sentir nos pulsos as algemas do homem casado. Leonor é rica... e, se o não fosse, amal-a-ia eu menos? não. Viajaremos, iremos ao Oriente, meu sonho querido; sentar-me-hei com ella sobre as ruinas dos imperios arrasados, e errarei por lá, sonhando sempre delicias novas nos braços d'ella. Isto é que é a felicidade. É n'estes momentos que o homem crê em Deus, e reputa a creação uma obra perfeita.

A minha vida até aqui o que tem sido? Uma decepção continuada, uma anciosa esperança mentindo sempre, um trabalho impotente de imaginação adorando phantasias, que a realidade atroz me não dava.

O que foi Augusta? Uma aberração do natural, um artificio alimentado com ouro; mas a mulher, nua de prestigio, lá estava gélida e esteril debaixo dos ouropeis. O que foram essas duzias de conquistas inglorias, que presenciaste? Fogos fátuos, relampagos de um mundo de luz, todo luz, luz perenne em que hoje abri os olhos...

Sorris ao meu enthusiasmo? Aqui não há poesia, não ha exaltação de folhetim, não guindo o lyrismo do estylo ás ethereas creações do talento, nutrido das frias reminiscencias do coração, quaes são as tuas.

O homem natural é este: sou o Adão primitivo, extasiado ante as delicias da natureza, como Buffon o descreve no Eden. Oh! o mundo é bello, e eu tenho pena dos que não podem vel-o como eu n'este momento! Amigo, quando este prisma me caír partido aos pés, tambem eu baterei com a face sobre a sepultura.

Adeus: parte o paquete. Alonguei-me sem te dizer que és o primeiro e unico amigo de

Guilherme do Amaral.

XXV

O jornalista recebera esta carta no momento em que a snr.ª Anna o vinha chamar de mando de Augusta. Grande embaraço! Queria não mostrar-lh'a; mas escasseavam-lhe recursos de phantasia para entretel-a na chimera, que, por fim, seria desmentida, e mais cruel a desillusão. Foi, na incerteza do que faria.

Entrou melancolico, contrastando a anciedade risonha de Augusta, que esperava uma boa nova.

—Teve carta?—exclamou ella.

—Tive...

—Ah!... deixe ver...

—Não a tenho aqui.

—Não?... Está triste!... Sei tudo... Guilherme não volta.

—Voltará; mas por emquanto não...

—Meu Deus!...— exclamou ella, desaffrontando-se de um peso imaginario, que lhe carregava nas palpebras.

—Espere, snr.ª D. Augusta... Guilherme é seu amigo...

—Meu amigo!... que zombaria!—murmurou, caindo na profundeza do desengano.

—Estima-a; quer vel-a feliz, e crê que só póde sel-o com vida honesta, sem privação nenhuma, dispondo de meios de que muito poucas senhoras podem dispôr...

—Offerece-me dinheiro?... Oh! que ultraje!

—Não é ultraje, senhora! É o mais que póde fazer um amigo, um irmão, um pae... Emquanto a seu filho, desde já lhe chama seu legitimo filho, tem um futuro, é preciso que v. exc.ª seja pae e mãe, e por amor d'elle se resigne a ser uma especie de viuva, que chora saudades de seu esposo, mas deseja viver, deseja riquezas

para comprar com ellas riquezas do espirito para seu filho...

—Riquezas!... uma herança de deshonra...

—Pelo amor de Deus, não tratemos de refinar a moral ao ponto de discutirmos o que é honra... V. exc.ª não tem direito a exigir em seu favor reformas á condição humana. Poderia ter encontrado um d'esses, que vulgarmente passam por honrados, e, a estas horas, não teria amor, nem estima, nem um berço onde embalasse seu filho. Não é isto querer medil-a pela craveira das mulheres, que recebem affrontas d'estas, choram tres dias, e, ao quarto, procuram suavisar as saudades com o primeiro que se offerece a distrahir-lh'as. Não, minha senhora. Eu sou o primeiro a julgal-a merecedora de outro destino, nascida para tudo que é magnifico pelo amor, e grandioso pelos instinctos nobres; mas essas virtudes, raro attendidas n'este perfido jogo de paixões vís em que nos falseamos uns aos outros, passam quasi sempre despercebidas. V. exc.ª não póde reputar-se absolutamente infeliz. Verá que ha de ainda colher consolações das lagrimas que hoje semeia. A consciencia da sua fidelidade á simples memoria do pae de seu filho, ha de dar-lhe assomos de alegria. O sorriso angelico d'essa criança, medrando em bellezas e intelligencia, á sua vista, virá com o balsamo do amor cicatrizar-lhe as feridas que hoje sangram. D. Augusta será apontada como modelo das mães, e até das victimas de uma paixão mal indemnisada. Repare que sinto o que digo. Eu juro pelos seus soffrimentos, que sou incapaz de trazer aos labios uma consolação frivola, uma impostura reprovada pela consciencia. Tenho-lhe dito o que só podem dizer amigos, e vou d'aqui sem pezar de me ter esquecido uma só idéa com que deva demovel-a do fatal proposito em que está...

—Que quer que eu faça, senhor?

—Que se recolha ao Candal.

—Nunca! nunca! nunca!

Augusta estremecera a cada uma d'estas exclamações, como se a farpa de uma serpente lhe entrasse no coração.

— Não tenho mais que lhe diga... — murmurou com severidade o jornalista, resentido da impotencia do seu discurso, e até ferido na sua vaidade de orador persuasivo — Devo retirar-me, não é assim?

— Quando queira; mas... não me condemne sem me ouvir... Eu não quero n'este mundo cousa alguma, senão o amor de Guilherme: não vivo... não posso viver sem elle. O Candal seria um incessante despertador do meu perdido paraizo... Toda a minha felicidade de um dia, transformada em horrivel solidão, ahi, n'esse mesmo quarto, n'essas salas, n'esse jardim, debaixo d'esse céo onde vivi, onde amei, onde morri... ó senhor... não posso, não posso... ia morrer vagarosamente, morrer em todos os minutos, assistir á passagem dos dias, dos annos, sem esperança, sem voz alguma que me minta, ao menos que me afigure possivel tornar ao que fui, ao amor d'aquelle homem... Sou menos desgraçada aqui... meu filho morrerá no meu seio, não poderá sobreviver-me, não abrirá os olhos á luz do mundo, não pedirá uma esmola ao verdugo de sua mãe... Se não morrer... se Deus me quer punir com a vida... trabalharei para sustental-o, pedirei esmola para educal-o... educal-o, meu Deus!... para quê?... Não, não. Eu era mais feliz se me deixassem na escuridão da minha ignorancia... Seria bom apurarem-me a sensibilidade com a delicadeza dos sentimentos... mostrarem-me a luz e fugirem-me... darem-me ambições de um ideal que eu só sabia desejar e não quereria nunca ver realisado?... foi uma loucura... uma crueldade... Meu filho será um operario... um jornaleiro, um homem que se encoste a uma pedra, e adormeça cansado de trabalho... Não me creia demente, senhor... É um proposito que não desmentirei... e para leval-o ao fim, preciso de viver obscura e pobre na casa onde morreram meus paes, entre estas quatro paredes onde nasci, trabalhando em suspensorios, trocando o trabalho de cada dia por um bocado de pão, velando as noites para grangear o almoço do dia seguinte, ensinando a meu filho com fingido contentamento a alegria na miseria. Eis aqui o meu futuro. É uma tenção que me não sairá da alma emquanto a vir escripta no céo... e

proferida pelos labios de minha pobre mãe, que, ha vinte mezes, morreu n'esta mesma cama... Que horrivel lembrança!... Um cadaver a saír, e a deshonra a entrar... Agora, sim... o que eu sinto... é um soffrimento horroroso... Meu Deus, meu Deus, tende compaixão de mim!...

Augusta erguera as mãos supplicantes, e o poeta em pé, com os cabellos hirtos, testemunhava trémulo, e até supersticioso, aquelle lance. Queria occorrer com palavras; todas, porém, lhe pareciam vãs e frias. Tomou com religioso tremor as mãos de Augusta, e sentiu-as de gêlo. Aquella fronte cadaverica pendeu lentamente para os braços d'elle, e duas lagrimas, ao longo das faces roixas, caíram-lhe nas mãos já frias, como as ultimas que fogem dos olhos com a luz.

Augusta desmaiára. O poeta encostou-a ao travesseiro, e correu a chamar Anna, ao mesmo tempo que o artista apparecia na extremidade da rua. Pouco depois, entrava o primeiro cirurgião deparado ás diligencias anciosas do litterato. Augusta tornára a si; mas o facultativo disse que não a contrariassem, porque a demencia era o desfecho natural d'aquelles ataques repetidos, qualquer que fosse a causa.

Dois mezes depois d'esta scena, que ameaçava o tragico desfecho, vaticinado pelo facultativo, o poeta passeiava a cavallo nas pittorescas alamedas de Lordello, e viu ao longe, a um lado da estrada, uma mulher que lhe pareceu Augusta, sentada na raiz de um pinheiro. Parou o cavallo, e affirmou-se. Na incerteza, não ousou saltar a baixa parede que o separava do pinhal. Quem quer que era, parecia fixal-o tambem.

Instantes depois, o jornalista indeciso viu um homem, com um jumento á rédea, subindo do recosto de uma pequena collina em direcção a Augusta. Era ella, não podia deixar de ser, porque o homem era o fabricante. Esperou.

Augusta sentára-se nas andilhas, ajudada por Francisco, que, a par com ella, erguia um guarda-sol, para lhe não darem de frente os raios ainda quentes do sol no occidente.

O jumento vinha saltar em um portêllo a pouca distancia do poeta. Perto d'elle, o fabricante parou, e alguma cousa disse a Augusta, que a fez empallidecer. Todavia não alteraram o roteiro.

O jornalista apeou, lançou as rédeas ao pescoço do cavallo, e foi cumprimentar Augusta. O artista recebeu-o affavelmente, e foi pegar nas rédeas ao cavallo, que não quizera parar. O litterato não consentira; mas o fabricante instára.

— Tenho tido o prazer de me informar das suas melhoras progressivas, minha senhora — disse o poeta.

— Estou melhor... dizem que estou...

— E eu tambem o digo... Vejo-a magra e descórada; mas está em convalescença.

— Mandam-me dar alguns passeios á tarde; é um sacrificio que eu faço a meu primo; de quarto em quarto de hora preciso apear-me para descansar.

— Mas a vista d'este bello panorama deve ser-lhe muito saudavel para o espirito...

— Isto deve ser agradavel para quem não soffre do corpo... A materia, se soffre, tem impertinencias despoticas sobre a alma... E v. s.ª como passa?

— Bem, minha senhora.

— Disseram-me, pouco depois que esteve na rua dos Armenios, que saíra do Porto.

— É verdade, minha senhora... e naturalmente sabe que estive...

— Nada, não sei...

— Na provincia da Beira-Alta...

— Ah!... já sei... não fallemos n'isso... Li nos jornaes...

— Que leu nos jornaes, snr.ª D. Augusta?

— Vou-me recolhendo que arrefece a tarde...

— Minha senhora, eu desejo o seu completo restabelecimento... V. exc.ª creia que eu capricho em ser pontual nas minhas affeições... Qualquer occasião que me dê no seu serviço é uma nova prova de estima.

— Muito agradecida... Vamos, Francisco.

O fabricante não ouvira bem as palavras entrecortadas do dialogo; reparou, porém, que sua prima de livida se

tornára encarnada, e projectava dos olhos a irradiação ameaçadora da congestão cerebral, que havia um mez a não assaltava.

— Eu não t'o disse, Augusta? — murmurou elle.

— Não é nada: isto passa... É preciso habituar-me a encarar as testemunhas da minha vergonha...

— Não digas isso assim...

— Basta que o sinta, não é verdade, Francisco?

— Não posso ouvir-te fallar em vergonha... Dava a minha vida para que te esquecesses do passado...

— Tambem eu a dava... só dando-a... só morrendo é que se esquece...

— Que te disse elle?... Fallou-te em...

— Em Guilherme?... não... Disse-me que estivera na Beira-Alta... Foi talvez encarregado de enviar as certidões para o casamento... Eu disse-lhe que já o sabia... Fiz bem?... fiz... fiz muito bem... Quiz que elle soubesse que me não importava... Era uma dor infame a minha saudade, se eu a soffresse... uma ignominia, uma vergonha sobre outra vergonha... Fiz muito bem... Não sinto nada... tenho-lhe odio... Se fosse homem... matava-o...

— Que tens, Augusta? — acudiu sobresaltado o fabricante, vendo-a vermelhecer cada vez mais, e agitar-se em impetos convulsivos sobre as andilhas.

— Matava-o, sim! — tornou ella, como se não ouvisse a interrupção — Deixa-me ter o meu filho... Oxalá que seja um homem... Hei de dar-lhe um punhal e dizer-lhe: Aquelle homem, que te não chama filho, cobriu de lama tua mãe; tirou-a do regaço da innocencia, e lançou-a no inferno de toda a vida; arrancou-lhe uma corôa de flores, e encravou-lhe outra de espinhos. Vinga-me, filho; lava-me com o sangue d'elle este ferrete da face. Tua mãe arrasta-se deshonrada ha dez, ha vinte, ha trinta annos... Mata-o, filho, e depois... e depois...

Augusta caíra de bruços sobre os braços de Francisco. Os ultimos sons d'aquelles labios, que espirravam sangue, foi uma gargalhada com aquelle timbre arripiador da demencia. O fabricante lançou fóra as andilhas, montou a cavallo, tomou sua prima nos braços, e conduziu-a á fabrica de seu patrão, que era perto.

Francisco não receiava a demencia de sua prima. Sabia que o accesso acabava pela perda dos sentidos, recuperados meia hora depois. Assim fora. Ao anoitecer, Augusta entrava na casa da rua dos Armenios, e recebia das mãos da snr.ª Anna um caldo confortativo. Deitára-se, e conversára com seu primo até alta noite. Adormecera tranquillamente, emquanto elle velando, com os olhos cheios de ternura, parecia contar-lhe as pulsações do coração, que arquejava debaixo do lençol guarnecido de alvissimas rendas.

....

....

Desde essa tarde do encontro, Augusta nunca mais saíu. Nem ella queria, nem seu primo instava. Erguia-se ás horas em que Francisco visitava a fabrica. Sentava-se a trabalhar em roupas brancas, e depunha a agulha quando o fabricante lh'a tirava com delicada violencia. Lia dois jornaes que o artista trazia de Lordello, e parecia deleitar-se com os folhetins do jornalista, onde ella se conhecera representando sob a epigraphe: ESTUDOS DO CORAÇÃO HUMANO. As allusões eram lisonjeiras; mas o remate do entrecho não era o seu. A mulher meio-phantastica do poeta endoudecia; e ella raciocinava ainda para conhecer que a douda tivera muito pouca coragem no soffrimento. Seu primo não lia; mas, lendo, não encontraria os pontos de contacto.

Eram passados cinco mezes depois que o medico prognosticára a enfermidade de Augusta. Os symptomas externos já não deixavam dúvida. O fabricante observára a sua prima que já não era facil esconder-se aos olhos da Anna do Moiro.

— E achas que devo esconder-me?

— Parece-me que sim. Não me disseste, Augusta, que tencionavas criar o teu filho occultamente?

— Disse... mas já me não lembra com que fim o disse...

— Eu tambem o não sei...

— Ah!... já me recordo... não quero que elle em tempo algum conheça sua mãe, para se não envergonhar... Tens razão, Francisco; devo esconder-me de toda

a gente, menos de ti... E tu disseste-me que, a todo o tempo, farias que meu filho conhecesse seu pae...

— Disse, e torno a dizer...

— Pois sim; mas não repisemos este assumpto... Não posso fallar n'isto.

— Talvez que não faças o que dizes, quando o vires...

— Não farei?... N'esse caso não quero vel-o... D'aqui a quatro mezes has de ter preparada uma ama, sim?

— Tudo está a meu cargo...

— Pareces-me um anjo, Francisco! Como Deus te fez bom! Tu não me odeias?

— Não, minha amiga, sou sempre teu primo, teu irmão.

— Quem dirá o coração que tens!... Nunca tiveste um instante de aborrecimento ao pé de mim?

— Não: o que me custa é ter de te deixar sósinha algumas horas.

— Então, por lá, sentes muitas saudades da tua Augusta?

— Só Deus o sabe! Quando me recolho, trago o coração aos saltos de alegria por te ver... e ás vezes é de mêdo com o susto de te encontrar peior.

— Que nobre alma!... E não te lembras que te desprezei por um homem que me desprezou?

— Não falles n'isso, Augusta...

— Não sentes o prazer de te vingares, sendo a Providencia que te vinga?

— Não: se Deus me ouvisse, eras tu feliz. Se te visse outra vez feliz com esse homem, não te aborrecia.

— Não vês que tenho lagrimas nos olhos?

— Mas não quero que chores... Não sei a que vem essas lagrimas agora...

— São boas sempre: as de gratidão são doces... são as que deve chorar um filho no seio de sua mãe... Ha-de ser tão santo o amor de mãe!... Olha, Francisco... e se eu criasse o meu filho?

— Faz a tua vontade, Augusta...

— Não, não quero: toda aquella mãe que não poupa seu filho á vergonha de ter nascido sobre umas palhas, não é boa mãe...

— Eu posso fazer que o teu filho durma em cama de prata. Tenho creditos para muito mais.

— Não, meu caro amigo... Não perjuro... O juramento de uma desgraçada é mais infallivel que a palavra de um rei... Disse, ha dë cumprir-se. Ainda que eu queira outra cousa, alguma vez, arrebata-me meu filho dos braços, sim?

— Não sei, Augusta... Teu filho é meu sobrinho... hei de querer-lhe como se fosse tambem meu filho...

— Pois tu não fazes o que disseste?

— Hei de fazer o que tu quizeres no momento em que elle vier á luz.

XXVI

Ao escurecer de um dia de agosto de 1847, entrára na casa da rua dos Armenios o medico, que, oito mezes antes, se despedira, offerecendo o seu prestimo para oito mezes depois. Não faltára á sua palavra, visto que a natureza tambem não faltára á sua.

A snr.ª Anna do Moiro, que o vira entrar, dizia a uma vizinha que a pobre rapariga estava muito doente, e havia mais de tres mezes que se não erguia da cama. Acrescentava que a cara não era de doença, até lhe parecia nutrida, e muito cheia do peito; mas — observava a vizinha — seria *ostrução,* ou estaria *hydrolica.*

Repararam ellas que o fabricante saíra, quando o medico entrou. «Irá á botica» — dizia uma; «mas o medico não teve tempo de receitar» — emendava a outra; «então não seria o medico?» — replicava a snr.ª Anna — «Não seria, não: o diabo o jure!» — concluiu a vizinha.

E o mais é que o artista não saía para longe da porta... Ia e vinha, parava e retrocedia, umas vezes limpava o suor, outras fitava o ouvido inutilmente na direcção da porta.

— Quer vossemecê ver que o sujeito que entrou é o tal Guilherme, que pôz o Francisco no andar da rua?

— Tambem me está parecendo isso! Eu, se fosse vossemecê, ia até lá como quem não quer a cousa.

— N'essa não cáio eu. Não me abriam a porta, e Augusta está mesmo uma espivitada da breca; por dá cá aquella palha prégа um recado que leva couro e cabello... Olhe... lá torna o Francisco para a porta.

— Pois olhe que não é outra cousa... é o figurão que fez as pazes com ella.

— Oxalá, que a pobre da rapariga tem-lhe amor de

raiz. Se vossemecê a visse aqui ha tempos, quando lhe davam os fanicos!... Chamava por elle, e dizia umas palavras assim a modo de estrangeiras, que eu estava pasmadinha a ouvir-lh'as. O Francisco não me deixava lá parar n'essas occasiões; mandava-me embora, e eu nunca pude perceber nada do que ella dizia; mas aquillo emquanto a mim era paixão de alma.

— Seria o demonio que se lhe metteu no corpo, salvo este?

— Não, tia Antonia Melra, pelos modos o demonio não era. Bom demonio, emquanto a mim, é o amor de raiz, que não deixa amanhar a gente a sua vida quando elle pega de véras. Olhe que eu já sei o que isso é. Quando andei de namoro com aquelle granadeiro da policia, vossemecê bem se lembra que cheguei a tomar verdete.

— Ora, se lembro, e se não fosse a mãe de Augusta, vossemecê espichava.

— Deus lhe falle na alma... foi ella que me botou pelo gargalo abaixo uma tigela de azeite... eu fiquei muito tempo na cama, que me puz mesmo um pelem. Que leve o diabo paixões e mais quem com ellas medra! Não é assim, tia Melra?

— Diz bem, tia Anna, já esse dito era muito de seu pae, Deus lhe falle na alma.

— Vossemecê ainda se lembra de meu pae?

— Ora se lembro! era um mocetão valente como as armas! O tio Antonio Moiro, aquillo foi uma pena matarem-o os francezes, e foi a troco d'elle querer defender a casa do homem que morava...

— Onde mora Augusta... isso sei-o eu bem.

— Diziam que era tão rico o tal João Antunes... e nunca se soube onde ficou a riqueza! Parece-me que o estou vendo!... Era um pacabote baixo, com uma cara escaveirada, não dava os bons dias a ninguem, e andava sempre embrulhado em um josésinho de camelão... Parecia mesmo um pobre. Eu era então rapariguinha de dezeseis annos, quando foi p'los francezes, e elle chamou-me uma vez lá dentro, e disse-me, se eu lhe botasse umas costas em uma camisa, que me dava os bocados de linho que não servissem. Veja vossemecê que

sovina elle era... O mais certo é que os francezes o mataram, e lhe pilharam o dinheiro... Olhe, tia Anna, lá se abriu a porta de Augusta...

— É o tal homem que sáe...

— E lá está parado a fallar com o Francisco.

— Elle ahi vem... olhe vossemecê, que está mais perto, se o conhece.

— Não lobrigo nada... O Francisco lá entrou...

....

Augusta está prostrada em uma profunda lethargia. Os braços nús escorrem um suor frio, e as faces parecem mortas. Francisco desdobra um lençol, que envolve um objecto collocado sobre uma caixa ao pé da cama. É uma criança recem-nascida, ou antes, nunca nascida, se o nascimento começa pela vida. Os labios do artista roçam com um beijo a face angelica do pequenino cadaver. Augusta, como se o ardor d'aquelle beijo se reflectisse nas faces d'ella, abre os olhos espavoridos, arrevesando-os convulsivamente.

— Augusta... — murmurou Francisco, depondo o feto no lençol.

— Dá-m'o — balbuciou ella.

— Para quê?

— Deixa-me beijal-o.

— Pois não sabes?

— O quê?

— Está morto.

— Morto! — exclamou ella, esforçando-se, até se sentar no leito — Dá-m'o, dá-m'o, que é impossivel que esteja morto...

— Disse-o o medico, Augusta.

— Não importa... quero vel-o...

Passou-lh'o aos braços. Augusta aqueceu-o com beijos, e banhou-o de lagrimas, como se lagrimas e beijos de mãe podessem resuscitar um filho!...

— Está morto!... já não duvido... Senti-o morrer... bem me lembra quando foi... — E depois de um extase de alguns minutos, proseguiu, banhada em lagrimas: — Uma vez que me disseram... que me disseram, não... lembraste quando me trouxeste aquelle jornal que dizia...

Guilherme casa?... foi então... senti uma dor agudissima, um estremecimento nas entranhas... Eram os paroxismos d'esta criança... Eil-a aqui morta... Deus o quiz... Não pedirás contas a tua mãe, meu anjo!... Não dirás a teu pae que tens direito á parte do coração que sua mãe perdeu... Não pedirás uma esmola... Não amaldiçoarás quem te lançou ao mundo... Vae, vae para o céo, anjinho; pede ao Senhor por tua mãe... pede-lhe que me leve junto de ti... que as minhas afflicções purificaram-me para eu poder seguir-te na bemaventurança... Vae, meu filho... quiz-te Deus... Foram as minhas lagrimas que te resgataram do captiveiro do mundo...

Augusta recaíra no lethargo. O artista viera á porta, onde ouvira rumor de quem espreita, roçando a face nos rotulos do postigo. Deram-lhe de fóra um signal convencionado. Abriu a porta.

— É vossemecê?... entre; mas já não é precisa: o menino nasceu morto.

— Pois pena foi que não fosse baptisado... era um anjinho... — disse a destinada ama de leite, dando a razão theologica em conformidade com os melhores praxistas.

— Vá vossemecê ao quarto... arranje lá o que for necessario, emquanto eu preparo um caldo.

— E a mãe está mal?

— Penso que não, graças a Deus. Está muito quebrantada.

— Podera não; isso não ha de ser nada; ponto é que se não afflija, senão sobe-lhe o parto á cabeça.

Com este rasgo de erudição obstétrica, a sisuda aldeã foi, como experiente que era, finalisar as necessidades inherentes á puerpera.

Francisco ministrou o caldo a sua prima, que o tomou machinalmente, e adormeceu com uma serena placidez.

Duas horas depois, voltou o medico, e disse que não havia nada a receiar, promettendo tornar no dia immediato. A ama inutil retirou-se a amamentar seu filho, a quem negava a nutrição para alimentar um filho alheio, promettendo lançar o seu na roda dos expostos.

....

Era dia. Francisco passára a noite contemplando o fi-

lho de sua prima, e observando o menor estremecimento da mãe.

Augusta acordára sobresaltada, pedindo o filho com gemidos que partiam o coração.

—Está alli... o que lhe queres, Augusta? O menino está no céo. Oxalá que Deus nos tivesse chamado na idade d'elle. Agora do que se trata é de o enterrar.

—Pois sim, Francisco... Vae enterral-o ao pé de minha mãe...

—Pois queres que se dê a saber isto ao parocho? Então para que te escondeste tanto? Isso não tem geito... se o levo á igreja, devo dizer de quem é filho...

—Sim?!... Não quero, não quero...—exclamou Augusta com estranha resolução.

—E, se ninguem o sabe, para que ha de saber-se agora que elle está morto?

—Lembras-te de alguma cousa?

—Se quizesses, enterrava-se aqui...

—Aqui?!

—Sim, Augusta. Não é peccado, porque não è christão; sem a agua do baptismo é como se não fosse nada.

—E não está no céo?

—Isso é de fé.

—Deve estar... Que importa o mais?... Pois sim... enterra-o ahi... terei sempre os seus ossos commigo...

—Tu prómetteste que saías d'esta casa para a minha de Lordello, que comprei com essa condição... que tem que o menino ahi fique?

—Ficará sendo esta casa a sua sepultura... Virei visital-a muitas vezes: mas... Não será um crime... Francisco? E se o acham enterrado?

—Quem?! esta casa nunca mais se abre.

—Pois não abre?! Esta casa é da Anna do Moiro.

—É minha, que lh'a comprei eu... é tua, Augusta...

—O que tu tens sido para mim, Francisco...—disse Augusta com os olhos vidrados de lagrimas, e uma doçura de expressão encantadora para quem a ouvia, mas dolorosa como um remorso para ella.

—Não chores, senão arrenego-me... Fiz o meu dever. Vamos... mãos á obra... queres dar um beijo no menino?

— Sim... quero... Não posso... tira-m'o dos braços, por misericordia... Faz o que quizeres... Que vida, meu Deus!...

— Augusta, não chores assim... Queres ver o sitio da sepultura?

— Não, não... Corre-me essa cortina, Francisco...

O fabricante afastou uma troixa de roupa amontoada a um canto, e levantou uma taboa curta; depois cavou, abalando a terra com um ferro de monte, e tirou-a na pá da enxada. Mediu com o cabo a profundidade: tinha apenas um palmo. Continuou a escavação, alargando a abertura da cova. Eram já dois palmos. Estendeu o cadaver na sepultura, e pareceu-lhe que ficava muito á flor da terra. Enterrou quanto pôde a alavanca, bateu em corpo duro, mas que não dava o som de pedra. Escavou com a sachola, com as mãos, e com o ferro desencabado para mais prestes deslocar a pedra que o estorvava, ou cavar outra cova, sendo a pedra immovel.

O gume da sachola raspára em páu. «É algum bocado de trave velha, que ficou enterrada quando foi o fogo» — reflectiu elle. Mas a superficie d'esse páu era lisa como táboa, tinha quatro lados, e não vacillava por nenhum d'elles. Quiz introduzir a ponta de um ferro por qualquer dos quatro lados, não pegava em nenhum. «Isto tem a fórma de um caixão!» — disse elle a meia voz.

— Que é?! — perguntou Augusta.

— Não é nada... Eu fallo-te já.

— Fallaste em caixão...

— É cá uma cousa...

E proseguiu na tarefa com anciosa freima. Correu a mão por um dos lados do supposto caixão: encontrou uma argola. Estremeceu, sem saber por que estremeceu. Quiz exhumar o quer que era, tirando com toda a força pela argola: não fez sequer vacillar o objecto. Raciocinou, procurando outra argola do lado opposto: lá estava. Acurvou-se sobre o fôsso: puxou valentemente por ambas, ergueu um caixão quadrado.

— Augusta! — exclamou elle.

— Que é?!

— Não sei... lá vou...

Afastou com o hombro a cortina, e pousou o caixão sobre a cama de Augusta.

— Que é isto?! — disse ella.

— Não sei... desenterrei-o... vou ver... Aqui ha uma fechadura... espera.

Foi buscar um formão, entalou-o no friso formado entre a táboa da tampa falsa e outra que se abria á maneira de alçapão. A fechadura estalou. Viram seis gavetas fechadas. Abriu a primeira, eram rolos em papel amarellado pelo tempo.

— Dinheiro! — exclamou elle, desembrulhando o primeiro sôfregamente.

— Oh meu Deus! — disse como assustada Augusta.

— São peças... outra tambem de peças... dinheiro em papel... outra de peças...

Faltava abrir duas. Eram brilhantes soltos, adereços completos, anneis, pentes, cruzes, pulseiras, cadeados, fivelas, medalhas, collares...

— Que riqueza! — exclamou o fabricante com o enthusiasmo do delirio, com os olhos chammejantes de um brilho febril — Isto é teu... é nosso, Augusta!

— Meu!... meu!... não póde ser... — replicou Augusta, arrastando-se até ao caixão insensivelmente.

— Sim!... é teu... És rica, és riquissima, Augusta... Não ha fidalga mais rica do que tu!... Foi Deus que assim o quiz!

— Isto é um sonho!... — murmurou ella, não podendo suster-se sob o peso da impressão.

— Não é sonho... É Deus que te dá esta riqueza...

— Em paga de meu filho? Não a quero...

....

A terra que cobrira o thesouro de João Antunes da Motta, durante trinta e oito annos, cobre hoje a ossada do filho de Guilherme do Amaral.

Agora, leitora, ponha o livro sobre a sua mesa de estudo, sobre o livro ponha o cotovêlo, á palma da mão direita encoste a sua face formosa, e adormeça cinco annos sobre os acontecimentos que viu desenvolvidos com uma fidelidade digna de melhor emprego. Passados cinco annos, acorde, e leia o capitulo seguinte.

XXVII

Correram, pois, cinco annos. O jornalista não obtivera directa nem indirectamente informações de Amaral. Soubera, apenas, de um provinciano, vindo ao Porto, que o seu amigo, pouco depois que saíra de Portugal com seu tio, fizera vender a um brazileiro a sua melhor quinta na Beira-Alta por quarenta mil cruzados.

Afeito com os homens, e homem como elles, o poeta desculpava o esquecimento de Guilherme, porventura embelecado nas delicias phantasiadas na carta que o leitor viu. De lá, nas grandes capitaes, relacionado com as grandes sociedades, a patria devia parecer-lhe mesquinha cousa, e os amigos que deixára n'ella, uma lembrança fugitiva sem traços no coração.

Querendo explicar de outro modo o silencio do seu amigo, o jornalista justificava-o com o azedume que a sua ultima carta devia causar-lhe, por ser uma censura agra á má indole do desprezador de Augusta, e ao baixo caracter do perseguidor da prima.

Como quer que fosse, o patrono da costureira, galardoado pelos applausos da consciencia, não lamentava a quebra de uma falsa amizade.

Para o poeta, contente do seu procedimento nas complicadas situações d'este obscuro drama, a vida de Augusta era um quadro triste, em que elle deliciava a imaginação, propensa a tristezas, ou depravada no gosto, depois que provou de todos os venenos da alegria. Pensava elle que desempenhára com honra todos os deveres de homem honesto para com Guilherme, sem desvirtuar a consideração que deu, e poucos teriam dado, á costureira da rua dos Armenios.

O leitor não quer que lhe moralisem os successos, por-

que, bemdito seja o Senhor, não lhe falta bom juizo proprio para moralisal-os. Aqui o que precisa saber-se, e quanto antes, é o que fez Augusta d'aquelle dinheiro e d'aquelles brilhantes. A curiosidade é justa, até porque eu, distincto mexeriqueiro d'estas trapalhadas humanas, a primeira cousa que perguntei quando me contaram esta historia, foi justamente o que a moça fez ao dinheiro.

Porque a verdade deve dizer-se: todas as perguntas são frivolas, quando se trata de perguntar solemnemente quantas acções Augusta comprou do caminho de ferro... parvoice!... O caminho de ferro nem sequer ainda então pesava na imaginação fomentadora dos Colberts embryonarios. A incubação do ovo não estava ainda no seu periodo final.

Tudo isto passou-se n'aquelle tempo, que eramos barbaros, e os caminhos de ferro, incompativeis com a nossa selvageria, estavam ainda no catalogo das utopias. Isto agora é outra cousa. D'aqui em diante até o romance nacional ha de ter mais vida, mais lances, mais animação. O auctor andará com elle de terra em terra, graças á facilidade do transporte, respigando aqui e além scenas palpitantes da vida do proximo e da proxima. A côr local ser-lhe-ha mais barata, e mais correcta. O leitor terá propicio azo de saber como se vive a dez leguas da sua casa, e fará então inteira justiça aos benemeritos filhos da patria, que, primeiros, desceram das regiões da chimera, para nos favorecerem com a viabilidade pública, manancial de todas as riquezas, e elemento indispensavel para a extracção dos cereaes e dos romances.

N'isto pensava o jornalista, em um momento de fervor patriotico, quando lhe entregaram a seguinte carta, carimbada em Madrid:

«Meu caro.

«Se ainda vives, dou-te os parabens. Se morreste, *re-«pousa lá no céo eternamente.* Amanhã parto por terra «para Lisboa. Tenciono ahi demorar-me, e depois... não «sei o que será de mim. Apparece, se tens ainda uma «vaga recordação do teu amigo=*Guilherme do Amaral.*»

«*N. B.* Vou hospedar-me no *Hotel de Italia,* rua de «S. Francisco.»

A julgar do semblante do poeta, esta carta parecia causar-lhe um extraordinario prazer! Deixou em uma conjuncção suspenso um periodo arripiador do drama que escrevia. Saltou para o meio do quarto, e executou quatro piroetas, rindo-se para a carta com os mais seguros symptomas de idiota feliz.

Mal se tinham aquietado os pensamentos comicos que lhe tumultuavam na cabeça, e taes que lh'os não podemos devassar por ora, recebe outra carta, vinda de Lisboa pelo vapor.

Riu-se para o sobrescripto, exhibiu segundo espectaculo de piroetas, e leu, sorrindo sempre:

«Meu amigo.

«Deixou de cumprir a sua palavra. Esperamol-o no «*Vesuvio*, e v. s.ª nem sequer nos diz a causa da sua «falta! É todo da litteratura, e a mulher, que o amar, «tem de succumbir a tão poderosa rival. Seja-lhe infiel, «e venha no proximo vapor conversar com os seus ami«gos. Meu marido diz que v. s.ª não gosta da nossa «hospedagem. Desminta-o, não se demorando. Bem co«nhece quanto é caro á sua velha amiga

«*Baroneza de Amares.*»

— A grande comedia!...— pensava comsigo o poeta, passando do riso descomposto a uma seriedade tragica — A grande comedia humana! Pois não é tudo isto um acaso aqui na terra! Podem imputar-se estes disparates ao providencial governo de um Deus justiceiro, razoavel, e, sobretudo, serio! Acaso, é mais nada!

Esta oração mental, pouco edificante, foi interrompida por um creado, que annunciava a snr.ª Joaquina. O leitor ainda não conhece a snr.ª Joaquina, e vae assistir a uma scena importante, da qual nem por isso ficará sabendo melhor a razão por que a snr.ª Joaquina se acha figurando quasi nas ultimas paginas d'este exemplar romance.

A snr.ª Joaquina entrou com um menino no collo. É uma bonita criança de quatro ou cinco annos, vestida de xadrez escarlate, com guarnições de arminho nos pulsos

e no pescoço, e um bonito gôrro de velludo preto com pluma branca, sobre os encaracolados cabellos louros, que lhe ondeiam nas espáduas.

O pequeno salta dos braços da snr.ª Joaquina, rindo e pulando, para os braços do poeta, que o enche de beijos.

— Estava morto por cá vir — disse a mulher, compondo-lhe as saias arregaçadas — Desde antes de hontem que ninguem o atura. Está sempre *papá, papá; quero ir ao meu papá...*

— Pois fez muito bem em trazel-o... Se não viesse hoje, tinha de mandal-a chamar, snr.ª Joaquina, porque me parece que vou fóra da terra, e demoro-me alguns dias, se não forem mezes.

— O papá vae-se embora? — perguntou o menino.

— Vou, mas torno, Joãosinho. — Tem saudades de mim?

— Não queria que fosse... Se vae, choro, e quebro a louça á mãe Joaquina.

— Olha o máu! — replicou a ama — é com que lhe dá! Ás duas por tres, quebra-me a louça, e se eu lhe ralho, deita-se ao chão, e dá em espolinhar-se, que parece mesmo que tem no corpo cousa ruim. V. s.ª bem lhe póde ralhar, senão ha de dar contas a Deus do mimo que dá a este traquinas... Olha a fazer beicinho! Vê como está melindroso? Não se lhe póde dizer nada...

— Não chore, Joãosinho — disse, acarinhando-o, o amigo de Guilherme. — Faça uma carêta bem feia á mãe Joaquina...

O pequeno fez a mais feia das carêtas que sabia, e riu-se depois com a satisfação de uma solemne vingança.

— Já se ri? — tornou a ama — Dê-m'o cá, que lhe quero dar muitos beijos como castigo! Sempre lhe quero!... Se m'o tirassem, assim me Deus salve, que eu botava-me ás dezoito braças...

— E por que hei de eu tirar-lh'o, snr.ª Joaquina? Vossemecê tem sido uma boa ama. Joãosinho de certo não tem sentido a falta de sua mãe, que Deus lhe levou tão cêdo.

— Ainda bem que lhe deixou um tão bom pae... Pou-

cos fazem pelos filhos que não são de matrimonio o que v. s.ª faz por este. Ande lá, que Deus ha de ajudal-o, e nunca lhe ha de faltar com que pôr este menino onde quizer. E olhe que elle sabe agradecer-lh'o. É uma cousa que faz pasmar o amor que este menino tem ao seu pae. Assim que se diz *papá*, riem-se-lhe os olhos, e todo elle parece de arames. Bemdito seja o Senhor! o que é o sangue!

— Sim, de certo, é o sangue...— disse, sorrindo para a criança o jornalista — Ora pois, snr.ª Joaquina, vossemecê vae receber o ordenado de dois mezes adiantados. Sabe a quem se ha de dirigir no caso de eu me demorar, e lhe seja preciso algum extraordinario?

— Ao mesmo senhor onde vou, quando v. s.ª está por Lisboa alguns mezes?

— Justamente. Eu parto depois de ámanhã.

— E eu tambem — atalhou o menino.

— Tambem quer ir, Joãosinho?

— Sim, papá, quero ir comtigo, senão quebro a louça á mãe Joaquina.

— Isso não se faz, menino. Não sou seu amigo, se quebrar a louça, e quando voltar mando-o para um collegio, e não me torna a ver.

— Então dê-me um tambor e uma pipia, e uma espingarda e um barquinho.

— Pois sim, ámanhã lá mando essas cousas: mas, se fizer travessuras á snr.ª Joaquina, nunca mais lhe dou brinquedo nenhum.

— Olha como elle está lindo! — atalhou a ama com amoroso enthusiasmo — Parece um anjo! Ainda lhe não perguntei uma cousa, meu senhor, e ando morta por perguntar-lh'a.

— Diga lá, snr.ª Joaquina.

— A mãe d'este menino era assim bonita? perdoe-me o atrevimento.

— A mãe d'este menino... a mãe d'este menino...— tartamudeou o poeta.

— Está no céo, papá — atalhou o menino com estranha vivacidade.

— Quem lhe disse que estava no céo, Joãosinho?

— Foi a mãe Joaquina.

— Pois se ella morreu, onde ha de ella estar?— tornou a ama.

— Eu não sei onde ella está... — disse o jornalista, como se fallasse comsigo, pela reconcentração com que o disse — Se eu soubesse onde ella está... dava-lhe tudo, menos... este filho...

Joaquina não o entendeu, e o leitor, por mais que esperte o entendimento com o beliscão da curiosidade, não comprehenderá melhor.

XXVIII

Em março de 1851, doze dias depois da scena mysteriosa do anterior capitulo — de todos elles o mais resaibado do tempêro romanesco — o jornalista pela terceira vez procurava Guilherme do Amaral, em Lisboa, rua de S. Francisco, hotel de Italia.

O sobrinho de Theotonio Vaz apeava á porta da hospedaria, quando o seu amigo retirava, quarta vez, sem encontral-o. O poeta pasmou, vendo-o sósinho, e quasi o não conhecia pelas longas barbas que o desfiguravam.

— Isso é que é pontualidade! — exclamou Guilherme, abraçando o perplexo jornalista.

— Vens só?!

— Com um creado.

— A tua familia?

— Familia!

— Sim... tu não és casado?

— Credo! que pergunta á queima-roupa! Eu sou lá casado, homem? O meu anjo da guarda é um perfeito cavalheiro... Salvou-me d'essa emboscada... Estás pasmado! Será que eu já não sei fallar portuguez!

— Fallas correctamente... eu é que já não entendo lingua nenhuma viva...

— Vamos para cima... Rapaz, recolhe os cavallos. Patrão, um bom quarto com uma boa sala. Janto ás sete horas da tarde, com este meu amigo, que fica sendo seu hospede.

— Não posso...— acudiu o poeta.

— Por que não podes?

— Estou hospedado em casa de um amigo intolerante.

— Pois tu tens algum outro amigo? Isso é vaidade. É algum marido com rheumatismo?... És chamado a

neutralisar as impaciencias da conjuge avêssa ao rheumatismo matrimonial? Conta lá isso, bardo do patrio Douro...

—Ia dizer-te que vens estragado das viagens, mas agora me lembra que não foste já muito são de cá... Isso é que é saber fallar a linguagem picaresca do cynismo!... Muito tens que me contar, meu caro Guilherme!... Pela amostra, vejo que se aproveita muito por lá, e não ha nada para purificar corações como é rebaptisal-os com a agua lustral do Sena...

—Eu fallo-te já, meu homem. Deixa-me mudar de fato, e lavar a cara com estas limpidas aguas da patria estremecida, e depois lá vou soltar a parlenda, e provar-te, com auxilio de Aristoteles, que não ha asneira que não tenha um feliz resultado. Espera ahi um pouco, e entretanto abre essa mala e tira-me para fóra essa trapalhada. Os meus bahús chegam ámanhã. Lá é que eu trago os meus ricos apontamentos de viagem, que vem a ser o padrão das minhas glorias litterarias. Vou tornar-me um trophéo nacional, o mimo da patria, o primeiro plastico e esthetico do paiz. Isso é que tu não esperavas, de certo... Trago o musculo do coração, de vàzio que era, cheio de grãos de mostarda, d'aquella mostarda que dá cem por um...

—A do Evangelho?

—Tu verás o que é... Ora aqui está uma ceroula sem nastro! Prova-se que o casamento é necessario para a ceroula. Ainda te não perguntei se eras casado... Em que diabo pensas tu, que me não respondes?! Se me não enganam as cortinas da alcova, estás meditando com uma cara seraphica...

—Estou recordando os nossos bons tempos...

—É verdade, que é feito da Cecilia?

—Está optima.

—Gorda, heim?

—E fresca, apesar de tres filhos...

—Que se parecem tanto com o pae como comtigo, heim?

—Estás bonito, Amaral!...

—E as filhas do barão da Carvalhosa?

—Agora é visconde.

— Casaram?

— Não.

— Devem estar velhas... E Augusta?

O poeta ergueu-se de um impeto de cólera, e voltando as costas ao interlocutor foi para a janella que dizia para o Chiado, assobiando por disfarce.

— Não respondes?— tornou Guilherme, saíndo da alcova, e vindo para o espelho da antecamara compôr serenamente o laço da gravata.

— És um cynico!— murmurou o poeta, sem encaral-o.

— Pois tu que cuidas? Vem cá: tu queres saber como se fazem os homens assim? A historia, supposto que comprehenda a minha vida dos ultimos seis annos, é muito simples, e diz-se em menos de quinze minutos. Eu tencionava guardal-a para a hora solemne do jantar; mas, se me não dás a honra da convivencia, ahi vae a historia. Senta-te: sê todo ouvidos: vaes ouvir de lingua peccadora o cantico mais innocente, mais angelical, mais arroubado do coração humano, como elle devia ser n'aquelles tempos em que a humanidade se sustentava de bolota, e bebia as aguas limpidas dos regatos. Vae sendo grande o prefacio... Agora começo. Sei que recebeste uma carta minha de Londres, escripta em fevereiro de 1847; e outra em que te pedia uma certidão de banhos corridos.

— A ultima que recebi.

— Foi a ultima, não ha dúvida nenhuma. Depois d'essa carta, a não participar-te o meu casamento com aquella divinal Leonor (aqui, Amaral riu-se de um modo célebre, e estorcegou o nariz como criança beliscada por cocegas de lombrigas), não devia escrever-te mais... não achas?

— Não sei por que!

— Por amor proprio. Tem-se mais vergonha de um amigo, que de um indifferente, quando se tem de confessar humilhamentos, vexames de vaidade, que são as affrontas maiores ao homem do meu genio. Ahi vae o conto. Se bem me lembro, disse-te eu de Londres... que foi o que eu te disse?

— A respeito de Augusta?

— Não se falla agora em Augusta: isso é historia á parte. O que te dizia eu de mim?

— De ti? Dizias-me que vivias com teu tio, e tua prima nos arrabaldes de Londres, onde não chegavam as perseguições do belga. Dizias que venceras a resistencia de Leonor, que não era senão um astucioso meio de te compulsar o coração. Pintavas o que era um grande amor, amor unico, amor que te endoudecia, amor que te envergonhava de teres crido em outros, que não eram senão illusões, como Cecilia, Margarida, costureira, *et cætera*. Denominavas-te o *Adão primitivo, extasiado nas delicias da natureza, como Buffon o descreve no eden.* Ficou-me de memoria esta nesga de folhetim, porque me servi d'ella na primeira occasião em que me foi preciso escrever de modo que nem eu, nem o leitor nos entendessemos. Dizias, por fim, que tinhas pena dos que não podiam, como tu, ver tão encantador o mundo. Rematavas a tua carta, modelo de estylo e de enfatuamento, promettendo bater com a face na sepultura, logo que o prisma de tão amadas illusões te caísse partido aos pés. Ora, como te não vejo a face partida, é de fé que o prisma está inteiro...

— Ora ahi está o que é uma chalaça fina! — atalhou Amaral, contrafazendo um riso de complacente indifferença, e enchendo de tabaco o pipo do cachimbo turco — Tens excellente memoria — proseguiu elle, vagarosamente, alternando as baforadas de fumo com as palavras — e a critica dos commentarios é, palavra de honra, excellente! Não ha dúvida que caíu o prisma, quebrou-se, levou-o o diabo, encarregado *ab æterno* de levar d'este mundo muitas cousas boas, não sei por que, nem para que fim! Altos e imperscrutaveis designios do Senhor, que manda moverem-se, á esquerda e á direita, as legiões dos demonios!... Pois, é verdade, meu caro poeta...

— O quê?

— Tudo o que eu te disse n'essa ridicula carta. Sentia-o como t'o disse. Todas aquellas expansões eram um extasis de felicidade, uma bravata contra o infortunio, uma soberba de Lucifer que, depois de despenhado,

ainda pensa que vencerá na lucta contra Deus. O meu céo deixára-o eu no Candal; era lá. Não sei que voz m'o dizia no coração, e a cabeça, phantasiando asneiras, queria com o escarneo calar esse anjo bom que me chorava cá dentro... Aqui estou eu a desmandar-me para a poesia da desgraça! Terrivel vêso! Ainda não pude emancipar-me de todo d'este jugo da saudade...

— Saudades de quem?

— Eu sei cá! Saudades de tudo o que passou. Saudades da minha infancia, que estraguei, e da fortuna, que repelli de mim, cuspindo-lhe no rosto. Isto são assomos de febre, poeta. Não me estejas a espreitar as lagrimas nos olhos, que não as vês. Estão sêccos por um halito infernal. Se os diques do que está represo aqui dentro se rompessem, sairia um sangue negro, como o vomito do envenenado... Estás morto de curiosidade? Tens razão, lá vou... *Infandum,* poeta, *jubes renovarem dolorem...* Fuma este excellente charuto havano. Deu-m'o em Madrid uma manóla, cousa divina, com propensões decididas para o humano. Verás que é excellente charuto... Ahi vae o conto. Minha prima alcançou de seu pae que deixassemos os arrabaldes de Londres, e nos recolhessemos á Belgica. Meu tio consultou a minha vontade, e eu disse que não queria a menor violencia feita á vontade de Leonor. Fiz-lhe crer que era amado por ella, e convenci-o de que a mansidão era o meio mais seguro d'ella esquecer, se não tivesse já totalmente esquecido, o estudante. O velho não quiz annuir de prompto á minha boa fé: por fim cedeu, jurando na minha esperteza, que elle julgou superior á sua desconfiança senil.

Fomos para a Belgica. Tive o gosto de conhecer minha tia, mulher dos seus quarenta e quatro annos, ainda fresca, erudita e philosopha, franceza em toda a extensão da palavra; e, se me não engano, contrariamol-a (seja isto dito em prova da sua philosophia) com a nossa chegada, porque a virtuosa dona mitigava o melhor que podia as saudades do meu ditoso tio Theotonio. Era uma mulher de espirito: está dito tudo.

Minha prima recebia-me na antecamara do seu quarto,

em presença de sua mãe, tratava-me com certo rebuço, que ella denominava «paixão com os seus mysterios», e n'isso, dizia ella, fazia consistir a sua ventura, visto que, por muito que nos amassemos, o dia do noivado seria o precursor do aborrecimento.

Esta prophecia em bôca de menina apaixonada pelo seu futuro noivo, parecera-me anomalia! Era saber de mais em cousas que a mulher sem expériencia nunca adivinha... não te parece? Ainda assim, como eu só conhecia vinte variedades de mulheres, julguei que aquella seria a vinte e uma.

Uma vez, disse-me meu tio que soubesse de Leonor quando devia realisar-se o suspirado casamento. Era doce a mensagem. Respondeu a menina, com o coração palpitante de amorosas ancias, que deixassemos passar seis mezes, para ser completo o gôso das deliciosas vesperas. Acrescentou, que pela alma era já minha esposa; que d'esse amor se alimentava; que na santa idealisação dos puros enlevos se embebia o seu espirito; e que à certeza de eu ser o anjo, que ella antevira, aguardava ella como remate ás suas esperanças de ser toda minha. Esta *toda* pareceu-me prosaico de mais, misturado em tantas palavras diaphanas e sylphidicas. Mas o *toute,* em francez, não é tão chato como o nosso *toda.* Ora isto aconteceu, um mez depois que estavamos em *nossa* casa, como meu tio alegremente dizia.

Queres saber em que eu entretive os seis mezes do praso? De dia, passeiava a cavallo com minha prima, lia romances, discutia em amor com a minha futura sogra, e aprendia o allemão com minha futura mulher. Á noite ia ao theatro, umas vezes só, outras com minha prima e meu tio. A esposa carinhosa do bom Theotonio raras vezes nos acompanhava, e, se cuidas que ficava regendo a casa, enganas-te. Parece ser caso averiguado que um fidalgo pobre lhe vinha fazer a partida do xadrez, n'essas noites, em que os fundos do senhor da casa soffriam *xeque e mate,* sem que lhe soprassem a *dama.* Era uma excellente mãe, como verás depois, se tiveres paciencia de levar a cabo o relatorio d'estas aventurosas trapalhadas... Que tal achas o charuto?

— É optimo.

— Queres tu que mandemos vir o jantar? Tenho o mais picante dos appetites.

— Não: já te disse que não jantava comtigo, porque me esperam. Acaba o conto.

— Ahi vou... mas deixa-me pedir cognac. É preciso embriagar a musa para o grande capitulo d'esta Odissea.

XXIX

Electrisado o espirito com as primeiras libações, Guilherme do Amaral continuou:

— Deves saber, amigo meu, que o cognac é, como a alma de Santo Agostinho, o principio activo de todas as minhas cogitações. Nos conflictos mais apertados d'esta desastrada vida, ha cinco annos, devo a esta prodigiosa emanação da parra, inventada pelo nosso avô Noé, a minha redempção. A estatistica dos suicidios prova que os Malefilatres e os Gilberts são em muito pequeno numero, desde que o cognac disputa ao diabo as almas insepultas da lagôa estygia. Dito isto como prefacio á segunda jornada do meu drama, prosegue a historia, sem interrupção até final:

«Se eu te asseverar que nunca anticipei um beijo de minha futura mulher, não te capacitas. Ris? pois a verdade, sem ostentação de moral, é esta. Um beijo foi requerimento sempre indeferido. Se queria por violencia extorquir-lhe essa graça, achava-me enganado. A virgem fugia para o regaço materno, purpurina como uma cereja! Como as mulheres arranjam este pudor de torneira á flor do rosto, isso é que eu, palavra de cavalheiro, não sei explicar-te!

— Pois o pudor de tua prima não era natural?

— Vaes ver. Se eu lhe pedia explicação da resistencia, respondia-me, baixando os olhos com tanto pejo como severidade, «que o prazer material de um beijo era muito inferior ao gôso que se sentia, desejando-o.» Discorria mui idealmente ácerca d'este idealissimo gôso, e acabava por censurar-me a inutil tentativa de beijál-a, sem que as sensações corporeas não fossem legalisadas

pela benção sacramental. Eu ouvia isto com ares de idiota, e perguntava a mim mesmo se eu não era um d'estes parvos que a natureza caprichosa inventa de seculo a seculo para recreio da humanidade apoquentada.

«Uma vez, perseguindo-a, apertei-lhe o pulso que me fugia, a menina soltou um suave grito, e a mãe saíu-nos de surpreza ao encontro. Interrogando-me, Leonor respondeu que eu teimava em querer osculal-a. A virtuosa esposa de meu tio, assumindo a gravidade carrancuda dos quarenta e quatro annos, intimou-me para que não mais violentasse o pudor da menina com o desejo libidinoso de um beijo. Quanto era feio e peccaminoso este acto, disse-o ella, dando-se como modelo, que nem a seu proprio marido consentia beijos ociosos. Ao que ella chamava beijos ociosos, isso é que eu nunca pude attingir. Se ha indecencia no adjectivo, tão occulta está, que a mais susceptivel organisação de leitora não póde perder, se um dia te deres, meu caro poeta, ao desfastio de pôres em estampa estas cousas, á mingua de melhor assumpto.

«N'esse dia á noite houve theatro. Fui com minha prima e meu tio. Os oculos de theatro tinham ficado em casa por esquecimento. Vim do theatro a casa, e, quando eu entrava no meu quarto, entrava no quarto da inimiga figadal de beijos ociosos o parceiro do xadrez. Estive quasi a intervir na partida; mas, reflexionando, deixei á nobreza hypocrita o fôro livre das suas regalias.

«Vaes-te impacientando com os episodios?... Eu vou depressa ao desfecho.

— Não bebas assim cognac, Amaral... Pódes soffrer uma combustão.

— Sou o salamandra d'este fogo, meu amigo. Se me vires arder, toma as minhas cinzas na copa do chapéo, e espalha-as aos quatro ventos do céo, para que não se encontrem no valle de Josaphat. Adiante.

«Expirára o praso dos seis mezes. Meu tio dizia-me que tudo estava preparado para o casamento: faltavam as escripturas. Encarregou-se de fallar com sua filha, visto que eu, arrufado desde que a mãe me reprehen-

dera severamente, não tinha com Leonor senão as conversas de absoluta etiqueta.

«Com effeito, meu tio entrou no quarto da menina, que se achava adoentada do peito, por causa de um periquito que lhe expirára nos braços. Voltando, disse-me que Leonor queria, antes de designar o dia, fallar a sós commigo alguns instantes. Entrei: agora escuta lá, poeta.. Ahi vae textualmente o meu amoroso colloquio com a virgem dos meus sonhos.

«— Chamei-o, primo — disse ella, cansando com adoravel languidez a cada palavra.— Chamei-o para confiar-lhe um segredo.

«— Diga, prima.

«— Ha de ouvir-me com bom coração, sim?

«— Pois receia que eu...

«— Receio que se offenda, e eu não quero nem por sombras offendel-o.

«— Falle...

«— Ha oito mezes que nos vimos. Foi um fatal encontro para ambos. O primo impôz despoticamente á minha vontade o seu amor, que eu não podia receber. Quiz dissuadil-o; lembre-se que o repelli com desdens, e não consegui senão irritar-lhe contra mim a vaidade. Eu amava outro homem; este homem seguia os meus passos; o primo soube-o, viu-o, desafiou-o, e nem assim desanimou de um proposito, improprio de um cavalheiro que não tem necessidade de levar por violencia uma mulher, havendo tantas que voluntariamente se dariam á sua riqueza e ás suas qualidades pessoaes. A perseguição continuou fóra de Portugal, e eu concebi um plano, extraordinario em senhora de educação, mas o unico talvez que poderia salvar-me da sua tyrannia, colligada com a vontade indiscreta de meu pae. Á violencia oppuz a mentira. Disse que o amava, para me não terem privada, como em ferros, de ver o homem que amava verdadeiramente. Menti, para me deixarem ser livre. Logo que o fui, escolhi entre dois abysmos o que me pareceu menos profundo. Se n'aquelle em que caí, devo morrer, morro contente... Comprehendeu-me, primo? Sirvo-lhe d'este modo?

«— Não a entendo! — respondi eu com a testa banhada de um suor frio.

«— Entende, entende... — replicou ella, sorrindo — E quer-me assim?

«— Quero, quero-a assim! — tornei eu, sem bem atinar com o que respondia.

«— Que diz, primo?! Tão desmoralisado está! Convem-lhe a mulher que é toda de outro homem?!

«— Não succumbo a essa astucia. Não a acredito, Leonor. Desce moralmente com essa mentira vil. Rehabilite-se, dizendo que é falso tudo o que disse.

«— Não posso: é verdade tudo o que disse. Não posso ser sua.

«— Póde, e ha de ser minha. Se foi impostora até hoje, antes quero ser seu algoz, que seu ludibrio.

«— Sim?... — tornou ella com o mais cynico dos sorrisos, e a tranquillidade mais deslavada que tu podes imaginar — Sim?... N'esse caso, primo, façâmos uma convenção... Se lhe não convem ser o pae adoptivo... de um filho de outro, que deve nascer d'aqui a tres mezes, espere que elle nasça, e serei sua depois, sem prejudicar os nossos legitimos filhos.»

«Homem! isto não te faz impressão nenhuma?!

— Faz... — disse o poeta, com a face entre as mãos — faz-me a impressão do estupor moral. Lembraram-me tres palavras que eu te disse, ha cinco annos, no hotel da rua de Santo Antonio.

— Tambem me lembram... *vaes ser punido*... Não foi isto?

— Foi... Acaba o quadro depressa. Ha vergonhas que escandalisam os ouvidos menos susceptiveis... Não contes a ninguem esse facto... Eu adivinho o resto.

— Não adivinhas, que é comico de mais, e não está na razão logica d'este escandalo tragico. Saí aturdido do quarto de Leonor, sem destino, sem uma idéa. Encontrei a mãe na antecamara, fixando-me espavorida. Encarei-a com desprezo, sem ter a certeza ainda de que era ella a protectora do belga, filho do seu amante de trinta annos. Ao desprezo com que a olhei, respondeu-me com revoltante sobrecenho.

«— É digna filha sua — bradei eu rancorosamente.

«— Se lhe não serve assim, deixe-a — replicou a mãe de Leonor.

«Á toada forte d'estas palavras acudiu meu tio. Tomeilhe a mão, conduzi-o ao quarto de sua filha, e apontando-a, sentada no leito, exclamei: «Mulheres d'estas, em Portugal estão arruadas, e um cavalheiro não anda em risco de encontral-as onde se procuram mulheres honestas... Se é sua filha, dê um tiro em um ouvido, e poupe-se á ignominia de lhe dotar o filho com o patrimonio de nossos antepassados!» Terminou o conto....

— É bonito. E depois? Viajaste muito, amaste muita mulher, gastaste muito dinheiro, bebeste muitos toneis de cognac, e estás aqui hoje rijo como um pêro, e capaz de experimentar outras vinte e uma variedades de mulheres...

— Nada: estou muito quebrado. Ha cinco annos tenho gasto mais de metade do meu patrimonio.

— Só?! Eu cuidei que já deverias tres patrimonios como o teu.

— És tolo! Eu se não fosse ainda rico, tinha passado com armas e bagagens para o reino escuro. Vendi duas quintas, e anticipei os rendimentos de cinco annos. O que me fez consideraveis estragos nos fundos foi, em Londres, a filha de um correeiro, que me ficou muito cara, depois de tres mezes de cadeia. Imagina tu que se a pequena não transige por duas mil libras sterlinas, obrigam-me a casar. A honra das mulheres em Inglaterra negoceia-se de dentro da cadeia, e decide-se nos tribunaes, quer seja a honra da mulher de Jorge IV, quer seja a da filha do meu correeiro. Aquillo lá é muito serio. Alli ha só um homem livre e independente: é o quadrilheiro, que te fila pela gola do collete, e te embetesga em uma lura, onde morres, se não tiveres dinheiro. Ora aqui tens a minha vida, afóra quatro volumes de travessuras, que trago no bahú, e submetterei á tua critica, se, por grande mercê a mim, e serviço á patria, os quizeres enriquecer com os teus commentarios.

— Acabaste comicamente, Amaral...— interrompeu o poeta, estendendo-lhe a mão em despedida — Depois

d'essa narração vem a proposito uma outra; mas agora não. Vou jantar. Virei ás nove horas. Passas em casa a noite?

— Passo; preciso dormir... Que historia trazes?

— A de Augusta... queres ouvil-a?

— Dil-a ahi em duas palavras. Isso deve ser simples...

— Não que ella não se diz em duas palavras. O caso vale tantas como a tua.

— Temos romance?

— Até logo.

XXX

— Pois não passa comnosco a noite?
— Não, snr.ª baroneza... absolva-me v. exc.ª d'esta grosseria...— respondeu o poeta.
— Compromisso amoroso? — replicou a baroneza de Amares.
— É o mais certo...— acrescentou o barão, piscando o olho a sua mulher.
— Bem sabem — tornou o amigo de Guilherme — que eu não tenho nenhum d'esses compromissos em Lisboa. As minhas visitas aqui são tão obscuras na intimidade de uma só familia, que nem eu sei ainda se por ahi ha tentações a compromissos serios...
— Ha muito quem valha as quarenta e oito poesias annualmente...— retorquiu com graciosa intenção a baroneza.
— Isso era d'antes...— atalhou o poeta — A imaginação podia então alguma cousa, e o despeito podia muito. Hoje, nem imaginação, nem despeito, minha senhora. Além dos trinta annos, chora-se, como o rei de Macedonia, porque não ha mais mundo a conquistar.
— Ainda ha de ser moço de coração, e terá então melhor coração do que o que teve, quando era moço... Gosta do trocadilho?... Ora vá, que está violentado... Quer que a gente o espere?
— Não, minha senhora, por modo nenhum. Seria vexar-me, e opprimir-me com um obsequio, que eu recebo com menos ceremonia e mais familiaridade.
— Olhe que eu espero-o com a ceia...— retorquiu o barão.
— Mas a snr.ª baroneza não costuma ceiar.
— Não, mas espero, se nos promette vir á meia noite.

Mais não espero, porque temos ámanhã o baile do visconde da Lage, e é preciso dormir cá, para dormir lá menos. Até logo.

O poeta estava, pouco depois, no *hotel de Italia*, batendo no hombro ao seu amigo, que adormecera na cadeira almofadada, com o cachimbo turco nos beiços, e a garrafa, quasi vazia de cognac, diante de si.

—Olé! é dormir, ou estás somnambulo?—disse o jornalista.

Amaral deu um salto, estremunhado, arregaçou as palpebras, e fixou o amigo com má catadura.

—É boa asneira acordar um homem que está sonhando com o fim do mundo! Fiquei agora comprehendendo a dissolução do universo. Era tudo um oceano de metaes em combustão. A terra entrava como um rio candente e fumegante no seio do mar; e eu era levado, em cima de um tonel de cognac, sobre as aguas, como o espirito de Jehovah.

—*Ferebatur super aquas*... Isso devia ser bonito, e é pena que eu não esteja de vagar para te ouvir o sonho. Todo o tempo é preciso para contar-te realidades. Prometti-te a historia da costureira...

—Oh! isso é uma extraordinaria pontualidade!... Vamos á historia; mas não a estendas muito, que eu estou em grave risco de adormecer: quero ver no que dá o sonho.

—Eu prometto acordar-te, Guilherme. Os episodios serão rapidos, porque a biographia de Augusta, do capitulo em que a deixaste por diante, é uma successão de phenomenos consecutivos, que derivam naturalmente uns dos outros.

«Como sabes, a tua offerta dos cem mil réis, dos teus creados, e da tua pittoresca granja do Candal, foi desprezada. Este feito nunca feito não te espantou?

—Palavra de honra que sim! Ao principio tomei a recusa como um capricho; depois, lendo a tua ultima carta, entendi que Augusta se declarára independente para escravisar de todo o seu coração a algum outro admirador das suas excellentes qualidades.

—Viva o cynismo! Isso é que é pôr o dedo na chaga...

Vae vendo como se verificam as tuas lisonjeiras conjecturas.

«A costureira, como sabes, foi para a rua dos Armenios. Vestiu aquelle baju e aquella saia de chita, que lhe viste na noite em que ella chorava sobre o cadaver da mãe. Foi pedir trabalho para não morrer de fome. Recorreu ao dos suspensorios, apurou diariamente quatro vintens para pão e caldo, e assim viveu algum tempo, sustentando-se honrada na deshonra em que a deixaste.

— Estou gostando da austeridade da linguagem... — atalhou Guilherme — Não perdeste ainda o sestro de pedagogo de romance? Por que não contas a historia sem moralisal-a?

— É porque não quero que adormeças. Se te não faço figurar no conto, perdes o interesse, e resonas. É preciso abalar-te os nervos com dóses graduadas de strychnina. Ora escuta lá, Guilherme. Esse riso descarado não te vae bem... Rir-te-has no fim.

«A costureira, ao cabo de tres mezes, estava doente, e não podia trabalhar. Vendeu a casa, e sustentou-se um anno na cama. Se as vizinhas lhe diziam: «ainda és nova e bonita, rapariga; não faltam homens que te queiram...» Augusta chorava, indignava-se, repellia de si a corrupção das vizinhas peitadas, e protestava morrer de miseria, sem a ter encontrado na grande deshonra, que está abaixo d'aquella em que a pozeste.

Consumido o producto da casa, Augusta vendeu os moveis, que mal a poderiam sustentar um mez. E as vizinhas, quando lh'os compravam, iam aproveitando o ensejo de ensinal-a a livrar-se da penuria por o mais facil dos processos ao alcance de uma rapariga formosa. E, com effeito, doente, pobremente vestida, Augusta era ainda bella.

A fome chegou por fim, e as tentações entraram com ella.

A tão gentil e espirituosa mulher, que nós vimos no Candal, desesperando de ti, e de si, e de Deus, entregou-se, alheou-se, vendeu-se. O homem que a comprou, conheceu que comprára um movel, uma cousa insensivel, uma mulher sem alma para elle, chorando sempre, e

suffocando nos soluços o grito de desespero com que respondia ás caricias do novo amante.

Ora, uma mulher assim aborrece, não achas?... O teu successor, aborrecido, proporcionou a um terceiro a conquista da mulher que desdizia da sua organisação, e, segundo elle, tinha cousas que não pareciam de mulher ordinaria; e, com presumpções de senhora, não lhe convinha.

Queres saber o que aconteceu? Augusta perdeu a vergonha. Esse grande espirito, que tu lhe fizeste com o estudo, foi o mesmo que lhe ensinou o abandono, a desfaçatez, e a corrupção que se demorou n'ella mais do que era natural. O que susteve nas alturas da honra aquella grande alma, foi o instincto. Só, com esse instincto salvador, morreria sem prostituir-se; educada pela sciencia com que a dotaste, devia caír agora ou logo. Não é certo que o infortunio, sem a resignação christã, faz do homem um cynico? Por que razão o infortunio não ha de produzir semelhantes effeitos na mulher?!

Ahi temos, pois, Augusta em parallelo com o homem desmembrado da sociedade, porque a sociedade lhe cuspiu na face; desatado dos vinculos da honra, porque o amor d'essa palavra lhe custou desenganos, vergonhas, injurias e a fome. Não eram sempre assim os homens fataes dos teus romances? N'esses, a corrupção não é sempre justificada por lições acerbas com que vieram da sociedade? Não dizem elles que a sua malvadez é uma desforra? O atraiçoado não faz de cada innocente um holocausto á sua vingança? E esses taes, cuidando que se vingam, não são por fim levados de mistura com as suas victimas á ultima paragem da infamia?

É o que aconteceu áquella bella mulher que, ha seis annos, esporeava um ginete de raça ao teu lado, emquanto tu, orgulhoso d'ella, não podias desviar-lhe das airosas fórmas os olhos embelecados.

De amante em amante, trahindo uns, e arruinando outros, ostentando-se cynica, e calando o grito da consciencia com a celeuma das orgias... por fim achou-se só... Só, não digo bem, achou-se rodeada de tudo que symbolisa a torpeza no seu mais rasteiro estrado. Desceu

onde podia descer. Chegando ahi, pediu uma enxerga em um hospital. A caridade não lh'a negou. Não sei como foram os seus ultimos dias... Augusta, do amphitheatro anatomico, passou em um cesto para o monturo da santa casa. Acabou o conto, Guilherme do Amaral. Agora... venha uma gargalhada.

Guilherme estava livido. Ergueu-se; deu alguns passos no quarto; levou a mão direita á testa, e encostou-a á parede, como a amparal-a de um esvaîmento. O jornalista, com os olhos de revés, seguia o seu menor movimento, e parecia contente da sua obra. Accendeu tranquillamente um charuto, e esperou.

Amaral veio sentar-se. Trazia lagrimas.

— Sem remedio!...— murmurou elle — por que não valeste a essa infeliz?

— Só tu podias valer-lhe, Amaral. Quem póde mandar retroceder o raio que desce? Era uma mulher a abysmar-se: não ha braço de homem que a sustenha, se foi braço de homem que a despenhou.

— E morreu a desgraçada!...— tornou Amaral, como interrogando-se, n'aquella voz, que uma dolorosa abstracção nos afigura não ouvida de estranhos — E o filho?... meu filho?...— disse elle, subitamente arrancado ao torpôr da meditação.

— Morreu-lhe no ventre...

— Victima d'aquella infame mulher... tres victimas!...

— De tua prima?!

— Sim... Como eu era feliz sem o encontro d'aquelle demonio! E deixei-lhe a vida!... Não cuidei que tinha de vingar essa desgraçada...

— São tardias as reflexões, Amaral. Podes ser hoje um santo, que não vales ao passado da costureira. Dóe-te o remorso?... É uma intermittente de poucas horas...

— Não é... não póde sér... O phantasma d'essa mulher ha de perseguir-me...

— Criancice! não ha phantasmas, Guilherme. Esse teu susto acho-o nobre, e estou contente comtigo. Não estás tão desalmado como inculcavas... Isso agrada a um amigo, como eu fui sempre teu, e hoje mais que nunca devo dar-te de mim uma boa idéa. Se soffres, prometto dis-

trahir-te, e até rehabilitar-te o coração para emprezas dignas de uma alma, susceptivel de contrição. Queres-me como teu anjo bom?

—Quero; mas vem commigo para a provincia. Preciso da solidão e de ti. Vem ajudar-me a crear um outro coração. Se não posso esperar, quero ao menos esquecer-me... Vamos, meu amigo? Ámanhã mesmo?

—Iremos; mas, por ora não. Tenho urgente precisão de demorar-me alguns dias em Lisboa. Ámanhã tenho um baile, a que não posso faltar; e, como estou resolvido a não deixar-te uma só noite, irás commigo.

—Não vou.

—Vaes: de hoje em diante governo-te eu. Has de ir; se não estiveres bem, sairemos, mas é indispensavel que eu lá appareça um momento. Annues?

—O que quizeres; mas não me deixes já... é muito cêdo.

—Posso demorar-me até á meia noite.

....

CONCLUSÃO

A minha estudiosa leitora já leu o poema de Espronceda, *El Diablo Mundo?* É de crer que sim, porque a litteratura hespanhola e a chineza anda por mãos de todos, e os bons poetas recebem o glorioso complemento da sua immortalidade em mãos de senhoras (quero dizer, reduzidos a oitavo-francez.) Leia, pois, de novo o canto segundo do *El Diablo Mundo,* intitulado:

A THERESA

DESCANSA EN PAZ

Verá que o poeta hespanhol chora uma mulher que fora

> .... a un tiempo cristalino rio,
> Manantial de purisima limpiesa,
> Despues torrente de color sombrio,
> Rompiendo entre peñascos e malesa,
> Y estanque en fine de aguas corrompidas,
> Entre fétido fango detenidas.

Esta pobre Thereza, atascada no charco das impurezas,

> ya tan jóven, y ya tan desgraciada

morreu da quéda no abysmo que lhe abriram. O homem que a despenhára é o poeta que a chora. O grito do remorso pede; não piedade para o verdugo, mas dó e perdão para a victima. É uma bella poesia, quando outra cousa não seja. É uma elegia mais tocante que o canto final da *Traviata.* O que lhe falta é o poder de atar e desatar, sanccionado no céo, ao que na terra rimem as culpas das ovelhas tresmalhadas do rebanho do Senhor.

Thereza morrera infamada, e o cantico plangente do poeta não lhe rehabilita a memoria.

Guilherme do Amaral sabia de cór esta poesia, uma das suas mais predilectas, quando o amor da excentricidade o divorciára do vulgar lyrismo dos poetas do seu tempo.

A morte de Augusta, qual o jornalista lh'a descrevera, parecia a morte da Thereza de Espronceda. Amaral achou em si a situação do poeta hespanhol, e pediu á alma contristada lembranças da poesia, inspirada por dor semelhante á sua.

E, com effeito, ausente o amigo, Amaral recitou a meia voz, e compungido, as primeiras oitavas. As lagrimas caíram-lhe sobre as mãos, onde apoiava a face, quando recitou com voz convulsa estes versos:

Pobre Teresa! Cuando ya tus ojos
Aridos ni una lagrima brotaban,
Cuando ya su color tus labios rojos
En cárdenos matices cambiaban.
Cuando de tu dolor tristes despojos
La vida y su illusion te abandonaban
Y consumia lenta calentura
Tu corazon al par de tu amargura:

Si en tu penosa y ultima agonia
Volviste á lo pasado el pensamiento,
Si comparaste á tu existencia un dia
Tu triste soledad y tu aislamiento;
....

Oh! cruel! mui cruel! martirio horrendo!
Espantosa expiacion de tu pecado!
Sobre un lecho de espinas maldiciendo
Morir el corazon desesperado!

Chegado á penultima oitava, Amaral não tem alma para conceber a transição da agonia de Espronceda para a negação da piedade, para o feroz sorriso de motejo com que fecha o canto. Eis aqui os versos que o terminam:

Gosemos si; la cristalina esfera
Gira bañada en luz: bella es la vida!
Quién a parar alcanza la carrera
Del mundo hermoso que al placer convida?

Brilla radiante el sol, la primavera
Los campos pinta en la estacion florida:
Truéquese en risa mi dolor profundo...
Que haya un cadáver más, qué importa al mundo!

E o certo é que o já morto auctor do *El Diablo Mundo* enxugava nas orgias, que lhe aligeiraram o curso da vida, as lagrimas vertidas n'estes intervallos lucidos de pezar, e vergonha de si proprio. Esses versos, que são o anathema fulminado contra os costumes, a confissão em alta voz da immoralidade do seculo, symbolisada no poeta — esses versos traduziu-os Guilherme do Amaral á lettra, e sentiu-se mais desopprimido, honrando-se de ser imitador nas amarguras e consolações de José de Espronceda. O discipulo tinha muitas cousas do mestre, menos o talento para legar em escriptura aos vindouros as suas confissões.

Tudo isto vem a talho para dizer que o nosso heroe, uma hora depois da meia noite, abriu o bôca, espreguiçou-se, estendeu-se o mais commodamente que pôde sobre o leito... de folhelho, e adormeceu.

Não sabemos de boa fonte os sonhos que teve: está, porém, averiguado que não viu o phantasma da costureira, nem incommodou os outros hospedes, pedindo soccorro, durante a noite.

Amanheceu-lhe a aurora do dia seguinte ás onze horas e meia. Almoçou, cachimbou, vestiu o seu mais elegante chambre, penteou-se phantasticamente, e foi para uma janella propicia contemplar as variadas caras das costureiras francezas, que lhe sorriam com abençoada docilidade, na casa fronteira.

Como o poeta lhe arrancára consentimento de se deixar levar a um baile n'aquelle dia, Amaral não se descuidou em artigo *toilette*. O alfaiate vizinho venceu difficuldades para vestil-o de improviso no ultimo apuro, visto que os seus bahús chegavam tarde.

Ao escurecer foi prevenido por carta do poeta. Deviam estar na sege ás nove horas, o mais tardar. Para Amaral, esta hora era ridiculamente burgueza: ainda assim, annuiu ao *provincianismo* do seu amigo.

O jornalista, sem saltar da sege, recebeu o seu amigo,

que vinha dando ao diabo o cabelleireiro, que lhe não comprehendera o desalinho byroniano do penteado.

— Gôsto de te ver assim voltado para as ninharias da vida... — disse, gracejando, o poeta — Pelo cuidado que tens na cabeça, vejo que o espectro da costureira não se te agarra aos cabellos.

— Não fallemos n'isso... Já chorei... É muito para um homem da minha indole... E quem chorará por mim? Augusta morreu... e eu... vivo? Vivo, sim, para assistir ao trespasse de todas as minhas esperanças... morrer mil vezes!... Acabou-se... A existencia é assim, o mundo é assim, a sociedade é isto. Devoramo-nos uns aos outros. Eu matei-a, e a mim mataram-me. Que queres tu agora?... De quem é o baile? inda te não perguntei.

— Do visconde da Lage.

— Não conheço. No meu tempo não havia cá esse tortulho.

— É que rebentou depois.

— Onde mora?

— Alli... não vês o páteo illuminado?

Apearam.

— Não subimos ainda — disse o jornalista.

— Por quê?!

— Espero uma mulher, a quem quero dar o braço. São nove horas e um quarto. Deve demorar-se cinco minutos. Vamos fumar.

No páteo estavam grupos de creados com libré, dos da casa, e estranhos. O peristilo em arcadas, tinha duas portas lateraes á da escadaria, que conduziam ao jardim illuminado por entre alas de alampadas variegadas, suspensas em festões. O jornalista tomou o braço de Amaral e conduziu-o para uma d'essas avenidas, occultando-se dos hospedes por detraz de uma columna do arco central.

Passados os cinco minutos, parou uma carruagem.

— Será a da mulher que esperas? — perguntou Amaral.

— Veremos — disse o poeta, apertando-lhe ainda mais o braço.

— Então ficas aqui?! vae ver.

— Espera...

E, chamando um dos creados, o jornalista perguntou-lhe:

— Quem é que chegou?

— O snr. barão de Amares.

— És o amante da baroneza? — perguntou Amaral.

— Vaes ver se ella o merece.

Uma senhora saltou de uma cadeirinha de velludo carmezim ligeiramente para a alcatifa do páteo com um pé de fada, vestido de setim azul. O clarão deu-lhe em cheio na face... Guilherme do Amaral estremeceu como um epileptico no braço do jornalista. Quiz machinalmente dar um passo á frente, e achou-se preso ao braço do amigo, que o arrastava para traz da columna.

— Nem um passo, nem uma palavra — disse o jornalista...

— Aquella mulher... — exclamou Amaral.

— Sim... aquella mulher!...

— É Augusta!

— É a baroneza de Amares...

— É Augusta! — bradou Amaral, sacudindo-se para fugir ao braço do poeta.

— Se ella te vê, cravo-te um punhal, Guilherme! Não me arrastes comtigo, que me deshonras...

— Que te deshonro!...

— Sim...

— Mas eu quero vel-a na sala... hei de vel-a... Quero saber por que zombaste de mim com a tua novella da costureira morta...

— Queres que ella te agradeça aquella grandeza que te deve?! Nada d'aquillo é teu. Aquella mulher é casada.

— Deixál-a ser... hei de fallar-lhe...

— Nunca, na minha presença...

A baroneza de Amares estava já na sala, rodeada de damas, deslumbradas da riqueza dos seus brilhantes, e de cavalheiros pasmados do seu proverbial espirito em Lisboa, quando o jornalista entrava na sege, levando quasi a rastos o seu aturdido amigo, que passára do primeiro estupor da surpreza ao pasmo do idiota.

— Para o *hotel de Italia* — bradou o jornalista.

Já dentro da sege, exclamou Guilherme:

— Diz-me se estou doudo!

— É arriscada a resposta — disse affavelmente o hospede da baroneza de Amares — Eu não sei se estás doudo, nem se não estás.

— Não gracejes, que me offendes!... É certo que aquella mulher é Augusta?

— A pergunta é de doudo: tens boas razões para duvidares da tua saude intellectual. Pois não a viste? A que vem a pergunta?

— Como chegou aquella mulher áquella posição?

— Isso são contos largos. Has de ouvil-os com o cachimbo turco nos beiços, emquanto eu fumo um dos deliciosos charutos que te deu a manóla em Madrid. Em sege de praça não póde conversar-se recreativamente... Tem paciencia, que eu te recompensarei. A historia da segunda Augusta é mais agradavel que a da primeira. Hei de encantar-te os ouvidos e o coração.

— Mas a historia falsa de que serviu?

— De graduar a tua sensibilidade, de estudar a vida no coração morto, de preparar-te uma surpreza, e estudar-te no semblante os effeitos d'ella. É um egoismo de romancista. Um extremoso amor da psychologia, tão pouco adiantada; é o zelo do anatomico que lida com cadaveres pustulosos para chegar ao conhecimento da vida. Ora aqui está. Se queres fazer-me um serviço, e outro á physiologia, diz-me agora tu o que sentiste quando Augusta se te figurou alli em carne e osso, recamada de gemmas, de brilhantes, de granadas, e formosa como tu nunca a viste?

— Não sei o que senti... Se me deixassem, talvez que... ajoelhasse aos pés d'ella...

— E que lhe dirias? Naturalmente, pedias-lhe que deixasse o marido, e mudasse a sua residencia para o Candal, onde devem estar ainda os vestidos que lhe déste, menos a arca de pinho com que saíu de tua casa.

— São barbaras as tuas ironias!... Parece-me que tenho de restringir de qualquer modo as liberdades que te dá a amizade... Ainda agora me lembro que me ameaçaste com um punhal ha pouco.

— Não era só ameaçar-te, era ferir-te, se vences a força que eu fiz para segurar-te... Achas que a baroneza de Amares faria de mim um bom conceito, pondo-lhe diante Guilherme do Amaral?

— E quem te diz a ti que ella não me ama ainda?!

— É indecente a fatuidade! Pois não! Aquella mulher deve estar morrendo de saudades pela nobre creatura que a deixou nas melhores circumstancias de realisar a historia da primeira Augusta!...

— Sabes a vida d'esta mulher?

— Perfeitamente... melhor do que a minha...

— Achou um marido rico?

— Oh! muito rico! Tu conheces-l'o.

— Quem é?

— Não o viste com ella?

— Não reparei: quem é?

— Lembras-te d'aquelle primo...

— O fabricante?!

— Tal e qual, o fabricante que se desfechou uma clavina no pescoço defronte da tua casa no Candal.

— E esse homem é barão?!

— Como todos os barões, desde as unhas dos pés até ás pontas dos cabellos.

— Explica-te, homem... como enriqueceu o fabricante?

— Lá vou...

A sege parára no *hotel de Italia*. O jornalista mandou esperar o boleeiro. O dialogo continuou na sala de Guilherme.

— Como enriqueceu o fabricante? perguntas tu: é o mesmo que perguntar como enriqueceu Augusta.

— Exactamente...

— Aqui tens o facto sem redundancias; não posso demorar-me, porque hei de ir ao baile. A costureira, meu caro Amaral, foi sempre o que eu te disse que seria, na minha ultima carta: um anjo no soffrimento e na virtude. Eu quiz soccorrel-a; não aceitou os meus favores. Quem a sustentava era primeiro o seu trabalho, depois o fabricante. Não sei dizer-te o que ella soffreu; mas a tua imaginação póde muito: calcula o que seria n'aquella nobre

alma um rompimento instantaneo de todos os ligamentos que a prendiam á felicidade: uma paixão immensa premiada com um abandono brutal. Quando os jornaes do Porto disseram que tu casavas na Belgica com tua prima, diz Augusta que, lendo esta noticia, sentira em si os paroxismos do teu filho. Foi verdade. A criança saiu-lhe do seio, como de um tumulo, morta para os braços.

Augusta escondera-se de todos, excepto de seu primo, nos ultimos mezes que precederam este desenlace. Era necessario esconder o cadaver de teu filho. Francisco abriu uma cova aos pés da cama para sepultal-o, e n'essa cova encontrou cento e cincoenta contos de réis em dinheiro e valores. Já vês que o acaso ou a Providencia — não sei bem quem foi — lhe deu bom preço em troca do filho. Estás satisfeito com a explicação?

— E, depois, casou com o primo?

— Casou.

— Quem te disse a ti isso? Assististe ao desenterro do dinheiro?

— Não assisti; mas eu te conto. Dois dias depois d'este acontecimento, recebo um bilhete de Augusta, pedindo-me que a procurasse sem demora. Encontrei-a na cama, em risco de morrer, abrazada em febre. Disse-me que acabava de ser intimada por um cabo de policia para responder perante o administrador do concelho por uma criança que uma denúncia dizia ter sido morta por sua mãe. A infeliz, com as mãos erguidas, dizia que a criança nascera morta e estava alli sepultada aos pés da sua cama. Implorou a minha protecção, e auctorisou-me a offerecer quanto ouro eu quizesse para que não a obrigassem a dar conta de seu filho. Tomei como delirio febril esta prodigalidade de ouro, porque eu não sabia ainda d'onde viera o ouro á costureira. Saí, promettendo-lhe remediar tudo. Fui á roda dos expostos, perguntei por uma criança que alli entrára duas noites antes. Tinham entrado duas, uma á meia noite e outra ás duas horas. Como qualquer das duas me servia, e ambas eram meninos, deram-me a meu pedido o segundo que entrou. Dei ordens para que lhe fosse procurada uma ama, fui á

administração do concelho, soube ahi que a denúncia do infanticidio fora dada por uma tal Anna do Moiro, nossa conhecida. Desmenti-a, apresentando a criança que fora confiada aos meus cuidados. Cessou a perseguição, e Augusta, abraçada a essa criança, que quiz ver, prometteu ser sua mãe, e lançou-lhe ao pescoço um collar de diamantes. Espantado de tal presente, perguntei-lhe d'onde houvera joias tão preciosas. Augusta chamou seu primo, pediu o seu thesouro, estendeu-o sobre a colcha da cama, e exclamou: «É uma riqueza não roubada... creio que posso chamar-lhe minha... o peior é que não vejo aqui nada que possa desempenhar-me da obrigação em que me tem presa! Seja nosso amigo... qualquer que seja o meu destino. Prove-me que está contente de mim, não se esquecendo nunca da pobre costureira...»

Não me lembro já do mais que ella me disse. O que sei é que, não corrido ainda um mez, Augusta estava casada com seu primo, e eu fora o padrinho do casamento.

Casados, saíram do Porto, aconselhados por mim. Vieram para Lisboa, onde ninguem pergunta quem é, e d'onde vem, ao que traz cento e cincoenta contos. O menino, sempre filho adoptivo de Augusta, está no Porto, e brevemente vem para um collegio de Lisboa. Creio que não tens a puerilidade de indagar o processo que fez barão o fabricante. O que posso asseverar-te é que a fortuna tem sido douda de amores por este homem. Tem fama de millionario, e não se peja de dizer que principiou enchendo canelas em um tear de Lordello, e a baroneza já disse na presença de não sei quantos titulares, que tinha saudades do tempo em que debroava de carneira as casas dos suspensorios. Se me perguntas por o procedimento d'esta senhora, saberás que é exemplarissimo. Desconfio que tem morto o coração; mas a alma é immensa, e consome toda a sua actividade em valer aos infelizes. Eu tenho sido o confidente de heroismos, que morrerão com ella e commigo.

—Nunca te fallou em mim?

—Essa pergunta é vaidosa. Não, nunca me fallou de ti.

—Nem tu a ella?

— Querias que eu lhe fizesse o teu elogio?! Seria engraçado!

— Consideral-a feliz?

— É feliz.

— Não posso acreditar-te. Aquella mulher deve anciar por uma alma.

— Como a tua, naturalmente... Deixa-me dar a mais santa das gargalhadas... Já nos conhecemos ha muito, Amaral... Querias, talvez, por commiseração, esmolar-lhe com o teu amor a felicidade que lhe falta? Não te afflija esse zêlo do bem-estar de Augusta... O teu amor-proprio póde irritar-se; mas deixál-o: deves acreditar que não influes nada na vida d'aquella mulher. Sabes o que é a felicidade em Augusta? é o esquecimento. Sabes onde se encontra o esquecimento? A mythologia diz que é no Lethes: eu, que não sou pagão, digo que é nas mil diversões que offerece o dinheiro. Em summa, queres saber ONDE ESTÁ A FELICIDADE?

— Se quero!...

— Está debaixo de uma táboa, onde se encontram cento e cincoenta contos de réis... E adeus. Vou ao baile.

FIM